

Universidade Federal de Minas Gerais

Alex Sander Luiz Campos

**DA COLABORAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS
NA REVISTA LUSO-BRASILEIRA *O FUTURO*:**

LITERATURA E VIDA LITERÁRIA, 1862-1863

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Alex Sander Luiz Campos

**DA COLABORAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS
NA REVISTA LUSO-BRASILEIRA *O FUTURO*:**

LITERATURA E VIDA LITERÁRIA, 1862-1863

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (LHMC)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Bruzzi Boëchat (FALE/UFMG)

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A848.Yc-d Campos, Alex Sander Luiz.
Da colaboração de Machado de Assis na revista luso-brasileira *O Futuro* [manuscrito] : literatura e vida literária, 1862-1863 / Alex Sander Luiz Campos. – 2017.
264 f., enc. : il., fots., color., facsims., p&b.

Orientadora: Maria Cecília Bruzzi Boechat.

Área de concentração: Literatura Brasileira .

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 210-235.

Apêndices: f. 236-243.

Anexos: f. 244-264.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. – Influência – Teses. 3. *O Futuro* (Jornal) – Teses. 4. Literatura comparada – Brasileira e portuguesa – Teses. 5. Literatura comparada – Portuguesa e brasileira – Teses. I. Boechat, Maria Cecília. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : B869.33



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE

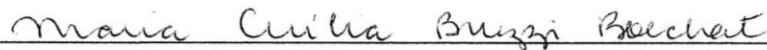


Tese intitulada *Da colaboração de Machado de Assis na revista luso-brasileira "O Futuro": literatura e vida literária, 1862-1863*, de autoria do Doutorando ALEX SANDER LUIZ CAMPOS, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Doutorado

Linha de Pesquisa: Edição e recepção de textos literários

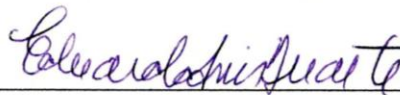
Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



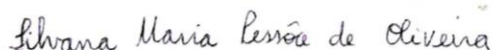
Prof. Dra. Maria Cecília Bruzzi Boechat - FALE/UFMG - Orientadora



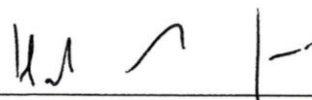
Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros - FALE/UFMG



Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte - FALE/UFMG



Prof. Dra. Silvana Maria Pessoa de Oliveira - FALE/UFMG



Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães - USP



Prof. Dra. Lyslei de Souza Nascimento
Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2017.

A Antenor e Cleusa, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Desde a escrita do projeto inicial de tese, esboçado antes da conclusão do mestrado, venho recebendo o apoio inestimável de pessoas queridas e instituições admiráveis; sem elas, a caminhada seria muito mais difícil. A todos os que me auxiliaram durante os anos de doutorado, das mais diversas formas, expresso minha gratidão. Mesmo correndo o risco de omissões involuntárias, alguns reconhecimentos especiais devem ser feitos.

A minha orientadora, Maria Cecília Bruzzi Boëchat, que tão generosamente acolheu minha proposta de pesquisa e que tão brilhantemente conduziu meu percurso acadêmico, devo quatro anos de uma orientação segura, paciente, estimulante. Sei que meu agradecimento jamais será suficiente e só poderei repetir, com Camões: “quanto mais vos pago, mais vos devo”;

A José Américo Miranda, a sugestão de estudar a colaboração de Machado de Assis na revista *O Futuro* – e tanto mais devo que listar tudo gastaria várias páginas da tese...;

Aos professores Eduardo de Assis Duarte (UFMG), Hélio de Seixas Guimarães (USP) e Silvana Maria Pessôa de Oliveira (UFMG), a honra de tê-los como primeiros leitores de minha tese (muito obrigado pelos preciosos comentários e sugestões!);

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG (Pós-Lit), uma convivência intelectual frutífera – a Andréa Sirihal Werkema (hoje na UERJ), Cláudia Campos Soares, Elcio Loureiro Cornelsen, Elisa Maria Amorim Vieira, Marcelino Rodrigues da Silva, Roberto Alexandre do Carmo Said e Sérgio Alcides Pereira do Amaral, agradeço as aulas memoráveis;

Ao professor Marcos Rogério Cordeiro Fernandes (UFMG), o parecer em nosso projeto definitivo de tese;

À coordenação do Pós-Lit e aos funcionários da secretaria, de forma especial Letícia Magalhães Munaier Teixeira, o apoio tão necessário;

Aos amigos com quem compartilho uma saudável “machadofilia” ou um interesse especial pela literatura oitocentista – Alex Lara Martins (IFNMG), Ana Carolina Menocci, Damares Rodrigues de Oliveira e Vitor Cei Santos (Unir), entre outros –, o diálogo sempre construtivo;

Aos professores e pesquisadores, das mais diversas instituições, que me ajudaram das mais diversas formas – Arlete Ribeiro Nepomuceno (Unimontes), Carlos Nogueira (Universidade de Vigo), Gabriel Borowski (Uniwersytetu Jagiellońskiego), Geraldo Sousa (University of Kansas), Jane Adriane Gandra (UEG), John Gledson (University of Liverpool), Leonardo Rodrigues Vieira (IFNMG), Marcelo José Fonseca Fernandes, Osmar Pereira Oliva (Unimontes), Paulo Motta Oliveira (USP), Sonia Netto Salomão (Sapienza – Università di Roma), entre outros, a quem também agradeço –, valiosos auxílios bibliográficos e linguísticos, comentários, sugestões, palavras de estímulo e tanto mais;

Ao CNPq, o financiamento dos dois primeiros anos desta pesquisa;

Ao Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, a bolsa de incentivo à qualificação e o afastamento de minhas atividades docentes no último ano de doutorado, imprescindíveis para a escrita da tese – estendo os agradecimentos, naturalmente, a meus colegas docentes e aos demais funcionários do IFNMG, *campus* Almenara, que me auxiliaram e incentivaram;

Às bibliotecas e acervos em que busquei informações e esclarecimentos, notadamente a Biblioteca Pública Dr. Antônio Teixeira de Carvalho (Montes Claros), a Divisão de Coleções Especiais da UFMG – menção particular cabe ao Acervo de Escritores Mineiros –, a Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli (FALE/UFMG), a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP), a Coleção Brasileira Itau, a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça e o Arquivo

Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras, as portas abertas para minha pesquisa, a atenção e a solicitude de seus funcionários;

Aos eventos acadêmicos em que tive a oportunidade de apresentar comunicações relacionadas à pesquisa em andamento – V Colóquio Mulheres em Letras: escrituras, valores, sentidos (Belo Horizonte, 2013), Congresso Internacional Camilo Castelo Branco e Machado de Assis: diálogos lusófonos (São Paulo, 2014), V Seminário de Iniciação Científica do IFNMG (Montes Claros, 2016), X Seminário de Literatura Brasileira: Literatura, Memória, Esquecimento (Montes Claros, 2016) e XV Encontro da ABRALIC (Rio de Janeiro, 2016) –, a troca de experiências com colegas e a possibilidade de ouvir indagações, sugestões e críticas;

A minha família, o carinho constante comigo, acompanhado, nos últimos tempos, por um cuidado especial com minha machadiana, nas várias mudanças de endereço que tivemos de fazer.

Laus Deo.

“Na lingua de Camões, Caldas cantava;
Nas vozes que Bocage ao céu fallava,
Ao céu fallou Durão:
Bradar podemos ambos: – Liberdade!
Em fraternal consorcio de amizade,
N’um aperto de mão.”

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS*

“No que concerne à literatura, particularmente, cumpre reconhecer o importante papel que a amizade nela tem representado, modificando, muitas vezes, o curso de uma carreira ou influenciando, de maneira decisiva, na elaboração de determinadas obras.”

BRITO BROCA **

* “Ao Brazil”. In: NOVAES. *Poesias posthumas*, p. 58. Publicação original n’*O Futuro* de 1º de fevereiro de 1863 (n. X, p. 332), sob o pseudônimo de M. Reis Fojo Seabra.

** BROCA. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*, p. 83.

RESUMO

Este estudo centra-se na contribuição de Machado de Assis para *O Futuro: periódico literário*, revista dirigida por Faustino Xavier de Novais de setembro de 1862 a julho de 1863. Os contatos de Machado com portugueses remontam à infância; na juventude, esses laços revelam-se fundamentais na formação literária e linguística do escritor. *O Futuro*, como um periódico programaticamente interessado em se constituir espaço comum aos intelectuais lusófonos de aquíém e além-Atlântico, permitiu a Machado de Assis, um de seus colaboradores mais atuantes, cultivar amizades entre os membros da colônia lusitana no Brasil e dialogar com eles e com a literatura portuguesa numa produção que abrange a crônica, a poesia e o conto. Isso, em momento da história do país marcado tanto pela rejeição aos valores portugueses, compreendidos como herança da dominação colonial, quanto pela francofilia, a adesão ilimitada ao paradigma francês.

Palavras-chave: Machado de Assis, relações literárias luso-brasileiras, *O Futuro: periódico literário*, crônica, poesia, conto.

OF MACHADO DE ASSIS'S CONTRIBUTION TO THE LUSO-BRAZILIAN MAGAZINE *O FUTURO*: LITERATURE AND LITERARY LIFE, 1862-1863

Abstract: This is a study of the contribution of Machado de Assis to *O Futuro: periódico literário* [The Future: A Literary Magazine], edited by Faustino Xavier de Novais from September, 1862 to July, 1863. Machado's contacts with the Portuguese date back to his childhood; these ties proved to be fundamental in his literary and linguistic formation as a writer. *O Futuro*, as a periodical programmatically interested in creating a common space for Lusophone intellectuals on both sides of the Atlantic, allowed Machado de Assis, one of its most active contributors, to cultivate friendships among the members of the Lusitanian community in Brazil and to dialogue with them and with Portuguese literature in publications that include *crônicas*, poetry and short fiction. This took place at a time in the history of Brazil, which was marked both by the rejection of Portuguese values, which were seen as vestiges of colonial domination, and by Francophilia, an unlimited adherence to French paradigms.

Keywords: Machado de Assis, Luso-Brazilian literary relations, *O Futuro: periódico literário* [The Future: A Literary Magazine], *crônicas*, poetry, short fiction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Machado de Assis (<i>circa</i> 1864)	12
Fotografia 2 – Capa do primeiro fascículo d’ <i>O Futuro</i> (15 set. 1862).....	244
Fotografia 3 – Capa do n. II d’ <i>O Futuro</i> (1º out. 1862)	245
Fotografia 4 – Capa do n. VIII d’ <i>O Futuro</i> (1º jan. 1863)	246
Fotografia 5 – Figurino de modas (<i>O Futuro</i> , n. V)	247
Fotografia 6 – Figurino de modas (<i>O Futuro</i> , n. VII)	248
Fotografia 7 – Caricatura “Faz-me favor do seu fogo?” (<i>O Futuro</i> , n. II)	249
Fotografia 8 – Caricatura “Não me cheira.” (<i>O Futuro</i> , n. IV)	250
Fotografia 9 – Caricatura “Um pretendente por música” (<i>O Futuro</i> , n. VI)	251
Quadro 1 – Poemas publicados n’ <i>O Futuro</i> (1862-1863)	140
Quadro 2 – Autores e obras presentes nas “notas de leitura” de Machado de Assis.....	239
Fac-símile 1 – “Aspiração e “Embirração”	252
Fac-símile 2 – “A estrela do poeta”	256
Fac-símile 3 – “Fascinação”	257
Fac-símile 4 – “O acordar da Polônia”	258
Fac-símile 5 – “As ventoinhas”	262
Fac-símile 6 – “Sinhá”	264

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 EM QUE APARECEM DUAS IMAGENS DE MACHADO DE ASSIS.....	16
1.1 Palmeira solitária do oásis	19
1.2 Palmeira às vezes solitária do oásis	28
2 ENTRE PORTUGUESES	50
2.1 O estudioso da língua	75
3 DA COLABORAÇÃO EM PROSA	95
3.1 O lugar d' <i>O Futuro</i> na trajetória do cronista.....	102
3.1.1 As quinzenas e seus acontecimentos literários.....	111
3.1.2 O crítico das literaturas portuguesa e brasileira.....	120
3.1.3 O “capítulo da música”.....	127
3.2 A prosa de ficção	135
4 DA COLABORAÇÃO EM VERSO.....	138
4.1 O lugar d' <i>O Futuro</i> na trajetória poética de Machado de Assis	149
4.2 Os poemas	164
4.2.1 “Aspiração” e “Embirração”	166
4.2.2 “A estrela do poeta”.....	180
4.2.3 “Fascinação”.....	186
4.2.4 “O acordar da Polônia”.....	188
4.2.5 “As ventoinhas”.....	199
4.2.6 “Sinhá”	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
REFERÊNCIAS	210

APÊNDICE A – Algumas notas sobre as “notas de leitura”.....	236
ANEXO A – Imagens d’ <i>O Futuro</i>	244
ANEXO B – Fac-símiles dos poemas de Machado de Assis publicados originalmente n’ <i>O Futuro</i>	252

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Fotografia 1 – Machado de Assis (circa 1864)



Fotografia tirada no estúdio de Insley Pacheco. Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Espaço Machado de Assis. Disponível em: <www.academia.org.br/abl_minisites/media/ma_iconografia1.jpg>. Acesso em: 12 out. 2016.

Uma fotografia pode interessar não apenas pelo que ou por quem ela retrata, mas, também, por quem não aparece no registro, e ainda assim está presente, está detrás da câmara. Insley Pacheco, o fotógrafo de origem portuguesa cujo estúdio era frequentado por Machado de Assis, representa aqui todo um grupo de lusitanos radicados no Rio de Janeiro oitocentista que conviveu com o escritor brasileiro muito de perto.¹ No entanto, embora tal convivência tenha sido íntima e frutífera para a literatura elaborada por Machado de Assis, ela viria a ser ignorada por muito tempo pelos estudiosos.² Contribuir para o melhor conhecimento dos laços

¹ “A propósito, o estúdio de Pacheco foi o que o escritor mais frequentou, sendo ali feitos pelo menos nove retratos, todos no século XIX.” (RISSATO. *Iconografia fotográfica de Machado de Assis*, p. 81).

² GLEDSON. Senna, Marta de, and Hélio de Seixas Guimarães, orgs. *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis*, p. 221.

entre Machado de Assis e Portugal é o objetivo desta tese. Como se trata de uma presença que durou toda a vida do escritor, a seleção de um período específico foi necessária: decidiu-se ficar nos anos de 1862 e 1863, embora referências a outros momentos da carreira machadiana, anteriores ou posteriores, sejam feitas, sempre que se julgou interessante. No biênio 1862-1863, o jovem Machado de Assis colaborou numa publicação luso-brasileira, *O Futuro: periódico literário*, editada pelo amigo portuense Faustino Xavier de Novais (cf. ANEXO A). Nessa revista, pôde divulgar em primeira mão crônicas, poemas e conto.

Quem foi Machado de Assis nos anos de 1862 e 1863? Já havia publicado poemas esparsos na imprensa, mas não publicara ainda o primeiro livro de poesias, *Crisálidas*. Jovem de vinte e poucos anos, tinha bom trânsito nos meios intelectuais: apesar da origem humilde, colaborava em periódicos e frequentava saraus, tinha vida social. “Fôra até ‘futurista’”, escreveu Graça Aranha no século XX, explicando: “se por este epitheto recordamos ter sido o chronista singularmente classico de um ephemero jornal de 1863, ‘O Futuro’”.³ *O Futuro*, o periódico que, na expressão de um crítico, não foi nada “futuroso”...⁴ Como mostramos nesta tese, contudo, embora a publicação não tenha dado a seu editor, Faustino Xavier, o retorno financeiro que ele esperava, a presença nas páginas da revista do escritor que viria a ser considerado um dos maiores da literatura brasileira faria com que o “futuro” tivesse, de alguma forma, de se debruçar sobre aquelas páginas de 1862 e 1863.

Periódicos intitulados *O Futuro* não eram novidade então, como revela uma rápida busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Mas *O Futuro* de Faustino Xavier de Novais se caracteriza, de modo especial, por ser um periódico luso-brasileiro (tinha um programa nesse sentido), publicado num momento da história brasileira ainda marcado pelo antilusitanismo e, também, pelo que Jean-Michel Massa caracterizou como “certa dependência aceita e até mesmo procurada” pela França.⁵ Não era, portanto, um desafio qualquer manter essa revista em circulação.

Esta tese não é, evidentemente, o primeiro trabalho acadêmico dedicado à presença portuguesa na obra de Machado de Assis, nem mesmo o primeiro a considerar apenas a colaboração ou parte da colaboração de Machado de Assis n’*O Futuro*. Convém citar a investigação de Marcelo Sandmann, defendida em 2004 como tese de doutorado, *Aquém-além-mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*, um estudo bastante abrangente, e a

³ ARANHA. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores, p.11-12.

⁴ GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 121.

⁵ MASSA. Introdução, p. 9.

dissertação *Machado de Assis: cronista d'O Futuro (1862-1863)*, de Aline Cataneli, defendida em 2012. A especificidade de nossa proposta reside na consideração, em primeiro plano, das relações entre vida literária e literatura. Por isso, para o estudo da colaboração de Machado n' *O Futuro*, procuramos nos basear em trabalhos como os de Brito Broca e Flora Süssekind, centrados, respectivamente, nas cenas literárias do *fin de siècle* e da produção no contexto da ditadura militar.⁶

A crítica literária, quando trata das referências literárias de Machado de Assis, dos “paradigmas” ou “influências” mais importantes no estudo de sua obra, dá um espaço maior, geralmente, às literaturas de língua inglesa e francesa. São notadamente representativos, nesse aspecto, os trabalhos de Eugênio Gomes e Gilberto Pinheiro Passos.⁷ Embora em menor medida, outras literaturas, no diálogo que Machado desenvolveu com elas, também já foram objeto de vários estudos.⁸

O estudo da presença portuguesa em Machado deve considerar não apenas o contato feito por meio dos livros, mas também a sociabilidade literária. Por isso, o primeiro capítulo desta tese é dedicado a duas imagens de Machado de Assis: a que vigorou por muito tempo, do escritor indiferente, absenteísta, e uma outra imagem, cuja valorização é mais recente, de um Machado sociável, gregário. No capítulo 2, o interesse reside particularmente nos contatos com os portugueses, bem como na contribuição portuguesa para a composição da língua literária machadiana. Os capítulos 3 e 4 buscam apresentar e discutir a colaboração de Machado n' *O Futuro* – em prosa (crônica e conto) e em verso.

Por fim, as seguintes considerações devem ser feitas: nas citações diretas, preservou-se a grafia original; citações em língua estrangeira contam, geralmente, com uma tradução no corpo do texto e a transcrição do original em rodapé. Por uma questão de normalização, tão somente, atualizou-se a grafia dos títulos de obras e dos nomes de autores oitocentistas consoante o uso brasileiro, o que explica, entre outras, a grafia “Antônio Feliciano de Castilho”, com circunflexo. Não obstante ser habitual em trabalhos desta natureza a utilização duma única edição de “obras completas” para a citação de fragmentos da obra do escritor estudado, não foi

⁶ BROCA. *A vida literária no Brasil: 1900*; SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*.

⁷ GOMES. *Machado de Assis: influências inglesas*; PASSOS. *As sugestões do Conselheiro: a França em Machado de Assis: Esaú e Jacó e Memorial de Aires*; _____. *A poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas*; _____. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba*, de Machado de Assis; _____. *Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em Dom Casmurro*. Cf., também, sobre o diálogo com a França, CALLIPO. *Rimas de ouro e sândalo: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis*.

⁸ Cf., por exemplo, MUNNO. *Influências italianas em alguns contos de Machado de Assis: umas traduções*; PIMENTEL. *A presença alemã na obra de Machado de Assis*; SALOMÃO. *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*.

possível fazer isso nesta tese – em parte porque a obra de Machado de Assis ainda não dispõe de uma edição confiável que reúna todos os textos conhecidos do autor; também, porque às vezes o interesse da citação reside numa edição específica, geralmente a príncipe.

Merecem ser lembradas certas fontes de consulta que se revelaram fundamentais durante o trabalho de pesquisa, mas que, pela própria natureza delas, não aparecem citadas no corpo do trabalho. Seria injusto não as mencionar aqui. Graças a algumas dessas fontes, foi possível localizar referências valiosas, mas ainda não tão presentes, como deveriam estar, nos estudos machadianos contemporâneos. Fica registrado, portanto, nosso reconhecimento aos levantamentos bibliográficos empreendidos por Alberto I. Bagby Júnior, Galante de Sousa, Jean-Michel Massa, John Gledson, Ronaldes de Melo e Souza e Ubiratan Machado, além daquele apresentado no catálogo da Exposição “Machado de Assis”, montada pela Fundação Casa de Rui Barbosa em 1989.⁹

⁹ Cf. BAGBY JÚNIOR. *Eighteen Years of Machado de Assis: A Critical Annotated Bibliography for 1956-74*; SOUSA. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*; MASSA. *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis*, tome IV, 1957-1958; GLEDSON. A história das edições das crônicas machadianas; MELO E SOUZA. *Bibliografia machadiana comentada*; MACHADO. *Bibliografia machadiana 1959-2003*; MACHADO DE ASSIS. Exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento do escritor.

1 EM QUE APARECEM DUAS IMAGENS DE MACHADO DE ASSIS

“Uma das obras mais importantes de um escritor – talvez a mais importante de todas – é a imagem que deixa de si mesmo na memória dos homens, para lá das páginas escritas por ele.”

JORGE LUIS BORGES*

Brás Cubas desengana o leitor abelhudo quando se nega a contar “o processo extraordinário” empregado na elaboração de suas *Memórias póstumas*. “A obra em si mesma é tudo”, assevera, poupando-se de um relato demasiado extenso “e aliás desnecessário ao entendimento da obra”.¹⁰ O problema, no entanto, a que Brás não se ateuve ou que preferiu dissimular, seria bem estabelecido por Augusto Meyer na Introdução que abre o catálogo da Exposição Machado de Assis, montada em 1939: “Há um momento, nessa vida póstuma dos grandes escritores, em que não basta, para matar a fome da curiosidade, o simples conhecimento da obra [...]”. A obra não é tudo, explica o crítico, porque, sozinha, “não consegue esgotar toda a nossa atenção, porque debaixo dela está o autor, ou, por outras palavras, estamos nós, com o nosso instinto de criadores insatisfeitos”. Daí a necessidade da pesquisa biográfica, da crítica genética, do estudo da vida literária em que se inseriu o autor. E, se esse autor é Machado de Assis, conhecer sua “aventura humana” se torna tarefa difícil, pois, “ao contrário do Pequeno Polegar, ele tomou o cuidado de não marcar o caminho, grão a grão”. Agindo assim, acabaria por fazer de sua vida “outra obra de arte”; conservaria, para muitas gerações de leitores, “o encanto de uma fotografia antiga e desbotada”, ou a aparência de um deus apartado, envolto em nuvem de mistério...¹¹

A fotografia antiga e desbotada de que fala Augusto Meyer pode ser considerada a imagem oficial de Machado, amplamente divulgada por muitos de seus biógrafos: o escritor introvertido, insondável, misantropo, isolado dos homens na torre de marfim de sua arte. Essa ideia construída a respeito do homem Machado de Assis, querem alguns estudiosos, transpareceria na sua obra. Agripino Grieco, por exemplo, via gracejo na utilização de pseudônimos por Stendhal, mas esse mesmo procedimento em Machado, “que se utilizou de umas vinte máscaras, seria timidez, para não falarmos grosseiramente em velhacaria”.¹² Em sua

* BORGES. *Curso de literatura inglesa*, p. 184.

¹⁰ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 600.

¹¹ MEYER. Introdução, p. 13.

¹² GRIECO. *Machado de Assis*, p. 247-248.

primeira obra publicada em livro, *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), a timidez de Machado o teria feito, na avaliação de Afrânio Peixoto, passar-se por simples tradutor.¹³ Comparando a produção de Machado com a de outro escritor carioca, Lima Barreto, Sérgio Buarque de Holanda assinala o “ponto essencial” em que elas se diferenciam: “Enquanto os escritos de Lima Barreto foram, todos eles, uma confissão mal disfarçada, [...] os de Machado foram antes uma evasão e um refúgio.”¹⁴

No afã de encontrar a personalidade de Machado de Assis na psicologia de seus personagens, não foi trabalhoso atribuir ao romancista um sentimento “de conformismo ou desencanto, indiferença, timidez ou cinismo”, notou Rui Facó em texto publicado em 1958. Em *Dom Casmurro*, modelarmente, poderia ser encontrado, além da “incorrigível timidez” de Bento Santiago, o elogio desse temperamento: “Timidez não é tão ruim moeda, como parece”; “não é só o céu que dá as nossas virtudes, a timidez também”.¹⁵

A imagem do escritor ensimesmado, porém, não se faria conhecida apenas na obra de Machado ou no que a tradição fixou como sua biografia oficial, mas também na iconografia do escritor. Tendo nascido ao mesmo tempo em que surgiram os primeiros processos fotográficos – o daguerreótipo, vale lembrar, foi apresentado ao grande público em 1839 –, o filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis pôde ser retratado das mais diversas formas ao longo da vida. Ao que tudo indica, contudo, a circunspeção e a gravidade associadas a sua imagem motivaram tanto um número pequeno de caricaturas, que se tornam mesmo raras com o passar do tempo, quanto uma escassez de registros fotográficos mais descontraídos na maturidade.¹⁶

Dissipam-se o desalinho e a espontaneidade captados em fotografias da juventude, surge uma aura de “mysterio original” que é intensificada após a morte do escritor, em 1908.¹⁷ Na poesia do século XX, Carlos Drummond de Andrade experimentará o sentimento de mistério diante de Machado ao oferecer seus versos, “com amor”, a “um bruxo” de gestos cansados que

¹³ Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 340; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 280. Os estudos de Jean-Michel Massa mostrariam, na década de 1960, que, de fato, a *Queda... é* tradução de *De l'amour des femmes pour les sots*, de Victor Hénaux (MASSA. *Machado de Assis tradutor*, p. 25).

¹⁴ HOLANDA. Prefácio, p. 14.

¹⁵ FACÓ. Em memória de Machado de Assis, p. 216. Os fragmentos de *Dom Casmurro* citados por Facó integram, respectivamente, os capítulos XXV, “No passeio público”, e CXVIII, “A mão de Sancha”.

¹⁶ GUIMARÃES. A composição de uma figura. *Anotações sobre as fotografias de Machado de Assis*, p. 10. Sobre as caricaturas, Ubiratan Machado observa que “são mais homenagens do que sátiras” (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 61).

¹⁷ A expressão é de Graça Aranha, para quem o “temperamento raro” de Machado seria “divergente do que se entende por alma brasileira” (ARANHA. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores*, p. 11).

leu da vida não um capítulo, mas todo o livro.¹⁸ Embora o epíteto “bruxo do Cosme Velho”, amiúde usado em referência a Machado, não apareça textualmente cunhado no poema de Drummond, vem dele, provavelmente, sua popularização. Estão nesses versos do poeta itabirano “toda a insinuação do escritor ardiloso” Machado de Assis, que não se cansa de assombrar os leitores: sua obra, “como se estivesse fora do lugar, nascida não se sabe de onde nem como, só podia ser *bruxaria*”.¹⁹

De uma forma geral, a imagem de Machado conservada pela posteridade é a do escritor “deslocado”, no bom e no mau sentido. João Peregrino Júnior lembra que o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* “foi considerado sempre um inexplicável, um estranho acidente na história do nosso espírito”.²⁰ Quer como um bruxo, um gênio em um contexto literário não propício a seu aparecimento, quer como um absenteísta, um tímido ou mesmo um misantropo, é como um escritor autossuficiente que Machado tem sido visto, muitas das vezes. O crítico e historiador baiano Afrânio Coutinho, por exemplo, chega a dizer que Machado de Assis representa “[a] negação do determinismo sociológico, ético e geográfico”, razão pela qual “não é a crítica sociológica que tem a última palavra sobre ele. Ele transcende o social, *situando-se na esfera do mistério criador*, esfera própria dos homens de gênio”.²¹ Em linha semelhante, no século XXI, será dito a respeito de Machado, por um crítico de língua inglesa (Harold Bloom), que é “uma espécie de milagre, mais uma demonstração da autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo o tipo de contextualização que supostamente produz a determinação de talentos humanos”.²²

A imagem do escritor como “ilha solitária” – para ficar somente com uma metáfora de Peregrino Júnior²³ –, apresenta variações, naturalmente: é o mulato epiléptico que aparece na biografia de Lúcia Miguel Pereira, ressentido e insatisfeito com o destino, “que o fizera nascer fora do seu lugar”;²⁴ é o entediado de tudo e de todos, o “homem subterrâneo” que chama a atenção de Augusto Meyer; é o inadaptado à vida social, impenetrável e metido consigo mesmo. Essa primeira imagem, em alguns de seus matizes, merece detalhamento.

¹⁸ ANDRADE. *Nova reunião*: 23 livros de poesia, p. 311. Trata-se do poema “A um bruxo, com amor”, incluído em *A vida passada a limpo (Poemas, 1959)*.

¹⁹ AGUIAR. *Almanaque Machado de Assis*: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias, p. 158 e 50, grifo do original.

²⁰ PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*, p. 3.

²¹ COUTINHO. Machado e a liberdade criadora, p. 9, grifo nosso.

²² BLOOM. *Gênio*: os 100 autores mais criativos da história da literatura, p. 688.

²³ PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*, p. 3.

²⁴ PEREIRA. *Machado de Assis*: estudo crítico e biográfico, p. 266.

1.1 Palmeira solitária do oásis

Mário de Alencar, filho do romancista José de Alencar, foi dos amigos mais íntimos de Machado de Assis nos seus últimos anos de vida, quando o escritor se encontrava fragilizado pela morte de Carolina. Foi Mário, nesse tempo, seu confidente. As “Páginas de saudade” que dedicou a Machado de Assis, escritas inicialmente em 28 de setembro de 1908 (quando o escritor agonizava) e concluídas em 30 de outubro do mesmo ano, um mês após a morte de Machado, são, para muitos autores, “a maior fonte de proximidade” que se pode alcançar do homem Machado de Assis.²⁵ Nessas “páginas” é esboçado o temperamento do literato terno, afável, a um só tempo fino e tímido:

Não raro ia [Machado] ver-me na Secretaria, durante as horas de folga do trabalho, às vezes antes do trabalho. Aí, como em tudo, notava-se a extrema delicadeza de sua educação. Educado? feio de temperamento é que era, que a educação apenas apurou, pois não há disciplina ou estudo que produza aquele misto de finura e de timidez que espantava a mim, tímido entre os tímidos. [...] A [afeição] que ele me tinha, cheguei a concluir que nascera da afinidade do meu temperamento com o seu na feição principal da timidez doentia.²⁶

Sem questionar o depoimento de Mário, é preciso lê-lo com prudência. Primeiro, porque, embora tenha de fato convivido com Machado, esteve presente apenas em uma parte da longa trajetória do escritor; depois, porque, como ele mesmo conta, sua amizade com o presidente da Academia Brasileira de Letras nascera de uma afinidade de índole, de sorte que, ao falar de Machado e sua “timidez doentia”, pode estar Mário falando muito de si também. Curiosamente, a proximidade do escritor consagrado com o jovem iniciante no mundo das letras estreitou-se exatamente em uma ocasião que deporia contra o depoimento do filho de José de Alencar: tido como escritor avesso ao gênero oratório, em razão da timidez e da gagueira, Machado discursou, em 12 de dezembro de 1891, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da estátua do autor de *Iracema*. Na oportunidade, estavam presentes a viúva de Alencar, Georgina Cochrane, e o filho Mário, que, “vencendo sua natural timidez, abraçou o orador, muito comovido”.²⁷

²⁵ MARCONDES. *Machado de Assis: exercício de admiração*, p. 17.

²⁶ ALENCAR. *Alguns escritos*, p. 33 e 35.

²⁷ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 3, p. 222.

Ainda no que concerne à timidez de Machado, é preciso ter em mente, como bem ressalta o pesquisador Ubiratan Machado, entre outros autores, que, embora os contemporâneos tenham atestado a timidez do autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*,

ela nunca o impediu de alcançar os seus objetivos. Confundindo-se com o respeito pelo semelhante, ela dava um certo encanto ao relacionamento com o rapaz risonho, bem-humorado, sempre disposto a uma frase de espírito ou a um chocho trocadilho. Em alguns momentos da maturidade, a timidez machadiana se assemelhava a uma carapaça, utilizada para resguardar a sua intimidade. Não gostava de se abrir e a timidez era mero pretexto.²⁸

Para Mário de Alencar, a dificuldade de Machado em se abrir, preferindo resguardar-se, não era maior que sua “lhaneza e modéstia” – uma característica que “desvaneceu o embaraço” que o jovem Mário deveria sentir em presença do prestigiado escritor.²⁹ Nem todos os contemporâneos de Machado, porém, viam seu temperamento com tão bons olhos. Aluísio Azevedo, por exemplo – escritor que, até onde foi possível verificar, nada publicou sobre Machado de Assis ou sua obra –, deixou um raro depoimento acerca do autor de *Dom Casmurro* numa missiva enviada a Oliveira Lima, datada de Nápoles, 15 de outubro de 1909. Na carta, após agradecer ao “Exmo. Amigo e querido Mestre” o envio de exemplar de *Machado de Assis et son œuvre littéraire* (uma reunião dos trabalhos apresentados na Sorbonne em homenagem a Machado, no ano seguinte à morte do escritor), Aluísio passa a elogiar o livro, mencionando a dificuldade que é conciliar um encômio biográfico com a personalidade complexa do homenageado, um “paradoxo vivo”, “sempre escondido atrás dele próprio ou dos seus livros [...], atormentado eternamente no seu esconderijo pelas flagrantes contradições de seu próprio ser”. Aluísio Azevedo repara que, justamente dessas contradições, procederia

aquela exagerada timidez em flagrante desacordo com a consciência que ele tinha do seu valor intelectual e do apreço que a este lhe davam os homens de espírito: daí aquele oculto orgulho traduzido por uma espessa reserva que ele disfarçava ainda com maneiras muito corteses e friamente risonhas: daí aquele ar de desconfiança e de vaga prevenção contra o que quer que fosse, que ninguém sabia o que era, mas que o tornava impenetrável aos olhos de todos e até, não direi dos seus amigos íntimos, que nunca os teve, mas dos seus afeiçoados mais chegados.³⁰

²⁸ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 336.

²⁹ ALENCAR. *Alguns escritos*, p. 32.

³⁰ Transcrição publicada na seção “Páginas recolhidas” da revista *Machado de Assis em linha* [GUIMARÃES (Apresentação). Uma carta rara de Aluísio Azevedo sobre Machado de Assis]. Para o trecho citado, v. p. 105-106. Nessa publicação, o texto da carta se encontra todo em itálico.

Outro texto escrito pouco depois do desaparecimento de Machado relaciona a timidez do escritor a uma característica que foi, durante muito tempo, atribuída a ele sem grandes restrições: a do escritor absenteísta, menos preocupado com as questões do seu tempo, como a Abolição, do que com a composição de sua obra literária. Vai ganhando contornos a imagem do escritor indiferente a sua gente, a seu país, imagem essa que o professor maranhense Hemetério dos Santos, em carta a Fábio Luz, datada de 16 de novembro de 1908, ajuda a construir: “O problema do ‘negro’ [...] não mereceu do romancista e do poeta senão *pálidas e aquareladas pinturas tão tímidas* que claramente revelam que do artista primeiro partiam as idéias preconcebidas contra a sua côr e procedência.”³¹

Compreende-se, por essa observação, que, para Santos, a timidez de Machado se explicaria pelo sentimento de inferioridade trazido da origem humilde. Se assim não fosse, não teria Santos certa vez encontrado Maria Inês de Assis, a madrastra do escritor, “comendo de estranhos, [...] chorando [...] pelo abandono nojoso em que a lançara o enteado de outrora, nunca mais a procurando desde a sua mudança de S. Cristóvão, lugarejo de operários, para o opulento nicho de glória nas Laranjeiras”.³² Embora seja questionável o “abandono nojoso” de que fala Hemetério dos Santos, a imagem do escritor envergonhado da origem pobre, esforçando-se a todo instante em apagar as marcas do passado, terá boa acolhida em biógrafos e estudiosos do autor.³³

O crítico literário Agripino Grieco, no primeiro dos dois livros que dedicou a Machado, cita como fato digno de nota o contraste entre o escritor brasileiro e “europeus de boa estirpe, como Lamartine e Hugo”, que, ao contrário do brasileiro, “falavam dos pretos simpaticamente”. Não bastasse ter-se voltado contra a origem humilde, Machado também se teria voltado contra a própria origem étnica: “o nosso glorioso patricio, se trouxe do berço uma parcela de afetividade própria da raça afetiva por excelência, procurou destruí-la”. Não teria Machado, desse modo, conquistado a estima de “outro mestiço, o brilhante advogado Evaristo de Moraes, que registrou a frieza do mestre ante a causa da Abolição” e revelou a Grieco “não ir muito à sua missa [de Machado], reputando-a talvez missa negra, missa na igreja do Diabo”.³⁴

³¹ SANTOS. Carta de Hemetério dos Santos, p. 228, grifo nosso. A carta não foi enviada confidencialmente, mas publicada como artigo na *Gazeta de Notícias* de 29 de novembro de 1908.

³² SANTOS. Carta de Hemetério dos Santos, p. 229.

³³ Cf. VELLINHO. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*, p. 97 *et seq.* “De tôdas as histórias mal contadas com que se costuma suprir os claros e reticências da biografia de Machado de Assis, uma principalmente, dado o relêvo desprimoroso que assume no raso plano de sua vida, deve ser bem esmiuçada. Trata-se do remoído caso da ingratidão do escritor para com a madrastra, lançado em circulação logo depois de sua morte. Daí por diante, sem que ninguém se lembrasse de apurar-lhe a procedência, o caso entrou na soberana categoria das verdades passadas em julgado...” (VELLINHO. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*, p. 97).

³⁴ GRIECO. *Machado de Assis*, p. 246.

No “estudo crítico e biográfico” que dedicou a Machado em 1936, Lúcia Miguel Pereira traz um “Machadinho” introvertido, extremamente tímido, um adolescente pronto a fazer a viagem de barca de São Cristóvão ao Cais Pharoux com um livro na mão, “parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam”. Ainda que tivesse ambição, vontade de ascender socialmente, sua aprendizagem da vida se daria “para dentro, a matutar sobre tudo quanto aos outros passava despercebido”. A imagem do adolescente absorto na leitura teria “alguma coisa de simbólico”, nota a biógrafa: ainda na maturidade, Machado “despreza[ria] a vida exterior pela do espírito”.³⁵

Ainda na década de 1930, outra imagem de Machado seria difundida: a do “homem subterrâneo”, proposta pelo crítico gaúcho Augusto Meyer. Se os olhos do adolescente pintado por Lúcia Miguel Pereira não contemplam as belezas naturais do Rio de Janeiro, preferindo a vida espiritual propiciada pela leitura, o Machado de Meyer igualmente se isola, mas não porque

acredit[e] na vida interior e nas suas virtudes contemplativas: meditação, oração, intuição do mistério individual, poesia da consciência que procura reconhecer-se. [Insular-se] É um movimento reflexo, provocado pelo tédio de tudo, principalmente pelo ódio. Há em Machado de Assis um ódio entranhado da vida, uma incapacidade radical de aceitação ou até mesmo de compreensão, pois, para compreender, é indispensável postular antes um motivo de compreensão, e o que ele faz é resolver todas as questões suprimindo-as.³⁶

Na década seguinte, José Barreto Filho, em *Introdução a Machado de Assis*, continuaria a ver o escritor como um reservado, um retraído, motivado nesse temperamento por surpresas que a vida cedo lhe trouxera, como a morte dos pais e da irmã quando ainda muito jovem. Em face das contrariedades do destino, no entanto, o Machado de Barreto Filho não se afoga no ódio, pois “aprendeu muito cedo a arte de se bastar a si mesmo, e adquiriu a capacidade de desligar-se”. Ademais, afirma Barreto Filho, “[d]ominou [...] todas as coisas, num contínuo trabalho de liberação que lhe simplificou a existência, moderou-lhe as aspirações e concedeu-lhe o dom esplêndido da liberdade do espírito e da serenidade em face de tudo”.³⁷ Defende o biógrafo, dessarte, que a predisposição de Machado ao alheamento teria sido condicionada por sua visão trágica da vida, criada em sua sensibilidade após se desligar forçadamente da família.³⁸ Vale ressaltar que Lúcia Miguel Pereira já apontara, simultaneamente à “inclinação

³⁵ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 45, 36 e 46.

³⁶ MEYER. *Machado de Assis, 1935-1958*, p. 16.

³⁷ BARRETTO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*, p. 11.

³⁸ BARRETTO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*, p. 11.

natural”, os “dolorosos dramas íntimos” como explicação do que seria a excessiva reserva de Machado de Assis – reserva essa que o teria obrigado “a criar uma armadura, uma casca de caramujo dentro da qual se pudesse ocultar”.³⁹

Os acontecimentos passados na infância de Machado terão uma presença assaz considerável no estudo realizado por Manuel José Gondin da Fonseca, que lança, na década de 1960, sua “biografia e análise” de Machado de Assis. Declarando embasar-se na teoria de Sigmund Freud e discípulos, Gondin leva Machado para o divã, como observará Maria Helena Werneck em sua investigação das biografias de Machado de Assis: “O jargão psicanalítico corre solto – inconsciente, sublimação, caráter anal-sádico, fantasia masturbatória, neurastenia, paranóia, histeria, amnésia”, manejados na tentativa de deter um conhecimento que a análise literária não teria sido capaz de alcançar: o conhecimento do escritor.⁴⁰ Como muitos fatos da infância e adolescência de Machado são desconhecidos, Gondin recorre à ficção machadiana para preencher as lacunas. Por diversas vezes, refere-se a Machado como Dom Casmurro ou Brás Cubas e chega a afirmar que é o romance *Dom Casmurro* uma “fantasia autobiográfica de imenso valor analítico”.⁴¹

Para Gondin da Fonseca, o comportamento externo de Machado foi o de um tímido que, em determinado momento, começou a sentir ânsias de solidão, levado pela angústia e pelo que se poderia chamar de “humor neurastênico”. As raízes de tais ânsias estariam nas amargas decepções sofridas “nos primórdios da sua existência, quando ainda menino de colo e pouco depois”, um tempo de aflição, responsável por torná-lo, quanto ao “comportamento na vida”, um homem retraído e tímido. Homem tímido, diga-se de passagem, apenas sob tal aspecto, pois, quanto à criação literária, seria difícil negar o arrojo machadiano: “nada tinha de tímido escrevendo”, esclarece Gondin.⁴²

Defende esse autor que, a partir dos trinta anos, Machado de Assis “transforma-se” em Dom Casmurro e, após o casamento, “encoruja[-se] no Cosme Velho”.⁴³ Marcado pelo complexo de Édipo, o escritor teria reencontrado a mãe na esposa, Carolina, “Maria Leopoldina ressuscitada”, sentindo-se tão confiante próximo dela a ponto de querer “queimar” o mundo, indiferente à humanidade.⁴⁴

³⁹ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 25.

⁴⁰ WERNECK. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*, p. 171.

⁴¹ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 35.

⁴² FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 59.

⁴³ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 29.

⁴⁴ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 32 e 130. Ao usar de forma reiterada a imagem de um Machado impelido pelo desejo de queimar o mundo, a intenção do biógrafo foi, decerto, recuperar uma metáfora do escritor presente, supostamente, em uma das duas cartas enviadas à namorada, Carolina Xavier de Novais, em 2 de março de 1869. A transcrição tradicional da missiva, repetida em diversas edições – incluindo

O autor de *Machado de Assis e o hipopótamo* não afirma que o escritor fluminense tenha desprezado os homens – “porque o desprezo ainda é sentimento” –, admitindo que uma análise mais profunda do temperamento desse homem de letras poderia encontrar nele um “faminto de amor”.⁴⁵ Em vista disso, mais extremado no que concerne ao sentimento de Machado para com a humanidade parece ter sido Mário Matos, um dos estudiosos que publicaram em 1939, ano do centenário de nascimento do autor de *Dom Casmurro*. Para esse biógrafo, Machado de Assis desdenhou os homens, foi contemptor deles e,

[s]ocialmente, resignou-se, conformou-se com a sorte. Parece que quiz muito pouca cousa do mundo, dando mesmo impressão de ter sido espectador do mundo. Sua conduta costumeira é a do homem da platéia, achando o espetáculo divertido nos aspectos risíveis. Espectador anônimo, fique entendido, porque desejou assistir á comédia humana, não de camarote, porém [...] de um recanto, meio escondido, para não ser importunado na análise e no gozo da análise. Deleitava-se com a maldade da vida e gostava de acompanhar, com o olho minudente, as diversas formas que essa maldade toma. Aquí se póde afirmar que era mau.⁴⁶

Antes de Mário Matos, aliás, o romancista Lima Barreto já teria encontrado em Machado “muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos”.⁴⁷ Tanto no posicionamento de Mário Matos quanto no de Lima Barreto parece ter ocorrido a atribuição ao escritor, sem restrições, de características que são notavelmente de alguns de seus personagens. Ao lado disso, deve-se ter em mente, como bem pontuou Antonio Candido no ensaio “Esquema de Machado de Assis”, que “temos uma tendência quase invencível para atribuir aos grandes escritores uma quota pesada e ostensiva de sofrimento e de drama, pois a vida normal parece incompatível com o gênio”.⁴⁸ Tanto é assim que o jornalista Daniel Piza, autor de uma biografia de Machado publicada no século XXI, relatou ter sempre ouvido dizer que a vida do escritor depreciaria um trabalho biográfico, “por ele ter sido um homem de cotidiano supostamente pacato, funcionário público, escritor recluso, que mal deixou a cidade do Rio de Janeiro, foi casado por 34 anos e não participou de nenhuma espécie de aventura ou

a mais recente *Obra completa* editada pela Nova Aguilar (2015) –, diz: “Depois... depois, querida, queimaremos o mundo” (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1316). Acredita-se que tal transcrição tenha sido prejudicada pela caligrafia apressada de Machado. Na correspondência editada pela Academia Brasileira de Letras em 2008, para a qual se utilizou o original manuscrito da carta como referência, esse equívoco foi desfeito, trazendo a seguinte redação, mais branda: “Depois... depois, querida, [ganharemos] o mundo” (ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo I, 1860-1869, p. 260, colchetes do original).

⁴⁵ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo*: biografia e análise, p. 59.

⁴⁶ MATOS. *Machado de Assis: o homem e a obra: os personagens explicam o autor*, p. 60.

⁴⁷ Carta a Austregésilo de Ataíde, datada de 19 de janeiro de 1921. Fragmento citado por Brito Broca (Na década modernista: Machado de Assis “au dessus de la mêlée”, p. 38).

⁴⁸ CANDIDO. *Esquema de Machado de Assis*, p. 15.

tragédia”.⁴⁹ Provavelmente, o pensamento segundo o qual uma vida sem lances trágicos é inconciliável com a genialidade explica muitas das formas utilizadas por Mário Matos em referência a Machado: “homem da platéia”, “solitário na misantropia amarga”, “desconfiado e arredado dos homens”, “mulato infeliz e cheio de fel”.⁵⁰ O biógrafo parece ter procurado, sobretudo, conformar seu relato da vida de Machado àquilo que amiúde se espera da vida dos grandes artistas.

Todavia, um exame atento do que se sabe a respeito da personalidade de Machado é capaz de evidenciar sua complexidade, de afastar ideias preconcebidas e expectativas. Daniel Piza, por exemplo, defende que, se a timidez machadiana era visível em público, se o escritor “até mesmo se excedia em medidas”, “os mais próximos conheciam um Machado bem mais falante, sorridente e ativo, cheio de ditos espirituosos sobre os mais diversos assuntos”.⁵¹ Magalhães Júnior, bem anteriormente, já havia chamado a atenção para um “singular dualismo” em Machado: “tímido, retraído, modesto em suas atitudes pessoais”, no que diz respeito à literatura mostrou-se o oposto disso, revelando-se antes “orgulhoso, ávido de glória, um tanto exibicionista”.⁵²

Talvez seja útil compreender a biografia de Machado de Assis – e a consciência que esse escritor tinha da literatura como ofício exigente, motivado e animado pela fé na arte –, como uma dialética entre recolhimento, concentração (atitudes facilmente confundidas com acanhamento e até arrogância) e sociabilidade, participação na vida intelectual. Se assim se compreende, a imagem de Machado discutida nesta primeira seção não deve ser de todo invalidada, ainda que alguns de seus matizes, como o Machado mal, contemptor dos homens, “racista”, indiferente à sorte de seu país, possam e devam ser questionados. Em sua poesia, Machado não ficou alheio a esse paradoxo. Para ficar com apenas um exemplo, lembrem-se os versos em francês de “Un vieux pays”, em que o poeta evoca, por meio da epígrafe de Camões, “*juntamente*” o choro e o riso, oferecendo a metáfora de um coração que é terra “plein d’ombre et de lumière”.⁵³

É flagrante que o choro e as sombras têm predominado nas leituras biográficas de Machado, mas há importantes exceções. Alfredo Pujol, numa das palestras proferidas na década de 1910, se disse que “[a] crueza exterior da vida, com as suas rudes arestas, com as suas

⁴⁹ PIZA. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*, p. 11.

⁵⁰ MATOS. *Machado de Assis: o homem e a obra: os personagens explicam o autor*, p. 58.

⁵¹ PIZA. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*, p. 12.

⁵² MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 114.

⁵³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 426, grifo do original. Corrigiu-se problema de revisão dessa edição – “viex” em vez de “vieux”.

realidades agressivas, *enchia de sombras* a pobre alma de Machado de Assis”, também legou aos estudiosos do escritor o depoimento de que “ninguém lhe escutava uma queixa, porque sabia afogar dentro em si mesmo as suas penas; na sua estóica resignação, era um forte, com todas as aparências de um fraco”.⁵⁴ Trata-se de um depoimento relevante, pois Pujol chegou a ser contemporâneo de Machado e teve a oportunidade de conversar com amigos do escritor. Procurando esboçar o que teria sido a figura moral de Machado, Pujol ressalta que, embora “solitário e ignorado”, “reagiu contra o seu próprio temperamento”: mais forte era a vocação para as letras, mais forte era a “feição jovial do seu espírito”.⁵⁵

Sombras e luzes também coexistem na leitura que Wilton Cardoso fez da biografia de Machado de Assis. Recuperando a imagem do “encaramujado casmurro”, o estudioso lembra que, para a criação dela, muito contribuiu o “recato de impenitente introvertido”, responsável por levar Machado a “sufocar as próprias angústias antes que os incômodos olhares dos que o cercavam as pudessem devastar”.⁵⁶ Todavia, Cardoso nota também – e nisso reconhece que sua posição é “tópico pacífico” entre os críticos de Machado – que o escritor tinha uma consolação, a arte: à medida que suas crenças se desmoronavam, “na ruína quase total de seu mundo interior, parece que não sofreu a mais leve queda a sua profunda fé na arte”.⁵⁷

Isolando-se em alguns momentos, preferindo a solidão na casa do Cosme Velho ao burburinho da cidade, Machado atendia, antes de mais nada, às exigências de sua “musa consoladora”. Ora, se também isso for um “tópico pacífico”, o que talvez não seja é a possibilidade de ter essa mesma musa, em outros momentos, solicitado ao escritor uma postura diferente. Se as sombras foram necessárias a sua produção literária (entendidas aqui como recolhimento, concentração de espírito, trabalho noturno), também o foram, em igual medida, as luzes (ou a vida social, as amizades, os projetos coletivos). E Machado foi ciente disso, como atesta em pelo menos um depoimento: uma recomendação a Mário de Alencar, em missiva de 1908, muito reveladora de seu processo criativo. Mário encontrava-se então retirado na Tijuca, entregue à elaboração de alguns trabalhos literários. Dá notícia disso em 1º de fevereiro, em carta enviada ao “querido amigo” Machado de Assis:

Tenho outra vez o espírito abatido. Tive-o levantado e disposto ao trabalho, mas um não sei quê veio abalá-lo e ele voltou ao que é de natureza ou de

⁵⁴ PUJOL. *Machado de Assis*: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, p. 26, grifo nosso.

⁵⁵ PUJOL. *Machado de Assis*: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, p. 6 e 26.

⁵⁶ CARDOSO. *Tempo e memória em Machado de Assis*, p. 18.

⁵⁷ CARDOSO. *Tempo e memória em Machado de Assis*, p. 51.

achaque velho. Durante uma semana trabalhei no *Prometeu* e nos *Cantos brasileiros*, pegando de um ou de outro conforme a inclinação do momento. Depois, ainda agora, veio a tristeza, que por não vir de causa certa e concreta, é talvez pior que a outra, e fiquei e estou incapaz de trabalhar ou pensar.⁵⁸

Mário receberia correspondência do amigo em 4 de fevereiro, enviada do Cosme Velho. Num primeiro momento, Machado mostra-se preocupado: “não contava com o tom que lhe deu [à carta]; essa tristeza que lhe voltou e lhe parece achaque velho é preciso vencê-la de todo. [...] Talvez a solidão lá de cima, sem outra variedade, seja uma causa ocasional e inesperada; pode até ser persistente”. A seguir, o “amigo velho” faz um comentário e dá um conselho a Mário de Alencar: “O seu fim, refugiando-se aí, foi justamente libertar-se do espetáculo banal das coisas cá de baixo e dar-se todo a um alto pensamento; não contou com esse outro efeito. Eu, no seu caso, dividia-me, agitava-me um pouco, e o espírito sacudido ganharia forças”.⁵⁹

Não foi, no entanto, esse Machado que recomenda dividir-se entre o isolamento e a agitação, entre o “alto pensamento” e os estímulos da vida exterior, que passou à posteridade. Para isso, de alguma forma, contribuíram o próprio escritor e seu amigo Mário de Alencar. Aquele, entre outras coisas, por se referir a si mesmo, numa crônica em que recordava o “delírio público” motivado pela assinatura da Lei Áurea, como “o mais encolhido dos caramujos”; este, por incluir a referida crônica na primeira edição em livro da série “A semana”, publicada provavelmente em 1914.⁶⁰ Durante muitos anos, as crônicas coligidas por Mário nessa edição (108 crônicas, de um total de 250 publicadas na *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1900) foram as únicas disponíveis, pelo menos mais facilmente, para os leitores e pesquisadores, de tal modo que, em certo sentido, delimitaram boa parte do que então se pensou e se escreveu sobre Machado.⁶¹

Evidentemente, a vida longa de uma metáfora não explica por si só a imagem que se tem de um escritor. Mas também é preciso ressaltar que Machado, à medida que se esforçou por apagar elementos biográficos em sua obra, contribuiu para a propagação da imagem dita oficial. Os amigos, em boa parte por veneração ao mestre Machado de Assis, agiram igualmente nesse sentido. Muitas das vezes, deixaram testemunhos tendenciosos, inclinados a apenas uma das “divisões” que marcaram a vida do escritor. Joaquim Nabuco é um exemplo importante.

⁵⁸ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908, p. 283.

⁵⁹ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908, p. 285.

⁶⁰ ASSIS. *A semana*. A crônica de 14 de maio de 1893, aqui mencionada, vai da p. 84 à 87.

⁶¹ Exemplar nesse sentido é a biografia escrita por Lúcia Miguel Pereira, cuja primeira edição é de 1936. Apenas no ano seguinte W. M. Jackson Inc. Editores lançariam a primeira edição das “obras completas” de Machado de Assis [cf. PEREIRA. *Machado de Assis*: estudo crítico e biográfico, p. 25, em trecho já citado nesta tese: “A reserva [...] como que o obrigou a criar uma armadura, uma casca de caramujo dentro da qual se pudesse ocultar”].

Juntamente com a relíquia enviada do Velho Mundo em sinal de estima a Machado (um ramo do carvalho plantado no túmulo de Torquato Tasso), remeteu ao acadêmico Graça Aranha palavras que, como a metáfora do caramujo, teriam vida longa em estudos críticos e biográficos: “Devemos tratá-lo”, escreveu Nabuco em referência a Machado, “com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária do oásis”.⁶² Como “palmeira solitária”, já foi Machado diversas vezes compreendido e estudado. É preciso, agora, dar atenção ao “às vezes” da imagem de Nabuco, recuperando a trajetória de um escritor que, em certos momentos, viu na sociabilidade não um empecilho, mas um estímulo à literatura. Sem pretender sobrepor-se à imagem discutida nessa primeira seção ou a excluir, o quadro que segue tem por finalidade corrigir alguns de seus exageros, bem como apontar elementos fundamentais, segundo a análise aqui empreendida, para o estudo da colaboração de Machado n’*O Futuro*.

1.2 Palmeira às vezes solitária do oásis

Em seu “Esquema de Machado de Assis”, Antonio Candido, após lembrar algumas das imagens dramáticas que temos dos grandes escritores, como a de um “Dostoievski quase fuzilado, atirado na sordidez do presídio siberiano, sacudido pela moléstia nervosa, jogando na roleta o dinheiro das despesas de casa”, mostra que o mesmo procedimento foi adotado por críticos que estudaram Machado, catalogando e elevando “as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa”. É difícil continuar pensando assim, afirma Candido, após os “estudos renovadores” de Jean-Michel Massa sobre a juventude de Machado de Assis, defendidos como tese de doutoramento em 1969 na Université de Poitiers (já em 1971, *La Jeunesse de Machado de Assis (1839-1870): Essai de Biographie Intellectuelle* ganharia tradução para o português e publicação pela Civilização Brasileira). “Não exageremos [...] o tema do gênio *versus* destino”, pede Candido, advertindo, com base na investigação do pesquisador francês, que a condição social de Machado e sua cor nunca foram empecilhos para que tivesse amizades de prestígio social.⁶³ Em

⁶² Documento transcrito em: ARANHA. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: comentários e notas á correspondência entre estes dous escriptores, p. 206. A carta de Nabuco a Graça é datada de Londres, 12 de abril de 1905.

⁶³ CANDIDO. *Esquema de Machado de Assis*, p. 15.

Prólogo à segunda edição do livro de Massa, publicada em 2009 pela Editora da Universidade Estadual Paulista, Antonio Candido ainda destacaria como, em consequência da pesquisa “paciente e compreensiva”, “tirando da penumbra agrupamentos, periódicos, autores secundários”, teria Massa possibilitado a visão de uma fervilhante e “apreciável vida intelectual” numa época “menos conhecida da nossa literatura”: “Um mundo apenas vislumbrado saiu então da sombra, delineando o ambiente no qual começou a carreira de Machado de Assis, cuja biografia se completava assim pela história do seu amadurecimento intelectual”.⁶⁴

Com efeito, diferentemente do Machado retraído e entediado dos homens pintado pelos estudiosos anteriores, em Massa sobressai um Machado atuante na vida intelectual: comunicativo, gregário, frequentador de sociedades literárias, agremiações, redações de periódicos, liceus, etc.; amigo, desde muito jovem, de intelectuais brasileiros e estrangeiros, mormente portugueses e franceses. É esse o Machado que frequentará, igualmente, a biografia do brasileiro Raimundo Magalhães Júnior, publicada no início da década de 1980. Sua *Vida e obra de Machado de Assis* – assim como *A juventude de Machado de Assis*, de Massa – é reconhecida pelo caráter documental: dá um destaque maior à produção literária e jornalística de Machado, ao mesmo tempo que procura minorar ou mesmo descartar a chamada “biografia romanceada” buscando em arquivos, acervos e periódicos, não mais em momentos da ficção machadiana, elementos para preencher as lacunas existentes. Seguramente é essa uma das principais razões para o retrato diferente de Machado que emerge dessas biografias. Magalhães Júnior, em um trabalho anterior a *Vida e obra...*, significativamente intitulado *Machado de Assis desconhecido*, já havia dedicado um capítulo ao que trata por “espírito associativo” do escritor fluminense, oportunidade em que pôde divergir da

concepção um tanto extravagante do “bicho de concha”, solitário, misantropo, ausente do mundo, habitante de Sírius, fechado em si mesmo, fugindo sistematicamente aos contactos sociais, insensível às expansões do afeto, ao convívio fraternal do espírito. Não há nada menos verdadeiro do que esse Machado de Assis de trapa, faquirizado e solene, sem pingo de vibração e de calor humano. Ao contrário, [...] era Machado de Assis, acima de tudo, um homem cordial, afetuoso e dedicado como poucos. [...] os seus verdadeiros amigos, não só os cultivou, quando presentes, com os desvelos que lhe mereciam tão boas amizades, como sempre os recordou, quando ausentes, com as manifestações de um real sentimento.⁶⁵

⁶⁴ CANDIDO. Prólogo, p. 12.

⁶⁵ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 275.

A “biografia intelectual” elaborada por Jean-Michel Massa abrange apenas o período que define como a “juventude” de Machado de Assis, que vai de 1839 a 1870, início da década em que o romance e o conto passam a consumir mais a energia criativa do escritor do que o teatro e a poesia. No caso de Magalhães Júnior, a biografia, em quatro volumes, abrange toda a trajetória do escritor, dividindo-se em “aprendizagem”, “ascensão”, “maturidade” e “apogeu”. Cronologicamente, o período estudado por Massa em seu livro corresponde ao primeiro volume e aos primeiros 37 capítulos do segundo volume da biografia de Magalhães Júnior; trata-se de um período importante da biografia de Machado, período em que ocorreu sua educação literária e em que foi acolhido, de forma decisiva, pela intelectualidade fluminense e portuguesa radicada no Rio de Janeiro. Na Exposição Machado de Assis, montada em 1939 para celebrar o centenário de nascimento do escritor, todo um painel foi cuidadosamente preparado para evocar sua vida social na “fase de formação”, contendo imagens e documentos alusivos aos anos em que, participando da imprensa e frequentando bibliotecas e reuniões de agremiações literárias, firmou as primeiras amizades intelectuais.⁶⁶

Durante as décadas de 1850 e 1860, seriam marcantes na vida literária do Rio de Janeiro as atividades das associações literomusicais, como o Grêmio Literário Português, o Retiro Literário Português, o Ginásio Científico-Literário Brasileiro, a Academia Filosófica, a Sociedade Arcádia Brasileira e a Sociedade Ensaio Literários.⁶⁷ Como o nome de algumas dessas associações sugere, também nelas a presença de portugueses era notável. Promovendo saraus e publicações, essas sociedades acabavam por estimular a vida cultural, atuando, de certa forma, para que, ainda no século XIX, fosse possível a fundação da Academia Brasileira de Letras. O pesquisador José Américo Miranda observa que o feitio dessas agremiações era bem visto pelos intelectuais, e um, em especial, seria tanto incentivador delas quanto incentivado por elas: Machado de Assis.⁶⁸

Por mais que contemporâneos e biógrafos refiram-se não raras vezes à timidez extremada de Machado, é muito significativa a participação do escritor nas sociedades literárias e literomusicais, não apenas no período compreendido entre as décadas de 1850 e 1860, mas mesmo depois. “Desde a adolescência à velhice, não se lhe esfriou nunca a paixão pelos grupos, pelas rodinhas”, escreveu José Maria Belo.⁶⁹ Além da participação ativa em associações

⁶⁶ EXPOSIÇÃO..., p. 31-53.

⁶⁷ MIRANDA. Joaquim Nabuco, artista, p. 33.

⁶⁸ MIRANDA Joaquim Nabuco, artista, p. 34.

⁶⁹ BELLO. *Retrato de Machado de Assis*, p. 17, “rodinhas” em negrito, no original.

literárias, frequentava festas, banquetes – tinha gosto, enfim, pela vida social.⁷⁰ Não se relacionava apenas com pessoas que tinham igualmente nas letras um compromisso; interessou-se também por moda, por dança, por gastronomia, por música (Machado foi reconhecidamente um melômano) e por jogos, como o xadrez e o gamão, atividades que lhe serviram para ampliar o círculo das relações sociais.⁷¹ Agripino Grieco, em 1969, já questionava a imagem do Machado solitário:

Falam do seu “cantinho”, dando-o como quase segregado em vida monástica. Mas o homem saía sempre, era o bonde repleto, a repartição, a Garnier, a casa Lombaerts, a redação da *Revista Brasileira*, o Clube Beethoven, a Panelinha, a Academia de Letras, o chá e o xadrez no palacete do Barão Smith de Vasconcelos. Tebaida, retiro de Santo Antônio? Coisa alguma... [...] e forçoso é reconhecer que, se Machado de Assis ressuscitasse, ficaria assombrado com seus biógrafos e críticos.⁷²

Mesmo sem nunca ter viajado para fora do Brasil (aliás, pouco saiu do Rio de Janeiro), Machado teve alguma ligação com sociedades literárias estrangeiras. Em 1874, recebeu carta do poeta francês Catulle Mendès, um dos membros mais ativos da Société Internationale des Poètes, sugerindo a criação de uma seção daquela sociedade no Brasil. Organizada na França na década de 1870, a associação tinha Victor Hugo como presidente e secretário-geral. Machado revelou, em sua correspondência, entusiasmo pela ideia, julgando os estatutos da Sociedade Internacional “muito vantajosos para a poesia brasileira e seus cultores”⁷³. A filial brasileira não viria a concretizar-se, “[m]as não teria sido por falta de disposição e de entusiasmo do autor das *Falenas*”.⁷⁴ Agripino Grieco, no segundo livro que dedicou a Machado, assinala a contradição entre o que se convencionou dizer a respeito de Machado e o que revelavam muitas de suas iniciativas, como a tentativa de criar a Sociedade de Poetas no Brasil:

⁷⁰ Cf. MASSA. Reabilitação de Machado de Assis, p. 44. A revista *Rua do Ouvidor*, em sua seção “Salões”, espécie de coluna social da época, registrou a participação de Machado e Carolina numa *soirée* elegante em 6 de junho de 1898. Quanto às “toilettes chics” da ocasião – a expressão é do cronista anônimo –, a de Carolina, ou “Mme. Machado de Assis”, esteve entre as destacadas pela publicação (EGA. A respeito de “Salões”).

⁷¹ Cf. COUTINHO. Um Machado diferente, p. 1027; MASSA. Reabilitação de Machado de Assis, p. 44; CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 43.

⁷² GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 46. O cancionero popular brasileiro possui pelo menos uma composição afinada com a imagem de Machado defendida por Agripino Grieco. Em “Carta (ano de 1890)”, Vanessa da Mata não traz o Machado antissocial ou isolado, mas um *flâneur* atento à poesia do cotidiano: “Ando nas ruas do centro / estou lembrando tempos / enquanto lhe vejo caminhar // Aguardo a calçada / um barbeia um velho / deita a noite e diz poesia (serenata) // [...] Devagar, bonde na praça / ainda borda delicadeza / torna a gente banca de flores / libertando sorrisos no ar” [MATA. Carta (ano de 1890)]. A canção foi gravada originalmente para o álbum de estreia da cantora, *Vanessa da Mata*, de 2002 (Sony-BMG).

⁷³ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889, p. 90. Carta endereçada a Franklin Dória, datada de 28 de março de 1874.

⁷⁴ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 287.

apesar de falarem tanto nas esquivanças do mestre, na sua solidão de “bicho de concha”, Machado (e isto foi em 1874, muito antes da Academia de Letras) tratou de pôr-se em campo, a fim de recrutar, para o empreendimento, o Franklin Dória, cujo “belo talento” elogia, um Serra, que deve ser o Joaquim Serra, e um Rosendo, que deve ser o Rosendo Moniz Barreto [...].⁷⁵

Também é estrangeira a agremiação mais antiga a que Machado pertenceu. Com origens no século XVIII, a Academia das Ciências de Lisboa foi fundada com o nome de Academia Real das Ciências. Machado foi eleito, por unanimidade, como sócio correspondente dessa associação – na classe de Ciências Morais e Políticas e Belas Letras – já no século XX, em 1904. Em carta de agradecimento ao então secretário-geral da Academia das Ciências, Adriano Augusto de Pina Vidal, Machado expressou seu orgulho, “natural e grande”, em receber tão “alta distinção” por parte da “ilustre Corporação Scientifica”. Não poderia ser mais justa a homenagem ao escritor que, durante toda a sua vida, teve expressiva ligação com Portugal e sua colônia no Brasil.⁷⁶

Foi em terras brasileiras, porém, que a participação machadiana em sociedades literárias se deu de forma constante e plena, o que, naturalmente, não o impediu de ser, desde cedo, amigo de estrangeiros e conviver com eles nessas agremiações. Entre os imigrantes, destacam-se, pelo número e pela intimidade de suas relações com Machado, os portugueses. Várias sociedades foram mesmo criadas

por elementos da colônia portuguesa, muito numerosa no Rio de Janeiro no tempo do Império, como o Grêmio Literário Português, fundado em 1856 e, depois, presidido por um amigo de Casimiro de Abreu, Reinaldo Carlos Montoro, e o Retiro Literário Português, com sede à rua de S. Pedro 88, fundado pelo escritor Francisco Gomes de Amorim quando, muito novo, viveu por alguns anos no Brasil.⁷⁷

Ubiratan Machado, que estabelece 1855 como o ano de criação do Grêmio Literário Português, conta que, a princípio, “o Grêmio proibiu a entrada de brasileiros em seus quadros e em suas festas. A sociedade cresceu com o ingresso de portugueses ricos, instalando-se então em um prédio amplo na Rua dos Beneditinos”. Em 1862, quando estava sob a presidência de Reinaldo Carlos Montoro, também amigo de Machado de Assis, o Grêmio iniciou uma nova fase, abrindo suas portas aos brasileiros e possibilitando, com isso, que Machado participasse

⁷⁵ GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 24.

⁷⁶ Cf. COELHO. *Cartas de Machado e Bilac à Academia de Ciências de Lisboa*, p. 5.

⁷⁷ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 181.

de seus saraus, declamando poemas de autoria própria.⁷⁸ Também no Retiro Literário Português, criado em 1859, Machado encontraria pelo menos um amigo próximo – Ramos Paz, com quem dividiu casa na década de 1860, foi primeiro-secretário da associação na diretoria de Agostinho Correia de Sá. No Retiro Literário Português, Machado participou de saraus literomusicais, “procura[ndo] valer-se de todas as oportunidades para ser reconhecido como um jovem intelectual e aplaudido como poeta”.⁷⁹

Na década de 1860, Machado teria participação ainda mais decisiva em uma sociedade literomusical fundada por um português – a Arcádia Fluminense, organizada por José Feliciano de Castilho (também conhecido como Castilho José) nas comemorações do centenário de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Nessa associação, Machado desempenhou a função de bibliotecário durante a presidência de Antônio Herculano da Costa Brito. Escrevendo para o *Diário do Rio de Janeiro* de 9 de janeiro de 1866, não deixará de comentar a fundação da Arcádia, que

foi excelente num sentido: não cremos que ela se propusesse a dirigir o gosto, mas o seu fim decerto que foi estabelecer a convivência literária, como trabalho preliminar para obra de maior extensão. Nem se cuide que esse intento é de mínimo valor: a convivência dos homens de letras, levados por nobres estímulos, pode promover ativamente o movimento intelectual [...].⁸⁰

Nota-se, por esse depoimento, que Machado via com simpatia a sociabilidade literária, sem a qual seria impossível um movimento intelectual ativo. Acerta, portanto, Jean-Michel Massa, ao comentar que o escritor “não desdenhava o convívio dos seus amigos”.⁸¹ Na Arcádia, conheceria Machado pelo menos um brasileiro que se revelaria grande amigo da maturidade, Joaquim Nabuco. Teria, também, a oportunidade de trocar ideias e impressões literárias com os amigos portugueses Ernesto Cibrão, Augusto Emílio Zaluar, Ramos Paz, Manuel de Melo, entre outros. Machado deve ter tido em alta conta essa associação, já que compôs a letra de seu hino, que recebeu música do empresário teatral espanhol, radicado no Brasil, José Amat, e escolheu a Arcádia para a primeira encenação de sua peça “Os deuses de casaca”, que mereceria, por

⁷⁸ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 152. Em 1895, Machado receberia o diploma de sócio correspondente de uma associação homônima, fundada em 1867, sediada em Belém do Pará (cf. ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900, p. 107).

⁷⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 182. Para Jean-Michel Massa, a declamação de poemas por Machado desmente a ideia de que ele teria sido gago desde a juventude (MASSA. *Reabilitação de Machado de Assis*, p. 44).

⁸⁰ ASSIS. *Obras completas em quatro volumes*, v. 3, p. 1084.

⁸¹ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual, p. 317.

sinal, uma crítica favorável vinda do outro lado do Atlântico, pelo português Pinheiro Chagas.⁸² Gondin da Fonseca sugere que foi “na ação do José [Feliciano de Castilho], na ‘Arcádia Fluminense’, que Machado se inspirou, volvidos anos, para dar corpo, estrutura, à Academia Brasileira de Letras”.⁸³

Contestando a imagem de um Machado gago e recolhido, Jean Michel-Massa discorre acerca de algumas das intervenções públicas do escritor durante reuniões promovidas pelas sociedades literomusicais. Nessas reuniões, pôde Machado ler suas obras – “se nos permitem dizer, representando”, pontua Massa – ou ter seus poemas declamados por renomados atores e atrizes.⁸⁴ O pesquisador francês cita, então, quatro ocasiões em que Machado teria demonstrado, por meio das recitações, seu temperamento extrovertido. Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*, oferece um levantamento maior: aponta dez circunstâncias em que Machado recitou composições suas em público. Em 1862, o jovem poeta participou de sarau promovido pelo Grêmio Literário Português, declamando dois trabalhos – “Nostalgia” (perdido) e “A uma criança”. Ainda nesse ano, recitou outro poema, “A caridade”, em duas ocasiões: na festa comemorativa de fundação do Retiro Literário Português e no benefício, realizado no Teatro Lírico Fluminense, em prol dos asilos da Infância Desvalida de Portugal. Em 1863, Machado declamou poesias na sessão comemorativa da Independência do Brasil promovida pela Sociedade Ensaaios Literários, além de recitar “Epitáfio do México” na despedida a Artur Napoleão, que retornava à Europa, em reunião realizada na casa dos irmãos Manuel e Joaquim de Melo. No ano de 1864, Machado declamou em pelo menos uma oportunidade: em sarau organizado pelo Clube Fluminense, reunião para a qual reservou a leitura do poema “Os arlequins (Sátira)”. Nesse ano, teria também declamado, segundo Lúcia Miguel Pereira, no Ateneu Dramático, em presença da família imperial (Ubiratan Machado cita essa ocasião em seu levantamento das declamações, com a ressalva de não ter encontrado documentação referente a ela). Em 1865, o recitador Machado de Assis encontrou entusiasmada acolhida na Arcádia Fluminense. Com dois poemas hoje perdidos, participou da festa de fundação dessa sociedade literária, realizada no Clube Fluminense em setembro; além disso, recitou poemas em dois dos três saraus que a Arcádia organizou naquele ano. Num deles, recitou versos de

⁸² Cf. MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 414-417; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 26. No início da década de 1860, Machado também desempenhou a função de bibliotecário na Sociedade Arcádia Brasileira. São poucas as informações disponíveis sobre essa agremiação (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 321).

⁸³ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 114.

⁸⁴ MASSA. *Reabilitação de Machado de Assis*, p. 43.

autoria alheia: “O velho relógio da escada”, do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, em tradução de Bitencur Sampaio.⁸⁵

Conforme já foi mencionado, outros interesses, além dos mais particularmente relacionados às letras, propiciaram a Machado aproximações intelectuais. Um levantamento de índices de sua sociabilidade que ignorasse, por exemplo, o papel da música em sua trajetória seria consideravelmente limitado. Francisca de Basto Cordeiro relata que Machado, “sensível aos sons musicais”, foi sócio e assíduo frequentador do Clube Beethoven.⁸⁶ Sabe-se também que foi bibliotecário dessa grei. O Clube Beethoven, fundado em 4 de janeiro de 1882 por homens de negócios portugueses, brasileiros e de outras nacionalidades, promovia concertos mensais, além de atividades como jogos de cartas e torneios de xadrez. Foi sócio dessa associação o pianista português Artur Napoleão – amigo de Machado desde a juventude, foi quem provavelmente incentivou o escritor a fazer parte da sociedade musical.⁸⁷

Machado de Assis e Napoleão foram, aliás, parceiros numa das canções do álbum *Ecos do passado*: a serenata (para canto, piano e flauta) em compasso ternário “Lua da estiva noite”, com música do português e poesia do brasileiro. *Ecos do passado* (1º álbum de romances: para canto com acompanhamento de piano) reuniu seis poemas musicados por Artur Napoleão. Além dos versos de Machado, trazia poesias de Gonçalves Dias, Luís Guimarães Júnior e Rosendo Moniz Barreto.⁸⁸ “Lua da estiva noite” não foi aproveitada em nenhum dos livros de

⁸⁵ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 287. Não são conhecidas atividades públicas de Machado no campo da recitação posteriores a 1865. “Entre íntimos, no entanto, manteve o hábito de recitar, pelo menos até a década de 1880”, ressalta Ubiratan Machado (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 287).

⁸⁶ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 27.

⁸⁷ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 3, p. 66-67.

⁸⁸ *Ecos do passado* foi registrado por Galante de Sousa na entrada de n. 588 da *Bibliografia de Machado de Assis*, entrada dedicada a “Lua da estiva noite”. Conforme observa esse pesquisador, o álbum não informa a data de publicação, “mas aparece noticiado na *Revista Ilustrada*, Rio, n.º 214, 3-7-1880, na seção *Bibliografia*” (SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 527). Talvez a informação oferecida por Galante explique por que alguns estudiosos, quando citam a serenata, considerem-na composição de 1880 (cf. CASTELLO BRANCO. Machado de Assis e a música, p. 127; SAWAYA. Poemas musicados de Machado de Assis, p. 19 – Luiza Sawaya, por exemplo, chega a dizer que “Lua da estiva noite” “reflete o ambiente modinheiro e nostálgico do Rio de Janeiro do final do século XIX”). Na verdade, pode-se tomar 1880 como data segura da segunda edição da serenata, exatamente a ocasião em que ela passou a integrar *Ecos do passado*. Como se vê na capa desse álbum (fac-símile está disponível em: WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 134), foi o Imperial Estabelecimento de Pianos e Músicas Narciso, Artur Napoleão & Miguez o responsável por sua edição. Sob os cuidados desses três sócios (Narciso José Pinto Braga, Artur Napoleão e Leopoldo Américo Miguez), o Imperial Estabelecimento funcionou apenas no triênio que vai de 1880 a 1882 (WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 91). Uma vez que notícia do álbum aparece em número da *Revista Ilustrada* de 1880, não deve haver dúvida sobre a data de sua publicação. A serenata “Lua da estiva noite” foi lançada originalmente no *Álbum de canto nacional*, publicado *chez* Narciso, também sem informação de data. Fac-símile da capa desse álbum está disponível no trabalho já citado de Carlos Wehrs (p. 133). Esse pesquisador, considerando o número da chapa litográfica, identifica o período que vai de 1867 a 1869 como o de publicação do *Álbum de canto nacional* (WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 91). Dado que notícia da serenata aparece em número da *Semana Ilustrada* de 1867 (cf. DR. SEMANA. Pontos e virgulas, p. 2710), pode-se tomar esse ano como data segura da edição *princeps* da canção. Ainda em vida de Machado (1902), a serenata seria incluída em antologia, com a informação de se tratar duma tradução [cf. MORAES FILHO (Org.). *Serenatas e sarásus*: coleção de autos populares, lundús,

poesia de Machado, o que pode indicar ou pelo menos sugerir que foi escrita especialmente para ser musicada por Artur Napoleão. Carlos Drummond de Andrade notou o uso insistente da rima “ir” nessa composição, como nos versos “Cair! Cair! Cair!” e “Sorrir! Sorrir! Sorrir!” Essa repetição insinuaria, para Drummond, uma “submissão do letrista ao efeito musical”.⁸⁹

Também a prática do xadrez serviu para estreitar os vínculos entre Machado de Assis e Artur Napoleão. O enxadrismo foi esporte incentivado por Machado quando atuou como secretário do Grêmio de Xadrez, agremiação fundada em 1877. Machado e o amigo português disputaram o primeiro campeonato brasileiro do jogo, tendo Artur Napoleão saído vencedor.⁹⁰ Foi, aliás, o convívio com Napoleão que levou Machado a se “inici[ar] nos segredos do tabuleiro, do qual passou a ser um aficionado, fazendo do xadrez um sedativo espiritual e um salutar instrumento de convivência social”.⁹¹

Entre os anos de 1900 e 1902, Machado de Assis participou de uma sociedade gastronômica, a Panelinha Artística, organizada por Urbano Duarte com o objetivo de reunir os membros, mensalmente, em um almoço. (Não era a primeira vez, aliás, que a arte culinária servia de pretexto para a sociabilidade intelectual: alguns anos antes – 1896 – Machado participara dos jantares de confraternização da *Revista Brasileira*.) A Panelinha tinha esse nome em virtude do “mascote” por ela adotado, uma pequena caçarola de prata, presente do pintor Rodolfo Amoedo. A panela em miniatura circulava entre os responsáveis pela organização dos encontros mensais. A iconografia de Machado de Assis registra duas fotografias do almoço realizado em 1901, no hotel Rio Branco (rua das Laranjeiras, 192), do qual foi comissário o escritor Inglês de Sousa. Em uma das fotografias, Machado aparece visivelmente à vontade, juntamente com o grupo da Panelinha, à mesa do almoço; no ano anterior, a 5 de outubro, fora ele o incumbido da realização de um dos banquetes.⁹² O velho Machado pôde participar, dessarte, de um momento de mudanças na vida carioca, marcado por uma sociabilidade urbana

recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas, v. III, p. 110]. Em 2004, o álbum de Artur Napoleão ganhou um registro fonográfico, o disco *Ecos do passado – Leniza interpreta Arthur Napoleão*, de Leniza (nome artístico de Leniza Castello Branco); a faixa “Lua da estiva noite” está disponível no YouTube (<<https://www.youtube.com/watch?v=bwujtzSWQIg>>. Acesso em: 4 jun. 2016). Deve-se ao pesquisador José Américo Miranda a identificação da fonte da tradução machadiana: trata-se da canção [song] “Serenade”, de Henry Wadsworth Longfellow (cf. LONGFELLOW. *Songs and sonnets from Longfellow*, p. 68-69; FLORES. Machado de Assis, tradutor de Longfellow, p. 186).

⁸⁹ ANDRADE. “Quando ela fala”: poesia musicada, p. 11.

⁹⁰ Cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 152.

⁹¹ SOARES. Enigmas no tabuleiro, p. 21. Sobre o Machado enxadrista, q.v. o artigo de Plínio Doyle, que traz, em fac-símile, a descrição, publicada na imprensa fluminense, de uma partida entre Artur Napoleão e Machado de Assis (DOYLE. Machado de Assis jogador de xadrez).

⁹² Cf. OCTAVIO. *Minhas memórias dos outros*: última série, p. 40-59; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 255. Para as fotos do jantar no hotel Rio Branco, v. GUIMARÃES; SACCHETTA. *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*, p. 140-141.

que se mostrava cada vez mais evidente no florescimento de restaurantes, confeitarias e cafés.⁹³ Na virada do século XIX,

[a] burguesia urbana, formada pelos bacharéis, doutores, comerciantes e proprietários de terra, era atraída pelo cosmopolitismo da cidade, pela vida mundana, pelo luxo e pelas diversas opções de lazer e entretenimento. Saraus familiares, clubes sociais e teatros reuniam políticos, escritores e intelectuais que cultivavam a arte e a cultura.⁹⁴

Além dos rituais gastronômicos, musicais e esportivos (considerando a atividade de Machado como enxadrista), convém citar, como argumento em favor de sua sociabilidade, a participação em obras coletivas, como álbuns, polianteias e antologias. Vários de seus poemas, por exemplo, foram originalmente escritos nos álbuns de amigos e confrades, como demonstração de estima ou deferência. Ubiratan Machado, após comentar que os álbuns de autógrafos foram uma mania epidêmica durante o Oitocentos e o início do século XX, elenca dezoito textos machadianos, entre poemas e homenagens em prosa, que tornariam evidente a adesão do escritor a esse costume tão popular naquele tempo.⁹⁵ Não se dispõe, ainda, de dados sobre todos os álbuns em que ele escreveu, nem informações apuradas sobre todas as pessoas a que dedicou versos, mas, nos casos em que a identificação do homenageado é conhecida, sobressaem-se os amigos portugueses – antes de completar 20 anos, escreveria nos álbuns de Francisco Gonçalves Braga, poeta que foi dos seus primeiros amigos nos meios literários, e João Dantas de Sousa, um dos fundadores do Grêmio Literário Português.⁹⁶ Na década de 1860, escreveria o poema “Prelúdio” no álbum da futura esposa, Carolina Xavier de Novais, além do poema “Pássaros” no álbum de Manuel de Araújo, membro da Arcádia Fluminense, amigo comum de Machado e Faustino Xavier de Novais. Outro amigo de Faustino, Francisco José Correia Quintela, presidente do Retiro Literário Português, seria homenageado na década

⁹³ Ilustra bem esse momento histórico o instantâneo captado por fotógrafo da revista *Fon-Fon!* em maio de 1907 na Confeitaria Castelões, mostrando o “aperitivo dos intelectuais” Machado de Assis, José Veríssimo, Euclides da Cunha e Walfrido Ribeiro (GUIMARÃES; SACCHETTA. *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*, p. 172-173).

⁹⁴ BELLUZZO. *Machado de Assis: relíquias culinárias*, p. 143.

⁹⁵ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 9.

⁹⁶ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 681-682 e 711-713. O poema “No álbum do sr. F. G. Braga” saiu na *Marmota Fluminense* de 9 de outubro de 1855 e suscitou a publicação do poema “Ao senhor J. M. M. d’Assis (em resposta)”, por Gonçalves Braga, também na *Marmota Fluminense*, menos de uma semana depois (cf. ASSIS. *Dispersos de Machado de Assis*, p. 22). Sobre Dantas de Sousa, homenageado com o poema “A missão do poeta”, vale acrescentar que manteve relações de amizade com Machado durante o período em que atuaram n’*O Espelho*. Dantas de Sousa reproduziu o poema escrito por Machado em seu álbum na revista luso-brasileira *O Universo Ilustrado, Pitoresco e Monumental*, na qual colaborava (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 325).

seguinte, em 1879, quando o poeta das *Falenas* lhe dedicou os versos de “No álbum do sr. Quintela”.⁹⁷

A escrita em álbuns permitia aos escritores um diálogo ágil e irreverente e o compartilhamento de produções literárias antes da edição impressa. Quando Machado teve em mãos o álbum de Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque, a viscondessa de Cavalcanti, fê-lo circular entre os confrades da Academia Brasileira de Letras, de modo que cada um pudesse deixar ali sua colaboração.⁹⁸ Em 11 de janeiro de 1889, escrevendo no álbum de Ernesto Sena, Machado fez pilhéria: “Quem foi o inventor dos albuns? Não fui eu.” – “Nem eu”, acrescentaria Leopoldina de Vasconcelos em autógrafo de 20 de abril do ano seguinte.⁹⁹ Na iconografia machadiana preparada por Hélio de Seixas Guimarães e Vladimir Sacchetta, há a reprodução de duas páginas em que se lê um inusitado diálogo no álbum da sra. Luiz de Castro (ao autógrafo de Machado de Assis – “De um feio autor: / Machado de Assis / 3-2-96” –, segue o comentário poético de Olavo Bilac, datado de 10 de fevereiro do mesmo ano: “Mestre! feio porque? – só porque é feio / Ser modesto de mais... / – Formoso coração de rimas cheio, / Cheio de sonhos celestiaes! / – Quando te vejo a lyra ao collo, / Fica sabendo que eu / Te acho mais bello do que Apollo, / Mais belo do que Orpheu!”).¹⁰⁰ Se é fato que os dois exemplos dados aqui de participação em álbuns não conheceram a publicação em livro em vida do autor – aliás, não figuram nem mesmo nas edições, póstumas, de “obras completas” –, também é certo que alguns dos versos escritos originalmente em álbuns foram selecionados por Machado para figurarem em seus livros de poesia. Além de integrá-los a sua obra “em letra de forma”, por vezes o autor mencionou a origem deles em subtítulo. Antes de mais nada, isso evidencia o quanto Machado reconhecia no álbum um espaço oportuno à produção literária, para além de uma escrita simplesmente circunstancial e sem maior interesse.¹⁰¹ Se em algum momento fez

⁹⁷ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 283.

⁹⁸ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 9. A colaboração de Machado está acessível em transcrição de Galante de Sousa (cf. ASSIS. *Poesia e prosa*, p. 182). O escritor também escreveria algumas palavras no leque da viscondessa: “Neste banquete de Deuses, é de mister que haja alguém que os sirva. Aceito o ofício, Divina Juno”. Entre as outras diversas personalidades que deixaram autógrafos no leque, estiveram o pianista português Artur Napoleão, os escritores portugueses Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro e o francês Alexandre Dumas filho (CHRISTO. *Memórias de um leque; O MUSEU...*, p. 283).

⁹⁹ Transcrições feitas a partir de fac-símile da página do álbum que contém o autógrafo de Machado [LUCCHESI; RÊGO (Org.). *Machadiana da Biblioteca Nacional*, décima página não numerada entre as páginas 96 e 97].

¹⁰⁰ GUIMARÃES; SACCHETTA. *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*, p. 112-113.

¹⁰¹ Cf., em *Crisálidas*, o poema “Sinhá”, tornado público antes “(N’UM ÁLBUM.–1862.)”, e “Horas vivas”, escrito originalmente “NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. D. C. F. DE SEIXAS” (ASSIS. *Chrysalidas: poesias*, p. 55 e 101); em *Falenas*, cf. “Pássaros”, com seus “(VERSOS ESCRITOS NO ÁLBUM DE MANOEL DE ARAUJO)” (ASSIS. *Phalenas*, p. 75). Machado publicou poemas elaborados inicialmente para álbuns também em *Ocidentais*, livro que integra as *Poesias completas*: “Maria”, escrito a princípio no álbum de Maria de Azambuja, e “A uma senhora que me pediu versos”, composto em sua origem para o álbum de uma senhora ainda não identificada (cf. ASSIS. *Poesias completas*, p. 342-343; SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 599 e 656).

pilhéria deles, como n’*Os deuses de casaca*, a comédia representada, em primeira mão, em 1865, em sarau da Arcádia Fluminense, sua produção literária anterior e posterior suficientemente comprova a importância que lhes dava.¹⁰²

Além dos álbuns, que propiciavam a socialização da literatura de forma manuscrita, Machado colaborou em polianteias e antologias. Em relação à polianteia ou “miscelânea de homenagem”, um costume típico da vida literária do final do século XIX, manifestou-se criticamente em crônica da série “A semana” de 7 de julho de 1895, centrada na expectativa da celebração do primeiro centenário de morte do poeta José Basílio da Gama. Sem negar a necessidade da homenagem, uma vez que “o *Uruguai (sic)* é obra de um grande e doce poeta, precursor de Gonçalves Dias”, solicita o cronista d’“A semana” que os homens de letras

façam obra original, como original foi o poeta no nosso mundo americano. Antes de tudo, seja-me dado pedir alguma coisa: excluam a polianteia. Oh! a polianteia! Um dia apareceu aqui uma polianteia; daí em diante tudo ou quase tudo se fez por essa forma. A coisa, desde que lhe não presida o gosto e a escolha, descai naturalmente até à vulgaridade; o nome, porém, fá-la-á sempre odiosa, tão usado e gasto se acha. Não lhe ponham tal designação; qualquer outra, ou nenhuma, é preferível, para coligir as homenagens da nossa geração.¹⁰³

Com essa ou outra designação, o fato é que Machado de Assis colaborou em diversas coletâneas de homenagem. Ubiratan Machado, em seu *Dicionário de Machado de Assis*, elenca onze colaborações do tipo. Algumas se inscrevem no gênero “efeméride literária”, como a participação, com algumas palavras, no folheto *Brasil-Espanha-Portugal*, de 1881, comemorativo do segundo centenário de morte do dramaturgo espanhol Calderón de la Barca. A renda obtida com a venda do folheto, organizado por membros do clero católico, destinava-se ao amparo de sociedades beneficentes. Outras colaborações em polianteias mostram o interesse de Machado pela vida cultural brasileira, como sua participação, com um soneto, na *Polianteia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*, também de 1881. Em 1890, escreve um soneto para a *Polianteia* organizada

¹⁰² Na peça em questão, o personagem Apolo lamenta o fim dos poetas tal qual os conheceu no passado; tomados por “um ar burguês e insosso”, já nem mereceriam o nome de poetas. Dirigindo-se a Marte, fala de “um inimigo sério”: “Um déspota, um tirano, um Lopez, um Tibério: / O álbum! Sabes tu o que é o álbum? Ouve, / E dize-me se, como este, um bárbaro já houve. / Traja couro da Rússia, ou sândalo, ou veludo; / Tem um ar de sossego e de inocência; é mudo. / Se o vires, cuidarás ver um cordeiro manso, / À sombra de uma faia, em plácido remanso. / A faia existe e chega a sorrir... Estas faias / São copadas também, não têm folhas, têm saias. / O poeta estremece e sente um calafrio; / Mas o álbum lá está, mudo, tranquilo e frio. / Quer fugir, já não pode: o álbum soberano / Tem sede de poesia, é o minotauro. Insano / Quem buscar combater a triste lei comum! / O álbum há de engolir os poetas um por um. / Ah! meus tempos de Homero!” (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 962).

¹⁰³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1108-1109.

em benefício do Asilo de Órfãos de Campinas. Nesse poema, trai a imagem do “contemptor dos homens” ao louvar a obra jubilosa da instituição que trocava “as fomes e os horrores, / Os desprezos e as ríspidas noitadas / Pelos afagos dos peitos protetores”, capazes de ensinar as crianças acolhidas “a amar e a ser amadas”.¹⁰⁴

Machado não se dedignou de ter seu nome posto ao lado do de colegas em obras coletivas. Na década de 1880, quando já havia publicado o romance que inscreveria seu nome no cânone ocidental, as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, participou de um interessante projeto editorial luso-brasileiro, levado adiante por David Corazzi e José de Melo: a tradução das *Fables*, de Jean de La Fontaine, escritor francês do século XVII que, como Machado, foi também frequentador de grupos de apreciadores das letras. A edição em língua portuguesa das *Fábulas de La Fontaine* (1886) foi impressa em dois tomos, com ilustrações de Gustave Doré, corte dourado e encadernação primorosa, em Paris. Na folha de rosto, trazia as cidades de seus editores, Lisboa e Rio de Janeiro. A colaboração de Machado aparece no primeiro tomo, com a tradução do poema “Les animaux malades de la peste”, ou “Os animais enfermos da peste”, na versão machadiana. Quando o poema reapareceu em *Ocidentais*, já integrando as *Poesias completas* (1901), Machado alterou o título para “Os animais iscados da peste”. A segunda edição das *Fábulas* seria lançada em 1908, pela Garnier.¹⁰⁵

Outros exemplos parecidos poderiam ser dados, como a participação de Machado na antologia *Lamartineanas*, que reuniu, em 1869, “[p]oesias de Afonso de Lamartine traduzidas por Poetas Brasileiros”. Com uma série de catorze sonetos, sob o título “A derradeira injúria”, participou, em 1885, de obra coletiva publicada em Lisboa, *O marquês de Pombal* (Obra comemorativa do centenário da sua morte mandada publicar pelo Clube de Regatas Guanabareense do Rio de Janeiro).¹⁰⁶ Tomando parte na celebração de uma relevante figura histórica de Portugal, Machado manifestava seu interesse pela preservação da memória daquele país. Nenhuma dessas obras, entretanto, será tão simbólica, tão representativa de um Machado

¹⁰⁴ Sobre a participação de Machado de Assis em coletâneas de homenagens, cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 271-272. Sobre o folheto em tributo à memória de Calderón, incluindo a transcrição do texto assinado por Machado, cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 52. Os versos citados nesse parágrafo foram transcritos da seguinte edição: ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 842-843.

¹⁰⁵ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 585-586; GLEDSON (Org.). *Machado de Assis & confrades de versos*, p. 105; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 127. A edição das *Fábulas* conta com traduções poéticas elaboradas por Bocage, Couto Guerreiro, Filinto Elísio, Curvo Semedo, Costa e Silva, Malhão “e muitos dos mais notáveis poetas modernos de Portugal e do Brasil” e estudos críticos assinados por Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga (LA FONTAINE. *Fabulas de La Fontaine*, v. 1, p. V, grifo do original).

¹⁰⁶ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 438 e 578. Entre os demais colaboradores, estiveram os brasileiros Sílvio Romero e Tomás Alves Júnior e os portugueses Latino Coelho, Teófilo Braga e Henrique Correia Moreira (COELHO *et al.* *O marquês de Pombal: obra comemorativa do centenário da sua morte mandada publicar pelo Club de Regatas Guanabareense do Rio de Janeiro*, 6ª página antes da de n. 1).

sociável e participativo da vida brasileira quanto uma que só conheceu edição em livro mais de um século depois de sua composição e divulgação (então feita por meio de panfletos impressos coloridos). Em *Maio de 1888*, volume editado e anotado por José Américo Miranda em 1999, o nome de Machado de Assis aparece ao lado de 23 outros nomes – poetas, como ele, participantes da comemoração da Lei Áurea (Lei Imperial n. 3.353), que, sancionada a 13 de maio de 1888, declarava extinta a escravidão no Brasil.¹⁰⁷ Raimundo Magalhães Júnior já havia assinalado que houve, em meio às manifestações populares que se seguiram à assinatura da Lei pela Princesa Isabel, distribuição de poesias alusivas à data. Já havia também esclarecido que, entre os poetas que participaram da comemoração, estava Machado, além de Artur Azevedo, Oscar Pederneiras, Soares de Sousa Júnior, entre outros.¹⁰⁸ Tais poemas permaneceram, entretanto, desconhecidos por quase todo o século XX, até que um envelope contendo uma coleção dos panfletos fosse localizado no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, pelos pesquisadores Thaís Velloso Cougo Pimentel, Regina Helena Alves da Silva e Luiz Duarte Haele Arnault, do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais.

José Américo Miranda, estudando o conjunto desses poemas, lembra que foram escritos durante o apogeu do parnasianismo, escola de “acentuado pendor classicizante”, preocupada com os temas considerados elevados e destituída de um projeto popular. No entanto – nota o pesquisador –, no dia 20 de maio de 1888, quando foram distribuídos ao povo os poemas comemorativos da Abolição,

a força das circunstâncias mostrou-se mais forte do que os preceitos da escola: a presença dessa elite de intelectuais, juntamente com o povo, numa manifestação cívica, comemorando a mesma realização, fez coexistirem, nas ruas do Rio de Janeiro, em função de uma só idéia, a poesia erudita, uma manifestação popular e um evento histórico.¹⁰⁹

Seria tentador dizer que, pelo menos por um dia, os poetas parnasianos – incluindo entre eles Machado de Assis – saíram da torre de marfim ou “desceram de seus pedestais” ao compartilhar de um sentimento público, mas esse modo de dizer, como bem adverte José

¹⁰⁷ Cf. ASSIS *et al.* *Maio de 1888*: poesias distribuídas ao povo, no Rio de Janeiro, em comemoração à Lei de 13 de maio de 1888. O poema assinado por Machado de Assis intitula-se “13 de maio” (p. 109). Foi republicado em antologia temática de Eduardo de Assis Duarte (ASSIS. *Machado de Assis afro-descendente*: escritos de caramujo [antologia], p. 23) e está hoje disponível em várias edições de obras e poesias completas de Machado (cf., por exemplo, ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 842). Há edição fac-similada dos panfletos em que foram originalmente divulgados os poemas [VENÂNCIO (Org.). *Panfletos abolicionistas*: o 13 de maio em versos: 1888-2008]. Entre os demais escritores que participaram dessa comemoração à Lei Áurea, estiveram Artur Azevedo, Adelina Lopes Vieira (brasileira nascida em Portugal), Osório Duque-Estrada e Afonso Celso Júnior.

¹⁰⁸ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 3, p. 153.

¹⁰⁹ MIRANDA. *Poesia, história e circunstância*, p. 21.

Américo Miranda, “não faz justiça à verdade dos fatos”: “É preciso estudar mais aquela época e as obras dos poetas daquele tempo; então veremos que o pedestal em que os vemos hoje foi uma construção posterior; que, na verdade, todos eles viveram mergulhados na vida e sofreram com suas altas e baixas temperaturas”.¹¹⁰ Destaca ainda o pesquisador que, dos 24 poetas que colaboraram com o festejo público comemorativo, sete teriam destaque na fundação, em 1896 e 1897, da Academia Brasileira de Letras, “a mais estável de nossas Academias, aquela que passou a ter existência permanente e existe até hoje”,¹¹¹ ou, nas palavras de Francisca de Basto Cordeiro, a que representou o resumo das aspirações mais ambiciosas de Machado de Assis.¹¹² Associando o festejo público do dia 20 de maio de 1888 à fundação da ABL, percebe José Américo Miranda que os dois eventos “se unem e, unidos, certamente representam, em termos históricos, um ponto de chegada para o Movimento Academicista no Brasil”.¹¹³

A Academia Brasileira, ou um instituto literário organizado sob proteção governamental, foi sugerida em 1896 por Lúcio de Mendonça a Alberto Torres, ministro do Interior. Ubiratan Machado afirma desconhecer como atuou Machado nessa fase, em que o projeto da Academia foi bem aceito por José Veríssimo, mas encontrou a oposição de Joaquim Nabuco, monarquista avesso à tutela republicana. Talvez Machado tenha se sentido descrente desse apoio oficial. Em crônica de 25 de novembro de 1894, comentando o termo “engrossador”, “de aplicação política, expressivo e que faz imagem, como dizem os franceses”, afirma não se surpreender se um dia esse neologismo for consignado no dicionário da Academia Brasileira – isso, explica, “se houver, aí por 1950, uma Academia Brasileira”.¹¹⁴ O entusiasmo de Machado pela fundação da Academia cresceu quando Lúcio passou à iniciativa particular. Já a primeira reunião, em 15 de dezembro de 1896, foi realizada sob a presidência do autor de *Quincas Borba*. No ano seguinte, em 20 de julho, ocorreria a instalação da agremiação em sala do museu e escola complementar Pedagogium.¹¹⁵ A partir daquele momento,

a Academia se tornou, efetivamente, a Casa de Machado de Assis. Sua participação foi fundamental na vida da instituição, que provavelmente não sobreviveria sem a sua presença. Joaquim Nabuco dizia que, sem ele, a Academia teria morrido do mal de sete dias. [...] A partir de *Dom Casmurro*,

¹¹⁰ MIRANDA. Poesia, história e circunstância, p. 20. Também é como uma construção posterior, leitura “sujeita a contestações inúmeras”, que Eduardo de Assis Duarte vê o perfil atribuído a Machado “de indiferente ou de omisso perante os problemas de seu tempo” (DUARTE. Nota introdutória, p. 9).

¹¹¹ MIRANDA. Poesia, história e circunstância, p. 17.

¹¹² CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 49.

¹¹³ MIRANDA. Poesia, história e circunstância, p. 17.

¹¹⁴ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1048.

¹¹⁵ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 6-7; 260.

seu primeiro livro publicado após a fundação da ABL, Machado colocava sempre, sob o seu nome, a indicação “Da Academia Brasileira”.¹¹⁶

Na perspectiva defendida por esta tese, a participação de Machado na fundação e na presidência da Academia Brasileira de Letras representa o capítulo derradeiro da história de um escritor gregário, apreciador da amizade intelectual. O terceiro tomo da *Correspondência machadiana*, publicado em 2011, assinala a importância dessa instituição para Machado; diversas cartas comprovam seu interesse por questões como a rotina da Academia, seu papel na vida brasileira, apresentação de candidaturas, incentivo a possíveis membros, eleições, posses, a busca pelo reconhecimento oficial e a instalação em um local definitivo.¹¹⁷ Graça Aranha, fundador da cadeira de número 38 da Academia, deixou um depoimento a respeito: “A Academia é uma obsessão para Machado de Assis. O seu genio torna-se eleitoral. E’ curioso ver o sceptico combinar successões, imaginar o ‘quadro’ acadêmico”.¹¹⁸ Quando, em 1904, a morte de Carolina abateu Machado profundamente, os amigos acadêmicos estiveram entre os que procuraram consolá-lo.¹¹⁹

Formando um contraponto com a imagem do Machado misterioso e inacessível, o Machado que participava ativamente da vida literária e cultural era não sombrio, mas “alegre, risonho, sempre bem-humorado, sociável”.¹²⁰ Sabe-se, por pelo menos um depoimento, que o escritor tinha o dom de ouvir, razão pela qual fez vários amigos entre os literatos.¹²¹ Mesmo nos estudos de Peregrino Júnior, em que permanece a imagem do escritor retraído, tímido e reservado, admite-se que, quanto aos amigos que teve, Machado

os conservava com uma ternura infinita, com uma afetividade adesiva, permanente, inalterável. Machado de Assis, apesar da sua habitual discrição de atitudes e de palavras, sabia tratar os amigos com extremos de ternura e delicadeza. Ele não temia entregar a alma e o coração às pessoas a quem queria bem: cultivava-lhes a confiança e a amizade com uma assiduidade afetuosa e vigilante.¹²²

¹¹⁶ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 7.

¹¹⁷ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900, *passim*.

¹¹⁸ ARANHA. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores, p. 54.

¹¹⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 226 e 240. Cf., também, ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores, p. 28 e 81.

¹²⁰ MACHADO. *Dicionário de machado de Assis*, p. 334.

¹²¹ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 51.

¹²² PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*, p. 49.

Como exemplo da atenção dispensada por Machado aos amigos, Peregrino Júnior lembra o missivista que, mesmo em face da distância física, opunha-se ao esquecimento das boas relações construídas.¹²³ Com efeito, a correspondência ativa e passiva de Machado de Assis testemunha a favor de um escritor consciente de sua participação em uma rede social e simpático aos projetos alheios. A edição da correspondência machadiana publicada sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras entre 2008 e 2015, em cinco tomos – a única preparada até hoje com pretensão à completude –, soma 1.178 itens, entre cartas, cartões-postais, *cartes de visite* e telegramas.¹²⁴ É possível que, em acervos públicos ou na mão de particulares, encontrem-se ainda documentos inéditos, haja vista o número e a assiduidade das relações que Machado cultivou.¹²⁵ Convém inferir que dificilmente esse escritor teria se tornado um dos grandes missivistas da literatura brasileira se não primasse pela amabilidade e pela polidez em suas relações.

Provavelmente, foi em parte pela importância que dava à harmonia na convivência social que Machado restringiu, na maturidade, sua participação em polêmicas – receoso, talvez, de ofender a alguém, ainda que involuntariamente. Ubiratan Machado, em estudo sobre a vida literária brasileira no período romântico, dedica todo um capítulo às polêmicas, uma prática bastante comum, na qual se envolveram nomes como José de Alencar, Tobias Barreto, Castro Alves e Gonçalves Dias. O gênero era popular, “refletia a avidez do público brasileiro por qualquer novidade que fugisse à monotonia e pobreza do noticiário da imprensa, mas sobretudo seu gosto pelo escândalo”.¹²⁶ O jovem Machado de Assis demonstrou boa disposição para polêmicas, muito embora nunca se tenha rebaixado à troca de desaforos. Decerto, as truculências jamais foram uma exigência do gênero; a polêmica podia ser leal, desde que todos os envolvidos tivessem acesso à divulgação do texto na imprensa e a linguagem se abstinhasse de “convícios e grosseiras chocarrices”.¹²⁷ Para o jovem escritor, ainda não tomado pelo que seria comumente conhecido como o “tédio à controvérsia” da maturidade, o debate propiciado pelas polêmicas servia “como auto-afirmação. Resoluto, utilizando uma argumentação sólida,

¹²³ PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*, p. 49-50.

¹²⁴ ROUANET. Apresentação, p. VIII.

¹²⁵ De fato, já foram encontrados alguns documentos. Após a publicação do que seria o último tomo da *Correspondência* de Machado de Assis, em 2015, divulgou-se a existência de dez cartas e dois cartões de visita inéditos dirigidos a José Veríssimo, além de uma carta, que também escapou à *Correspondência*, enviada a Machado por Sousa Bandeira (cf. PLATONOW. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras; SERGIO PAULO ROUANET fala sobre a coletânea “Correspondência de Machado de Assis”).

¹²⁶ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 239.

¹²⁷ RIBEIRO. Da nacionalidade da literatura brasileira, p. 45.

sabia esgrimir com muita habilidade suas opiniões e colocar a ponta da espada no peito do adversário”.¹²⁸

Em diversas ocasiões, o jovem Machado se envolveu em polêmicas, mostrando que se importava com a opinião de seus pares e desejava contribuir para um livre debate de ideias. A título de exemplo, citam-se aqui duas ou três dessas ocasiões. Em 1858, antes dos vinte anos, participou da questão em torno dos cegos, proposta pel’*A Marmota* (jornal de “modas e variedades” editado por Francisco de Paula Brito) com o seguinte mote: “*Qual dos dous Cegos mais sente / O penoso estado seu: / O que cegou por desgraça, / O que cego já nasceu?*” Para Machado, mais desgraçado seria o cego de nascença, pois, “[s]em ter o gôzo do cego por desgraça, que vê em parte pelos olhos do espírito, êle não pode fazer uma idéia exata dos objetos que lhe apresentais; e conseqüentemente não pode compreender-vos [...] pelo exercício dos outros sentidos ou faculdades”.¹²⁹ Polemizaram com Machado, defendendo ideia contrária à sua, Jq. Sr. (identificado depois como Joaquim Serra), Alcipe e A. (não há consenso entre os estudiosos sobre as identidades desse pseudônimo e da inicial). Machado foi o único a defender a posição de que o cego de nascença é mais infeliz. Serra, anos depois, se tornaria amigo do opositor, com quem travou um debate firme, mas sempre respeitoso. Em 1861, o tema da polêmica, travada com Macedo Soares, seria a proteção governamental ao teatro.¹³⁰ Alguns anos depois, quando teria sido questionada a moralidade do seu conto “Confissões de uma viúva moça” (1865), Machado não temeria a participação em mais um debate, ainda que tenha sido simulado, não temendo ter seu nome associado à prática das polêmicas.¹³¹ Lembrando situações em que o escritor fluminense não temeu expor suas ideias, mesmo sob o risco de gerar contrariedades – como a conhecida crítica de 1878 a Eça de Queirós em torno da adesão do romancista português ao realismo –, Agripino Grieco afirmou: “Não sei converter num elemento burguês, num valor oficial, num medalhão, o espírito mais livre, mais voltairiano que

¹²⁸ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 242.

¹²⁹ ASSIS. *Dispersos de Machado de Assis*, p. 50 e 53, grifo do original. Nos *Dispersos* encontram-se transcritos todos os textos participantes da polêmica.

¹³⁰ Cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 271.

¹³¹ A polêmica em torno a “Confissões de uma viúva moça” ocupou os apêditos do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro* de 1º de abril a 3 de maio de 1865 e compõe-se de textos assinados por “O Caturra”, “J.”, “Machado de Assis”, “Uma mãe de família” e “Sigma”. Magalhães Júnior argumenta, baseando-se, entre outros pontos, na ausência de obscenidades na referida narrativa e no aparecimento das publicações a pedido justamente quando saíam novos números do *Jornal das Famílias*, revista que publicava o conto de forma seriada, que essa controvérsia consistiu mais num artifício de publicidade, “hábil propaganda, destinada a chamar a atenção das leitoras e leitores” para a revista, do que numa polêmica de fato. As despesas com os apêditos devem ter sido pagas pelo editor do *Jornal das Famílias*, sugere Magalhães Júnior, para quem, “[c]om tal publicidade, lucraram” não somente a revista e seu editor como também “o próprio Machado de Assis, em evidência bastante acentuada desde a publicação das *Crisálidas* [...] no ano anterior” (MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 376 e 380).

nosso país já produziu, incapaz de venerar a religião, o patriotismo, a família, o Exército, o Parlamento e o resto, sem excluir o próprio Cristo”.¹³²

Em sua atividade como crítico, Machado não temeu a polêmica. Talvez o melhor exemplo disso seja o ensaio “A nova geração”, divulgado em dezembro de 1879 na *Revista Brasileira*. Tal publicação, em que faz uma análise valorativa de poetas contemporâneos seus, quase todos eles vivos, feriu susceptibilidades e lhe renderia o desafeto de um intelectual como Sílvio Romero, cujos *Cantos do fim do século* (1878), no parecer de Machado, “não dão a conhecer um poeta”.¹³³ Se ao longo de sua trajetória não se envolveu em mais polêmicas, talvez uma explicação esteja em artigo publicado em 16 de março de 1858 pel’*A Marmota*, quando da participação de Machado na polêmica dos cegos. Por ter demorado algum tempo para responder seu opositor, justifica a falta dizendo que ocupa as “horas vagas” com a conclusão de trabalhos literários.¹³⁴ Machado parece ter apreciado a polêmica, o que contraria a propagada da imagem do escritor entediado com a controvérsia. Mais forte que esse gosto, no entanto, era a convicção de que valeria mais entregar-se à composição de obras que exigem mais fôlego e energia criativa – em outras palavras, obras mais “duradouras” e menos presas ao tempo.

Mesmo uma biógrafa como Lúcia Miguel Pereira, que insiste em caracterizar o adolescente Machado como “pequeno, gago, esquivo, pouco comunicativo”, concordaria com Agripino Grieco quando este fala do espírito livre do escritor. Se Joaquim Maria foi um “molequinho feio, de camisa de riscado e pés no chão”, como quer a biógrafa, também é certo que “os moleques têm mil manhas, sabem escutar às portas, esgueirar-se pelos corredores, esconder-se nos desvãos escuros”.¹³⁵ Fosse o jovem Machado, efetivamente, o adolescente ensimesmado que querem alguns de seus biógrafos, ainda mais difícil seria explicar o fato de que, muito novo, começou a colaborar na imprensa, e com regularidade – aos quinze anos, publicou o soneto “À ilma. sra. D. P. J. A.” no *Periódico dos pobres*. A maioria dos biógrafos tem explicado a inserção precoce de Machado no mundo das letras com termos como “pertinácia” e “curiosidade natural”.¹³⁶ Jean-Michel Massa, que empreendeu pesquisas em vários acervos a fim de compreender a juventude do escritor, concluiu ser impossível “traçar um retrato completo da criança ou do adolescente que um dia foi Machado de Assis”, tratando como “bastante misteriosos” os anos 1850-1854.¹³⁷

¹³² GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 6.

¹³³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1247.

¹³⁴ ASSIS. *Dispersos de Machado de Assis*, p. 63.

¹³⁵ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 42, 34 e 42, respectivamente.

¹³⁶ Cf. PONTES. *A vida contradictoria de Machado de Assis*, p. 40.

¹³⁷ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 80.

Malgrado a carência de informações, o que chegou até nós sobre esse período deixa evidente que, desde cedo, foi a sociabilidade característica fundamental da trajetória de Machado de Assis. Na *Marmota Fluminense*, folha dirigida por Paula Brito, está a maior parte de sua juvenília. Era Paula Brito um admirável animador da vida literária, reunindo em sua livraria “todos os intelectuais do momento”.¹³⁸ Para Jean-Michel Massa, era um idealista – “e foi um benefício para a literatura brasileira o fato de que a ele tenha faltado realismo; sem um grão de fantasia ele jamais teria a audácia de acolher e lançar tantos poetas e escritores”.¹³⁹ Paula Brito possibilitaria ao jovem Machado o convívio com escritores, jornalistas, artistas e políticos. Afora lhe ter dado espaço em sua folha periódica, acolheu-o num grupo de intelectuais que regularmente se reunia em sua loja no antigo Largo do Rocio para falar de literatura, principalmente poesia e teatro – era a Sociedade Petalógica. Havia no Rio de Janeiro da década de 1850 outras sociedades, políticas ou patrióticas, mas a Petalógica, fundada em 1853, era, então, “única no gênero”.¹⁴⁰ Ao tomar parte nessa grei, em que só não era permitido “ficar triste ou discutir política”,¹⁴¹ o principiante Machado

encontrava um grupo já constituído, com hábitos, usos, e também com os seus cacoetes. [...] Pelos seus contatos diários com os jovens ou com as pessoas mais idosas ou mais avançadas do que ele na carreira das letras, Machado de Assis progrediu mais rapidamente. Conheceu um meio bem diferente do que havia até então conhecido.¹⁴²

Em crônica de 24 de dezembro de 1861, lembrando a perda de Paula Brito, morto naquele ano, Machado recordou o fato de ter conseguido o editor d’*A Marmota* “a estima geral”, reunindo em torno de si “todas as simpatias”. Segundo o cronista, era Paula Brito mais que um homem tolerante com os adversários, “[e]ra também amigo, era sobretudo amigo. Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava, estendia-lhe quanto podia a sua proteção”.¹⁴³ Na sociedade literária criada e incentivada por Paula Brito, pôde Machado estreitar os laços com pelo menos dois integrantes da mocidade portuguesa radicada no Rio, Francisco Gonçalves Braga e Augusto Emílio Zaluar.¹⁴⁴

¹³⁸ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 50.

¹³⁹ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 84.

¹⁴⁰ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 85.

¹⁴¹ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 265.

¹⁴² MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 85.

¹⁴³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 41.

¹⁴⁴ Cf. ROSSO. *Machado de Assis e os portugueses*.

Não foi Paula Brito o único a proteger o desconhecido Joaquim Maria. Acolhido e encorajado por uma “república de amigos”,¹⁴⁵ Machado de Assis participaria, ainda na década de 1850, do grupo formado em redor do advogado, poeta e político baiano Caetano Alves de Sousa Filgueiras, outro animador da vida literária. Como aponta Magalhães Júnior, movimentavam o escritório de Filgueiras não tanto as “lides forenses”, mas as tertúlias em que acolhia os “moços de talento”.¹⁴⁶ No escritório localizado na rua de São Pedro, Machado e seus primeiros confrades de versos podiam falar de tudo – “de Deus, de sonhos, do amor, de poesia, de música, de pintura”.¹⁴⁷ Entre esses primeiros amigos de Machado, reunidos, conforme a expressão de Magalhães Júnior, num “singular cenáculo literário”, estavam, naturalmente, brasileiros – Casimiro de Abreu, Teixeira de Melo, Macedo Júnior (o Macedinho) e o próprio Filgueiras –, mas a presença portuguesa ainda se fazia notar com a participação assídua de Gonçalves Braga e a esporádica de Augusto Emílio Zaluar.¹⁴⁸

Mesmo quando Machado se entusiasmou com a chegada ao Rio de Janeiro, em 1858, de Charles Ribeyrolles, escritor e jornalista francês – exilado político, Ribeyrolles “iria ter profunda influência na formação intelectual” do escritor brasileiro¹⁴⁹ –, não se afastou dos companheiros portugueses; no grupo formado em torno do proscrito francês, que o chamava “*mon cher Machadô*”, aprofundaria o diálogo estabelecido com Augusto Emílio Zaluar, Reinaldo Carlos Montoro e Francisco Ramos Paz, todos eles figuras de relevo da colônia lusa. Com esses portugueses e os brasileiros Manuel Antônio de Almeida e José Remígio de Sena Pereira, Machado de Assis integraria a equipe de tradução do livro *Le Brésil pittoresque*, de Ribeyrolles, obra planejada pelo fotógrafo francês Victor Frond.¹⁵⁰

Durante a discussão a respeito do Machado gregário, foi impossível não mencionar nomes de portugueses que estiveram presentes em sua biografia, dado o papel que desempenharam como incentivadores da participação de Machado na vida literária. Isso, é preciso lembrar, em um período da nossa história literária relativamente próximo da emancipação política do país, período marcado em boa parte pelo antilusitanismo, pela rejeição aos valores culturais portugueses. Antonio Candido afirma que, nesse contexto, “agíamos, em

¹⁴⁵ MASSA. *A juventude de Machado de Assis*, p. 99.

¹⁴⁶ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 39.

¹⁴⁷ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 132.

¹⁴⁸ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 40; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 132. Cf., também, o prefácio – ou “Conversação preliminar” – escrito por Caetano Filgueiras para a primeira edição de *Crisálidas* (In: ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 595-599). Não confundir o rio-grandino José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, participante das reuniões no escritório de Caetano Filgueiras, com o itaboraiense Joaquim Manuel de Macedo, o famoso autor d’*A moreninha*.

¹⁴⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 107.

¹⁵⁰ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 179; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 298; ROSSO. Machado de Assis e os portugueses.

relação a Portugal, como esses adolescentes mal seguros, que negam a dívida aos pais e chegam a mudar de sobrenome”.¹⁵¹ Machado parece ter sido, então, “um dos poucos, senão o único, a valorizar a interação com a literatura portuguesa: não se tem referência [...] de igual tensão na obra de Gonçalves de Magalhães, José de Alencar ou dos demais românticos empenhados na afirmação de nacionalidade literária e cultural do Brasil”, escreveu Mauro Rosso.¹⁵² Espírito livre, o adolescente Machado mostrou-se “bem seguro” quanto à presença portuguesa em nossa vida literária – para ficarmos com a comparação estabelecida por Antonio Candido. Em razão da assiduidade das relações de Machado com os portugueses, impõe-se um exame mais aprofundado desses contatos.

¹⁵¹ CANDIDO. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*, p. 30.

¹⁵² ROSSO. Machado de Assis e os portugueses.

2 ENTRE PORTUGUESES

Acerca da sociabilidade de Machado, sabe-se que, sem sair das fronteiras de seu país, teve contato com sociedades literárias estrangeiras. Mesmo a Academia Brasileira, que, ao batizar suas quarenta cadeiras com “os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais”, indicava ser a tradição local “seu primeiro voto”, não ficou alheia ao convívio com outras literaturas.¹⁵³ Além das quarenta cadeiras reservadas para os brasileiros natos, a instituição já contava, desde seus primórdios, com vinte cadeiras destinadas a correspondentes estrangeiros. Ainda durante a presidência de Machado de Assis (1897-1908), foram eleitos os primeiros ocupantes dessas cadeiras – vinte escritores de doze nacionalidades, incluindo, entre outros, um russo, Liev Tolstói, e um polonês, Henryk Sienkiewicz. O país com maior representação entre os primeiros correspondentes foi Portugal, com quatro escritores: Eça de Queirós, Eugênio de Castro, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga, todos eleitos em 1898. Em segundo lugar aparecem França e Argentina, com três representantes cada.¹⁵⁴

O lugar dedicado a escritores de outros países – com destaque para os portugueses – na agremiação presidida por Machado de Assis é representativo da presença de estrangeiros na biografia do escritor. Nem é preciso ir muito longe para entender a ligação afetiva de Machado com muitos deles – basta considerar que as duas mulheres seguramente mais importantes de sua vida eram estrangeiras: a mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis (*née* Maria Machado da Câmara), portuguesa de Ponta Delgada, cidade da ilha de São Miguel localizada no arquipélago dos Açores, e a esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis, portuguesa do Porto. Deve ser lembrada também a madrinha de Joaquim Maria, a portuguesa D. Maria José de Mendonça Barroso Pereira, natural de Braga, dona da chácara no morro do Livramento em que nasceu o futuro escritor. Remonta aos tempos da infância, pois, a presença estrangeira na vida de Machado de Assis.

Era, por sinal, expressivo o número de imigrantes, de diversas nacionalidades, no Rio oitocentista. Segundo o censo demográfico de 1872, o primeiro realizado no país, a população do Rio de Janeiro era de 275 mil habitantes; desse total, 84 mil eram estrangeiros. Quando, em 1890, a população da cidade passa a 522 mil habitantes, continua alto o número de estrangeiros,

¹⁵³ A citação foi extraída do discurso inaugural da Academia Brasileira de Letras, proferido pelo presidente, Machado de Assis, em 20 de julho de 1897 (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1289).

¹⁵⁴ Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Anuário 2007-2011*, p. 43-46. Vale lembrar que mesmo entre os membros fundadores da Academia esteve um cidadão português, Filinto de Almeida, portuense que chegou ao Brasil com dez anos de idade (COUTINHO; SOUSA. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 1, p. 193).

124 mil, isto é, um quarto do contingente populacional.¹⁵⁵ A leva migratória mais numerosa em direção ao Brasil constituiu-se de portugueses,

perfazendo um total estimado em cerca de 1,9 milhão de pessoas aportadas entre 1822 e 1945. Tiveram também [os portugueses] a mais ampla difusão geográfica, entre os estrangeiros fixados no país. Num tempo em que se ofereciam subsídios para imigrantes, os portugueses detiveram a menor proporção de passagens subvencionadas pelo poder público ou por particulares, perfazendo o caso mais significativo de imigração espontânea no Brasil. Formaram, ainda, a corrente imigratória de mais longa ocorrência. A sua vinda, pequena nas primeiras décadas após a Independência, avolumou-se durante o Império e atingiu o apogeu na Primeira República, integrando a maciça transferência de europeus para a América ocorrida na época.¹⁵⁶

Em princípio, o Rio de Janeiro oferecia aos estrangeiros um ambiente intelectual bastante acolhedor. Wilson Martins, no terceiro volume de sua *História da inteligência brasileira*, dedicado ao período compreendido entre os anos de 1855 e 1877, documenta o aparecimento de periódicos diversificados e o desenvolvimento de técnicas tipográficas. Na percepção de uma folha lisbonense, a *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859-1865), esse ambiente propício às letras seria o indício de que, se o Brasil não possuía ainda uma literatura, contava já com um público literário. Para Wilson Martins, a existência desse público ultramarino explicaria “a enorme afluência de escritores portugueses, desconhecidos ou não, que se instalaram no Rio a fim de fazer a vida literária e jornalística”.¹⁵⁷

Sem embargo do exposto, é também conhecido o fato de que, no desejo de afirmação da nacionalidade nascente, muitos brasileiros foram tomados por um sentimento antilusitano, ávidos pela ruptura com o passado colonial. Em sua investigação sobre a condição dos imigrantes portugueses no Brasil, José Sacchetta Mendes destaca uma peculiaridade: ao mesmo tempo que detinha privilégios, como favorecimento na fixação em terras brasileiras e facilidades no processo de aquisição da nacionalidade, a colônia lusa foi alvo de inimizade e intolerância. Conforme o referido pesquisador, o antilusitanismo brasileiro seria mesmo “[c]ompreensível num contexto de tensão pós-colonial”, no entanto, não se restringiu aos anos próximos da emancipação política. Exasperou-se, acrescenta, em determinados momentos, “chegando à violência física no término do Primeiro Reinado (1822-1831) e durante a Primeira República (1889-1930). A lusofobia fez-se assim presente por mais de um século, em estado

¹⁵⁵ GUEDES; HAZIN. *Machado de Assis e a administração pública federal*, p. 11-12.

¹⁵⁶ MENDES. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*, p. 21.

¹⁵⁷ MARTINS. *História da inteligência brasileira: volume 3: 1855-1877*, p. 137.

manifesto ou de latência, veiculada em protestos e actos de hostilidade quotidiana”.¹⁵⁸ Com o século XX não viria à luz uma postura muito diferente – o movimento modernista, ao entender a herança portuguesa como um atraso, atualizará o sentimento antilusitano em alegorias e anedotas.¹⁵⁹ “Vistos como representantes da dominação colonial, que perdurou por trezentos anos, os imigrantes portugueses carregaram este fardo por muitos anos, dentro e fora dos livros”, escreveu o pesquisador Carlos Eugénio Soares.¹⁶⁰

Nem sempre era harmônica, portanto, a relação dos brasileiros para com os portugueses, e isso em várias áreas. Muitos dos imigrantes, por exemplo, encontraram no comércio uma possibilidade de mobilidade social, trabalhando como “caixeiros”, ou comerciários – atividade que dominavam e que lhes trouxe privilégios. Conforme Fabiane Popinigis, em um estudo sobre os trabalhadores do comércio carioca que abrange a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, os portugueses começavam a trabalhar jovens, sabiam ler e escrever e eram os preferidos dos negociantes compatriotas já instalados no Brasil, que não raro rejeitavam os nacionais. Aos jovens brasileiros restaria, com frequência, apenas o “odiado serviço militar”. Havia disputa de brasileiros e portugueses pelos postos de trabalho, bem como um flagrante descontentamento dos brasileiros em face das melhores condições de trabalho e maiores facilidades de ascensão social oferecidas aos portugueses.¹⁶¹

O quadro aí delineado, ainda na esteira de Popinigis, pode ter contribuído para a propagação do estereótipo do caixeiro português ardiloso.¹⁶² Essa imagem estaria presente, por exemplo, em *Morro Velho* (1999), romance do mineiro Avelino Fóscolo publicado mais de cinquenta anos após a morte do escritor. Ambientado nas Minas Gerais do século XIX, mais precisamente em Congonhas (atual Nova Lima), o romance de Fóscolo tem como um de seus personagens mais notáveis o comerciante Seu Morais, “português farto de banhas” que, recorrendo a meios ilícitos, incluindo a entrega de dinheiro falsificado, como troco, aos fregueses de sua loja – mas “[s]empre trombeteando probidade” –, veio a acumular “em alguns anos uma fortuna como nenhum negociante da praça o conseguira”.¹⁶³ O estereótipo do português inescrupuloso já havia tido papel fundamental na urdidura de um dos principais romances realistas brasileiros, *O cortiço* (1890). O eixo da narrativa de Aluísio Azevedo é ocupado justamente por um capitalista de origem lusitana, João Romão, o ganancioso dono da

¹⁵⁸ MENDES. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*, p. 17.

¹⁵⁹ MENDES. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*, p. 187-188.

¹⁶⁰ SOARES. *Dos fadistas e galegos: os portugueses na capoeira*, p. 688.

¹⁶¹ POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*, p. 33-34.

¹⁶² POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*, p. 33 e 74.

¹⁶³ FÓSCOLO. *Morro Velho: romance*, p. 39, 130-131.

habitação coletiva, taberneiro obstinado a ascender socialmente e a acumular fortuna, logrando dos alugueiros e da venda de mercadorias um lucro exorbitante. Para Antonio Candido, uma das diferenças significativas entre a trama de Aluísio e a de *L'Assommoir*, romance naturalista francês a que se filia o texto do brasileiro, residiria justamente no fato de que, ao contrário da sociedade francesa retratada por Émile Zola, em que o capitalista e o trabalhador já se encontravam afastados pelo processo econômico, no cortiço brasileiro ambos poderiam, com toda a adequação à realidade local, ocupar o mesmo espaço, coexistir intimamente, mantendo obviamente seus papéis de explorador econômico e explorado.¹⁶⁴ O que mais chama a atenção n'*O cortiço*, porém, é que a relação de exploração não vem acompanhada nem dum forte “sentimento de injustiça social” nem duma consciência da “exploração de classes”; antes, observa Candido, tal relação parece justificar sentimentos de

nacionalismo e xenofobia, ataque ao *abuso* do imigrante “que vem tirar o nosso sangue”. Daí a presença duma espécie de luta de raças e nacionalidades, num romance que não questiona os fundamentos da ordem. O roubo e a exploração desalmada de João Romão são expostos como comportamento-padrão do português forasteiro, ganhador de fortuna à custa do natural da terra, denotando da parte do romancista uma curiosa visão popular e ressentida de freguês endividado de empório.¹⁶⁵

É notório que muitos lusitanos vieram para o Brasil interessados em desenvolver aqui uma carreira literária, mas necessitavam, evidentemente, garantir a subsistência. Por mais que o Rio oitocentista fosse palco de uma efervescência cultural notável, o trabalho intelectual estava longe de ser bem remunerado, e “a literatura não constituía fonte de renda para ninguém”.¹⁶⁶ Como parte dos caixeiros portugueses tinha declaradas intenções artísticas e literárias, a rivalidade luso-brasileira não se restringiu à atividade comercial. A “classe caixeiral brasileira” – assim a chama Wilson Martins – sentia necessidade de afirmação intelectual perante a classe portuguesa. Ainda conforme esse estudioso, brasileiros e portugueses constituíam, então, “dois grupos rivais em tudo, desde o entusiasmo pelas prima-donas e pelas dançarinas do Alcazar até à maneira de vestir e aos círculos que frequentavam”. Paradoxalmente, um escritor brasileiro, Machado de Assis, “gravitava [...] na órbita da classe caixeiral portuguesa, na qual tinha todos os seus amigos”.¹⁶⁷

¹⁶⁴ CANDIDO. De cortiço a cortiço, p.126

¹⁶⁵ CANDIDO. De cortiço a cortiço, p. 131, grifo do original.

¹⁶⁶ BROCA. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*: vida literária e romantismo brasileiro, p. 288.

¹⁶⁷ MARTINS. *História da inteligência brasileira*: volume 3: 1855-1877, p. 210.

Há relatos de que Machado teria trabalhado como caixeiro, ainda que por pouco tempo; no entanto, diferentemente da “visão popular e ressentida” de Aluísio Azevedo – para recuperar a expressão usada por Antonio Candido –, não se encontra em sua ficção, pelo menos não de forma evidente, qualquer desaprovação aos trabalhadores portugueses do comércio carioca.¹⁶⁸ Mesmo na crônica, gênero compreendido como híbrido, interseção entre a literatura e o jornalismo, seria notável o desvelo de Machado para com a imagem do português. Nesse sentido, deve ter sido um desafio para ele tratar de um episódio que ocupou em boa medida o noticiário dos jornais fluminenses na segunda metade da década de 1880: a anulação do suposto testamento do português Custódio José Gomes, alcunhado Custódio Bíblia. Pelas descrições de Gomes que chegaram até nós, é possível especular o quão teria sido ele suscetível a pilhérias. Conforme o autor de *Machado de Assis desconhecido*, por exemplo, Custódio Bíblia era um

ricaço [...] que no fim da vida, em estado senil, tomou-se de crises místicas, lendo a Bíblia e fazendo prolongados jejuns. De uma feita, levou quase quatro meses praticamente sem alimentação. Vivia na maior sordidez, numa cama imunda, com lençóis sujos e colchões urinados. Emprestava dinheiro a juros, tinha um cofre cheio de letras e [...] fazia questão de vinténs. [...] Um dia, resolveu Custódio José Gomes [...] levar a cartório um testamento no qual dispunha de sua fortuna.¹⁶⁹

O restante da história é mais ou menos previsível: interesseiros, aproveitando-se da debilidade mental de Gomes, lograram falsificar o testamento, de forma que pudessem se beneficiar com ele após a morte do “velho maluco”, como o chama Magalhães Júnior. Um inquérito é aberto, prolongando-se por mais de um mês, período suficiente para que “os grupos que disputavam a gorda herança se injuria[ssem] terrivelmente pelos ‘A pedidos’ da *Gazeta de Notícias* e outros jornais...”¹⁷⁰ O cronista Machado de Assis não ficou alheio a essa agitação, referindo-se a Custódio José Gomes e às disputas em torno do testamento por diversas vezes. Na crônica da série “Bons dias!” de 30 de março de 1889, por exemplo, ironizando o tamanho do processo “do testamento do Bíblia”, fruto de um desmedido interesse na fortuna deixada pelo português, afirma que nem “[a] própria *Bíblia* (ambos os testamentos) [...] é tão

¹⁶⁸ Sobre a atuação de Machado como caixeiro, é preciso considerar, com Fabiane Popinigi, que essa ocupação abrangia funções bastante diversificadas: atendimento no balcão, organização dos itens vendidos, pesagem e embrulho das mercadorias, carregamentos, venda, entregas para os fregueses, cobranças, até mesmo a limpeza e a arrumação das pequenas lojas (POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*, p. 34-35). Segundo Araripe Júnior e Coelho Neto, o primeiro emprego de Machado foi em uma papelaria, na qual teria ficado por apenas três dias. Por pouco tempo teria também trabalhado como caixeiro na livraria de Paula Brito, antes de passar a revisor (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 57).

¹⁶⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 311.

¹⁷⁰ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 311.

grande”.¹⁷¹ O texto integralmente dedicado a essa questão, porém, já havia sido publicado a 7 de março de 1887, na série de crônicas em versos “Gazeta de Holanda”. Machado poderia ter aproveitado essa oportunidade para trabalhar o estereótipo do português avaro, ou, como escreveu Magalhães Júnior, lembrando o personagem de Molière, do “Harpagão luso”¹⁷². Entretanto, prefere colocar-se no lugar do português morto, num exercício de alteridade, para rir da miséria humana: “Se eu fosse aquele Custódio / Gomes ou Bíblia chamado”, assegura, “Pela luz que me alumia, / Juro, e mais que nunca, juro, / Que pesaroso olharia / Para este processo escuro. // Daria grandes palmadas, / Ao ler tantas testemunhas, / Tantas cousas encontradas, / Tantas mãos e tantas unhas.”¹⁷³ O passado do português – “Vejo escrito que fui meio / Maluco e unhas de fome” – é utilizado pelo cronista/poeta não para ridicularizar um pretenso padrão de comportamento lusitano, mas para desenvolver, sem apelos nacionalistas, o motivo do *carpe diem*.¹⁷⁴

Muito provavelmente, a compreensão da improdutividade do estereótipo do português velhaco na obra de Machado de Assis passa pela consideração de que alguns dos caixeiros portugueses atuantes no comércio carioca viriam a ser amigos próximos do escritor brasileiro, como Ramos Paz e Faustino Xavier de Novais. Pelo menos essa é a percepção de Agripino Grieco, para quem teria tido Machado “grande tolerância para muitos lusitanos de segunda ou terceira ordem do Rio”. Enquanto a intelectuais como Sílvio Romero e Graça Aranha agradava a convivência com o “pardo Tobias [Barreto]”, Machado de Assis

preferia os brancos Ernesto Cibrão e quejandos. Mostrou-se avêso a localizar portugueses em seus trabalhos de ficção, receoso talvez de acabar satirizando-os, o que poderia descontentar-lhe a esposa e os camaradas da colônia lusa. Fêz até espanhol o criado que maltrata o cachorro Quincas Borba. E, dada essa reserva, quantos tipos perdeu êle para a sua galeria de grotescos!¹⁷⁵

Descontada certa má vontade de Agripino, sua observação é interessante, pois, de fato, foram vários os portugueses que conviveram com Machado, durante toda a sua vida e, de forma especial, no período que vai de meados da década de 1850 até o início da década seguinte, quando o escritor viveu rodeado de portugueses – ou “cercado” deles, como prefere dizer Mauro

¹⁷¹ ASSIS. *Bons dias!*, p. 263.

¹⁷² MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 311.

¹⁷³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 657-658.

¹⁷⁴ “Ah! se em vez de andar coa sela / Na barriga a vida inteira, / Vida de meia tigela, / De poupança e de canseira, // ‘Vivesse à larga, comesse / Deliciosas viandas, / E cauteloso bebesse / Vinho de todas as bandas; // ‘Roupa fina, o meu teatro, / Uma ou outra vez berlinda / Moças, o diabo a quatro / Até a existência finda; // ‘Quem se lembraria agora / De mim? Dormia esquecido, / Sem chegar a voz sonora / Dos prelos ao meu ouvido.” (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 659).

¹⁷⁵ GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 117.

Rosso.¹⁷⁶ Referindo-se aos caixeiros portugueses, divididos entre o comércio e o pendor literário, Wilson Martins usa a expressão “primeiros amigos e camaradas de letras” de Machado de Assis.¹⁷⁷

Se os portugueses não aparecem como tipos na ficção de Machado, como observou Agripino Grieco, não é menos certo que a contribuição deles pode ser verificada em diversas outras características da produção literária do autor brasileiro: diálogos com autores, obras e temas frequentes da literatura portuguesa; diálogos com outras literaturas cujo conhecimento, muito provavelmente, foi facilitado a Machado pelos portugueses; o propósito de pôr em ação, na fatura literária, uma concepção de língua literária clássica, desviada da liberdade linguística defendida pelos românticos e mais próxima da língua utilizada pelos confrades de além-mar.

Os primeiros poemas que Machado publicou em jornais são um excelente exemplo do diálogo que iniciaria com a literatura portuguesa e levaria para toda a vida. Já na primeira folha na qual colaborou, o *Periódico dos pobres*, encontraria colegas portugueses, dentre os quais Francisco Gonçalves Braga (1836-1860) viria a ser, certamente, seu maior afeto. Para Jean-Michel Massa, Braga seria “o primeiro arco da ponte entre Machado de Assis e Portugal”, e, a amizade que o português nutriu pelo brasileiro, “a pedra angular de sua primeira cultura”.¹⁷⁸ Apenas três anos mais velho do que Machado, o português da cidade de Braga chegou ao Rio em 1854 para trabalhar no comércio, como caixeiro.¹⁷⁹ O trabalho não foi estorvo para que viesse a se dedicar à poesia, procurando manter acesa – juntamente com os compatriotas portugueses, caixeiros e poetas como ele – “a flama da literatura”.¹⁸⁰ Tuberculoso, veio a falecer aos 24 anos; apesar da morte prematura, foi o bastante para se tornar um poeta de “grande influência sobre Machado de Assis no início de sua carreira literária”, “seu primeiro mestre, seu primeiro modelo”.¹⁸¹

Na avaliação do pesquisador Marcelo Sandmann, foi a breve convivência com Machado de Assis que deu ao nome de Braga um lugar na história literária.¹⁸² Se foi mesmo breve tal convivência, nem por isso deixou de ser profícua. Conforme esclareceu Wilton Marques, nas primícias da carreira poética, “Machado de Assis praticamente gravitou em torno de Gonçalves Braga”. Menciona o estudioso que foi talvez pelo intermédio do amigo português que Machado

¹⁷⁶ ROSSO. Machado de Assis e os portugueses.

¹⁷⁷ MARTINS. *História da inteligência brasileira*: volume 3: 1855-1877, p. 137.

¹⁷⁸ Tradução livre. No original: “*A coup sûr, Braga est la première arche du pont jeté entre Machado de Assis et le Portugal et son amitié pour lui la clefvoûte (sic) de sa première culture*” (MASSA. Introduction, p. XXII, itálico do original).

¹⁷⁹ Cf. SOUSA. *Machado de Assis e outros estudos*, p. 19.

¹⁸⁰ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual, p. 99.

¹⁸¹ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual, p. 93 e 98.

¹⁸² SANDMANN. *Aquém-além-mar*: presenças portuguesas em Machado de Assis, p. 47.

viu em letras de fôrma, pela primeira vez, versos seus – o soneto dedicado “À ilma. sra. D. P. J. A.”, no *Periódico dos pobres* –, “uma vez que não parece ser o caso de mera coincidência histórica que, logo abaixo do soneto machadiano, viesse impresso o poema ‘O mendigo’, de Braga”. Além disso, ainda segundo Wilton Marques, foi possivelmente Gonçalves Braga, como colaborador da *Marmota Fluminense*, o responsável pela apresentação de Machado ao editor Paula Brito.¹⁸³

De diversas formas Braga se faz presente na juvenília machadiana. O poema “A palmeira”, datado de 6 de janeiro de 1855, é dedicado a ele, assim como “Saudades”, datado de 25 de fevereiro do mesmo ano. Os versos de “No álbum do sr. F. G. Braga”, publicados na *Marmota Fluminense* de 9 de outubro de 1855, denunciam um adolescente leitor da literatura portuguesa, conhecedor de seu cânone poético, dialogando com o “terno Bernardim [Ribeiro]”, o “divino” Almeida Garrett, o “famoso” e “imortal” Camões.¹⁸⁴ É bem provável que, como primeiro mestre na vida literária, tenha tido Braga papel fundamental para que Machado, desde cedo, desenvolvesse intimidade com esses e outros nomes das letras portuguesas. As epígrafes de vários dos poemas do adolescente Machado são de autores portugueses, como Almeida Garrett, João de Lemos, Carlos Augusto de Sá e o próprio Braga, que dessa forma comparece nos versos de “Ela”, “Saudades” e “A saudade”, todos publicados em 1855.

No poema “Ela”, os versos de Braga – “*Nunca vi, – não sei se existe / Uma deidade tão bela, / Que tenha uns olhos brilhantes / Como são os olhos dela!*”¹⁸⁵ – parecem funcionar como um mote que, desenvolvido logo abaixo, seria décadas depois retomado e problematizado, num alcance bem maior, na poética do olhar presente em *Dom Casmurro* (1899). Em “Saudades”, por sua vez, escrito durante a ausência de Braga, que procurava “melhorar de vida, num lugar qualquer, talvez próximo, talvez distante” do Rio de Janeiro,¹⁸⁶ o poeta dirige-se ao amigo, pedindo a ele que receba seu canto, suas “orvalhadas de pranto”. Nessa manifestação de amizade, o biógrafo Gondin da Fonseca, em seu esforço por utilizar a teoria psicanalítica na análise literária, chegaria a identificar em versos como os seguintes a manifestação de “certa homossexualidade (*sic*)”¹⁸⁷:

Saudade! bebi na taça
O fel amargo da dor;
Quis horrífica desgraça

¹⁸³ MARQUES. As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro, p. 19.

¹⁸⁴ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 681-682.

¹⁸⁵ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 666.

¹⁸⁶ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 41.

¹⁸⁷ FONSECA. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*, p. 98.

Que não te visse, cantor;
Dei de rojo o corpo ao leito.
Sufoquei a dor no peito!

Adeus... não pode minh'alma
Entre suspiros cantar;
Minha dor somente acalma
Se ouvir teu doce trovar,
Que entre o fel, que o peito traga.
Um nome me adoça, é BRAGA.¹⁸⁸

Por certo, o traço mais evidente da presença portuguesa na poesia de Machado de Assis encontra-se no plano linguístico. Diversos exemplos dessa aproximação com o português falado além-Atlântico poderiam ser dados. As formas “f’rido”, presente no poema “A saudade”, e “f’licidade”, encontrada na composição “Saudades”, indicam, por meio do apóstrofo, a redução ou mesmo a supressão da vogal pretônica, fenômeno generalizado no português de Portugal desde o século XVIII, mas estranho à fala brasileira, em que as vogais em posição semelhante tendem a ser audíveis.¹⁸⁹ Em um poema de 1856, “A minha musa”, Magalhães Júnior assinala a rima de “livre” com “Tibre” – “influência, certamente”, escreve o pesquisador, “da prosódia materna, sempre presente” nas lembranças de infância de Machado de Assis, “bem como do [seu] convívio com portugueses”.¹⁹⁰ A pronúncia lusitana seria sugerida, ainda, no próprio nome do escritor brasileiro, em algumas das formas escolhidas por ele para assinar seus trabalhos: “J. M. M. d’Assis”, assinatura usada entre os anos de 1855 e 1857; “Machado d’Assis”, bastante recorrente entre os anos de 1857 a 1859 e utilizada poucas vezes depois; “J. M. Machado d’Assis”, forma utilizada uma vez em 1858; “M. d’A.”, assinatura utilizada duas vezes em 1859.¹⁹¹ A elisão da vogal átona /e/, evocando o sotaque lusitano, mostra bem o quanto o ouvido de Machado se acostumou aos processos fonéticos específicos do português europeu.

A amizade de Machado por Ernesto Pego de Kruger Cibrão (1836-1919), português de Valença do Minho, também teve início na juventude de ambos, mas, diferentemente do que ocorreu no tocante às relações de Machado com Braga, o contato com Cibrão permaneceria por toda a vida do escritor brasileiro. Como Braga, Cibrão ingressou no comércio desde a chegada ao Rio de Janeiro. Um ano depois (1859), entrou na equipe de colaboradores d’*O Espelho*,

¹⁸⁸ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 669.

¹⁸⁹ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 667, 668 e 697. Para um contraste fonético entre o português europeu e o português americano, cf. CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 43-63.

¹⁹⁰ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 37

¹⁹¹ Cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 174, 198 e 201.

vindo a conhecer Machado de Assis. A atividade na imprensa e no teatro os uniu por diversas vezes, desde 1859, ano em que

Machado criticou-lhe a peça “Luís”, em *O Espelho* (2 de outubro de 1859), crítica na qual o sentimento de amizade predomina sobre o rigor crítico. Pouco depois, na mesma seção, incluiu poesia do amigo em louvor de Gabriela da Cunha. Cibrão foi um dos intérpretes da comédia machadiana “Quase ministro”, representada em casa de Manuel de Melo, em 1863. Dois anos mais tarde, Machado referiu-se à sua peça “Os Voluntários”, de maneira rápida (*Diário do Rio de Janeiro*, 25 de abril de 1865). Machado redigiu para uma obra do amigo, o romance *A casa de João Jacques Rousseau* (1868), o seu primeiro prefácio.¹⁹²

Com os amigos portugueses, Machado pôde participar de alguns “diálogos em versos”, o que lhe permitiu não só praticar diversos metros e estudar recursos poéticos como também atestar sua inserção em um grupo intelectual distinguido pela amabilidade e pela admiração mútua. Em 1855, a *Marmota Fluminense* já havia dado lugar a um desses colóquios – os versos de Machado escritos “No álbum do sr. F. G. Braga” inspirariam ao amigo português homenageado os versos de “Ao senhor J. M. M. d’Assis (em resposta)”, em que pergunta, reconhecido: “Com que expressões eu hei de agradecer-te / Meu bom e caro amigo, / Os versos sonoros com que honraste / A minha estéril musa?”¹⁹³ Quando publicou *Crisálidas*, em 1864, Machado transpôs para sua estreia poética em livro o diálogo anteriormente estabelecido com o satírico português Faustino Xavier de Novais nas páginas da revista *O Futuro*. Após seu poema “Aspiração (A F. X. de Novais)”, não receou tornar acessível a um público maior e mediante um suporte mais duradouro (o livro) a resposta mordaz do confrade português, “Embriração (A Machado de Assis)”.¹⁹⁴ Em 1870, quando publicou *Falenas*, seu segundo livro de poesia, Machado enfeixou nele “Flor e fruto”, de Ernesto Cibrão, escrito em resposta a “Menina e moça”, poema que Machado dedicara ao confrade português. Na nota que antecede a reprodução do poema de Cibrão, Machado o chama de “talentoso amigo” e comenta que “vale a pena escrever de *meninas e moças*, quando elas produzem estas *flores e frutos*”.¹⁹⁵

Aplicando-se com afinco aos negócios, Cibrão prosperou financeiramente e conquistou uma condição de prestígio na colônia portuguesa. Teve um futuro, assim, bem distinto do que

¹⁹² MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 77. Cibrão escreveu no exemplar d’*A casa de João Jacques Rousseau* oferecido ao prefaciador: “A Machado de Assis prova de velha e não desmentida amizade o auctor” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado vive: dedicatórias*, p. 20).

¹⁹³ O poema de Gonçalves Braga foi transcrito por Jean-Michel Massa em obra dedicada à recolha de textos esparsos de Machado (ASSIS. *Dispersos de Machado de Assis*, p. 22).

¹⁹⁴ Cf. ASSIS. *Chrysalidas: poesias*, p. 65-74.

¹⁹⁵ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 654.

teriam muitos dos compatriotas que vieram tentar a sorte no Brasil: não foi vitimado pela tuberculose, a “doença do século”, nem sucumbiu à loucura ou ao alcoolismo.¹⁹⁶ Isso permitiu a Cibrão, mesmo após abandonar as letras, influir, de alguma maneira, nos rumos da literatura e da vida literária do Machado de Assis da maturidade.

Em 1890, como diretor da Companhia Pastoril Mineira, Cibrão foi o anfitrião da visita de Machado de Assis a Minas Gerais. O objetivo da viagem, organizada por Cibrão e por outro velho amigo português de Machado, Antônio Martins Marinhos, era conhecer as fazendas da Companhia, localizadas na estrada de Benfica – próximo a Juiz de Fora – e em Três Corações. Como um ponto de conexão entre esses dois lugares, foi incluída no roteiro a cidade de Barbacena. Dessa viagem participaram também a esposa do escritor, Carolina Xavier, e a família do barão Rodrigo Smith de Vasconcelos. Foi a primeira e a única vez que saiu de seu estado natal o escritor “sedentário, absorvido pela rotina de uma repartição federal, cuja viagem mais longínqua fora a Friburgo”.¹⁹⁷ Seria, sem dúvida, forçar a nota atribuir à presença portuguesa o interesse do escritor fluminense por Minas Gerais. Ubiratan Machado já escreveu que, desde jovem, “Machado se preocupava com a diversidade de caracteres regionais que compõem o caráter nacional brasileiro” e, “[e]ntre todos, demonstrou especial simpatia por Minas Gerais e seus habitantes”. Mas também é notável, na leitura de *Quincas Borba*, romance em folhetins que Machado publicava n’*A Estação* (1886-1891), que a viagem a Minas, propiciada por amigos portugueses, determinaria um tratamento diferente à cidade de Barbacena. Recriada ficcionalmente nas páginas do romance, Barbacena tornar-se-ia “início e fim do drama de Rubião, cujo destino preside, como uma entidade mítica”. Antes da viagem a Minas, no entanto, Barbacena não passava de uma “referência geográfica, escolhida talvez ao acaso entre numerosas outras cidades mineiras”.¹⁹⁸

Cibrão esteve, em pelo menos três ocasiões, entre os que ensinaram a Machado de Assis a redação de versos de circunstância. Algum tempo antes de 1874, o autor de *Falenas* compôs o soneto iniciado por “Caro Rocha Miranda e companhia,” em que se dirige também a “Muzzio, Melo, Cibrão, Arnaldo e Andrade, / Enfim, a tôda a mais comunidade”; nesse poema, “[m]anda saudades o Joaquim Maria”, pede compreensão pela ausência, justificada por um trabalho em elaboração, “de grande seriedade”, e promete para a segunda-feira próxima “[m]ais uma canja e menos um sonêto.” Em 1891, quando amigos ofereceram a Cibrão uma estatueta de Apolo, Machado a fez acompanhar do soneto iniciado pelo verso “Entra cantando, entra cantando,

¹⁹⁶ Cf. MASSA. Introduction, p. XIX; MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 2, p. 323.

¹⁹⁷ MACHADO. A viagem de Machado de Assis a Minas e o *Quincas Borba*, p. 301.

¹⁹⁸ MACHADO. A viagem de Machado de Assis a Minas e o *Quincas Borba*, p. 289, 301 e 289, respectivamente.

Apolo!”, que permaneceu inédito até 1932. Nesse poema, assegura ao deus das artes: “Aqui verás alegre a casa e a gente, / Os adorados filhos, – terno e brando / Consôlo ao coração que os ama e sente.” Em 1895, o presenteado seria Machado de Assis, que ganhou de alguns amigos – entre eles, Cibrão – a tela *A dama do livro* (1882), do pintor italiano Roberto Fontana. Contemplando a formosa e silente “dama ruiva e descansada” do quadro de Fontana, o poeta, em “Soneto circular”, relata o momento em que, “[d]a fina tela”, a dama “se despega e anda, / E diz-me: ‘Horácio, Heitor, Cibrão, Miranda, / C. Pinto, X. Silveira, F. Araújo, // Mandam-me aqui para viver contigo.’ / Ó bela dama,” responde, “a ordens tais não fujo. / Que bons amigos são! Fica comigo.”¹⁹⁹

Ainda na vida literária do escritor consagrado Machado de Assis, estaria Ernesto Cibrão presente. Com a intercessão do amigo, que já ocupara por duas vezes o cargo de presidente do Gabinete Português de Leitura – de 1877 a 1878 e de 1894 a 1899 –, Machado obteve nessa instituição um lugar para a realização de reuniões da Academia Brasileira de Letras, que ainda não possuía sede própria.²⁰⁰ Em carta de 26 de junho de 1900, Machado agradeceria a Cibrão “a presteza e a boa vontade” com que seu pedido foi atendido.²⁰¹ Ao todo, cinco sessões solenes da Academia seriam realizadas no Gabinete, entre os anos de 1900 e 1904. Nessas sessões, ocorreriam

as investiduras acadêmicas de Domício da Gama e de Afonso Arinos; o elogio de Varnhagen, feito por Oliveira Lima e o elogio de Gonçalves Dias, feito por Olavo Bilac, na presença do presidente Campos Sales e ainda a leitura da peça *O contratador de diamantes*, de Afonso Arinos, na presença do embaixador de Portugal. Com exceção da última [sessão], que transcorreu no “salão nobre do andar superior”, foram realizadas “no grande salão da biblioteca”.²⁰²

De per si, o Gabinete Português de Leitura (Real Gabinete Português de Leitura, a partir de 1906), biblioteca e instituição cultural criada por um grupo de imigrantes no Rio de Janeiro em 1837, foi um elemento fundamental da presença lusitana na vida de Machado de Assis. Na verdade, as reuniões da Academia realizadas nessa instituição seriam apenas a culminância de uma intensa vivência de sociabilidade intelectual, iniciada ainda na adolescência de Machado.

¹⁹⁹ Na transcrição dos versos citados nesse parágrafo, utilizou-se a edição preparada por Galante de Sousa (ASSIS. *Poesia e prosa*, p. 73, 68 e 70-71, respectivamente). Conforme observa Galante, na nota que sucede ao poema iniciado pelo verso “Caro Rocha Miranda e companhia,” (p. 74), é possível que o “Melo” lá referido seja Manuel de Melo.

²⁰⁰ Cf. carta de Ernesto Cibrão a Machado de Assis, datada de 25 de junho de 1900, comunicando a aquiescência do Gabinete em abrigar as reuniões (ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900, p. 480).

²⁰¹ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900, p. 481.

²⁰² SANTOS. Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura, p. 135. Levantamento feito pela pesquisadora Gilda Santos a partir das atas das reuniões.

Gilda Santos, autora de um estudo sobre as relações desse escritor com o Gabinete, lembra que a biblioteca oferecia serviços úteis “aos leitores contumazes e financeiramente pouco favorecidos, muitos deles ‘caixeiros’ do comércio, mas com pendores para as letras”.²⁰³ Inicialmente, ser sócio do Gabinete era um sinal de distinção entre os membros da colônia portuguesa; aos brasileiros, era proibido o ingresso na biblioteca. Logo, no entanto, desapareceria esse “elitismo, misturado a um sentimento de xenofobia”, e o Gabinete passaria a ser aberto ao público português e brasileiro.²⁰⁴ Machado se inscreveria como sócio da biblioteca na década de 1850, passando a frequentar assiduamente sua sala de leitura. Lá, dedicaria numerosas horas do dia à meditação e ao estudo, além de poder pegar livros emprestados.²⁰⁵

De 1850 a 1887, o Gabinete Português localizou-se na rua dos Beneditinos, n. 2, e oferecia um horário de atendimento generoso – das oito da manhã às nove da noite. As portas abertas do Gabinete possibilitaram ao jovem Machado, destituído de recursos financeiros e desde cedo atuante na imprensa e no mercado de trabalho, o acesso a um formidável acervo:

Contando com o apoio da poderosa colônia lusa, que dominava então o comércio carioca, o Gabinete adquiriu importantes códices, edições clássicas dos séculos XVI ao XVIII, além de obras contemporâneas, à medida que iam sendo editadas em Portugal. Em 1860, contava com 33 mil volumes, que dez anos depois haviam sido acrescidos de mais 10 mil. Administrada de forma dinâmica, reuniu também uma inestimável hemeroteca carioca.²⁰⁶

Eram poucas as bibliotecas públicas no Rio de Janeiro da época. Se for exato o depoimento de Artur Azevedo, segundo o qual os estudos formais de Machado foram irregulares, baseados mais no autodidatismo que nas lições de professores, fica patente que o Gabinete teve o importante papel de assegurar ao jovem escritor um contato íntimo com diversos livros e autores, contato imprescindível para que se tornasse, depois, um autor tão famoso pelos diálogos intertextuais que suscita em suas obras.²⁰⁷

O pesquisador Ernesto Rodrigues, em *Cultura literária oitocentista*, lembra que, para o escritor português Mendes Leal, o elevado número de gabinetes de leitura difundidos por diversas províncias do Império era “[a] melhor indicação [...] de que os portugueses estabelecidos no Brasil não pensavam só em granjear fortuna, mas também cultivavam o

²⁰³ SANTOS. Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura, p. 133.

²⁰⁴ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 203

²⁰⁵ GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 117; MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 204.

²⁰⁶ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 203.

²⁰⁷ SANTOS. Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura, p. 134. Para o texto de Artur Azevedo, v. GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 401.

espírito”. Nas palavras do autor d’*A herança do chanceler*, comédia cuja estreia em palcos brasileiros fora noticiada por Machado na crônica de 30 de novembro de 1862, os gabinetes de leitura seriam “não unicamente arquivos mudos, mas arenas de uteis certames”.²⁰⁸

Em carta, datada de junho de 1884, dirigida a Luís de Faro, integrante da diretoria do Liceu Literário Português, reconheceria Machado o meritório trabalho dos portugueses no Novo Mundo – de forma especial, no que concerne à fundação e à manutenção de instituições culturais:

Louvar o ardor com que eles [os portugueses] se organizam em associações de beneficência, de leitura e de ensino, a tenacidade dos seus esforços, a dedicação de todos, constante e obscura, com os olhos no bem comum e no lustre do nome coletivo, é dizer, e menos bem, o que em todos os tempos se tem escrito, pouco depois que o Brasil se separou da mãe-pátria para continuar na América o que a nossa língua produziu na Europa.

Não é menos sabido, – e, porventura, é ainda mais notável, no que respeita às associações de ensino e leitura, – que todos esses esforços e trabalhos saem das mãos de uma classe de homens, geralmente despreocupada da vida mental. Tem-se efetiva e constante a incompatibilidade do ofício mercantil com os hábitos do espírito puro; os portugueses na América não raro mostram que as duas coisas podem ser paralelas, não inimigas, – que há um arrabalde em Cartago para uma aula de Atenas.²⁰⁹

O Gabinete Português permitiria a Machado a leitura acurada dos clássicos lusitanos, como Gil Vicente, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, João de Barros e Luís de Camões. O estudo desses autores no período da formação trará um impacto considerável a toda a produção literária de Machado. Camões, por exemplo, tem, na expressão de Marta de Senna, uma “quase onipresença” na obra machadiana – “individualmente, creio que somente Shakespeare e Homero são numericamente mais presentes”.²¹⁰ Justificando determinadas escolhas linguísticas em textos seus, Machado não raro recorre à autoridade dos clássicos: quando questionado pelo uso do vocábulo “reproche” em *Papéis avulsos* (1882), mostra, recorrendo ao dicionário de Antônio de Moraes Silva, que o mesmo vocábulo poderia ser encontrado nas obras de Duarte Nunes de Leão e Francisco Manuel de Melo.²¹¹ María de la Concepción Piñero Valverde,

²⁰⁸ RODRIGUES. *Cultura literário oitocentista*, p. 21. A citação de Mendes Leal foi recolhida por Ernesto Rodrigues no primeiro fascículo d’*A América* (Lisboa, jan. 1868, p. 3). Em nota na página 33, o pesquisador da Universidade de Lisboa complementa: “Para o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro [...] já seria suficiente galardão ter-se educado, e feito escritor, no seu espaço, um Machado de Assis...” (RODRIGUES. *Cultura literário oitocentista*, p. 33).

²⁰⁹ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889, p. 272. A carta é, na verdade, dirigida a “Meu amigo”; a identificação do destinatário foi feita pelos organizadores da *Correspondência*, em nota assinada por Irene Moutinho (ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889, p. 273, n. 1).

²¹⁰ SENNA. *O olhar oblíquo do Bruxo*: ensaios machadianos, p. 114.

²¹¹ ASSIS. *Obras completas em quatro volumes*, v. 2, p. 330.

pesquisadora especializada nas relações culturais hispano-brasileiras, defende que mesmo a familiaridade de Machado com a língua espanhola pode ser debitada, em parte, à leitura dos clássicos de Portugal – leve-se em conta, afirma, que alguns desses autores foram “mestres em ambas as línguas”, como Sá de Miranda, Francisco Manuel de Melo e o próprio Luís de Camões.²¹²

Lúcia Miguel Pereira sugere ter sido Carolina Xavier a responsável por iniciar Machado no gosto dos clássicos, hipótese que Magalhães Júnior contesta.²¹³ Como bem argumenta o autor de *Vida e obra de Machado de Assis*, bem antes do casamento, celebrado no final da década de 1860, Machado já havia iniciado “o comércio [...] com os clássicos portugueses”. Magalhães Júnior atesta essa afirmação com o diálogo que desde cedo Machado travou com os autores portugueses em seus textos, principalmente nos versos. Se houve um conselheiro, alguém a atrair Machado “para os estudos dos clássicos lusos”, Magalhães Júnior sugere que esse guia tenha sido um amigo português da época da adolescência, Manuel da Silva Melo Guimarães (1834-1884).²¹⁴

Realmente, tinha Manuel de Melo todas as credenciais para isso. Português do Aveiro, chegou ao Brasil em 1845 para trabalhar no comércio carioca. Não demoraria, no entanto, a exercer a atividade intelectual na imprensa e a promover saraus e representações teatrais de amadores em sua casa. Foi importante colaborador do *Dicionário bibliográfico português*, de Inocêncio Francisco da Silva, “fornecendo subsídios sobre escritores brasileiros e portugueses residentes no Brasil”.²¹⁵ Tinha predileção pela filologia, estudo a que se dedicou e que divulgou por meio de artigos em jornais – Melo manteve a coluna “Notas lexicográficas” na *Revista Brasileira* – e um único trabalho publicado em livro, *Da Glótica em Portugal*, cuja impressão, segundo conta Alfredo Pujol, “só foi concluída em 1889, cinco anos depois da morte do autor”.²¹⁶ Embora o nome de Manuel de Melo seja raramente citado nos estudos linguísticos atuais, foi ele, para o gramático Evanildo Bechara, “dos mais bem apetrechados filólogos do seu tempo”, e o que de seus escritos sobreviveu “revela-nos uma leitura do que melhor se produzia nos meios mais adiantados no mundo”.²¹⁷ Ao noticiar a morte de Melo, ocorrida em

²¹² PIÑERO VALVERDE. “*Cosas de España*” em *Machado de Assis: e outros temas hispano-brasileiros*, p. 13-14.

²¹³ Cf. PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 120.

²¹⁴ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 117 e 119.

²¹⁵ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 217.

²¹⁶ PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 27

²¹⁷ BECHARA. *Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa*, p. 12.

Milão, o romanista italiano Francesco d’Ovidio escreveu: “Ele era, na verdade, um amador rigoroso e culto, que em nada diferia de um profissional”.²¹⁸

O rigor e a cultura de Manuel de Melo, certamente, foram também fundamentais durante o tempo em que atuou como bibliotecário do Gabinete Português. Conhecedor do apreciável acervo, Melo “tom[ou] a ombros a exaustiva tarefa de elaborar o catálogo da biblioteca daquela útilíssima instituição”, levando a efeito o volume impresso em 1870.²¹⁹ Por seu *Catálogo suplementar dos livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*, Manuel de Melo receberia elogios da *Semana Ilustrada*, como informa Magalhães Júnior: “A nota estampada na revista de Henrique Fleiuss registrava as dificuldades que oferece a elaboração de trabalho de tal monta, trabalho que, decerto, Machado acompanhara, na sua condição de assinante do Gabinete Português de Leitura e de camarada do bibliotecário”.²²⁰ Se assim o foi, pôde Machado ampliar e atualizar seu repertório bibliográfico em diversas áreas e línguas, mas, particularmente, no tocante a obras e autores portugueses. A título de exemplificação, constam no catálogo editado por Melo o *Dicionário bibliográfico português* (1858-1862), de Inocêncio Francisco da Silva; a *Biografia de Camilo Castelo Branco* (1861), por J. C. Vieira de Castro; o *Dicionário da língua portuguesa* (1858), de Antônio de Moraes Silva; o *Tratado de metrificção portuguesa* (1867), de Antônio Feliciano de Castilho; uma *Análise crítica d’Os Lusíadas* empreendida por Jerônimo Soares Barbosa (1859); volumes contendo as obras teatrais de Antônio Moutinho de Sousa (1856) e Camilo Castelo Branco (1857-1862); vários volumes, de diversos autores, sobre a história de Portugal, etc. Algumas das obras constantes do *Catálogo...* já haviam sido comentadas ou criticadas por Machado em suas crônicas, como *Roberto ou A dominação dos agiotas* (1862), de Manuel Roussado, e *José Estêvão: esboço histórico* (1861), de Jacinto Augusto de Freitas Oliveira.²²¹ Em demonstração de afeto ao amigo Manuel de Melo, Machado lhe dedicou, nas *Falenas*, o poema “Uma ode de Anacreonte (quadro antigo)”, mantendo a dedicatória naquele que é considerado o conjunto canônico de seus poemas, as *Poesias completas*, de 1901.²²²

²¹⁸ Tradução livre. Em italiano, como citado por Bechara: “Egli era, per verità, un dilettante scrupoloso e coltissimo, che in nulla differiva da un dotto di professione” (BECHARA. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa, p. 13).

²¹⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 119-120. Na folha de rosto do *Catálogo...* consta, porém, o ano de 1868, pois, “para relação das obras[,] assentou-se em tomar por termo” esse ano (MELLO. *Catálogo suplementar dos livros do Gabinete português de leitura no Rio de Janeiro*, p. 428).

²²⁰ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 120.

²²¹ MELLO. *Catálogo suplementar dos livros do Gabinete português de leitura no Rio de Janeiro, passim*. Machado faz referências aos livros de Roussado e Oliveira, respectivamente, nas crônicas d’*O Futuro* de 31 de janeiro e 15 de março de 1863 (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 86-88 e 93-95).

²²² Cf. ASSIS. *Phalenas*, p. 129; ASSIS. *Poesias completas*, p. 101.

As relações de Machado com o Gabinete Português de Leitura obrigam-nos a interpretar com reservas o fato de que 56,82% das obras que constituem o que chegou até nós do acervo particular do escritor são de originais franceses ou traduções nesse idioma – com menos de um quarto do total em língua portuguesa –, deduzindo apenas desse número que tenha sido o francês a língua em que Machado fez a maior parte de suas leituras.²²³ Ao facilitar o acesso de Machado de Assis aos clássicos da literatura portuguesa e a livros de contemporâneos de além-mar – incluindo raridades e manuscritos –, o Gabinete desobrigou o escritor de possuir exemplares de todas essas obras em casa. Marta de Senna lembra, ainda, que, além do Gabinete Português, foi Machado frequentador assíduo de outro acervo trazido para o Brasil pelos portugueses: a Real Biblioteca, presente no Rio de Janeiro desde a vinda da família real, em 1808, e nomeada definitivamente, a partir de 1876, Biblioteca Nacional. Em razão disso, conclui a pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, “uma investigação do que teria sido” o “universo de leitura” de Machado de Assis “não pode tomar por base apenas o que tinha em sua biblioteca particular ou o que dela sobrou”.²²⁴ Deve-se considerar, igualmente, que, além do excelente acervo, as bibliotecas ofereciam ao escritor um ambiente agradável à leitura, ao estudo e à sociabilidade intelectual.²²⁵

Ao lado de Manuel de Melo, outra amizade intelectual de Machado fortalecida pelo culto aos livros seria a nutrida pelo bibliófilo, também português, Francisco Ramos Paz (1838-1919). Natural de Viana do Castelo, radicou-se no Rio de Janeiro com apenas 12 anos; como os demais companheiros portugueses de Machado aqui referidos, trabalhou como caixeiro, “mas sem se esquecer de aprimorar os seus conhecimentos e cultivar seus dotes literários”.²²⁶ Vivendo com escassos recursos, sempre destinou parte de seu rendimento no comércio para a compra de livros.²²⁷ Quando enriqueceu, pôde ampliar excepcionalmente sua coleção, devotando-se à bibliofilia de tal forma que,

nos últimos anos do romantismo, início da década de 1870, já possuía a maior biblioteca particular do país, excetuada a do imperador. Devia reunir, então, mais de 4 mil volumes, um cálculo sem qualquer exagero. Ao falecer, [...] deixou uma coleção de 11 mil títulos, cerca de 30 mil volumes, inclusive folhetos, além de documentos. Reuniu magistrais camoniana, vieiriana,

²²³ Cf. VIANNA. Revendo a biblioteca de Machado de Assis, p. 125.

²²⁴ SENNA. *O olhar oblíquo do Bruxo: ensaios machadianos*, p. 11.

²²⁵ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 114 e 120; MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 203.

²²⁶ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 259.

²²⁷ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 207.

camiliana e herculiana, além de centenas de volumes autógrafos de autores nacionais.²²⁸

Foi muito próxima a convivência de Ramos Paz com Machado: no início da década de 1860, moraram juntos, dividindo um sobrado na rua de Maticavalos, depois nomeada rua do Riachuelo; diversas vezes, em momentos de dificuldade financeira, o jovem Machado recorreu ao amigo português.²²⁹ É possível que várias referências literárias, de autores brasileiros e estrangeiros, tenham chegado a Machado por intermédio de Paz e sua suntuosa biblioteca. Diferentemente do bibliófilo típico, extremamente apegado aos livros, Paz era generoso ao emprestá-los, “chegando a dar alguns”.²³⁰ Segundo o biógrafo Elói Pontes, foi ainda Ramos Paz quem indicou a Machado “as portas da Bibliotheca Nacional, [...] do Gabinete Portuguez, com seu magnifico acervo, da Bibliotheca Fluminense”.²³¹ A Ramos Paz, Machado dedicou um dos poemas de *Falenas*, “Pálida Elvira (conto)”. Quando republicou esse poema nas *Poesias completas*, mais de trinta anos depois, preservou a dedicatória ao amigo.²³²

Não se sabe ao certo como e quando exatamente Machado e Paz se conheceram, mas é provável que isso tenha ocorrido quando foram ambos colaboradores do jornal *O Paraíba* (1857-1859), editado em Petrópolis.²³³ Segundo Raimundo Magalhães Júnior, Machado não deve ter sido remunerado pela colaboração n’*O Paraíba*, pois esse “bissemanário petropolitano lutava com as maiores dificuldades”.²³⁴ De todo modo, além de lhe oferecer um meio de publicação de seus escritos, *O Paraíba* propiciou a Machado o fortalecimento dos laços com a intelectualidade luso-brasileira, ali representada por nomes como os dos portugueses Gonçalves Braga e Ramos Paz e dos brasileiros José Remígio de Sena Pereira, Manuel Antônio de Almeida e Quintino Bocaiuva. O redator-chefe do jornal, o português de nascimento e brasileiro naturalizado Augusto Emílio Zaluar (1825-1882), era já seu conhecido desde as reuniões no escritório de Caetano Filgueiras, em 1856.²³⁵

Apesar da diferença de idade de quase quinze anos entre eles, Zaluar inclui-se entre os primeiros confrades de Machado de Assis. Por diversas vezes, Machado escreveria comentários críticos sobre obras de Zaluar, que teve, a propósito, uma produção bastante fecunda e

²²⁸ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 208.

²²⁹ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 49; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 259.

²³⁰ MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 208. Cf., ainda, BECHARA. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa, p. 12.

²³¹ PONTES. *A vida contraditória de Machado de Assis*, p. 159.

²³² Cf. ASSIS. *Phalenas*, p. 169; ASSIS. *Poesias completas*, p. 137.

²³³ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 259.

²³⁴ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 77.

²³⁵ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 76.

diversificada – considere-se que, em pouco tempo, publicou um livro de reportagens, *Peregrinação pela Província de São Paulo, 1860-1861* (1863) e os poemas de *Revelações* (1862) e *Folhas do Caminho* (1864). Dedicou-se também a obras didáticas e traduções e, em meados da década de 1870, publicaria *O doutor Benignus*, nas palavras de José Murilo de Carvalho, “o primeiro [romance] em nossa literatura a tomar a ciência como tema de fabulação”. “Da perspectiva atual”, considera esse historiador que ao menos a *Peregrinação...* e *O doutor Benignus* merecem ser reabilitados.²³⁶ Em crônica de 5 de setembro de 1864, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado afirma considerar belos tanto os versos quanto a prosa do amigo.²³⁷

Pela atuação que tiveram em nossa vida literária, Gonçalves Braga, Ernesto Cibrão, Manuel de Melo, Ramos Paz e Zaluar, se bem que portugueses de nascimento, terão seus nomes inscritos, quando muito, na historiografia literária brasileira. Debalde se procurará informações sobre esses imigrantes intelectuais em uma obra como a *História da literatura portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes; em contrapartida, três deles merecerão verbetes na *Enciclopédia de literatura brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e Galante de Sousa.²³⁸ É óbvio que a entrada no sistema literário brasileiro não desmente o caráter português da contribuição desses escritores à vida e à obra de Machado de Assis – considere-se, sobretudo, que o legado deles na formação do autor brasileiro está ligado, primordialmente, ao uso da língua e ao compartilhamento de um patrimônio cultural e literário. Contudo, Machado também desfrutaria da amizade de um escritor participante de redes intelectuais dos dois lados do Atlântico: Faustino Xavier de Novais (1820-1869).

Antes de vir para o Brasil, Faustino era já atuante nos meios literários portugueses. Poeta satírico, conquistou alguma celebridade com a publicação de *A vespa do Parnaso!* (1854), livro que, provocando escândalo “na então pequena e provinciana cidade do Porto”, foi bem acolhido por Camilo Castelo Branco, amigo e companheiro de boêmia de Faustino e autor de *Folhas caídas, apanhadas na lama*, obra com a qual *A vespa do Parnaso!* dialoga.²³⁹ Na historiografia literária portuguesa, Faustino Xavier de Novais é incluído na “geração romântica de escritores

²³⁶ CARVALHO. *Benigna ciência*, p. 7.

²³⁷ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 167.

²³⁸ Cf. COUTINHO; SOUSA. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 1, p. 369 e 485; v. 2, p. 1653. Manuel de Melo e Ramos Paz não foram incluídos nessa obra de referência, possivelmente porque a produção deles se insere, mais propriamente, nas áreas da filologia e da bibliofilia.

²³⁹ A respeito dessa relação intertextual, v. o trabalho desenvolvido por Eliana Januzzi (JANUZZI). *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais, e seu intertexto imediato: as *Folhas caídas, apanhadas na lama*, de Camilo Castelo Branco; _____. *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais: edição e estudo; _____. *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais: uma carta de intenção). Cf., também, CABRAL. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, p. 452.

portuenses de inícios da década de 50”, geração à qual também pertenceram, entre outros, Soares de Passos, Joaquim Pinto Ribeiro e Camilo Castelo Branco.²⁴⁰ Segundo Artur de Magalhães Basto, em estudo sobre as “figuras literárias” portuenses, Faustino foi, depois de Nicolau Tolentino, o maior poeta satírico de Portugal, havendo até críticos que, “sob certos aspectos, o consideram superior”; Viale Moutinho acrescenta ainda os nomes de Pedro Antônio Correia Garção, Paulino Antônio Cabral de Vasconcelos – o abade de Jazente – e Manuel Maria Barbosa du Bocage como os demais membros da família espiritual, ou “árvore genealógica”, de Faustino.²⁴¹ Depois de *A vespa do Parnaso!*, esse escritor agitaria a vida intelectual do Porto com a publicação das *Poesias* (1855) e das *Novas poesias* (1858). Da mesma forma teria papel relevante na imprensa daquela cidade: fundou e dirigiu *O Bardo* (1852-1854), um dos periódicos de maior impacto no ultrarromantismo português, além de colaborar em folhas como *A Grinalda*, *Miscelânea Poética*, *Porto e Carta*, *Periódico dos Pobres no Porto* e *Eco Popular*.²⁴² Nesses jornais, Faustino, de forma irreverente, não temeria tornar públicas suas sátiras, “enérgicas e galhofeiras”, na definição de Magalhães Basto: eram elas “festejadas sempre com um coro de gargalhadas – e o que é mais: por vezes até faziam rir as próprias vítimas”. As sátiras de Faustino, além disso, “visavam todos os vícios e todos os ridículos – mas sobretudo os dos barões, dos viscondes e dos brasileiros!”²⁴³

No sentido pretendido por Magalhães Basto, “brasileiros” eram os portugueses que voltavam para seu país após fazerem fortuna no Brasil.²⁴⁴ Embora Faustino os tenha satirizado, viria a desejar tornar-se um “brasileiro”. Em razão da boa acolhida do público do Novo Mundo aos seus livros e do amparo que poderia obter no Brasil de Antônio Rodrigues de Azevedo – primeiro e único barão de Ivaí, tio de Ermelinda Rosa Rodrigues de Azevedo, esposa de Faustino –, decidiu tentar a sorte no Rio de Janeiro. Graças ao auxílio financeiro de Rodrigo Pereira Felício, futuro conde de São Mamede, embarcou no vapor inglês Tamar, juntamente com Ermelinda, aportando na costa brasileira a 3 de junho de 1858.²⁴⁵ Conforme o pesquisador José Galvão, Faustino desejou “expatriar para a terra irmã”, como já tinham feito alguns de seus amigos intelectuais, porque julgou ser “fácil enriquecer no país das ‘árvores das patacas’”.²⁴⁶

²⁴⁰ SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 758.

²⁴¹ BASTO. *Figuras literárias do Porto*, p. 20; MOUTINHO. Prefácio. Notícias de um poeta satírico, p. 8.

²⁴² SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 758; JANUZZI. *A contribuição de Faustino Xavier de Novais na Revista Popular: um projeto de edição*, p. 9.

²⁴³ BASTO. *Figuras literárias do Porto*, p. 23.

²⁴⁴ BASTO. *Figuras literárias do Porto*, p. 22.

²⁴⁵ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 17; GALVÃO. Faustino Xavier de Novais e inéditos biográficos dos familiares, p. 433; OLIVEIRA. Machado, Faustino e Camilo: a literatura lusófona no Oitocentos, um mapa em construção, p. 185.

²⁴⁶ GALVÃO. Faustino Xavier de Novais e Machado de Assis, p. 44.

Evidentemente, patacas, ou moedas, não nascem em árvores, e Faustino não tardaria a enfrentar dificuldades financeiras no Brasil. Não perdeu tempo, porém: logo nos primeiros dias após a chegada, inseriu-se na vida intelectual carioca. Animava-o nessa empreitada o amigo Camilo Castelo Branco, que, em carta de 4 de agosto de 1858, exortá-lo-ia a ser tolerante com o Brasil: “Explora a benévola estupidez dos nossos irmãos. Não lhes dê pérolas...”²⁴⁷ Para José Galvão, foi trabalhando no *Correio Mercantil*, a convite do compatriota Antônio Moutinho de Sousa, que Faustino conheceu Machado. Logo, viriam a estar juntos em saraus literários, ocasiões em que

Faustino não só declamava os seus poemas, mas, também, alegrava os ouvintes tocando flauta, pois era exímio na execução de trechos musicais com este instrumento. Isto lhe faria, decerto, lembrar os famosos “outeiros” que frequentara, outrora, no Porto em companhia de Camilo Castelo Branco.²⁴⁸

Trazendo dos tempos do Porto a experiência na direção d’*O Bardo*, Faustino criaria em terras brasileiras um periódico destinado a reunir, em certa medida, o melhor de dois mundos. As páginas d’*O Futuro* (1862-1863) seriam beneficiadas pelo bom trato de Faustino com o meio literário, reunindo uma equipe de colaboradores reconhecidos tanto no Brasil quanto em Portugal. Provam essa boa convivência intelectual a correspondência regular que Faustino manteve com os colegas portugueses, após sua chegada ao Brasil, e a acolhida carinhosa que os escritores daqui lhe dispensaram, perceptível, por exemplo, nos versos de Casimiro de Abreu, publicados no *Correio Mercantil* de 7 de junho de 1858:

Entre todos os paquetes
Que o Velho Mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;
Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas*,
Sem ser fazenda em barris.

[...]

Oh! canta! o povo te aplaude,
E os loiros pra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és português lá na Europa,

²⁴⁷ Citado por OLIVEIRA. Machado, Faustino e Camilo: a literatura lusófona no Oitocentos, um mapa em construção, p. 186.

²⁴⁸ GALVÃO. Faustino Xavier de Novais e Machado de Assis, p. 45.

Aqui, vivendo conosco,
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem-vindo, bem-vindo sejam
A estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras
As glórias não são de mais.
Bem-vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem pode saudar Novais.²⁴⁹

Talvez esteja mesmo na sociabilidade literária um dos motivos da afinidade de Machado de Assis com os Novais (Faustino seria apenas o primeiro deles a desembarcar em terras brasileiras): em Portugal, a casa da família Novais tinha suas portas abertas a uma grande “plêiade de jovens escritores e de artistas”, como Camilo, Gonçalves Crespo, Almeida Garrett, “cujos nomes se projetariam gloriosos, além do pequenino Portugal”.²⁵⁰ Beneficiada por esse convívio intelectual foi a irmã de Faustino, Carolina Xavier de Novais, que chegou ao Brasil em 18 de junho de 1868, acompanhada por Artur Napoleão, a bordo do navio Estrémadure. Carolina, portadora de uma cultura invulgar, e Machado de Assis logo descobririam “as afinidades recíprocas que os anos tornariam na mais perfeita das uniões conjugais”.²⁵¹

Muito já se especulou acerca de uma possível influência de Carolina na criação literária de Machado, quer no âmbito do desvelo gramatical, quer no conhecimento de outras literaturas, notadamente a inglesa. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, afirma que Machado, autodidata, “escritor às vezes incorreto” em seus primeiros anos, teve em Carolina, “habituada à língua de Camilo Castelo Branco”, “conselheira segura” no tocante à correção da língua. Sem qualquer fundamentação e reconhecendo que, antes do casamento, já Machado lia em inglês, cogita ainda Miguel Pereira ter sido Carolina “quem o guiou para a leitura dos escritores ingleses”.²⁵² A primeira afirmação de Miguel Pereira pode ser refutada pelo fato de que, muito antes da vinda de Carolina ao Brasil, já era Machado amigo de portugueses e leitor dos clássicos da língua, o que contribuiu para que desenvolvesse, gradativamente, o gosto do vernaculismo.²⁵³ Quanto a uma possível participação da esposa de Machado na introdução desse escritor à literatura anglo-

²⁴⁹ Citado por JANUZZI. *A vespa do Parnaso, de Faustino Xavier de Novais*: edição e estudo, p. 13-14, grifo do original.

²⁵⁰ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 17.

²⁵¹ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 18.

²⁵² PEREIRA. *Machado de Assis*: estudo crítico e biográfico, p. 119.

²⁵³ Cf. PUJOL. *Machado de Assis*: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, p. 26.

americana, Raimundo Magalhães Júnior afirma, com irreverência: “Vocação literária por excelência, [...] Machado de Assis não aprendera a língua inglesa para ser empregado da Mala Real ou da Casa Crashley. É evidente que aprendera inglês para ler os escritores de língua inglesa, para estabelecer comércio direto com os mesmos”.²⁵⁴

Sem cair nos extremos de Lúcia Miguel Pereira, é preciso reconhecer que, se a presença de Carolina não foi condição *sine qua non* para o domínio gramatical de Machado nem para seu conhecimento das letras inglesas, foi a esposa portuguesa, “dedicada e fiel”, quem lhe organizou o lar, “dando ao escritor a vida metódica e tranqüila, que lhe propiciaria atividade tão intensa e tão fecunda”.²⁵⁵ E mais: devia ser deleitante a Machado ter em sua casa alguém com quem pudesse conversar sobre literatura, mostrar em primeira mão suas produções, etc. A se acreditar no depoimento de Francisca de Basto Cordeiro, “D. Carolina, sempre à meia voz, afirmava: ‘O Machado não publica trabalho algum antes de dar-mo a ler’”.²⁵⁶ Em carta a José Veríssimo datada de 4 de fevereiro de 1905, ainda abalado pela morte da esposa, Machado agradeceria ao amigo a devolução de um exemplar do romance *Esau e Jacob*, exemplar de valor inestimável, por ter sido “o último volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazê-lo mais tarde, como aos outros que ela me viu escrever”.²⁵⁷ À baronesa de Vasconcelos, Eugênia Virgínia Ferreira Felício – uma das amigas que assistiram a Carolina durante a enfermidade –, Machado deu, como lembrança da esposa ausente, o livro predileto da companheira: as *Recordações da Casa dos Mortos*, de Fiódor Dostoiévski, em tradução francesa.²⁵⁸ Leitora aplicada das obras do marido e de outros escritores, Carolina certamente contribuiu para que a casa no Cosme Velho se tornasse um lugar continuamente auspicioso à atividade literária.²⁵⁹

Ademais, em virtude do casamento, em 1869, Machado estreitaria os laços com a família portuense da esposa, de tal forma, “que haviam de lhe durar até o fim da vida”.²⁶⁰ Por conseguinte, mesmo depois da década de 1860, passado o período da formação literária, os portugueses continuariam a estar entre seus mais dedicados amigos. O pesquisador estadunidense Raymond S. Sayers destaca dois nomes: Artur Napoleão dos Santos (1843-1925), “pianista que fora menino prodígio e mais tarde, instalando-se no Brasil, se tornou conselheiro musical de D. Pedro II”, e Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (1831-

²⁵⁴ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 248.

²⁵⁵ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 261.

²⁵⁶ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 50.

²⁵⁷ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908, p. 6.

²⁵⁸ CORDEIRO. *Machado de Assis que eu vi*, p. 62; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 287.

²⁵⁹ Cf. CALDWELL. *Machado de Assis: the Brazilian master and his novels*, p. 205.

²⁶⁰ SAYERS. *Onze estudos de literatura brasileira*, p. 196.

1900), “ator e empresário de teatro do Porto, que viveu 20 anos no Brasil, onde foi, durante quase todo esse período, a figura dominante do círculo teatral”.²⁶¹

Dentre os irmãos de Carolina e Faustino, cabe mencionar ainda Miguel de Novais (1830-1904). Chegando ao Brasil em 1868, pouco depois da irmã, Miguel dedicou-se inicialmente à fotografia, mas não obteve êxito. Conseguiu, posteriormente, emprego no consulado português. Casou-se, em 1876, com a condessa de São Mamede, Joana Maria Ferreira Felício, viúva desde 1872; em 1881, retornaria a Portugal, com a esposa, para nunca mais atravessar o Atlântico. Contudo, manteve um diálogo fecundo com o cunhado Machado de Assis, por meio de uma correspondência de grande valor.²⁶²

As primeiras biografias do poeta das *Falenas* tendem a apresentar Miguel como contrário ao casamento de Carolina com o escritor brasileiro. Consoante Lúcia Miguel Pereira, o motivo da oposição ao casamento por parte dos irmãos de Carolina – à exceção de Faustino, que se encontrava doente – estaria ligado à “côr de Machado”: “Não se podiam os portugueses conformar em ver a irmã unir-se a um mulato”.²⁶³ Posteriormente, essa tese seria contestada por diversos estudiosos. Jean-Michel Massa, por exemplo, afirma não ter encontrado qualquer comprovação do propalado racismo de Miguel, lembrando ainda que a correspondência trocada entre ele e o cunhado será “verdadeiramente cordial, quase afetuosa, de modo que essa oposição parece absolutamente inverossímil”.²⁶⁴

Infelizmente, as missivas dirigidas por Machado a Miguel de Novais encontram-se perdidas, mas é possível saber um mínimo do conteúdo delas pelos comentários e sínteses que Miguel fornece. *Verbi gratia*, fica-se sabendo, pela carta de 6 de agosto de 1888, escrita de Lanhelas, que Machado se preocupava com a Abolição da escravatura, com a “popularidade que a Princesa [Isabel] adquiriu com esse fato”, com o “futuro do Brasil”.²⁶⁵ Mantida ao longo de três décadas, essa correspondência revela, portanto, um Machado distante do absenteísmo de que foi por tanto tempo acusado, aberto a falar sobre as grandes questões de seu país. O pesquisador John Gledson, perguntando-se por que Machado se teria aberto tanto com o cunhado português, indica uma razão possível:

Talvez porque Miguel fosse estrangeiro (tinha vindo ao Brasil pouco depois de Carolina, em 1868, mas saiu em 1881 para nunca mais voltar) e parte da família. Especulando: a família de Carolina, e as suas conexões, eram vitais

²⁶¹ SAYERS. *Onze estudos de literatura brasileira*, p. 196.

²⁶² MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 243.

²⁶³ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 112.

²⁶⁴ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 495.

²⁶⁵ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis: tomo II, 1870-1889*, p. 337

para Machado – deram-lhe o que nunca tinha tido, talvez, ao menos desde a morte da sua mãe (também portuguesa) aos nove anos – uma roda familiar.²⁶⁶

De fato, nessa roda familiar, Machado deve ter-se sentido bastante acolhido. Após a precoce separação da família biológica, foram os Novais – e, em sentido amplo, os portugueses – sua família, o meio decisivo para que encontrasse o conforto moral, a sensação de segurança. Da mesma forma, encontraria um ambiente marcado pela generosidade intelectual: segundo a pesquisadora Gilda Santos, os portugueses foram pioneiros no que concerne a um “saudável multiculturalismo”.²⁶⁷ Assim, é possível que vários outros paradigmas estrangeiros possam ter chegado a Machado por meio dos portugueses, de seus acervos, de seus hábitos de leitura. Por esse papel de “intermediação”, parece a Jean-Michel Massa que não teriam sido recompensados. Intermediadores culturais, argumenta o pesquisador francês, são “frequentemente pag[os] com ingratidão”, pois, úteis em determinado momento, são “esquecidos desde que não se tem mais necessidade deles”.²⁶⁸

Machado, porém, não os esqueceu. E, ao raiar do sol do século XX – para usar uma imagem do cronista d’“A semana” –,²⁶⁹ conservará pelo menos uma característica inconfundível e indisputável do legado português: o gosto do vernaculismo, do estudo histórico da língua portuguesa. O escritor conhecido por fazer do Rio de Janeiro oitocentista o palco de um universo literário moderno, por antecipar características da ficção de Proust, James Joyce, T. S. Eliot, Albert Camus, Thomas Mann e Jorge Luis Borges, desempenhando um papel central na transformação do realismo literário em prosa modernista;²⁷⁰ o escritor que não se tornou adepto convicto de nenhum sistema, “fosse ele religioso, filosófico, científico ou literário”, que, no século em que a França constituía o “marco zero da cultura”, colocará em xeque sua “universalidade” recorrendo a uma variedade de referências e paradigmas;²⁷¹ pois bem, ele mesmo, no tocante à concepção de língua literária, optaria por um padrão “conservador, castiço e lusitanizante”,²⁷² chegando mesmo, na passagem do século XIX ao XX, a ser modelo, quanto à correção gramatical, de uma escola literária eminentemente classicizante, o parnasianismo.²⁷³

²⁶⁶ GLEDSON. Machado de Assis e a República – a “crise” de 1890-91 e os prelúdios de *A Semana*, p. 106. O grifo na conjunção “e” – “e parte da família” – não aparece na edição da *Revista Brasileira* aqui utilizada, mas é do autor: consta em seu ensaio na versão enviada para publicação.

²⁶⁷ SANTOS. Páginas esquecidas, p. 5. Na mesma passagem, Gilda Santos cita a presença, “nas velhas estantes” do Gabinete Português de Leitura, de “incontáveis volumes provindos de muitos países, escritos em muitas línguas”.

²⁶⁸ MASSA. Um amigo português de Machado de Assis: Antônio Moutinho de Souza, p. 14.

²⁶⁹ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1060.

²⁷⁰ JACKSON. *Machado de Assis: a literary life*, p. x-xi.

²⁷¹ GUIMARÃES. Machado de Assis e o paradigma inglês, p. 36.

²⁷² FRANCHETTI. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*, p. 85.

²⁷³ BANDEIRA. Prefácio, p. 15.

A obra de Machado de Assis, então, notável por “se adaptar ao espírito do tempo”, poderá dissimular seu caráter prenunciador da literatura do século XX por meio de “curiosos traços arcaizantes”, segundo palavras de Antonio Candido.²⁷⁴ Revelador incontestemente da presença portuguesa, o “leve ranço arcaico” com que o escritor fluminense “paga o tributo ao casticismo dos povos coloniais” tornar-se-ia elemento intrínseco ao chamado “estilo machadiano”: o “mais picante” em Machado, escreve Antonio Candido, seria o uso que faz de um “estilo guindado e algo precioso”, que, se por um lado pode aparentar academicismo, por outro “sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor”. Esse estilo, “marca pessoal de Machado”, permitiria, igualmente, que o escritor expusesse ocorrências as mais estranhas valendo-se de uma “moderação despreocupada”, de uma “espécie de imparcialidade”.²⁷⁵ Pela importância, portanto, que futuramente teria na própria percepção crítica do que é o “tom machadiano”, deve ser examinada a orientação lusitana na concepção de língua literária praticada pelo escritor brasileiro.

2.1 O estudioso da língua

“Nada envelhece tão depressa quanto a novidade.
Só o que já nasceu velho é que não envelhece.”

JOSÉ PAULO PAES*

Num estudo de natureza estilística sobre a obra de Machado de Assis, Maria Nazaré Lins Soares esclarece que a chamada “língua literária” é uma “língua dentro da própria língua”: não está determinada a apontar para uma realidade exterior, mas a ser, ela mesma, como língua elaborada, “a realidade que exprime”.²⁷⁶ Sônia Netto Salomão lembra que a língua literária, forma de expressão histórica, é fruto da criatividade humana; referindo-se à obra de Machado de Assis, afirma que a língua literária “deve ser entendida como parte de um projeto global, manifestando-se no enunciado como um sistema de linguagem que, por sua vez, articula-se com

²⁷⁴ CANDIDO. Esquema de Machado de Assis, p. 17.

²⁷⁵ CANDIDO. Esquema de Machado de Assis, p. 19, 22-23.

* “Aporia da vanguarda”. In: PAES. *Poesia completa*, p. 473.

²⁷⁶ SOARES. *Machado de Assis e a análise da expressão*, p. 53.

o universo literário brasileiro do período e com aquele mais amplo do cânone ocidental”.²⁷⁷ Evidentemente, mapear as fontes da criação linguística de Machado é tarefa complexa e fadada à incompletude. Evanildo Bechara, em artigo sobre o “ideário de língua portuguesa” do escritor fluminense, aponta como ponto de partida para qualquer investigação nesse sentido a figura materna, uma vez que a mãe “é sempre, ou quase sempre, a primeira mestra da linguagem de seus filhos, seguida da colaboração dos demais familiares”. Para o filólogo,

o ambiente idiomático de casa deve cedo ter chamado a atenção do menino Machado diante de uma mãe açoriana, branca, e do pai pintor, mulato, ambos com certa instrução [...]. A mãe deve ter coberto o filho de atenção e carinho que merecem os primogênitos e, apesar de ter morrido quando Machado mal contava os dez anos, pôde deixar nele profundas marcas de afeto e lhe ter imprimido o gosto pelo estudo [...].²⁷⁸

De fato, a presença portuguesa na língua literária de Machado de Assis é notável tanto pelo afeto quanto por um sentimento de pertença. Apenas para citar um exemplo em que isso é bem evidente: aos 17 anos, quando escreve os versos de “Minha mãe” (1856), no que diz ser uma “imitação” do poeta inglês William Cowper, rima “vêm”, “bem” e “também” com “mãe”, o que só é possível na pronúncia típica lusa dessas palavras, em que todas terminam com o ditongo [ẽ].²⁷⁹ Há uma afabilidade flagrante na busca pela fixação de traços portugueses em seus textos – uma busca, aliás, que não se restringiu à produção da juventude, como mostra o trabalho minucioso de Cândido Jucá (filho).²⁸⁰ E uma busca, sobretudo, que não recearia a possível troça dos conterrâneos e contemporâneos, numa época marcada pela diferenciação nacionalista e pelo questionamento da herança colonial. Apenas um ano antes da publicação de “Minha mãe”, isto é, em 1855, o escritor português Antônio Feliciano de Castilho, também conhecido como Castilho Antônio, em visita ao Brasil para divulgação de sua cartilha de leitura (*Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever*, 2. ed., 1853), fora alvo da caçoada de Joaquim Norberto de Sousa Silva. A

²⁷⁷ SALOMÃO. La lingua, p. 71-72, tradução livre. No original: “la lingua letteraria di Machado de Assis deve essere compresa come parte del progetto globale della sua opera, manifestandosi nell’enunciato come un sistema di linguaggio. Tale sistema, a sua volta, si articola com l’universo letterario brasiliano del periodo e con quello più ampio del canone occidentale”.

²⁷⁸ BECHARA. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa, p. 11-12.

²⁷⁹ Na pronúncia brasileira, haveria a distinção [ã] (“mãe”) e [ẽ] (“vêm”, “bem” e “também”). Para o poema em questão, v. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 697.

²⁸⁰ Aproximando o uso linguístico do escritor brasileiro ao uso de portugueses como Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, Jucá (filho) mostra como, “[e]m diversos casos de sintasse, Machado de Assis se revela grande conversador dos outros escritores lusitanos, e isso é tanto mais acentuado quanto mais moderno é o seu trabalho” [JUCÁ (FILHO)]. *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*, p. 46; para um bom levantamento dos lusitanismos na obra machadiana, cf. p. 46-56].

pilhéria, motivada pela suposta intenção de Castilho de fazer os brasileiros adotarem a pronúncia [ɛj] para o ditongo “ei”, bem poderia ser dirigida a Machado, que em rimas do poema de 1856, já referido, valera-se do mesmo ditongo típico português, se bem que na forma nasal. A seguir transcreve-se o comentário do intelectual brasileiro, fragmento de um texto significativamente intitulado “A língua brasileira” (Joaquim Norberto defendia essa denominação para a língua falada aquém-Atlântico):

Uma advertência para concluir. O Sr. Castilho, que aí abriu o seu *curso de leitura repentina*, e que talvez melhor se chame *pitturesca*, lá está ensinando que *ei* tem muitas vezes o som de *âi*, como em *lei* que se pronuncia *lâi!!!... Ah meu caro e insigne poeta! se vamos a dizer lâi por lei, está tudo perdido, e adeus língua brasileira! Em Portugal se escreverá a lei de uma maneira e se lerá por outra; no Brasil porém o povo a lê como o poder legislativo a escreve; o governo é que algumas vezes dá em ler ao avesso do que está escrito, e até isso é costume, pelo que vejo que nos veio de além-mar, ou que alguém conserva.*²⁸¹

É curioso comparar esse exemplo da presença lusitana na língua de Machado de Assis – as rimas “portuguesas” de “Minha mãe” – com uma ocasião em que o escritor tentou recriar, na escrita, o português falado por um nativo de outra língua. Está na crônica da série “Bons dias!” de 29 de junho de 1889, que começa com a citação de um telegrama publicado poucos dias antes pelo *Jornal do Commercio*. Inconformado com o teor da mensagem, o cronista afirma ter procurado o escritório da companhia telegráfica, a fim de averiguar se o problema não seria de tradução. É com a peculiar galhofa do escritor que são transcritas as falas do suposto funcionário inglês: “Está aqui telegrama, senhorr, [...] senhorr pode egzamina ele, e reconhece que Company não tem interesse em inventa telegramas.”²⁸²

Mas, se a língua portuguesa é aquela “em que da voz materna ouvi: ‘meu filho!’”, como a cantou Olavo Bilac em antológicos versos, também é a língua “em que Camões chorou, no exílio amargo, / O gênio sem ventura e o amor sem brilho!”²⁸³ Ora, na juventude, foi a essa língua, legada pelos clássicos, que Machado devotou um estudo consciente e aplicado, nesse propósito incentivado por amigos portugueses. Alfredo Pujol, na conferência que dedica à “adolescência e mocidade” do poeta das *Crisálidas*, afirma ter sido com Ramos Paz e Manuel de Melo que ele “iniciou os seus estudos da língua pátria. Nessa íntima convivência apurou-se o seu gosto do vernaculismo e do trato dos escritores clássicos”. De forma especial, Machado

²⁸¹ SILVA. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*, p. 336. Publicação original na revista *Guanabara* (t. III, p. 99-104).

²⁸² ASSIS. *Bons dias!*, p. 277.

²⁸³ BILAC. Língua portuguesa.

teria, na “opulenta” biblioteca particular de Manuel de Melo, encontrado “vasto terreno para as suas pesquisas filológicas”.²⁸⁴ No que diz respeito aos estudos da língua, Evanildo Bechara também focaliza a convivência de Machado com Manuel de Melo, sem desconsiderar, contudo, o papel de Ramos Paz. Este, para Bechara, “deve ter sido fundamental para a formação literária do nosso Machado, aproximando-o dos autores nacionais e estrangeiros”, mas foi Manuel de Melo que exerceu em Machado “uma influência seminal sobre a natureza da linguagem, a posição do escritor diante do idioma”. A atuação desse amigo, dessarte, teria favorecido a Machado “a propriedade de considerações que [...], em vários lugares do seu múltiplo fazer literário, emitiu sobre fatos da língua, quer de natureza gramatical, quer de natureza lexical”.²⁸⁵

A afirmação de Bechara poderia ser abonada por variados exemplos, colhidos quer na ficção, quer na crônica – nesse gênero, Machado recorrentemente fez reflexões que muito lembram as de um filólogo, interessado pelas palavras, seus étimos, a contribuição popular, entre outras questões afins. Cita-se aqui apenas o incontornável posicionamento expresso no texto crítico “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, de 1873. Após comentar a situação do romance, do conto, da poesia e do teatro nas letras brasileiras, Machado passa a falar da língua, lamentando que entre as virtudes da produção nacional não se encontre a constância da “pureza da linguagem”. Percebe o crítico de “Instinto de nacionalidade” ser habitual “ver intercalados em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa”.²⁸⁶ Para Machado, esse “defeito grave” denunciaria, sobretudo, a leitura limitada ou mesmo inexistente dos clássicos da língua por parte dos escritores brasileiros – “o que é um mal”, afirma, pois implica uma maior susceptibilidade dos homens de letras à “influência popular”. Embora sem “[q]uerer que a nossa [língua] pare no século de quinhentos” e reconhecendo que “[e]screver como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável”, Machado se mostra preocupado com “a opinião que admite todas as alterações da linguagem”. Não desprezar o estudo dos clássicos é uma de suas maiores recomendações nesse estudo crítico: “estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas”. Apostando uma vez mais na metáfora econômica, arremata: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.”²⁸⁷

²⁸⁴ PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 26 e 27.

²⁸⁵ BECHARA. *Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa*, p. 12.

²⁸⁶ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1183.

²⁸⁷ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1184.

Demonstrando, em sua atuação como criador, plena coerência com tais postulados críticos, Machado empreendeu um estudo profundo dos clássicos – estudo que se divisa hoje na leitura mesma de sua obra, volta e meia ocupada com a casticidade de determinadas construções e com as possibilidades de expressão transmitidas pelos clássicos. Segundo argumenta Claudio Cezar Henriques, alguns trechos da obra machadiana revelam até mesmo um escritor conhecedor da nomenclatura gramatical, um conhecimento de que se vale “com perícia e senso de humor”, como no conto “Teoria do medalhão” – “o adjetivo é a alma do idioma, sua posição idealista, metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário” – e em crônica de “Balas de estalo” – “Às vezes uma só expressão viva e substancial dá força a um período inteiro; outras vezes uma idéia frouxa ou cansada ganha muito com o vocábulo em que se traduz”.²⁸⁸ Nesse sentido é que o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda notou em Machado “a grande virtude de ser um dos raros homens de letras brasileiros em quem se realiza uma sábia harmonia do gramático com o escritor. O comum é repelirem-se essas duas criaturas”.²⁸⁹ Um compêndio gramatical esteve entre os livros avaliados por Machado de Assis no ano de 1862, ocasião em que afirmou: “uma gramática é uma coisa muito séria. Uma boa gramática é um alto serviço a uma língua e a um país”. Nessa crônica, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, fez uma apreciação do recém-publicado *Compêndio da gramática portuguesa*, de Amaral Vergueiro e Francisco Pertence (Lisboa: Imprensa Nacional, 1861), caracterizando-o como manual “[m]etódico no plano e claro na definição”, minucioso na análise sintática (parte da gramática em que os autores “esclareceram todas as dúvidas, com uma precisão e uma autoridade raras em tais livros”) e acessível ao grande público, na medida em que populariza “preceitos de transcendente importância”.²⁹⁰

A coletânea *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*, organizada por Ubiratan Machado em 2003 com a finalidade de reunir num só volume as primeiras apreciações da obra machadiana, permite identificar como a chamada “pureza da língua” se foi tornando quase um lugar comum da fortuna crítica do escritor brasileiro. Podem-se dar alguns exemplos: Valentim Magalhães, no capítulo que dedica ao Machado prosador em seu *A literatura brasileira* (1896), caracteriza o estilo do contista de *Várias histórias* como “castiço, flóreo, original”; conforme a crítica no calor da hora de Antônio Sales, “o estilo do Sr. Machado de Assis”, em *Iaiá Garcia*, é “impecável em sua vernaculidade, sóbrio e fino”; também um crítico estrangeiro, o argentino Martín García Mérou, em *El Brasil intelectual*:

²⁸⁸ HENRIQUES. Machado de Assis, estudioso de língua, p. 354-355.

²⁸⁹ FERREIRA. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*, p. 7-8.

²⁹⁰ ASSIS. *Comentários da semana*, p. 174. Trata-se da crônica de 22 de fevereiro de 1862.

impressions y notas literarias (1900), ressaltaria nos livros de Machado “o estilo, a pureza e a correção da frase, o perfeito domínio da língua portuguesa”.²⁹¹

Essa característica, contudo, nem sempre foi entendida como um mérito; Ivo Barbieri notou que a “falta de brasilidade” e o “retrocesso ao classicismo lusitano” estiveram entre os motivos para determinadas acusações contra a obra machadiana.²⁹² Luís Guimarães Júnior, escrevendo sobre o segundo livro de poesias de Machado, chamou a atenção para a forma como

[o] poeta das *Falenas* sujeitou o seu livro às regras metódicas do velho classicismo latino e português. A própria frase, o próprio estilo não pertence a escritor nacional: dir-se-ia não trazer a coleção o conhecido nome do ilustre poeta, pertencer ela ao arquivo literário português em fundo e em forma. / À exceção de algumas composições fugitivas da primeira parte [...], tudo o mais revela melhor o artista clássico do que o poeta brasileiro.²⁹³

Sobre as *Americanas*, livro de poesias que sucedeu às *Falenas*, um artigo assinado com “L.”, provavelmente de autoria de Ferreira de Araújo, dava como indiscutível ser seu estilo “demasiado português”.²⁹⁴ Uma das primeiras críticas aos contos de *Papéis avulsos*, assinada por Gama Rosa, embora altamente favorável, não deixa de fazer uma censura ao purismo do escritor fluminense, tão preocupado, como transparece em nota ao fim de seu livro, em justificar o uso de “reproche”, vocábulo antigo na língua, mas dado como galicismo por alguém que o notou ao autor. O jornalista gaúcho faz, então, “um reproche” ao contista, “minúsculo, mas que agastou-nos os nervos”:

Aquele *reproche* do prólogo faz logo em começo uma péssima impressão, agravada ainda pela nota do fim do volume. / Pois o eminente escritor dá realmente importância a essa minuciosidade preciosa? / Quem atualmente se lembra de prestar atenção a questões de galicismos, anglicismos, germanismos, turquismos, ou outras frivolidades do mesmo jaez? / Quatro caturras decrépitos.²⁹⁵

Decerto Machado se importava com as “minuciosidades” da língua portuguesa. Em uma ocasião, pelo menos, veio a alterar o texto alheio (inconscientemente? deliberadamente?) para que, citado *ipsis litteris* em composição sua, continuasse a refletir seu ideal linguístico. Foi o que ocorreu na crônica d’“A semana” de 28 de outubro de 1894, escrita no contexto da Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) e das discussões em torno de uma imigração oriental

²⁹¹ MACHADO. *Machado de Assis*: roteiro da consagração (crítica em vida do autor), p. 188, 209 e 233.

²⁹² BARBIERI. [Texto da orelha].

²⁹³ MACHADO. *Machado de Assis*: roteiro da consagração (crítica em vida do autor), p. 76.

²⁹⁴ MACHADO. *Machado de Assis*: roteiro da consagração (crítica em vida do autor), p. 103, grifo do original.

²⁹⁵ MACHADO. *Machado de Assis*: roteiro da consagração (crítica em vida do autor), p. 143, grifo do original.

numerosa com destino ao Brasil. Já no primeiro parágrafo da crônica, Machado cita trecho do artigo que Sho Nemoto, comissário do ministério japonês das Relações Exteriores, em visita às terras brasileiras, enviara ao *Correio Paulistano*, expondo suas “impressões mais favoráveis” acerca do estado de São Paulo, “uma das [regiões] mais belas e ricas do mundo”, no parecer do enviado especial do Japão. Para conhecimento do público fluminense, a *Gazeta de Notícias* reproduziu esse artigo em sua edição de 28 de outubro, a mesma edição em que saiu a crônica de Machado de Assis. A hipótese de John Gledson é de que o escritor tenha lido o texto de Sho Nemoto nas oficinas do jornal.²⁹⁶ Como transcrito pela *Gazeta*, o artigo do comissário japonês diz, em certo momento: “Pela minha visita posso garantir que o Brasil e o Japão farão feliz amizade”.²⁹⁷ Quando cita esse trecho em sua crônica, Machado substitui “garantir” por “afiançar”, como atestam a edição de n. 300 da *Gazeta* e as edições da crônica em livro.²⁹⁸ Segundo Houaiss, “afiançar” entrou no registro escrito da língua portuguesa em 1623, derivado de um termo ainda mais antigo, “fiança”, em curso no português pelo menos desde 1181; “garantir”, por sua vez, teve uma entrada mais recente (1713) e guarda a mesma forma do *garantir* francês, de que se originou.²⁹⁹ É provável que, para evitar a presença de um possível galicismo em sua crônica, tenha Machado efetuado a troca, mesmo considerando que a palavra se encontrava, em rigor, no texto transcrito de outrem.³⁰⁰

A relação de Machado de Assis com os estrangeirismos linguísticos não foi marcada, é verdade, por excessos. Em três crônicas da série “Bons dias!” publicadas em 1889 satirizou o filólogo Antônio de Castro Lopes, que, numa “mistura de pedantismo, de humor pesado e de nacionalismo barato”,³⁰¹ propunha, em artigos estampados na *Gazeta de Notícias*, a substituição de palavras importadas do francês por neologismos criados com base no latim. Das criações vocabulares de Castro Lopes, talvez a única “viva” na língua hoje seja “cardápio” (de *charta*, *æ* “papel; carta” + *daps*, *dapis* “banquete sacrificial; refeição”), cunhada para substituir o francês *menu*. As demais criações, como “preconício” – suposto equivalente nacional de *réclame* (“propaganda, reclame”) –, “nasóculos” – forma preferível, segundo Castro Lopes, a *pince-nez*

²⁹⁶ A observação se encontra nas notas a uma edição da série “A semana” ainda em preparo.

²⁹⁷ NEMOTO. Japão e Brasil. Sho Nemoto em S. Paulo, p. 2.

²⁹⁸ Cf. ASSIS. A semana, p. 1; ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1040.

²⁹⁹ HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbetes “afiançar” e “garantir”.

³⁰⁰ Outro interessante caso de alteração, dessa vez efetuada por Machado em texto de autoria própria, mereceu a atenção do pesquisador Anselmo Campos. Trata-se do poema “Musa consolatrix”, publicado duas vezes em livro, em vida do autor. Na primeira publicação (*Crisálidas*, 1864), constava o verso “Acolhe-me, – e *terá* minha alma aflita”; editado em 1901 (*Poesias completas*), o verso teve sua redação sutil, mas significativamente, modificada: “Acolhe-me, – e *haverá* minha alma aflita” (grifos nossos). Optando por “haver”, no sentido de “ter” (uso comum no português trecentista), Machado introduzia em sua obra mais um traço arcaizante (CAMPOS. Machado de Assis: entre o ter e o haver, p. 156).

³⁰¹ John Gledson, em nota à crônica de 7 de março de 1889 (ASSIS. *Bons dias!*, p. 250, nota 1).

(“pincenê”) – e “focale” – elaborada para substituir *cache-nez* (“cachênê”) –, dormem nas páginas da *Gazeta de Notícias* e nas do livro *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis, com um vocabulário neológico português* (1889), que reúne os artigos de Lopes.³⁰² A reação de Machado a esses neologismos foi, por um lado, notavelmente irônica e galhofeira. “Pego na pena com bastante medo. Estarei falando francês ou português?”, indaga-se na crônica de 7 de março; “[a]ntes do último neologismo do Sr. Dr. Castro Lopes, tinha eu suspeita, nunca revelada, de que o fim secreto do nosso eminente latinista, era pôr-nos a falar volapuque”, escreveu no texto publicado duas semanas depois.³⁰³ Por outro lado, o cronista brasileiro parece ter encontrado nas prescrições de Castro Lopes um bom “estímulo” para escrever sobre homens de letras de Portugal e, na expressão precisa de John Gledson, demonstrar “seu respeito pela tradição lingüística portuguesa”.³⁰⁴ Assim, buscará não em neologismos, não no latim, mas no português e em obras de escritores de além-mar, equivalentes para os termos franceses condenados por Castro Lopes. Com o sentido de *réclame*, lembra que “reclamo” e “chamariz” já se encontravam nos dicionários; para a substituição de *pince-nez* e *cache-nez*, mostra que a literatura portuguesa já dera à língua formas próprias: Camilo Castelo Branco, naquele caso, que em um conto de 1876 recorreu a “luneta pênsil”, e o padre Manuel Godinho, neste, que deixou documentado, em livro “português antigo”, “de jesuíta” e com nada menos do que “dois séculos de composição (1663)”, o termo “guarda-cara”.³⁰⁵

Quando a utilização de estrangeirismos ou de palavras evocatórias do estrangeiro lhe parecia proveitosa, ainda assim Machado de Assis procurava, muitas vezes, a abonação dos clássicos da literatura portuguesa. Assim foi quando, em *Quincas Borba* (1891), em referência a um “elemento novo” no semblante do personagem Cristiano Palha, usou o termo “desapontamento” (do inglês, *disappointment*), não sem acompanhá-lo do seguinte comentário do narrador: “Já o elegante Garrett não achava outro termo para tais sensações, e nem por ser inglês o desprezava. Vá desapontamento”.³⁰⁶ Outros dois exemplos interessantes podem ser colhidos em *Ocidentais*, a última coletânea de poesias organizada por Machado, incluída em *Poesias completas* (1901). Em “A mosca azul”, descreve uma cena passada entre o inseto que

³⁰² Cf. HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbete “cardápio”; ASSIS. *Bons dias!*, p. 249-250, nota 1.

³⁰³ ASSIS. *Bons dias!*, p. 247 e 257.

³⁰⁴ GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Bons dias!*, p. 50.

³⁰⁵ ASSIS. *Bons dias!*, p. 248-249. O conto de Camilo, “O filho natural”, foi identificado por John Gledson. Esse pesquisador, em sua bem cuidada edição de “Bons dias!”, também informa que a obra utilizada por Machado como abonação de “guarda-cara” é o relato de viagem *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal...* (1665), de padre Manuel Godinho (ASSIS. *Bons dias!*, p. 251, nota 5, e 250, nota 3).

³⁰⁶ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 783.

dá nome ao poema e um poleá (do malaiala, *പുലയൻ*, *pulayan*, “poluidor; no hinduísmo, casta intocável”). Nilce Sant’Anna Martins, em *Introdução à estilística*, observa que a expressividade dessa palavra, “poleá”, reside “não só no seu significado de pessoa da mais baixa casta da Índia, mas também na sua capacidade de evocar o país, com a sua organização social-religiosa, trazendo para o texto [de Machado de Assis], que oferece uma atmosfera de sonho e fantasia, alguma coisa do exotismo oriental”.³⁰⁷ A leitura de Martins, tendo em vista os propósitos de seu estudo, é irretocável; no que concerne à presença portuguesa na obra de Machado, contudo, deve-se ressaltar que o uso literário do termo “poleá” tinha, para o escritor brasileiro, a abonação do tradutor neoclássico Filinto Elísio, que o empregou em sua versão de *Les Martyrs*, de Chateaubriand, publicada em 1816 sob o título *Os Mártires*. Em outra peça de *Ocidentais*, “Velho fragmento” – excerto de “O Almada”, longo poema nunca publicado na íntegra em vida do autor –, Machado utiliza a palavra “muchacho” (do espanhol, *muchacho* “rapaz”). Está na estrofe n. VI, em que são lembrados os “dias da solemne festa / Da grande aclamação, de que inda fallam / Com saudade os muchachos de outro tempo, / Varões agora de medida e peso”.³⁰⁸ Embora o *Houaiss* e outros dicionários classifiquem essa palavra apenas como regionalismo (do Rio Grande do Sul),³⁰⁹ Machado acabou por, com a presença dela n’ “O Almada”, evocar, em certo sentido, a obra de padre Manuel Bernardes – um dos grandes clássicos da prosa em língua portuguesa, famoso pelo casticismo de sua linguagem –, que a utilizou n’ *Os últimos fins do homem, salvação, e condenação eterna* (1728).

Surpreendentemente, um documento revelador do culto prestado por Machado à vernaculidade chegou até nós.³¹⁰ Trata-se das “notas de leitura” do escritor, o fichamento empreendido por ele em seus estudos de língua. Publicadas originalmente por Mário de Alencar na seção de lexicografia dos dois primeiros números (julho de 1910 e janeiro de 1911) da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, tais notas são, para Magalhães Júnior, “um dos documentos mais interessantes que nos legou o escritor”.³¹¹ Consistem na transcrição de pequenos fragmentos das obras examinadas, quase sempre com a indicação, abreviada, da fonte bibliográfica, e algumas vezes com a aposição de pequenos comentários. Ciente da importância desse documento e, talvez, da dificuldade de acesso à *Revista da Academia...*, Magalhães Júnior

³⁰⁷ MARTINS. *Introdução à estilística*: a expressividade na língua portuguesa, p. 109. Para o poema de Machado, cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 560-562. Para a definição do termo em malaiala, a grafia no sistema de escrita original e a transliteração, consultaram-se fontes diversas na Internet.

³⁰⁸ ASSIS. *Poesias completas*, p. 356.

³⁰⁹ HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbete “muchacho”.

³¹⁰ A surpresa se justifica: Machado é conhecido por não ter guardado os manuscritos de seus trabalhos, salvo poucas exceções, e há mesmo uma tradição popular segundo a qual ele queimava, em um caldeirão de bronze, cartas e rascunhos descartados (AGUIAR. “A Dama do Livro” e outros mistérios).

³¹¹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis*: pesquisas e interpretações, p. 113.

o reproduziu como apêndice de seu *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, não se contendo – o que é compreensível – em acrescentar algumas notas de rodapé com exemplos do uso que Machado fez daquelas anotações em sua obra literária. Com efeito, ler as notas de leitura é “flagrar”, de alguma forma, o escritor no momento da elaboração linguística e literária, entregue ao estudo diligente das construções, palavras e sugestões que, depois, ganhariam uma segunda vida em seus textos. Nas notas encontram-se, por exemplo, as cópias que Machado fez de trechos de Filinto Elísio e padre Manuel Bernardes, modelos que o inspiraram a usar as palavras “poleá” e “muchacho” em sua obra.

O relato de Mário de Alencar que antecede a transcrição das notas de leitura é a informação mais segura de que se dispõe sobre elas:

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava em pequenas fôlhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dicção ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele.³¹²

Mário de Alencar não fornece uma datação exata das anotações, nem elas trazem indicações nesse sentido, mas, pelo testemunho do filho de José de Alencar, são, provavelmente, anteriores a 1874, ano em que Machado tomou posse na Secretaria de Agricultura e alcançou, por conseguinte, a estabilidade financeira. Entre as notas encontra-se um bilhete, sem destinatário, datado de 22 de agosto de 1870 – o bastante para levar Lúcia Miguel Pereira a afirmar que o estudo de Machado no Gabinete Português ocorreu “por volta” desse ano.³¹³ Magalhães Júnior contesta a biógrafa, lembrando que, como censor do Conservatório Dramático, na década de 1860, Machado já reiteradamente “apontava nas obras submetidas à sua apreciação dislates, incorreções, grosserias de expressão ou impropriedades vocabulares. Já tinha um conceito de estilo e defendia a correção da linguagem”.³¹⁴ O argumento de Magalhães Júnior é, de fato, consistente. Em um parecer de 1862, por exemplo,

³¹² In: ASSIS. *Lexicografia. Notas de leitura de Machado de Assis*, p. 267. Mário de Alencar se refere, salvo equívoco, a Laura Leitão de Carvalho, afilhada de Machado e Carolina, a quem o escritor deixou livros, móveis e objetos domésticos.

³¹³ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 120.

³¹⁴ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 116.

o jovem censor já condenava na comédia *Os nossos íntimos*, tradução de Joaquim da Silva Lessa Paranhos do original de Victorien Sardou, a forma “toda francesa”:

o emprego dos pronomes que é da índole daquela língua foi usado e abusado pelo tradutor. Encontram-se a cada passo frases desta ordem: – “...e criou-o de maneira que lhe provasse que não é necessário dever-se o ser a um homem para ser-se seu filho”. / Por último assinalarei a introdução de um termo novo na língua: *eficacidade*! Parece que o tradutor ignora que a palavra *efficacité* traduz-se por *eficácia*. E se ignora tal, lamento que se haja abalanzado a fazer uma tradução.³¹⁵

As notas de leitura, elaboradas, talvez principalmente, no período de formação do escritor, obedeciam, conforme Magalhães Júnior, a uma “necessidade de ordem mnemônica”: Machado as escrevera para “melhor fixá-las e assimilá-las. Uma vez memorizadas, não iria trabalhar por simples cópia. Valer-se-ia delas naturalmente, quando lhe acudissem, com espontaneidade”.³¹⁶ Para o biógrafo, isso explicaria o fato de Machado ter rasgado várias das notas. Cabe citar aqui, também, o famoso ensaio de Italo Calvino, “Por que ler os clássicos”, de 1981. Na terceira das definições de “clássicos” que propõe, Calvino ressalta que os livros a que assim nos referimos “*exercem uma influência particular*” mesmo “*quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual*”. Na visão do ensaísta italiano, isso ocorre porque, mesmo que nos lembremos pouco ou nada dos livros lidos na juventude, tais leituras são formativas: são elas que “dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza”.³¹⁷

Está claro que a preservação de parte das notas de leitura pode indicar que o escritor tenha recorrido a elas ainda na maturidade, até porque citações dos autores fichados e referências a eles em sua obra são recorrentes. Considerando, porém, que Machado muitas vezes recorria à memória para estabelecer seus diálogos literários, a conservação das notas pode indicar um sentimento de afeição do escritor pelo tempo em que passava horas estudando os clássicos no Gabinete Português de Leitura. O próprio suporte das notas, pequenas folhas soltas, pode ter dificultado, decerto, a conservação.

O arranjo das anotações na versão publicada pelo periódico da Academia Brasileira, seguido de perto por Magalhães Júnior em sua transcrição, provavelmente reflete uma decisão editorial de Mário de Alencar, motivado pela necessidade de organização do material. Verifica-

³¹⁵ ASSIS. *Do teatro: textos críticos e escritos diversos*, p. 270.

³¹⁶ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 114.

³¹⁷ CALVINO. *Por que ler os clássicos*, p. 10, grifos do original.

se que as notas estão agrupadas pelo nome do autor de que foram transcritas. São, ao todo, 23 autores que aparecem no que restou das notas de Machado – ou 24, se considerarmos que um dos livros fichados, a *Arte de furta*, então considerado parte da obra de padre Antônio Vieira, tem sido atribuído já há algum tempo ao padre Manuel da Costa (1601-1667). É bem possível, senão certo, que o número de autores examinados tenha sido bem maior (várias notas se perderam), e duas ausências, pelo menos, fazem-se sentir de modo especial: a do cronista quatrocentista português Gomes Eanes de Azurara, citado juntamente com Fernão Mendes Pinto no famoso ensaio “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, e a do jesuíta quinhentista João de Lucena, cujo pensamento, segundo o cronista d’“A semana”, “vale por vinte academias”.³¹⁸

Quatro escritores nascidos no século XV constam das notas de Machado: o dramaturgo Gil Vicente, os poetas Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda e João de Barros, autor de uma das primeiras gramáticas portuguesas, referido em *Dom Casmurro* como “[u]m historiador da nossa língua”.³¹⁹ De Gil Vicente, Machado registra o uso da palavra “negociado” em verso do “Auto do Juiz da Beira”. A nota dedicada a Bernardim Ribeiro, autor presente tanto na juvenília quanto em alguns dos romances da maturidade de Machado, registra a construção “Deus me é testemunha”. O uso da preposição “de” na regência do adjetivo “contente” e do verbo “contentar” seria observado em Sá de Miranda (“Eu desta glória só fico contente”) e em João de Barros (“Contentando-se de toda a vianda”), o que revela a preocupação de Machado com uma construção clássica do idioma – entre os vários trabalhos em que se valeu dessa regência, cita-se o conto “O caso da vara”, publicado originalmente em 1891: “Damião, contente de si”.³²⁰

A maioria dos autores fichados pelo escritor brasileiro – nove, ou seja, mais de um terço do total – nasceu no Quinhentos português. Sobre um deles, Damião de Góis, contemporâneo de João de Barros, escreveu o bilhete que acompanha as notas. Infelizmente, não foi possível identificar o destinatário e, ao que parece, essa pequena missiva escapou à recolha exaustiva que a Academia Brasileira de Letras fez da *Correspondência de Machado de Assis*.³²¹ Pelo teor da mensagem – uma descoberta de interesse purista – é possível supor que tenha sido dirigida

³¹⁸ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1041. Trata-se da crônica de 28 de outubro de 1894, já referida nesta tese.

³¹⁹ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 1021.

³²⁰ ASSIS. *Lexicografia*. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 275, 270 e 277; ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 527.

³²¹ Pelo menos, ela não aparece no lugar em que, cronologicamente, deveria estar, ou seja, após a carta de Araújo Porto-Alegre datada de 4 de agosto de 1870 (ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*, v. 2, p. 19).

a Ramos Paz ou a Manuel de Melo, com quem Machado, em reuniões semanais no Gabinete Português de Leitura, perscrutava “o terreno idiomático dos clássicos lusitanos”:³²²

Achei no Damião de Góes uma coisa que não vem no “Dicionário de Moraes”: é a palavra *reportes* com a significação do francês *rapport*. Vem na 4ª parte da “Crônica”, capítulo XXXVII, e diz assim: / “E por alguns reportes que lhe dêle fizeram, etc.” / Moraes dá o verbo *reportar* com a significação, entre outras, de *referir*, mas conquanto o *reporte* pareça derivar-se de reportar, não está escrito na crônica com a simples significação de *narração*, *exposição*, *informação*, mas com a de *mexericos*, que é uma das genuínas acepções do *rapport* francês [...]. Para melhor entender isto, é preciso ler tôda a página da crônica; trata-se justamente de mexericos.³²³

A *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, livro considerado pela crítica “[o] mais interessante [...] de viagens do século XVI português”, reconhecido por uma prosa que “chega até nós cheia de frescura e de poder comunicativo”,³²⁴ tem dois trechos transcritos nas notas. Esse livro foi objeto de tamanha meditação linguística por parte de Machado, que recebeu da pena do escritor brasileiro nada menos do que um “capítulo inédito”. O conto, inteiramente escrito no estilo de Fernão Mendes Pinto – “O segredo do Bonzo” –, foi originalmente publicado em número da *Gazeta de Notícias* de 1882 e, no mesmo ano, inserido em *Papéis avulsos*. Tal “capítulo” deveria ser, segundo nota do autor ao fim do volume, “intercalado nas *Peregrinações* (*sic*), entre os caps. CCXIII e CCXIV”. Na mesma nota, Machado nega ter feito um mero pastiche ou ter tentado “provar forças” com o explorador português, o que, “se fosse só isso, teria bem pouco valor. Era-me preciso”, esclarece, “para dar a possível realidade à invenção, colocá-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse”.³²⁵

Como dificilmente poderia deixar de ser, as notas registram o estudo que Machado fez da língua literária de Luís de Camões. Graça Aranha chega mesmo a dizer que o autor brasileiro pertence à “família camoneana”, notadamente pelo “classicismo do gosto e da forma”. Para Machado, discorre o autor de *Canaã*, “foi seguramente Camões o poeta que fixou a língua, que a tornou menos pedregosa até ameigal-a, o homem de letras humanas que fez da sua poesia uma joia de cultura, em que se encastoam as preciosas e raras gemmas do mundo antigo, que elle

³²² BECHARA. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa, p. 13.

³²³ ASSIS. Lexicografia. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 276. Na versão da *Revista da Academia Brasileira de Letras* (foi-nos possível consultar apenas o número de janeiro de 1911), lê-se “Achei no Damião de Góes *uma couza* [...]” (grifo nosso).

³²⁴ SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 297 e 301.

³²⁵ ASSIS. *Papéis avulsos*, p. 248.

desenterrou do subsolo português”.³²⁶ Curiosamente, um dos aspectos assinalados por Machado em ficha dedicada a Camões tem menos a ver com uma “joia de cultura” do que com uma “maneira popular de fazer graça”, forma como Magalhães Júnior se refere ao trocadilho. Conforme notou esse biógrafo, o trocadilho foi cultivado por Machado, ainda que “com alguma discrição”.³²⁷ Nas notas de leitura, Machado observa que “[t]ambém Camões deixou alguns trocadilhos”, exemplificando com falas de Isolina e Duriano na comédia *Filodemo*: “Como Deus está nos céus, / Que, se é verdade o que temo, / Que fêz isto Filodemo”; “Mas fê-lo o demo, que Deus / Não faz mal tanto em extremo”.³²⁸ Nesse fragmento de Camões, Machado encontra a abonação para o calembur, recurso a que recorreria, de forma marcante, em suas crônicas. Para Magalhães Júnior, esse “achado” em Camões representou um “‘habeas-corpus’ capaz de garanti-lo em sua longa jornada de cronista...”³²⁹ Helen Caldwell poderia acrescentar: “e de romancista”. A pesquisadora estadunidense, em sua leitura de *Dom Casmurro* à luz de Shakespeare, nota que “[o] ciúme de Otelo o transforma em mouro; o de Bento o transforma em ‘casmurro’. Pois, creio eu, há um trocadilho de Machado de Assis nessa palavra: a palavra inglesa ‘Moor’ e a sílaba intermediária de ‘casmurro’ possuem praticamente o mesmo som”. Pode parecer um exagero, mas Caldwell é firme em sua interpretação: “Para todos aqueles que apreciam jogos de palavras, como Machado, tal trocadilho não é absolutamente impossível – ao contrário, chega a ser irresistível e, nisso, ele faz uso de um modelo do próprio Shakespeare, que faz trocadilhos com a palavra ‘Moor’ mais de uma vez.”³³⁰ O estudo das notas de leitura acrescenta ao argumento de Caldwell a abonação do clássico por excelência da língua portuguesa.

As transcrições feitas por Machado da obra de frei Amador Arrais evidenciam que foi o brasileiro leitor diligente dos *Diálogos* (1589) do religioso português, membro da Ordem dos Carmelitas Calçados. Na prosa “correcta e acessível”³³¹ de frei Arrais, encontrou Machado a expressão “entre luz e fusco”, de que lançaria mão em capítulo de *Dom Casmurro*. Antônio de Moraes Silva, que registra na mesma entrada de seu *Dicionário...* a variante “lusco e fusco”, define a locução, primeiramente, como “por o tempo em que o dia se escurece, e vai anoitecendo”, e, em sentido conotativo, como “conhecer as coifas obscuramente, sem toda a

³²⁶ ARANHA. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores, p. 16.

³²⁷ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis*: pesquisas e interpretações, p. 201.

³²⁸ ASSIS. *Lexicografia*. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 274, grifos do original.

³²⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis*: pesquisas e interpretações, p. 205.

³³⁰ CALDWELL. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*: um estudo de *Dom Casmurro*, p. 162.

³³¹ SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 416.

clareza”.³³² Em *Dom Casmurro*, Machado habilmente se vale dos dois sentidos na cena em que Bentinho, para cumprir a promessa materna da entrada no seminário e na vida religiosa, despede-se de Capitu, sua “companheira da meninice”, o que sugere o pensamento confuso e aturdido do adolescente.³³³ É interessante que tenha optado pela forma “luz e fusco”, em lugar de “lusco e fusco”. A filóloga Ângela Vaz Leão, embora reconheça que a locução “entre lusco e fusco” tem a primazia da antiguidade no registro escrito da língua, uma vez que aparece na comédia *Eufrósina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1555), cuja publicação precede em mais de três décadas a dos *Diálogos*, acredita que a expressão escolhida por Machado é a que data de época mais remota. A forma “lusco e fusco”, esclarece, “não passaria de alteração da locução primitiva, *entre luz e fusco*. E essa alteração se deu graças ao poder da rima”.³³⁴

Para justificar o uso castiço de palavras e expressões ou para anotar fatos da língua clássica, Machado ainda faria transcrições das obras de autores como João de Barros, Damião de Góis, frei Heitor Pinto e Diogo Bernardes. Nesses autores, entre outros, descobriria, para ficar com a imagem elaborada por ele no “Instinto de nacionalidade”, “mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas”. Uma dessas “riquezas”, certamente, foi o uso de arcaísmos, recurso tão frequente em sua escrita. Aurélio Buarque de Holanda, que elencou vários exemplos de arcaísmos léxicos e sintáticos presentes na obra do escritor, recolhidos de diversos momentos de sua produção, escreveu: “Em contato com o passado da língua, conversando com os clássicos, [Machado] olhava mais para o presente. Creio ter sido ele quem afirmou que o arcaísmo que se ressuscita é um neologismo.”³³⁵

Um parêntese é necessário: se a contribuição desses autores foi significativa na elaboração da língua literária machadiana, considerável foi também o papel deles na abordagem psicológica que Machado viria a fazer de seus narradores e personagens. Josué Montello, num dos poucos textos dedicados às notas de leitura, observou que, além das “curiosidades de língua e estilo”, há nelas cópias de “lances de moralista, excertos de observações agudas, trechos seletos de conceitos imprevistos e sobretudo associações incomuns de palavras”.³³⁶ Vários trechos poderiam ser aqui citados; para ficar apenas com um, cita-se um lance de moralista que, na avaliação de Montello, seduziu Machado: “Bem arbitrado estava, porque desde que Eva se pôs a conversar com a serpente parece que se pegou um não sei quê de serpente a todo este

³³² SILVA. *Diccionario da lingua portugueza*, v. 2, p. 36.

³³³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 959.

³³⁴ LEÃO. *História de palavras*, p. 118.

³³⁵ FERREIRA. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*, p. 8. Não encontramos essa citação na obra de Machado.

³³⁶ MONTELLO. *Josué Montello*, p. 266.

sexo”.³³⁷ Machado transcreveu esse fragmento d’*Os últimos fins do homem...*, de padre Manuel Bernardes. O narrador de um dos contos machadianos da maturidade, “A cartomante”, encontraria um quê de serpente na personagem Rita, vértice de um triângulo amoroso: “Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca”.³³⁸

Mesmo incompletas, as notas revelam um soberbo leitor dos clássicos, dos clássicos de diversos tempos e estilos. Do Quatrocentos até ao Oitocentos, todos os séculos possuem representantes nas notas. O autor mais recente, o brasileiro José de Alencar, deve ter sido considerado por Machado um clássico ainda em vida, uma vez que é bem possível que a redação das notas tenha sido feita antes de 1877, ano da morte do autor de *Iracema*. Alencar é, aliás, uma exceção – juntamente com o maranhense João Francisco Lisboa – nessas notas de leitura em que prevalecem os clássicos lusitanos. Todos os demais autores estão ligados à história literária de Portugal, muito embora padre Antônio Vieira seja igualmente estudado em nossas letras e Antônio José da Silva, o Judeu, tenha nascido em terras brasileiras.³³⁹

Nilce Sant’Anna Martins, apoiando-se nos estudos de Charles Bally, insere os arcaísmos, bem como os estrangeirismos, os termos dialetais, os neologismos e as expressões de gíria, no grupo das “palavras evocativas”, palavras que favorecem determinadas associações, em razão da origem etimológica delas ou da variedade linguística em que aparecem. Os arcaísmos, especificamente, permitiriam “a evocação do passado, a recriação de uma atmosfera solene ou pitoresca”, no que seriam recorrentemente usados por escritores interessados em “reviver os tempos medievos”. A respeito de Machado, reconhece a pesquisadora que, “mesmo sem escrever sobre tempos antigos, revela um leve pendor por termos arcaicos”, citando alguns exemplos presentes nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “arruído”, “algures”, “alfim”, “azo”, “carpir” (no sentido de “chorar convulsivamente”), “desazo”, entre outros.³⁴⁰

A utilização de formas mais ou menos arcaizantes da língua portuguesa, numa provável tentativa de recriar ou, pelo menos, sugerir o que seria o “grau zero” do idioma, sua forma mais “pura” e “clássica”, ainda não “corrompida” pelo uso trivial, parece constituir parte importante da técnica machadiana. Antonio Candido a trata por “técnica de espectador”, alheia ao rebuliço das “modas dominantes”, definindo seus efeitos como “imparcialidade estilística” e “distanciamento estético”. Esse distanciamento, paradoxalmente, seria capaz de reforçar a

³³⁷ ASSIS. Lexicografia. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 267.

³³⁸ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 436.

³³⁹ Em “Algumas notas sobre as ‘notas de leitura’”, apresenta-se uma sistematização dos autores e obras constantes no que restou do fichamento de Machado de Assis (APÊNDICE A, QUADRO 2).

³⁴⁰ MARTINS. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*, p. 114.

pulsção da realidade, numa dimensão tal não alcançada pelos naturalistas do século XIX, especuladores da objetividade.³⁴¹ É, em certo sentido, o que Machado já havia estabelecido no “Instinto de nacionalidade”: “à força de velhas” é que as riquezas dos clássicos se fazem novas – e sempre novas, pode-se acrescentar, porque não expostas ao frenesi da passagem do tempo.

Pelos títulos de várias de suas peças literárias, já se pode estimar o gosto de Machado de Assis por termos arcaizantes. É possível que tenha adotado, na publicação original da serenata em parceria com Artur Napoleão, em 1867, o título “Lua da estiva noute”, como que, num *legato*, prendendo a canção originária da América a uma ressonância camoniana. Infelizmente, não tivemos acesso à partitura, na forma editada pelo *Álbum de canto nacional*. A hipótese ora apresentada se apoia na notícia que o “Dr. Semana”, pseudônimo coletivo da *Semana Ilustrada* – pseudônimo que, não custa lembrar, foi também uma “máscara” machadiana –, deu acerca da serenata na crônica de “Pontos e vírgulas” de 9 de junho de 1867:

Concluo com uma noticia interessante.

O Sr. Narciso Braga com casa de pianos e musicas, á rua dos Ourives, acaba de publicar uma serenata de Arthur Napoleão.

A serenata denomina-se *Lua da estiva noute*. A poesia é imitada do inglez pelo Sr. Machado de Assis. [...]

E’ uma musica original, cheia de sentimento, graça e novidade.

Aconselho ás nossas pianistas que não deixem de munir-se com a nova obra de Arthur Napoleão.³⁴²

Venha a confirmar-se ou não tal hipótese, outros títulos atestarão suficientemente a queda de Machado de Assis para os termos arcaizantes, queda que ele teve desde a juventude – veja-se o poema “Os dous horizontes”, por exemplo, incluído em *Crisálidas* (1864) – até à maturidade – como no título do capítulo CLVIII de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), “Dous encontros”. A referência ao título do primeiro capítulo de *Esaú e Jacob* (1904) se impõe, “Cousas futuras!”, porquanto o manuscrito desse romance chegou até nós – não pode haver dúvida, logo, de que a escolha de “cousas”, e não “coisas”, foi do autor, não do revisor ou do tipógrafo.³⁴³ Devem ser citados, também, os títulos que seguem padrões arcaizantes, como “De...” – fórmula frequentemente usada por ensaístas quinhentistas, com o propósito de

³⁴¹ CANDIDO. Esquema de Machado de Assis, p. 23.

³⁴² DR. SEMANA. Pontos e virgulas, p. 2710.

³⁴³ A conferência, nesse caso, deverá dar-se, preferencialmente, com as edições *princeps* (ASSIS. *Chrysalidas*: poesias, p. 107; _____. *Memorias posthumas de Braz Cubas*, p. 384; _____. *Esaú e Jacob*, p. 1). Edições recentes da obra de Machado de Assis tendem a eliminar formas arcaizantes como “dous” e “cousa”, uma tentativa de “modernização” do texto do autor – e, talvez, de “facilitação” do acesso a sua obra – que acaba por tirar-lhe um traço estilístico. Fac-símile do manuscrito de *Esaú e Jacob* está disponível na Internet (<<http://docvirt.com/docreader.net/BVMachado/1085>>. Acesso em: 1 jan. 2017).

organizar o texto em torno de um tópico –, “Em que...” – apreciada pelos romancistas do Setecentos –, entre outros padrões similares, que remetem o leitor às hagiografias e escritos medievais.³⁴⁴ Lembrem-se os títulos “Em que aparece a orelha de uma senhora”, “De como não fui ministro de Estado” e “Das negativas”, de *Memórias póstumas...* (cap. V, CXXXIX e CLX), e “Do título”, “Do livro” e “Em que se explica o explicado”, de *Dom Casmurro* (1899, cap. I, II e CXIV).

Até onde se pôde apurar, a presença de arcaísmos na escrita machadiana é uma característica que se vem perdendo nas traduções de suas obras. William L. Grossman, para dar apenas um exemplo, em *Epitaph of a Small Winner* (versão de *Memórias póstumas...* publicada pela primeira vez, nos Estados Unidos, em 1952 e ainda em catálogo nesse país, em edição *paperback*, pela Farrar, Straus and Giroux) verte o último capítulo do romance, “Das negativas”, como “Negatives”, dispensando o padrão arcaizante usado por Machado e que tem um correspondente imediato – “Of...” – em língua inglesa.³⁴⁵ É digno de elogio, nesse sentido, o cuidado de Lúcia Fulgêncio, tradutora de um conto machadiano para o italiano. Em comentário à tradução de “Um apólogo”, Fulgêncio relata ter-se preocupado com a presença, no texto de Machado, “de termos não comuns hoje em dia, como *cousa* (em vez de *coisa*), *coser* (em vez de *costurar*), *mofar* (em vez de *zombar*) e *corpinho* (no trecho *a costureira [...] levava a agulha espetada no corpinho*)”. Segundo a tradutora, seria preciso “recuperar”, na versão italiana, “o mesmo sabor levemente antigo” do conto em português.³⁴⁶ O que se pode acrescentar ao comentário de Fulgêncio é que esse “sabor levemente antigo” não é exclusividade de nosso tempo: era já sentido pelos leitores oitocentistas. Machado poderia, por exemplo, ter recorrido a “costurar”, verbo que, segundo o *Houaiss*, entrou no registro escrito da língua portuguesa antes de 1881 (o conto, originalmente intitulado “A agulha e a linha”, foi publicado na *Gazeta de Notícias* de 1º de março de 1885). Optou, no entanto, por “coser”, verbo bem mais antigo na língua – remonta ao século XIII. O escritor também poderia ter usado uma palavra mais “moderna” para “corpinho”: “corpete”, do italiano *corpetto*, que entrou no português em 1873. Preferiu, porém, “corpinho”, um termo quinhentista.³⁴⁷ Na impossibilidade de recuperar o traço arcaizante “exatamente sobre as mesmas palavras”, a decisão da tradutora,

³⁴⁴ ROZETT. *Constructing a World: Shakespeare’s England and the New Historical Fiction*, p. 27.

³⁴⁵ Cf. ASSIS. *Epitaph of a Small Winner: A Novel*, p. 209.

³⁴⁶ FULGÊNCIO. A tradução de “Um apólogo” para o italiano, p. 66. Os colchetes indicando supressão de trecho são do original, assim como os grifos.

³⁴⁷ HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbetes “corpete”, “corpinho”, “coser” e “costurar”.

muito acertada, foi a de “transferir essa característica para outro ponto do texto”, permitindo também ao leitor italiano apreciar um efeito estilístico pretendido pelo autor.³⁴⁸

Ainda sobre o Machado estudioso da língua, cumpre destacar que, além das formas arcaizantes, sua escrita ainda receberia o influxo do português europeu contemporâneo. Vivendo em um período de diferenciação nacionalista, diferenciação que deveria resultar, no campo das letras, numa língua literária de acentuado sabor local, Machado, ainda que moderado em questões linguísticas, esteve, muitas vezes, mais próximo da variante europeia que da americana do idioma. A linguista Ane Schei, estudando a colocação pronominal em romances de sete escritores oitocentistas brasileiros (Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Aluísio Azevedo e Machado de Assis), mostra que Machado é deles o que se aproxima mais das exigências da gramática lusa, ao contrário de José de Alencar, cuja escrita se aproxima em maior medida do uso linguístico brasileiro. Mesmo na transcrição de diálogos dos personagens, o romancista Machado de Assis faz pouca concessão ao uso pronominal típico brasileiro.³⁴⁹

Em sua preocupação com as questões de língua, Machado não esteve sozinho. Em 1862, quando começou a colaborar na revista luso-brasileira dirigida por Faustino Xavier de Novais, foi justamente a unidade da língua a justificativa para a união de intelectuais de diferentes nacionalidades. Em crônica da série “Comentários da semana” de 24 de março de 1862, Machado já adiantava a notícia de sua participação no projeto de Novais:

O Futuro, revista que aparecerá cada quinzena, é mais um laço de união entre a nação brasileira e a nação portuguesa. Muitas razões pedem esta intimidade entre dous povos, que, esquecendo passadas e fatais divergências, só podem, só devem ter um desejo, o de engrandecer a língua que falam, e que muitos engenhos têm honrado. [...] Os destinos da língua portuguesa figuram-se-me brilhantes; não individuem os esforços; o princípio social de que a união faz a força é também uma verdade nos domínios intelectuais e deve ser a divisa das duas literaturas.³⁵⁰

De fato, iria ao encontro do que expõe Machado a carta-programa da revista *O Futuro*, escrita por Reinaldo Carlos Montoro. Nesse texto, intitulado e dirigido “Ao publico brasileiro e portuguez”, publicado no primeiro número do periódico de Faustino, o engrandecimento da literatura em língua portuguesa é tido como um dos objetivos da publicação, preocupada com o desmerecimento da tradição literária luso-brasileira em face das influências estrangeiras.

³⁴⁸ FULGÊNCIO. A tradução de “Um apólogo” para o italiano, p. 67.

³⁴⁹ Cf. SCHEI. *A colocação pronominal do século XIX: a língua literária brasileira, passim*, mas especialmente p. 13, 49, 118-120.

³⁵⁰ ASSIS. *Comentários da semana*, p. 190-191.

Segundo Montoro, os “maldizentes” de Brasil e Portugal afirmam que tudo que esses países produzem “é imperfeito, não tem o cunho da graça franceza, da profundidade allemã, do positivismo inglez: pobres homens de letras de aquem e além-mar, a vossa língua, no entender destes sabios sem patria, é barbara, pobre, desenfeitada, é pedinte esfarrapada”. Conforme ainda esse colaborador d’*O Futuro*, pretendia-se com a publicação não desprezar os mestres das “nações estranhas”, mas defender o lugar da língua portuguesa na “republica democrática e federalista do mundo litterario”.³⁵¹

Foi, pois, ambicioso o projeto da revista, e talvez não seja exagero afirmar que ele não envelheceu, antes, tem-se atualizado na esfera política do século XXI por meio de diversas ações em maior ou menor medida baseadas num ideal de cooperação da lusofonia, como a proposta de um Acordo Ortográfico em comum em 1990, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 1996, a defesa no âmbito cultural e das relações exteriores da língua portuguesa, a difusão de sua literatura mediante o incentivo a traduções, feiras literárias internacionais e a concessão de um prêmio como o Camões, já outorgado a escritores de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola e Cabo Verde. *O Futuro* possibilitou a Machado participar de um projeto que foi, em certo sentido, precursor dessas ações, um projeto fundado na ideia da língua como pátria – pois é isso que se depreende do artigo de Montoro, quando ele se refere aos detratores da própria língua como “sábios sem pátria”. Esse aspecto da revista, dada a discussão aqui empreendida sobre o Machado estudioso da língua, foi-lhe certamente caro.

³⁵¹ O FUTURO, n. I, p. 26 e 27.

3 DA COLABORAÇÃO EM PROSA

Há, em todos os números d'*O Futuro*, uma extraordinária variedade de gêneros textuais e linguagens artísticas, dispostos de forma pouco previsível: o poema curto divide a página com a produção mais extensa; à carta vinda de além-mar segue-se imediatamente uma compilação de máximas, ou um poema; uma resenha crítica abre a edição de 15 de janeiro de 1863, mas nada impediu que esse mesmo espaço fosse destinado, noutros números da revista, a uma partitura, ou uma gravura, ou a mais um capítulo de romance...³⁵² Chama a atenção, portanto, a presença de uma única série regular, genericamente (e, ao mesmo tempo, significativamente) intitulada “Crônica”. Além da permanência em todos os vinte fascículos, essa seção ocupou um lugar fixo – e de prestígio – na revista: as últimas páginas de cada número, seguidas tão somente do expediente. Assim, elas consistiam na “última palavra” da publicação sobre os fatos da quinzena finda, dando destaque à cena literária, naturalmente, pois *O Futuro* tencionava ser, em alto grau, como aliás expresso no subtítulo, um “periódico literário”.

Constitui-se de dezesseis textos a colaboração de Machado de Assis na seção “Crônica”, colaboração que se inicia já no número de estreia da revista, publicado a 15 de setembro de 1862. Apenas em quatro fascículos Machado não desempenhou a função de cronista, então delegada a outros colegas de redação. Após a estreia, a seção “Crônica” contaria com os seguintes textos: o do redator principal, Faustino Xavier de Novais (n. II, 1º out.); a colaboração de Antônio Moutinho de Sousa (n. III, 15 out.); um texto assinado por Sotero de Castro (n. IV, 1º nov.); e ainda outro, subscrito por E. Lima (n. V, 15 nov.). N'*O Futuro* de 1º de dezembro de 1862, Machado, com “uma satisfação não dissimulada” – assim definiu Massa –,³⁵³ retornava ao ofício de cronista, aí permanecendo até o último número da revista, publicado a 1º de julho do ano seguinte. A crônica traz a data de 30 de novembro:

Neste aposento construído no fundo do edifício que o leitor acabou de percorrer installo-me eu, e aqui praticarei mansamente com o leitor sobre todas as cousas que nos fornecer a quinzena, sem fadiga para mim, nem magoa

³⁵² Cf. O FUTURO, n. XV, p. 495; n. III, p. 102; n. XII, p. 392; n. IX, p. 269; n. III, p. 1 (partitura, com paginação própria, inserida antes da p. 73 da numeração corrente); n. VIII, p. 1 (mais uma partitura, com numeração própria, antecedendo a p. 237); n. I, gravura, fora da paginação regular (antecede a p. 1); n. IV, também uma gravura, sem página (antecede a p. 109); n. XVI, p. 501.

³⁵³ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 303.

para ninguém. Durarão as nossas palestras o intervalo de um charuto, mais infelizes nisto que as rosas de Malherbe.³⁵⁴

Não está claro o motivo dessa irregularidade na série “Crônica”, entendida quer como a interrupção temporária da contribuição de Machado, quer como sua posterior “apropriação” daquele espaço. Rodrigo Camargo de Godoi acredita que “[t]alvez a intenção de Faustino Xavier de Novaes fosse, a princípio, apresentar a cada número do *Futuro* um cronista diferente, e, na medida em que essa fórmula falhou, o redator-chefe resolveu contratar Machado de Assis em definitivo”. É apenas uma hipótese, e Godoi não descarta outra: a dedicação ao teatro pode ter “desempenhado um papel importante na interrupção das crônicas do *Futuro* escritas por Machado de Assis”.³⁵⁵ De fato, durante o tempo em que esteve afastado da seção “Crônica” (outubro e novembro de 1862), Machado, animado com a boa recepção da sua comédia *O caminho da porta*, estreada no Ateneu Dramático a 12 de setembro, deve ter-se dedicado à escrita da peça *O protocolo*. Galante de Sousa toma a data de 21 de novembro como limite da composição da comédia, pois é a data que consta do formulário de encaminhamento da peça ao censor do Conservatório Dramático.³⁵⁶

Não há dúvidas de que, dos cronistas d’*O Futuro*, Machado foi aquele que receberia a maior atenção por parte dos estudiosos de literatura, muito embora interessados, sobretudo, em sua maturidade. Faustino Xavier e Antônio Moutinho são nomes frequentes nas investigações acerca da juventude de Machado de Assis; há, sobre eles, informações confiáveis e bons estudos, principalmente sobre Novais.³⁵⁷ Quanto a Sotero de Castro e E. Lima, todavia, excedem as lacunas. Sobre o primeiro, sabe-se, pela documentação preservada do Conservatório Dramático Brasileiro, que figurou nos quadros desse organismo, atuando como censor.³⁵⁸ Conforme Jean-Michel Massa, Sotero de Castro pertencia ao grupo dos censores

³⁵⁴ O FUTURO, n. VI, p. 202. O cronista compara a duração de suas “palestras” com as efêmeras rosas do poema de François Malherbe (1555-1628), “Consolation à M. Du Périer sur la mort de sa fille”: “Mais elle était du monde, où les plus belles choses / Ont le pire destin, / Et rose elle a vécu ce que vivent les roses, / L’espace d’un matin.” (MALHERBE. Consolation à M. Du Périer sur la mort de sa fille). “Mas ela estava no mundo, onde as coisas mais belas / Têm o pior destino, / E rosa ela viveu o que vivem as rosas, / O espaço de uma manhã.” (Tradução livre). Segundo John Gledson, trata-se de uma “citação batida” nas crônicas de Machado (ASSIS. *Crônicas escolhidas*, p. 180, nota 2). Note-se, no fragmento da crônica ora citado, o uso de “cousas”, forma bem comum no português europeu (cf. SALOMÃO. *La lingua*, p. 81).

³⁵⁵ GODOI. Introdução, p. 12.

³⁵⁶ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 362.

³⁵⁷ Cf., *verbi gratia*, BASTO. *Figuras literárias do Porto*, p. 15-30; GALVÃO. Faustino Xavier de Novais e inéditos biográficos dos familiares; JANUZZI. *A vespa do Parnaso, de Faustino Xavier de Novais*: edição e estudo; MASSA. Um amigo português de Machado de Assis: Antônio Moutinho de Souza; GRANJA. Machado, Moutinho, um poema e algumas considerações: homenagem aos cem anos da morte de Machado de Assis.

³⁵⁸ No inventário dos exames censórios, realizado sob os auspícios da Biblioteca Nacional, o nome de Sotero de Castro e Silva aparece no registro de dezesseis conjuntos de documentos [LEMOS (Org. e indexação). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro*: inventário analítico, p. 361].

“silenciosos”, os que se limitavam a observações breves em seus pareceres, diferindo-se, nesse aspecto, de Machado de Assis, censor do grupo dos “espalhafatosos”, dos que “dão conselho, indicam correções, aceitam sob reserva tal retoque ou modificação”.³⁵⁹ Nada mais se encontrou a respeito desse censor e colaborador da revista de Novais. Sobre o outro cronista, E. Lima, há divergência entre os estudiosos. Jean-Michel Massa, que chega a citá-lo n’*A juventude de Machado de Assis* entre as “outras penas” que redigiram crônicas para *O Futuro*, desenvolve a abreviatura “E.” como “Eduardo”, sem, contudo, indicar qualquer fundamentação para isso.³⁶⁰ Em seu *Dicionário de Machado de Assis*, Ubiratan Machado dedica a esse cronista um verbete, nomeando-o J. Evangelista de Lima e destacando sua atuação n’*A Saudade* e n’*O Futuro*. Afirma, porém, “[n]ada sabe[r] de sua vida e obra”.³⁶¹

Além da dificuldade em obter informações sobre os cronistas da revista de Faustino Xavier, durante muito tempo a própria precariedade editorial da série representou um obstáculo para os estudiosos. As crônicas, assim como toda a revista, ganharam uma segunda edição ainda no século XIX (Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1867), em volume único, com aproveitamento quase total das matrizes tipográficas originais e o acréscimo, após a folha de rosto, dum “Índice” bastante útil, que ordena alfabeticamente os títulos dos trabalhos publicados na revista. As crônicas estampadas n’*O Futuro* constituem, portanto, muito provavelmente, a primeira experiência de Machado como cronista a ser transferida para o suporte livro, antecipando em mais de trinta anos a recolha, empreendida pelo próprio autor, de algumas crônicas da série “A semana” no volume *Páginas recolhidas* (1899). Contudo, a ausência – até onde foi possível verificar – de notícias sobre o volume publicado pelo editor português Antônio Augusto da Cruz Coutinho (estabelecido no Rio de Janeiro desde 1855, aproximadamente) talvez assinala que ela não desfrutou de boa acolhida, ou, então, o que é bem mais provável, que uma tiragem reduzida tenha dificultado o acesso de um público maior.³⁶²

³⁵⁹ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 287.

³⁶⁰ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 303.

³⁶¹ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 188.

³⁶² Em nossa pesquisa, localizou-se apenas um registro de exemplar da segunda edição d’*O Futuro*, preservado no acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A notícia mais antiga encontrada acerca da reedição da revista é dada por Gondin da Fonseca, em livro de 1941 [FONSECA. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*, p. 331]. A livraria Popular, de A. A. da Cruz Coutinho (rua São José, 75), embora não se tenha dedicado à literatura brasileira, publicou alguns volumes de Castro Alves; editou, também, entre outros trabalhos, uma obra jurídica de José de Alencar, *Uma tese constitucional: a princesa imperial e o príncipe consorte no conselho de Estado* (1867), e uma peça traduzida por Machado de Assis, sob criptônimo (***) , o drama *O anjo da meia-noite* (1876), de Théodore Barrière e Édouard Plouvier (cf. HALLEWELL. *O livro no Brasil: sua história*, p. 303; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 22. O livro de Alencar está disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/242445/000051843.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 jan. 2017). O irmão mais velho de A. A. da Cruz Coutinho, Antônio Rodrigues da Cruz Coutinho, permaneceu no Porto, “onde era respeitado editor de eminentes luminares como Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz” (HALLEWELL. *O livro no Brasil: sua história*, p. 303).

No final da década de 1930, W. M. Jackson Inc. Editores lançaram a primeira edição das “obras completas” de Machado de Assis, reunidas em 31 volumes. Somente as crônicas ocuparam sete desses volumes; por muito tempo, algumas delas tiveram nessa edição a única fonte acessível. As dezesseis crônicas de Machado originalmente publicadas n’*O Futuro* estão reproduzidas no volume de número 22, destinado a cobrir o período que vai de 1859 a 1863.³⁶³ Esse volume distingue-se por reunir, assim, as primeiras contribuições de Machado para o gênero crônica; todavia, embora tenha contribuído para o acesso a esses textos, não ficou ao abrigo de críticas procedentes. Conforme Ubiratan Machado, a edição W. M. Jackson “deve ser encarada com extrema reserva”, pois adotou um critério editorial que “desrespeitou a fidedignidade ao original e, por vezes, violentou o pensamento de Machado de Assis”.³⁶⁴ No caso específico das crônicas d’*O Futuro*, além de gralhas tipográficas e transcrições truncadas, o próprio título da série foi “corrigido” pelos editores W. M. Jackson: “Chronicas”, no plural.³⁶⁵

Em 1959, veio à luz uma nova reunião das obras machadianas, mais bem cuidada quanto à fixação de texto e dotada de paratextos ainda hoje valiosos, como estudos e índices. Organizada por Afrânio Coutinho, essa edição, contudo, privilegiou os trabalhos publicados em livro por Machado de Assis, em detrimento dos textos que originalmente saíram na imprensa. No tocante às crônicas, a primeira a figurar nessa edição já é a da série “História de quinze dias” de 1º de julho de 1876. Em outras palavras, a *Obra completa* da editora José Aguilar não se preocupou em oferecer ao leitor de Machado nem mesmo um “panorama” do que foi a intensa escrita de crônicas por esse autor na década de 1860.³⁶⁶

Somente em 2008, ou seja, quase cinquenta anos depois, as crônicas da juventude de Machado de Assis seriam incluídas na *Obra completa em quatro volumes* da Nova Aguilar, herdeira da José Aguilar. Essa versão, que em 2015 ganhou um projeto gráfico mais arejado, dedica um de seus quatro volumes à crônica, o que representou um avanço considerável na divulgação de uma parte historicamente desvalorizada do espólio literário de Machado de Assis.³⁶⁷ Também em 2008, ano do centenário de morte de Machado de Assis, a editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), participando das homenagens ao autor, divulgou o lançamento de uma coleção de crônicas completas, a ser constituída de até quinze volumes. Naquele ano, três volumes foram publicados, cada um dedicado a uma série de

³⁶³ Cf. ASSIS. *Chronicas*: 1º volume (1859-1863). Para a colaboração n’*O Futuro*, v. p. 311-408.

³⁶⁴ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 359.

³⁶⁵ Sobre os problemas de transcrição, cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 373.

³⁶⁶ Cf. ASSIS. *Obra completa*, v. 3, p. 335.

³⁶⁷ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4. Para a contribuição de Machado de Assis à revista de Faustino Xavier de Novais, v. p. 70-107.

crônicas, preparados por estudiosos de Machado de Assis: *Bons dias!*, *Comentários da semana* e *Notas semanais*.³⁶⁸ Em 2014, integrando a coleção planejada pela editora da Unicamp, veio a lume *O Futuro*, reunião das crônicas machadianas originalmente publicadas na revista homônima, em edição organizada e anotada por Rodrigo Camargo de Godoi.³⁶⁹

Hoje, portanto, há fácil acesso a essas crônicas, disponíveis em várias edições e na Internet. No entanto, ainda parece haver certa relutância em “canonizar” algumas de suas páginas mediante a inserção em antologias de crônicas machadianas. Citem-se apenas dois exemplos, duas recolhas relevantes: nem a antologia organizada por Salete de Almeida Cara para a coleção “Melhores crônicas”, nem a preparada por John Gledson para o selo Penguin Classics, da Companhia das Letras, trazem crônicas d’*O Futuro*.³⁷⁰ Em ambos os trabalhos, o único texto representativo do Machado cronista na faixa dos vinte anos é o artigo “O folhetinista”, publicado originalmente numa série de “Aquarelas” d’*O Espelho*.³⁷¹ De fato, trata-se de um texto importante e famoso. Nele, Machado compara o lugar do folhetinista na sociedade com “o lugar do colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política”.³⁷² O folhetinista de que fala Machado não é o autor de romances-folhetim nem o crítico de rodapé, mas o escritor que seria depois amplamente conhecido como cronista.

Sem querer tirar a importância da “Aquarela”, é preciso reconhecer, todavia, que a reflexão nela presente sobre o folhetim e sobre o folhetinista é feita no registro da caricatura. Deve-se lê-la, portanto, com reservas, como parte de uma série de fisionomias em que também comparecem tipos como o parasita e o empregado público aposentado. Seria interessante se as antologias passassem a reproduzir, da mesma forma, a primeira das crônicas que Machado escreveu para *O Futuro*. Esse texto, que se refere ao gênero recorrendo ao nome pelo qual é conhecido até hoje, “crônica”, tem, como “O folhetinista”, um caráter metalinguístico, de reflexão sobre o próprio fazer do gênero. Segundo Mário de Alencar – talvez o primeiro, no século XX, a se referir à colaboração de Machado n’*O Futuro* –, essa crônica, publicada a 15

³⁶⁸ Cf. ASSIS. *Bons dias!*; _____. *Comentários da semana*; _____. *Notas semanais*. Ainda está em curso a publicação dessa coleção de crônicas completas. Cf. notícia do lançamento no *Jornal da Unicamp*: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2008/ju406_pag02-a.php>. Acesso em: 15 jul. 2015. A publicação de “Bons dias!” foi, na verdade, uma nova edição do trabalho já conhecido de John Gledson.

³⁶⁹ Cf. ASSIS. *O Futuro*. Avanços e problemas dessa edição foram apontados em texto de nossa autoria publicado na revista *Machado de Assis em linha* [CAMPOS. Resenha de *O Futuro*, de Machado de Assis (organização, introdução e notas de Rodrigo Camargo de Godoi)].

³⁷⁰ Cf. ASSIS. *Melhores crônicas*; ASSIS. *Crônicas escolhidas*.

³⁷¹ A antologia de Cara reproduz todas as “Aquarelas”; a de Gledson, apenas o texto dedicado ao folhetinista.

³⁷² ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1006.

de setembro de 1862, conteria “um programma de trabalho” que foi o de toda a vida literária de Machado, um programa “realizado com uma observancia absoluta”.³⁷³ O economista Gustavo Franco, muito acertadamente, tomou um excerto da referida peça como epígrafe de sua antologia temática de crônicas machadianas.³⁷⁴ Vale a pena, pois, transcrever aqui um fragmento da crônica de abertura d’*O Futuro*, “página ao mesmo tempo de crônica e de crítica”, como a caracterizou Mário Matos.³⁷⁵ Nesse fragmento, que chamou a atenção de leitores como Mário de Alencar, no século XX, e Gustavo Franco, no XXI, o cronista se dirige à própria “pena de cronista”:

— Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti; vê se me dispensas as tuas melhores idéas e as tuas mais bonitas palavras; vás escrever nas paginas do *Futuro*. Olha para que te guardei! Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te préza e não te quer ver enxovalhada. Não te envolvas em polemicas de nenhum genero, nem politicas, nem litterarias, nem quaesquer outras, de outro modo verás que passas de honrada a deshonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéas é muito peor que o das ruas; tu és franzina, retrahe-te na luta e fecha-te no circulo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever chronica. Sê entusiasta para o genio, cordial para o talento, desdenhosa para a nullidade, justiceira sempre, tudo isso com aquellas meias tintas tão necessarias aos melhores effeitos da pintura. Commenta os factos com reserva, louva ou censura, como te dictar a consciencia, sem cahir na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz.³⁷⁶

A citação é longa, mas pertinente. Mais do que um programa exclusivo para a série “Crônica” d’*O Futuro*, encontramos aí muito do que a crítica estabelecerá depois como as “qualidades” da obra canônica de Machado de Assis, como, por exemplo, as “meias-tintas”, que sugerem o comedimento nas descrições e, no limite, engendram os “não ditos”, a ambiguidade intencional. É preciso fazer objeção a Mário de Alencar, porém, quando ele fala da observância plena de Machado ao “programa” esboçado na crônica. Nem n’*O Futuro*, nem na vida literária desse escritor como um todo, as recomendações à pena foram inteiramente e

³⁷³ ALENCAR. Advertencia, p. VIII. Essa Advertência é a apresentação do volume *A semana*, organizado por Mário poucos anos depois da morte de Machado, com o objetivo de reunir parte das crônicas escritas para a série homônima. É no mínimo curioso que logo num texto sobre a mais prestigiada série de crônicas escrita por Machado, “A semana”, a colaboração na revista de Faustino Xavier tenha ganhado relativo destaque. E isso aconteceu não porque as crônicas de 1862 e 1863 ainda fossem lidas e lembradas no início do século XX, mas porque, como conta Mário de Alencar, “[j]ustamente quando me occupava de fazer esta compilação, deparou-me um acaso feliz, entre outros folhetos duma livraria velha, alguns numeros d’*O Futuro*, revista quinzenal que se publicou no Rio de Janeiro em 1862 e presumo não foi além de 1863” (ALENCAR. Advertencia, p. VIII).

³⁷⁴ Cf. ASSIS. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*, p. 5.

³⁷⁵ MATOS. *Machado de Assis: o homem e a obra: os personagens explicam o autor*, p. 315.

³⁷⁶ O FUTURO, n. I, p. 36.

sempre seguidas. Polêmicas políticas e literárias, por exemplo, não estiveram ausentes da obra machadiana, nem, de forma especial, da participação na revista de Faustino Xavier. Redundâncias, hipérboles e exagerações em geral também aparecem na obra de Machado e já mereceram algum cuidado dos estudiosos.³⁷⁷

Sobre o descaso editorial que vigorou por muito tempo com as crônicas d’*O Futuro* – e contribuiu para o pouco interesse dos estudiosos pela série –, é possível contrapô-lo à postura do próprio cronista em face de suas “palestras”. Em sua trajetória como cronista, Machado nunca se habituou a assinar as crônicas com o nome próprio, nem mesmo quando elas eram notoriamente de sua autoria, como na série “A semana”, na qual colaborou de 1892 a 1897. Em crônicas e outras produções, Machado procurou valer-se, reiteradamente, de pseudônimos – Galante de Sousa elenca catorze: “Gil”, “Sileno”, “Job”, “Platão”, “Lara” e “Manassés” são alguns deles. Iniciais também foram utilizadas por Machado, quase sempre com alusão ao nome civil (entre as registradas por Galante, constam “As.”, “M-as.”, “J.”, “Y.” e “A.”).³⁷⁸ Houve, ainda, ocasiões em que Machado assinou seus textos lançando mão de dois ou três asteriscos.³⁷⁹ Essa predileção do autor – e, em especial, do cronista – pelos criptônimos traria, até, embaraços aos estudiosos e editores, como o tardio conhecimento da série “Bons dias!” e a inexistência de uma edição confiável, ainda hoje, da colaboração na *Semana Ilustrada*, dada a impossibilidade de identificação do que foi, de fato, escrito por Machado.³⁸⁰

Fogem a esse padrão, no entanto, as crônicas publicadas por Machado n’*O Futuro*. De alguma forma, levado talvez pelos laços afetivos que o ligavam à colônia lusitana – e de forma especial ao amigo Faustino Xavier de Novais, tão dedicado à publicação da revista que representaria o “abraço literário” de Brasil e Portugal –, preferiu Machado assinar com o próprio nome suas crônicas, fato então inédito numa série e que não se repetiria depois, em nenhuma

³⁷⁷ Cf. GOMES. *Machado de Assis* (capítulo “Machado de Assis hiperbólico”, p. 130-135); CARVALHO. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*, p. 172-174. Modelar nesse sentido é a afirmação de Hécio Martins sobre a frase machadiana: “jamais direta e contínua”, não conviria, para esse estudioso, “dizer-se dela, como é vezo constante, que é uma frase clara e precisa, sóbria e coisas tais; muito ao contrário, a frase de Machado de Assis é de seu uso obscura e ampulosa na sua constituição estrutural, rebuscada e até afetada [...]. Alguns notaram-lhe com desprazer o uso das formas redundantes” (citado por SOARES. *Machado de Assis e a análise da expressão*, p. 80).

³⁷⁸ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 21-32.

³⁷⁹ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 97.

³⁸⁰ A série “Bons dias!”, publicada pela *Gazeta de Notícias* nos anos de 1888 e 1889 de forma anônima, teve a autoria identificada e divulgada apenas em meados do século XX, por Galante de Sousa (cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 31-32). Na *Semana Ilustrada*, Machado recorreu ao pseudônimo “Dr. Semana”, também utilizado por outros colaboradores daquele periódico (SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 212); além disso, “[p]ode ser que algumas crônicas, constituídas de pequenas seções humorísticas, fossem escritas por mais de uma pessoa” (GLEDSOON. Introdução. In: ASSIS. *Crônicas escolhidas*, p. 15).

das colunas nas quais colaborou.³⁸¹ Antes de sua participação n’*O Futuro*, até onde foi possível verificar, numa única ocasião utilizou a assinatura “Machado de Assis” para subscrever uma crônica, e isso foi, justamente, n’*O Paraíba*, folha também dirigida por um amigo português, Augusto Emílio Zaluar.³⁸² Na revista de Faustino Xavier, o ocultamento do nome civil era possível, como demonstra a presença, em suas páginas, de pseudônimos – como “M. Reis Fojo Seabra”, usado pelo redator principal do periódico, e “Ninguém” – e de iniciais – como “D.”, que subscreve relações de máximas, e “A. C.”, que assina um poema.³⁸³ Apesar disso, os laços de amizade e de pertencimento a um grupo parecem ter falado mais forte ao cronista d’*O Futuro*.

3.1 O lugar d’*O Futuro* na trajetória do cronista Machado de Assis

De modo semelhante ao que se deu com o romance machadiano, costumeiramente dividido pelos críticos em duas “fases” (uma de inclinação romântica e outra supostamente realista, *grosso modo*), também a crônica já passou por uma tentativa de esquematização. Trata-se, aliás, de um procedimento esperado – na medida em que esse gênero vai ocupando o merecido lugar nos estudos machadianos – e justificado pela constante e fecunda atuação do cronista, que se estendeu por mais de quarenta anos e, segundo cálculos recentes, resultou num espólio constituído por 738 textos.³⁸⁴ À vista do copioso *corpus*, Eugênio Gomes propõe classificar a crônica de Machado em quatro períodos, fundamentando-se tanto na “tonalidade

³⁸¹ Cf. a “Tabela das séries das crônicas” elaborada por John Gledson e publicada em ASSIS. *Crônicas escolhidas*, p. 320-321

³⁸² ASSIS. *Textos inéditos em livro*, p. 19.

³⁸³ Cf. COUTINHO; SOUSA. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 2, p. 1167; O FUTURO: periodico litterario. 2. ed., p. 3-4. Segundo Kátia Rodrigues Miranda, o pseudônimo “Ninguém”, n’*O Futuro*, teria sido utilizado por Joaquim Nabuco [MIRANDA. *O Futuro* (1862-1863), *Jornal das Famílias* (1863-1878) e *A Estação* (1879-1904): três periódicos em que colaborou Machado de Assis, p. 190]. A pesquisadora não informa a fonte dessa identificação, nem traz argumentos que a sustentem. Há, é certo, a indicação de “Ninguém” como pseudônimo de Joaquim Nabuco em uma obra de referência (cf. NASCIMENTO. *Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos*, p. 164), mas é preciso lembrar que, em 1863, o futuro autor d’*O Abolicionismo* tinha apenas catorze anos, e a narrativa assinada por “Ninguém”, “Verdade e singeleza”, difere bastante dos versos de circunstância que o então estudante do Colégio Pedro II compunha e recitava em saraus (cf. MIRANDA. Joaquim Nabuco, artista, p. 33). Talvez seja mais acertado identificar “Ninguém” com algum dos colaboradores portugueses d’*O Futuro*, dos quais se poderia esperar, com plausibilidade, o relato ficcional de um português que, ainda “homemzinho”, “segu[e] viagem para as bandas do Brasil” (O FUTURO, n. IX, p. 283). “Ninguém” não figura entre os pseudônimos de Faustino Xavier de Novais arrolados por Afrânio Coutinho e Galante de Sousa (cf. COUTINHO; SOUSA. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 2, p. 1167); segundo o escritor português Alexandre Cabral, Camilo Castelo Branco teria, em 1849, subscrito um poema com esse pseudônimo (cf. CABRAL. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, p. 446-447).

³⁸⁴ ROSSO. A crônica em Machado de Assis, p. 27.

psicológica” quanto no “estilo que reflete suas variações”. A “fase inicial”, segundo o autor de *Influências inglesas em Machado de Assis*, compreenderia as séries produzidas entre 1861 e 1867. Nessa fase, Gomes julga que as crônicas “refletem *dôcilmente* as mesmas *tendências do pensamento exterior e afável* que anima as poesias, as peças de teatro e narrativas anteriores a *Iaiá Garcia*”. Somente a partir do segundo período, compreendido, segundo o crítico, entre os anos de 1876 e 1878, o cronista assumiria “um ar petulante e zombeteiro, com uma dicacidade humorística que não disfarça o pessimismo radical embebido no *Eclesiastes*”.³⁸⁵

É difícil aceitar a caracterização proposta por Gomes, pois a leitura das crônicas não a sustenta. A rigor, as crônicas e a biografia do escritor vão de encontro a esse esquema. Foi exatamente na década de 1860 que Machado atuou como repórter do *Diário do Rio de Janeiro*, ficando responsável pela cobertura das atividades parlamentares do Senado. Além disso, colaborou em duas séries de crônicas nesse jornal, “Comentários da semana” (1861-1862) e “Ao acaso” (1864-1865), cuidando também da edição do periódico. Lúcia Miguel Pereira, elogiando a boa impressão gráfica e a excelência dos colaboradores do jornal, não se impressiona com a boa redação, uma vez que “os anúncios, as pequenas notícias, os fatos diversos eram escritos ou corrigidos por Machado de Assis, cujo estilo, já nesse tempo, se distinguia por nítido e limpo”. No entanto, não é a diagramação nem o zelo textual do *Diário do Rio* o que mais chamam a atenção nele, mas suas posições liberais amplamente conhecidas, acrescidas do anticlericalismo. Machado compartilhava dessas posições: antes de ser admitido no grupo de colaboradores, suas opiniões políticas haviam sido “cuidadosamente” (o termo é de Lúcia Miguel Pereira) sondadas pelo redator principal, Quintino Bocaiuva.³⁸⁶

Machado se sentiu bastante à vontade no *Diário do Rio*. Ainda de acordo com Lúcia Miguel Pereira, as primeiras crônicas, ou folhetins, de Machado nessa folha “são hesitantes; logo, porém, se apruma”.³⁸⁷ Posição semelhante é defendida por Lúcia Granja, para quem,

[a] princípio, Machado cronista nos aparece coladinho ao espaço do noticiário. As primeiras crônicas [...] são “presas” ao jornal. [...] No entanto, essa fase dura pouco. *Pouquíssimo, diria*. A timidez dos comentários vai desaparecendo rapidamente e o cronista cresce [...]. A crônica passa a ser o seu tribunal, o espaço da terceira visão: o cronista dá a versão final dos fatos; primeiro, eles aconteceram; depois, ocuparam o noticiário dos jornais, por fim, são analisados pelo soberano juiz em seu próprio recorte da semana.³⁸⁸

³⁸⁵ GOMES. Apresentação, p. 9, grifos nossos.

³⁸⁶ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 73-74.

³⁸⁷ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 77.

³⁸⁸ GRANJA. *Machado de Assis cronista: primeiros anos*, p. 599, grifo nosso.

Contudo, se o cronista do *Diário do Rio de Janeiro* já encontrou quem notasse suas qualidades, permanece desconhecido, em parte, o Machado colaborador de periódicos efêmeros da década de 1860, revistas “típicas do tempo”, “produto dos grupos que facilitaram a entrada de Machado no mundo literário”.³⁸⁹ Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, não via com bons olhos os “periódicos literários”. Para essa biógrafa, o *Diário do Rio* teve uma importância grande na vida e na obra de Machado exatamente porque, “convidando-o para lá, tirou-o Quintino Bocaiúva do amadorismo das revistas literárias, pô-lo na obrigação de enfrentar o grande público, de dar a sua opinião sobre os assuntos do dia, fê-lo refletir, pensar”.³⁹⁰ As crônicas machadianas d’*O Futuro* continuariam, assim, a ser vistas como desinteressantes, apenas exteriores e afáveis, para recuperar termos de Eugênio Gomes. Alfredo Pujol, escrevendo na década de 1910, afirma que a colaboração no *Diário do Rio de Janeiro* foi para Machado um “trabalho exaustivo”, enquanto a participação em revistas literárias, como *O Futuro*, não passaria de “algum lazer”.³⁹¹

Novamente aqui, trata-se de um julgamento crítico não sustentado pela leitura dos textos. Se o Machado do *Diário do Rio* foi, nas palavras de Lúcia Granja, “soberano juiz em seu próprio recorte da semana”, o Machado d’*O Futuro* também foi, à sua maneira, juiz da quinzena. Como o foco da revista de Faustino Xavier era a vida literária, nada mais natural que a literatura fosse o principal assunto do cronista. E, como nota Jean-Michel Massa, ele não foi inconsistente na abordagem do mercado editorial: “Com o espírito livre, Machado de Assis redigiu toda uma série de crônicas em que, com cuidado, ofereceu sólidas apreciações sobre o que os editores, os transatlânticos ou os teatros faz[iam] vir até à sua mesa.”³⁹² Mesmo assim, ele não se mostrou alheio às polêmicas mais diversas, muitas de interesse político. Cumpre acrescentar que se arriscou, ainda, na seara da crítica teatral, musical e de artes plásticas.³⁹³

Em diversos momentos, o cronista deu lugar ao crítico literário; ou, o que é mais apropriado dizer, valeu-se da polivalência da crônica, de sua maleabilidade, capaz de juntar crítica e ficção – entre outras coisas – num só texto.³⁹⁴ Ao longo de sua trajetória como cronista, Machado soube aproveitar-se da aversão desse gênero a classificações e formas fixas, o que é particularmente notável em duas de suas séries publicadas na *Gazeta de Notícias*: “A+B”

³⁸⁹ GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Crônicas escolhidas*, p. 13. Gledson se refere a *O Espelho* e a *O Futuro*.

³⁹⁰ PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 77.

³⁹¹ PUJOL. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*, p. 30.

³⁹² MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 304.

³⁹³ Sobre a crítica de teatro praticada por Machado n’*O Futuro*, v. CATANELI. A crítica teatral de Machado de Assis nas páginas d’*O Futuro*. O Machado crítico de artes plásticas, salvo engano, ainda não recebeu a devida atenção por parte dos estudiosos.

³⁹⁴ No que toca às possibilidades oferecidas pela crônica, cf. ÂNGELO. Sobre a crônica; SÁ. *A crônica, passim*.

(1886), em que as crônicas tomam a forma de diálogo, à semelhança duma cena dramática, e “Gazeta de Holanda” (1886-1888), uma série versificada – as crônicas que a integram compõem-se de redondilhas maiores. Quanto às crônicas d’*O Futuro*, Ivanete Bernardino Soares, numa pesquisa de fundamentação linguística, aponta que talvez se trate da série “em que a estrutura composicional do gênero [crônica] se manifesta o mais comportada (*sic*) dentre todas as outras, em um padrão formal semelhante ao de um artigo convencional ou uma pequena dissertação em primeira pessoa”. Ainda segundo essa pesquisadora, um dos procedimentos mais recorrentes da crônica machadiana, o recurso à “imbricação de outros gêneros”, seria pouco empregado n’*O Futuro*, resumindo-se na inserção de missivas no corpo do texto.³⁹⁵

É possível que a particularidade das crônicas d’*O Futuro*, em conformidade com a linha editorial da revista para a qual foram escritas, resida justamente na aproximação com a crítica literária. Não se quer com isso dizer que a crítica foi uma exclusividade d’*O Futuro*; a crônica machadiana, de forma geral, foi um lugar privilegiado para a atividade crítica. A crônica, em si, escreveu Mário Matos, “pode ser considerada uma das feições da crítica, porque, se arrola fatos e ações, vale pelo comentário e pela dedução. Se é assim em regra, muito mais o é no caso especial de Machado de Assis”.³⁹⁶ Contudo, o caráter programático da revista de Novais, seu desejo de colaborar na divulgação das letras luso-brasileiras, tudo isso de alguma forma levou Machado a privilegiar a resenha, o comentário, a análise de obras e autores. Machado, deve-se lembrar, tinha já grande apreço pela crítica, vendo nela uma atividade séria, exigente, necessária.³⁹⁷ Talvez por isso, o escritor frequentemente discreto e comedido tenha negado em vários momentos estar fazendo crítica n’*O Futuro*. Na crônica de 15 de dezembro de 1862, uma das que mais se aproximam do gênero resenha, escreve: “não faço critica, e apenas dou relação commentada dos factos da quinzena”. Nessa mesma crônica, afirma que “avaliar uma por nma (*sic*) as muitas bellezas” da peça *As leas pobres*, de Émile Augier, “me levaria longe, e eu prefiro não sahir das raias marcadas pelas exigencias typographicas”.³⁹⁸ Além das “exigências tipográficas”, a recusa à crítica nesse caso pode ter duas outras justificativas: primeiramente, Machado já havia escrito sobre *As leas pobres* em novembro, em parecer para o Conservatório Dramático;³⁹⁹ depois, a peça citada, como representativa do teatro francês, exigiria do cronista/crítico afastar-se em alguma medida do contexto luso-brasileiro. No ano seguinte,

³⁹⁵ SOARES. A transitoriedade estilística da crônica jornalística de Machado de Assis, p. 3.

³⁹⁶ MATOS. *Machado de Assis: o homem e a obra: os personagens explicam o autor*, p. 315.

³⁹⁷ “A crítica era então, para êle, não apenas um devaneio ou uma apreciação accidental, mas uma atividade grave e indispensável, um gênero literário fundamental, uma verdadeira magistratura das letras.” (ATAÍDE. Machado de Assis, o crítico, p. 779.

³⁹⁸ O FUTURO, n. VII, p. 236.

³⁹⁹ Cf. ASSIS. *Do teatro*: p. 275-276.

Machado escreveria: “nas minhas observações litterarias nunca levo pretensão a crítico. Tal não me supponho, mercê de Deus”. E explica: “A critica é uma missão que exige credenciaes valiosas, de cuja mingua me não corro de vergonha em confessar, como não tenho vaidade em referir as pouquissimas cousas que sei”.⁴⁰⁰ Em crônica de abril de 1863, voltaria a esse tema: “Entendo que o exame de uma obra litteraria exige da parte do critico mil qualidades e predicados que poucas vezes se reúnem em um mesmo indivíduo, havendo por isso muita gente que escreva *criticas*, mas poucos que merecem o nome de *criticos*”.⁴⁰¹ Mesmo com todo esse comedimento, com todos esses subterfúgios, as crônicas machadianas d’*O Futuro* passaram à posteridade como peças relevantes no quadro da crítica brasileira praticada nos anos 1860. Um bom índice disso é a inclusão de todas as dezesseis crônicas (com alguns cortes ou na íntegra) na coletânea *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, preparada por Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo com o objetivo de reunir e dispor cronologicamente a contribuição de Machado no campo da crítica literária.⁴⁰²

A presença da crítica na crônica machadiana foi um dos pontos comentados por Mário de Alencar na Advertência do volume *A semana*. Sobre o que denomina “habilidade critica” de Machado de Assis, Mário, reconhecendo-a na primeira das crônicas publicadas n’*O Futuro*, afirma ter sido uma “feição notavel” do espírito do autor e “das que primeiro se manifestaram”. O escritor, prossegue Mário, aprimorou de tal modo essa habilidade que “poderia ter feito com ella toda a sua gloria; exerceu-a em ensaios e prefácios, e mais tarde nestas mesmas chronicas *A Semana*, em que o leitor achará de quando em quando [...] apreciações de admiravel finura”.⁴⁰³ Deve-se reconhecer, portanto, que se a “imbricação” da crônica com a resenha foi uma das especificidades da colaboração de Machado n’*O Futuro*, a crítica ainda se faria presente em crônicas suas – e em cartas, vale acrescentar –, constituindo muitas das vezes o interesse primeiro do texto. De qualquer forma, é n’*O Futuro* que há um interesse mais ou menos equilibrado pelas obras publicadas no Brasil e em Portugal.

Esta (a presença da crítica em outro gênero) não foi, aliás, a única característica das crônicas d’*O Futuro* que ganharia destaque na produção posterior de Machado. Para falar à maneira do narrador de *Dom Casmurro*, talvez o Machado d’“A semana” já estivesse dentro do Machado d’*O Futuro*. Gustavo Corção, no texto introdutório às crônicas de Machado presentes na edição da José Aguilar, expressando a “mistura de contentamento e de nostalgia” trazida a

⁴⁰⁰ O FUTURO, n. IX, p. 306.

⁴⁰¹ O FUTURO, n. XIV, p. 466-467, grifos do original.

⁴⁰² Cf. ASSIS. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, p. 106-144.

⁴⁰³ ALENCAR. Advertencia, p. IX.

ele pela leitura daqueles textos, cita como uma de suas principais qualidades a arte das transições, ou a “graça dançarina”: “ninguém mais sabe compor aquele salada”, afirma, “onde entram Voltaire, a instituição do júri, a carta que o grão-turco escreveu do próprio punho no jubileu do Papa, as saudades de Granada, algumas reflexões sobre o *Corão*, aplicadas logo após as eleições de Ubá, tudo isto envolto nos melhores môlhos da língua”.⁴⁰⁴ É certo que, nas crônicas d’*O Futuro*, ainda não se encontra uma diversidade temática semelhante à que marcaria a série “A semana”, escrita na maturidade do autor; mesmo assim, há nos textos de 1862 e 1863 uma diversidade considerável de assuntos e referências culturais. Segundo uma pesquisadora da área de filologia galega e portuguesa, María Josefa Postigo Aldeamil, no talvez único estudo já escrito em língua estrangeira sobre as crônicas machadianas d’*O Futuro*, encontra-se nessa série uma característica estilística frequente na obra de Machado, na verdade “rasgo distintivo y vertebrador de su estilo”: “la erudición”. Percebe Postigo Aldeamil que a cultura literária de Machado e seu “saber universal” se materializam em “citas que difunden todo un conjunto de conocimientos de elementos de la historia y de la cultura universal como nombres de la Biblia, de la mitología, de personajes famosos de la historia de la humanidad, de las grandes obras literarias, de las diferentes tradiciones culturales”.⁴⁰⁵ Machado se utiliza dessas referências, em maior ou menor medida, tanto nos comentários que faz concernentes à vida literária, musical, teatral – artística num sentido amplo – quanto nas discussões de ordem política, diplomática e religiosa. Passa de um tema a outro com “gran facilidad”, para ficar com a caracterização de Postigo Aldeamil, permitindo-se até, em alguns momentos, digressões e interpolações.⁴⁰⁶

Um exemplo interessante da facilidade com que o cronista d’*O Futuro* passa de um tema a outro, recorrendo a referências literárias várias, está no texto datado de 30 de novembro de 1862. Grande parte dessa crônica é dedicada a um acontecimento tratado com pompa e solenidade pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela sociedade fluminense em geral: a exumação, no Morro do Castelo, dos ossos de Estácio de Sá. Uma postura bem diferente – se não galhofeira, próxima do chiste – é a adotada pelo cronista, que levanta a questão da autenticidade dos restos mortais do fundador da cidade do Rio de Janeiro. Depois de citar o escritor francês Joseph Méry, que em certa ocasião decepcionou-se ao saber, informado por um “carrasco das suas illusões”, que supostas antiguidades encontradas em Roma eram, em verdade, restos “preparados de modo a parecer que datavam de longe”, conclui:

⁴⁰⁴ CORÇÃO. Machado de Assis cronista, p. 325.

⁴⁰⁵ POSTIGO ALDEAMIL. Erudición, noticias y libros en las crónicas de *O Futuro* de Machado de Assis, p. 4.

⁴⁰⁶ POSTIGO ALDEAMIL. Erudición, noticias y libros en las crónicas de *O Futuro* de Machado de Assis, p. 4.

Não presuma o leitor malicioso que eu trouxe este conto para diminuir a idade aos ossos encontrados na sepultura de Estacio de Sá. Creio que são authenticos, e na verdade é isso que devemos crer todos, por que não poderemos crer outra cousa. Compensa isso a fadiga dos que lá foram ao Castello assistir ao acto. Eu não fui e creio que fiz mal. De mais, se é verdade, como eu creio, que além desta vida ha uma vida melhor, e que portanto Estacio de Sá nos está olhando talvez por um destes oculos do Céu, que nós chamamos estrelas, e Dumas faiscas dos pés do Omnipotente; se é, verdade isto, sejam ou não aquelles os ossos authenticos, uma vez que a intenção é boa, Estacio ficará agradecido e aceitará lá de cima a fé, a intenção, se não puder aceitar os ossos.⁴⁰⁷

Deve-se destacar nesse trecho o diálogo com o leitor, para quem o cronista transfere o caráter de malicioso – não seria ele próprio, o cronista, o grande malicioso? Desnecessário dizer o quanto Machado se valeria dessa estratégia em suas crônicas e romances, mas é em todo caso curioso notar o quanto isso já aparece, no registro da ironia, num texto da chamada “primeira fase” do autor. Destaque também merece uma provável referência literária presente nesse texto que veio a ser “apagada” nas edições da crônica em livro: Alexandre Dumas (pai). Sobre Alexandre Dumas filho sabe-se que sua poesia foi uma das afinidades literárias entre Machado de Assis e o amigo português Francisco Gonçalves Braga, já falecido na época da publicação d’*O Futuro*.⁴⁰⁸ Na passagem “um destes oculos do Céu, que nós chamamos estrelas, e Dumas faiscas dos pés do Omnipotente”, salvo melhor entendimento, o cronista cita Dumas, pai, talvez algum trecho de suas *Causeries*.⁴⁰⁹ Pelo menos, a lógica gramatical da sentença possibilita essa interpretação: os “óculos do céu” são as estrelas na fala comum e as “faíscas dos pés do Omnipotente” na expressão de Dumas. Não foi assim que o trecho veio a ser interpretado nas edições em livro. Cita-se apenas a publicada pela Editora da Unicamp, que traz a seguinte redação: “um destes óculos do Céu que nós chamamos estrelas, e de umas faíscas dos pés do Onipotente”.⁴¹⁰ Esse trecho é bem representativo da diversidade de referências literárias manejadas pelo jovem Machado e que ainda hoje causa dificuldade aos estudiosos.

⁴⁰⁷ O FUTURO, n. VI, p. 203.

⁴⁰⁸ Cf. ASSIS. *Chrysalidas*: poesias, p. 170.

⁴⁰⁹ Cf. a conversação [*causerie*] “Les étoiles commis voyageurs” (DUMAS. *Causeries*, p. 139-174) e o conto “Un âme à naître” [DUMAS. *Oeuvres complètes d’Alexandre Dumas*: troisième série, p. 561-365 (*sic*), especialmente a p. 561]. Não conseguimos identificar na obra de Dumas a frase exata aludida por Machado, e é possível mesmo que se trate de uma citação truncada, feita de cabeça. Magalhães Júnior dedicou um dos capítulos de seu *Machado de Assis desconhecido* à presença de citações modificadas na obra do escritor brasileiro. Escreveu o pesquisador: “Como isto [deturpar citações] é pecado de muitos, não é coisa que o amesquinhe. Além do mais, Machado citou muito” (MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 212). Sobre as citações modificadas, v. tb. BRANDÃO; OLIVEIRA. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*, p. 32.

⁴¹⁰ ASSIS. *O Futuro*, p. 51. Godoi, o preparador dessa edição, menciona em rodapé a lição da revista, “Dumas” (p. 55, n. 16), interpretando-a, ao que parece, como uma contração (“de” + “umas”). Como a leitura da forma

Da exumação dos ossos de Estácio de Sá, o cronista passa habilmente a um tema a princípio inconciliável, a situação do teatro no Brasil:

Estas reflexões sobre ossos e ruínas levam-me naturalmente ao theatro, que está ameaçado de passar ao estado de monumento curioso, a despeito dos esforços individuaes. Mas parece que a força da corrente é superior a todos os esforços, e que não ha regimen preventivo contra o effeito dos elementos delecterios. Eu não acho culpa do que succede senão nos poderes do Estado, que ainda se não convenceram de que a materia de theatros merece uns minutos ao menos da sua attenção como tem merecido nos paizes adiantados. Quando eu vejo que na França, em Março de 48, um mez depois da revolução, decretava-se sobre theatro, no meio das preocupações politicas, lastimo devéras que no Brasil o poder executivo tenha limitado a sua acção a dar e a retirar subvenções, e a incommodar uma commissão, de cujas opiniões escriptas fez depois pasto às traças da secretaria.⁴¹¹

Ao cronista não parecia um exagero – antes, parecia-lhe natural – estabelecer analogia entre ossos, ruínas e a questão do teatro. Essa questão foi, aliás, das mais importantes para o Machado da década de 1860, defensor do lugar da arte dramática entre as preocupações do Estado.⁴¹² N’*O Futuro*, dedicaria várias de suas páginas às novidades da arte dramática em seu tempo, apresentações, traduções de peças estrangeiras, comentários sobre pessoas envolvidas na dramaturgia – autores e atores.

É difícil estabelecer qual foi o modelo adotado por Machado para a escrita de suas crônicas n’*O Futuro*, principalmente no que concerne ao espaço de destaque reservado por ele às artes cênicas, bem como à música e, claro, à literatura. Certamente uma das suas inspirações foi francesa: Machado foi leitor assíduo da *Revue de deux Mondes*, prestigiosa revista parisiense fundada em 1829 e ainda hoje em circulação. Encontram-se diversas referências à *Revue*... em sua obra, tanto na ficção quanto na crônica.⁴¹³ Machado lia essa revista em bibliotecas e gabinetes de leitura, e pelo menos um exemplar, de um fascículo de 1852, integrou seu acervo particular e encontra-se no que restou de sua biblioteca com “[i]númeras marcações” feitas com palito e papel em algumas páginas.⁴¹⁴ Ora, entre os colaboradores assíduos da *Revue de deux*

“Dumas”, presente na revista, é possível e estruturalmente melhor do que a interpretação como “dumas”, parecidos que essa forma deveria ser mantida na edição atualizada do texto.

⁴¹¹ O FUTURO, n. VI, p. 203.

⁴¹² Cf., entre outros, MASSA. Reabilitação de Machado de Assis.

⁴¹³ CAMARGO. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista, p. 73-75.

⁴¹⁴ VIANNA. Revendo a biblioteca de Machado de Assis, p. 271.

Mondes estavam críticos literários e musicais, que assinavam seções intituladas “Chronique de la quinzaine”, “Revue musicale”, “Revue littéraire”, entre outras.⁴¹⁵

Sem querer tirar a importância da presença francesa na obra de Machado de Assis, contudo, deve-se lembrar que também escritores portugueses se dedicaram ao gênero crônica. O volume XII das *Obras completas* de Camilo Castelo Branco, por exemplo, oferece-nos um *corpus* que se entende de 1848 a 1885.⁴¹⁶ A literatura e o teatro têm papel relevante em muitas das crônicas camilianas, e é possível que Machado, pela mediação de um amigo em comum – Faustino Xavier de Novais, editor da revista em que foram colaboradores – tenha lido algumas delas. A pesquisadora Jane Adriane Gandra, em estudo dedicado à crônica de Manuel Pinheiro Chagas, conta que, quando esse escritor estreou no jornalismo, por volta de 1863, teve de dividir, “ou melhor, disput[ar] o folhetim com nomes já consagrados no gênero”, como os de Henrique Lopes de Mendonça e Júlio César Machado.⁴¹⁷ Um exemplo recente da permanência e da vitalidade da crônica na literatura portuguesa é a contribuição de Manuel António Pina, morto em 2012, que definia esse gênero como “jornalismo com saudades da literatura, ou literatura com remorsos de ser jornalismo”.⁴¹⁸

Independentemente do modelo imediato, é claro, *O Futuro* exigiu do cronista que articulasse o “comentário” da vida cultural, algo frequente em publicações do gênero, com o propósito da publicação, sua preocupação em servir de intercâmbio para os intelectuais lusófonos de aquém e além-Atlântico. Vale lembrar, também, que portugueses seriam, se não modelos, parceiros de Machado na elaboração de séries de crônicas. Na década de 1880, quando o escritor brasileiro participou da série coletiva “Balas de estalo”, assinando Lélío, foi colega, entre outros, do português Francisco Ramos Paz, que assinava suas crônicas com o pseudônimo João Tesourinha.⁴¹⁹ Anos antes, provavelmente de 1865 a 1876, Machado fora um dos criadores do Dr. Semana, pseudônimo coletivo que assinava crônicas na *Semana Ilustrada*. Algumas dessas crônicas, atribuídas ao futuro autor de *Dom Casmurro* por edições W. M. Jackson – como a que leva o título “Preleções de gramática” – poderiam ser, antes, na avaliação de Magalhães Júnior, fruto da pena de Ernesto Cibrão. Segundo o biógrafo de Machado, justificam essa hipótese o estilo dos textos, a jocosidade e a presença de palavras próprias da fala

⁴¹⁵ São os títulos de algumas das seções presentes no “tome quatrième” de 1852 da *Revue*. Tivemos acesso ao exemplar que pertenceu a Machado, hoje preservado na Biblioteca Acadêmica Lúcia de Mendonça, da Academia Brasileira de Letras. Há vários grifos no sumário da revista, mas é difícil saber se são efetivamente de Machado.

⁴¹⁶ CASTELO BRANCO. *Crônicas*.

⁴¹⁷ GANDRA. Pinheiro Chagas, a versatilidade do cronista na *Revista da Semana*, p. 107. Cf. RODRIGUES. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*, p. 300-304.

⁴¹⁸ Citado por DIAS. Entre jornalismo e literatura: as crônicas de Manuel António Pina, p. 9.

⁴¹⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 175.

lisbonense e portuense não usadas por Machado em outras obras.⁴²⁰ Tal problema de atribuição ainda carece de estudo minucioso, evidentemente, mas, considerando com Gledson que algumas crônicas podem ter tido mais de um autor,⁴²¹ é preciso pensar na hipótese de uma coautoria (Machado e companheiros de imprensa portugueses) no que toca a algumas das crônicas do Dr. Semana.

3.1.1 As quinzenas e seus acontecimentos literários

Machado foi certamente um entusiasta do programa defendido por *O Futuro*. Com efeito, preocupações como a difusão da literatura em língua portuguesa e o estímulo aos jovens escritores perpassaram por sua obra literária e crítica, assim como por sua correspondência. São notáveis, por exemplo, o empenho de Machado pela tradução de suas obras, pela circulação de seus livros no mercado português; o interesse no trabalho, realizado por Joaquim Nabuco, de divulgação da poesia camoniana nos Estados Unidos; bem como o recurso à crítica literária como possibilidade de socialização e guia dos jovens escritores.⁴²² Se, por um lado, tudo isso é verdadeiro, não menos é a consciência que o escritor tinha, desde a juventude, dos desafios e das dificuldades que se impunham à vida literária – principalmente, mas não exclusivamente, no Brasil.

José Veríssimo, num texto de 1899, comentando as “poderosas faculdades de observação e análise” de Machado e bastante animado com o que fizera o escritor no texto memorialístico “O velho Senado”, publicado em *Páginas recolhidas*, não hesitou em lhe fazer um pedido:

Quer a nossa história política, quer a nossa história literária, ressentem-se da falta de documentos íntimos, memórias, correspondências, confissões, com que possamos recompor a vida e o espírito das épocas, das coisas e dos homens idos. [...] O Sr. Machado de Assis poderia trazer-nos uma deposição

⁴²⁰ MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 175-176.

⁴²¹ GLEDSON. Introdução. In: ASSIS. *Crônicas escolhidas*, p. 15.

⁴²² Cf. GUIMARÃES. Uma vocação em busca de línguas: notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis, p. 164 *et seq.*; ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908, p. 344 e 349; MIRANDA. Linguagem e método crítico de Machado de Assis, p. 5 *et seq.* Em carta datada de 8 de junho de 1908, Nabuco imaginou a satisfação com que o amigo receberia o texto de suas conferências em inglês sobre Camões: “Você verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusíadas*. Faço isto também em honra da nossa língua, que é tomada como um dialeto do Espanhol, o que dá à América Espanhola, com as suas dezoito Nações, certo prestígio sobre nós.” (ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908, p. 344, grifo do original, indicando desenvolvimento de abreviatura).

preciosa para a vida literária, jornalística, artística, social, e mesmo política de trinta, ou quarenta anos atrás. Ele as viveu todas ou pelo menos conviveu com todas, e a sua notícia de “O velho Senado” seria um capítulo excelente do livro que eu daqui lhe peço escreva.⁴²³

Tivesse Veríssimo conhecido as páginas de Machado n’*O Futuro* ou se atentado a elas, encontraria pronto, ou quase, pelo menos mais um capítulo desse livro solicitado: o capítulo referente à vida literária na década de 1860. Essa foi a maior preocupação de Machado em várias das crônicas que escreveu para o periódico de Faustino Xavier.

Em linhas gerais, é possível afirmar que essa preocupação se concentrava em três questões principais: a situação do mercado editorial brasileiro; a valorização do escritor, ou, de forma mais ampla, do trabalho intelectual; e a divulgação do Brasil e, de forma especial, de sua literatura, no exterior. Sobre a primeira dessas questões, seu parecer mais expressivo encontra-se na crônica de 30 de novembro de 1862:

Em cata de noticias procuro lembrar-me se durante os ultimos quinze dias houve alguma publicação litteraria, ou mesmo illiteraria, de que dar parte. Em outra parte não haveria necessidade de procurar; com certeza o revisteiro encontraria, ao começar o seu trabalho, a mesa cheia de publicações. Tudo porém é relativo, e o movimento das publicações entre nós ainda é, como outras cousas, lento e raro.⁴²⁴

A constatação de deficiências no mercado editorial está intimamente relacionada a outra postura adotada por Machado n’*O Futuro*: a divulgação diligente e empenhada de coleções literárias, lançamentos (mesmo de traduções) e projetos editoriais. Por vezes, o escritor não comentava as obras citadas, preferindo ocupar o espaço que a crônica lhe dava com palavras de estímulo às publicações e à continuidade dos projetos. Esse procedimento mostra o quanto Machado se interessava pela produção nacional e pela formação de um público de literatura, questão que o acompanhou por toda a trajetória nas letras.⁴²⁵ Ainda na crônica de 30 de novembro, logo após lastimar a lentidão e a raridade do “movimento das publicações entre nós”, lembra-se de mencionar um lançamento: *A lamparina*, tradução de *La Veilleuse* (1859), romance do escritor e livreiro francês Jules Tardieu publicado sob o pseudônimo de J.-T. de Saint-Germain. É provável que Machado tenha se interessado pouco ou nada pela obra de

⁴²³ Transcrito em MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor), p. 218-219.

⁴²⁴ O FUTURO, n. VI, p. 204.

⁴²⁵ Para Hélio de Seixas Guimarães, a “atenção e sensibilidade ao público” foram mesmo “um dos pilares da grandiosidade” da obra machadiana (GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 287).

Tardieu (o nome do escritor nem é referido na crônica). O que lhe motiva a noticiar esse lançamento é antes o projeto editorial de que faz parte:

Vejo agora um exemplar de um novo romance do *Musêo Litterario*, intitulado *A Lamparina*. E' a segunda obra que o *Musêo* publica, e ainda do mesmo autor. [...]

Eu só desejo que publicações como o *Musêo Litterario* e a *Bibliotheca Brasileira* sejam compreendidas e festejadas pelo publico, doce remuneração aos esforços conscienciosos.⁴²⁶

Machado deve ter visto de forma muito positiva o Museu Literário e a Biblioteca Brasileira, empreendimentos editoriais que tinham por finalidade, por meio de um bom sistema de distribuição, lançar periodicamente livros dirigidos a um público maior que o habitual.⁴²⁷ Galante de Sousa, que dedicou um artigo à Biblioteca Brasileira, lembra que essa publicação, coordenada por Quintino Bocaiuva e impressa na tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, idealizou diversas edições, como um romance de Augusto Emílio Zaluar, *A vida por um capricho*, e um volume de *Poesias* de Machado de Assis.⁴²⁸ Tais obras não vieram a lume, mas a Biblioteca, antes de se transformar numa revista mensal e em pouco tempo cessar suas atividades, possibilitou a publicação de doze livros (ou oito, considerando que quatro deles foram publicados em dois volumes). O lançamento de cinco desses oito títulos foi noticiado por Machado n' *O Futuro: As minas de prata*, de José de Alencar; *Contos do serão*, de Leandro de Castilhos; *Lady Clare*, tradução de obra de Jules Tardieu; *Memórias de um sargento de milícias*, reedição do romance de Manuel Antônio de Almeida; e *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade de Paranaguá*, de Demétrio Acácio Fernandes da Cruz.⁴²⁹

Além do empenho machadiano na formação de um público leitor, *O Futuro* documenta a simpatia do escritor por projetos editoriais mais especializados, destinados à recolha de inéditos e dispersos da literatura brasileira. Na crônica de 15 de fevereiro de 1863, em que divulga a reimpressão das *Memórias de um sargento de milícias*, “hoje raras e cuidadosamente guardadas por quem possui algum exemplar”, alude ao projeto de edição dos escritos esparsos

⁴²⁶ O FUTURO, n. VI, p. 204.

⁴²⁷ Sobre o Museu Literário, cf. GODOI. Introdução, p. 56; sobre a Biblioteca Brasileira, cf. SOUSA. *Machado de Assis e outros estudos*, p. 235-239.

⁴²⁸ SOUSA. *Machado de Assis e outros estudos*, p. 236.

⁴²⁹ Cf., respectivamente, O FUTURO, n. I, p. 37; n. VII, p. 235; n. VIII, p. 267 – “Acabo de receber um novo volume da *Bibliotheca Brasileira*; mal deitei os olhos ao rosto do livro; é um romance traduzido que se intitula *Lady Clare*. Na proxima chronica direi o que pensar da obra.” (Machado, porém, não apresentará um parecer crítico acerca de *Lady Clare* na crônica seguinte, o que fortalece a hipótese de que a notícia de certas obras em suas crônicas tem menos a ver com um interesse específico na obra do que com a consolidação do mercado editorial e ampliação do público leitor) – n. XI, p. 372 e n. XV, p. 499.

de Manuel Antônio de Almeida.⁴³⁰ Infelizmente, como informa Galante de Sousa, não foi efetivada a publicação das *Obras completas* de Almeida, não obstante a intenção de Quintino Bocaiuva e o incitamento de Machado.⁴³¹ Em 1º de abril do mesmo ano, Machado dava espaço n’*O Futuro* ao projeto de edição de um poema inédito do padre Sousa Caldas, “obra encontrada nas mãos de um herdeiro de seus numerosos escriptos”, conforme o bilhete que reproduz.⁴³² E, na edição seguinte da revista de Faustino Xavier (n. XV, 15 abr. 1863), dá relevo à divulgação de parte então desconhecida das *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, a quem chama “[o] mavioso Petrarcha da Villa Rica”: “Ao Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga se deve a exumação das *Cartas Chilenas*, mal e insufficientemente conhecidas, e que o digno brasileiro tirou da bibliotheca de seu pae para as pôr completas na bibliotheca da nação”. Sobre a edição das *Cartas chilenas* publicada em 1863, Machado afirma que se trata de um “serviço às letras e à história”, pois,

[e]mbora publicadas umas *nove* cartas em uma gazeta antiga, o facto de serem ellas *trese* torna esta edicção, que as traz completas, digna do interesse que (*sic*) despertou nos que estimam as cousas patrias.

Que esses animem e auxiliem o Sr. Dr. Veiga na investigações (*sic*) dos preciosos doumentos (*sic*) de que diz estar cheia a sua bibliotheca. Se para os *eplucheurs* (*sic*) de obras futeis fôr serviço esse de mediocre valor e nullo interesse, certo que o não é para a gente seria, isto é, a competente para julgar de taes cousas.⁴³³

Quer incentivando as publicações mais “populares”, quer estimulando a pesquisa de documentos e obras raras, Machado revelou-se, acima de tudo, um defensor do livro. E do livro, cabe ressaltar, como veículo privilegiado de preservação e difusão da literatura – talvez se possa falar mesmo de democratização, como parece sugerir a imagem de uma obra que, restrita a um acervo particular, passa a compor a “bibliotheca da nação”. Isso é bastante significativo na trajetória de um intelectual que, poucos anos antes (1859), assinara um artigo como “O jornal e o livro”, em que exaltava o primeiro como “reprodução diária do espírito do povo”, veículo “mais nas condições do espírito humano”, vendo no segundo “alguma coisa de limitado e de

⁴³⁰ O FUTURO, n. XI, p. 372.

⁴³¹ SOUSA. *Machado de Assis e outros estudos*, p. 235. Os textos esparsos de Manuel Antônio de Almeida só conheceriam a publicação em livro na última década do século XX (cf. ALMEIDA. *Obra dispersa*).

⁴³² O FUTURO, n. XIV, p. 468.

⁴³³ O FUTURO, n. XV, p. 499. Segundo Agripino Grieco, “os que estudam o problema [de atribuição de autoria] das *Cartas Chilenas* são em geral ingratos com êle [Machado de Assis], por não insistirem tanto quanto deviam na lucidez com que essa autoridade literária, e autoridade das maiores, aceitou a sátira, desde 1863, como sendo de Gonzaga, a quem chamou [na crônica d’*O Futuro* de 15 de abril de 1863] ‘o mavioso Petrarca de Vila Rica’” (GRIECO. *Machado de Assis*, p. 144).

estreito”.⁴³⁴ É claro, Machado sempre escreveu para a imprensa, e *O Futuro* foi apenas um dos capítulos dessa colaboração assídua e fecunda. No entanto, sem deixar de acreditar no alcance e na importância dos periódicos, o contato intenso que teve na redação d’*O Futuro* com livros de aquém e além-mar talvez o tenha sensibilizado a respeito do lugar fundamental desse veículo na vida literária. “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?”, perguntava-se em 1859.⁴³⁵ Tais questões dificilmente seriam assim formuladas em 1862. O colaborador d’*O Futuro*, incentivador da produção editorial nacional e apreciador do intenso mercado livreiro transatlântico, seguramente concordaria, se vivesse nos dias atuais, com um de seus mais atentos estudiosos, Ubiratan Machado, que, em entrevista concedida quando do lançamento de *História das livrarias cariocas* (2012), apontou a permanência do livro físico “como uma defesa da liberdade humana”. Se o livro em papel desaparecer, “os governos totalitários de todo o mundo vão comemorar”, argumentou Ubiratan naquela ocasião, já que os livros em meios eletrônicos são passíveis de controle, como acontece na China.⁴³⁶ Tal pensamento não seria estranho ao escritor que, no conto/novela “O alienista”, fez uma sátira contundente do totalitarismo e da fragilidade das instituições.

Em duas crônicas (das d’*O Futuro*), o escritor brasileiro refere-se aos pacotes que traziam livros do Velho Mundo, esperados ansiosamente por aqui.⁴³⁷ Mediante sua convivência com Faustino Xavier de Novais, certamente soube do interesse de grandes escritores portugueses, como Camilo Castelo Branco, no mercado livreiro de aquém-Atlântico. Sobre Faustino, aliás, já se escreveu que, como “espécie de representante de Camilo no Brasil, ajud[ou] a tecer a teia de um mercado editorial transatlântico”.⁴³⁸ E ele mesmo – o editor d’*O Futuro* – foi quem escreveu, em poema dirigido a Camilo Castelo Branco e estampado no fascículo de 15 de junho de 1863:

Se ao longe o vapor fluctua,
Já cá sabemos que encerra
Notícia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vê-lo, em rapido lance,
Ninguém diz: «Chega o Pacote!»

⁴³⁴ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 994.

⁴³⁵ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 992.

⁴³⁶ MACHADO. *Viajando nas livrarias*.

⁴³⁷ Cf. *O FUTURO*, n. 1, p. 37, e n. X, p. 339. Também os personagens de Machado de Assis aguardariam com interesse os romances trazidos da Europa pelos pacotes. Ver, por exemplo, D. Benedita, no conto que leva seu nome (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 285).

⁴³⁸ OLIVEIRA. Machado, Faustino e Camilo: a literatura lusófona no Oitocentos, um mapa em construção, p. 187.

Dizem só: «Lá vem romance!»

Mais comedia, mais um conto,
 Mais artigos de sciencia,
 Mais um drama quase prompto,
 Não ha nunca reticencia,
 Não ha virgula, nem ponto!..⁴³⁹

Certamente, Machado, resenhando os livros para *O Futuro* e comparando o ritmo da produção editorial de Portugal com a do Brasil, percebeu agudamente a relevância dos livros na divulgação das letras de um país, na ampliação do público leitor, razão pela qual passou a encorajar um movimento editorial mais consistente. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, “o autor de *Helena* desde cedo parece ter compreendido os novos modos de produção e circulação da produção literária, mostrando-se sensível a essa questão, tanto na vida como na ficção”. Como lembra esse pesquisador, Machado “viveu num tempo e num lugar em que a produção editorial e literária se tornava cada vez mais internacionalizada, com o crescente intercâmbio de textos entre periódicos dos dois hemisférios e das diferentes latitudes”. Hélio de Seixas Guimarães dá, então, dois exemplos que justificam sua afirmação: a colaboração de Machado, em 1873, n’*O Novo Mundo*, jornal em português publicado nos Estados Unidos, e a colaboração assídua (do final da década de 1870 até o final da década de 1890) n’*A Estação*, jornal de modas de origem alemã.⁴⁴⁰ A esses dois exemplos poderia ser acrescentada a participação de Machado n’*O Futuro*, com pelo menos duas vantagens sobre eles: antecedeu-os em pelo menos uma década, o que permitiu ao Machado de vinte e poucos anos participar de um projeto literário internacional, e mostrou ao jovem escritor a possibilidade de ser lido, em sua própria língua, fora de seu país.

No que concerne à valorização do homem de letras, em diversas crônicas, Machado elogiou iniciativas de reconhecimento do trabalho intelectual. Assim é que comenta, por exemplo, reunião da Petalógica em que houve a inauguração de um retrato de Francisco de Paula Brito:

O dia 15 [de dezembro de 1862], anniversario da morte de Paula Brito, foi escolhido para a cerimonia da inauguração do seu retrato. Esta foi simples e modesta, como pedia o caso. Reunidos os amigos do finado, varios pronunciaram algumas palavras de saudade, e assim ficou realisada a tocante

⁴³⁹ NOVAES. “A Camillo Castello Branco”. In: O FUTURO, n. XIX, p. 262.

⁴⁴⁰ GUIMARÃES. Uma vocação em busca de línguas: notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis, p. 163-164.

idéa. Paula Brito merecia estes sinaes de gratidão saudosa que dão á sua memória seus amigos de tantos annos.⁴⁴¹

Nesse sentido também é que dá notícias da saúde de Gonçalves Dias, então em tratamento na Europa:

Doente, embora, o grande cantor nacional, emprega a sua actividade em encher de novas joias o seu já tão farto escritorio litterario. Bello exemplo esse á mocidade de hoje, a quem pertence o futuro do paiz. E' deste modo que o talento é sacerdocio. Que importa o labor de uma longa semana? Ha, para muito descanso, o domingo da immortalidade.⁴⁴²

Demonstrações como essas não se resumiriam à participação n'*O Futuro*. Diversas vezes em sua carreira nas letras, Machado publicou linhas de reconhecimento e admiração pelos pares.⁴⁴³

No que concerne ao “amor da glória intelectual” – a expressão entre aspas é do próprio Machado –, o exemplo português não seria de todo modelar. O caso de João Francisco Lisboa, bastante emblemático, renderia reflexões do cronista em tom de admoestação. Machado tinha em alta consideração esse jornalista e historiador maranhense. Leu com atenção sua obra, como atesta a presença de Lisboa nas notas de leitura que restaram do escritor brasileiro; na crônica conhecida como “O punhal de Martinha”, publicada na prestigiosa série “A semana” em 5 de agosto de 1894, compararia “nosso João Francisco Lisboa” a João de Barros.⁴⁴⁴ Na crônica de 1º de junho de 1863, Machado relata:

O *Jornal do Recife* deu-nos duas noticias importantes, com a differença de alegrar-nos a primeira tanto como nos contrista a segunda; refiro-me ás melhoras de saude de Gonsalves Dias e á morte de J. F. Lisboa, em Portugal. Será verdadeira a ultima ou não passa de um deploravel engano? E' lícito duvidar da exactidão della, e, sem offensa á folha pernambucana, deve-se esperar uma confirmação mais positiva. Não é que o factio seja impossivel; mas o silencio da imprensa portugueza a respeito, silencio impossivel, a ter-se dado o caso, abre lugar á duvida. Mau era se a indifferença de um paiz amigo e irmão fosse a unica elegia que tivesse na morte um homem tão illustre como o autor do *Jornal do Timon*.⁴⁴⁵

⁴⁴¹ O FUTURO, n. VIII, p. 268

⁴⁴² O FUTURO, n. XVIII, p. 594.

⁴⁴³ Cf., por exemplo, ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1189 (sobre Antônio Feliciano de Castilho), 1267 (sobre José de Alencar) e 1294-1295 (sobre Almeida Garrett). Em memória de Gonçalves Dias, escreverá, em 1884: “QUE OS MOÇOS saúdem *Gonçalves Dias* e glorifiquem êste nome tão caro às musas e à pátria, não só os honra, como fortalece as esperanças brasileiras” (ASSIS. *Poesia e prosa*, p. 180, versalete e itálico da publicação consultada, inicial capitular não preservada aqui).

⁴⁴⁴ Cf. ASSIS. *Lexicografia*. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 277; ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1018.

⁴⁴⁵ O FUTURO, n. XVIII, p. 594. Na edição preparada por Rodrigo Camargo de Godoi, leem-se “a primeira tanto quanto” e “melhorias de saúde”, evidentes erros de transcrição (ASSIS. *O Futuro*, p. 143).

A notícia da morte de João Francisco Lisboa, que se encontrava em Portugal realizando pesquisas documentais, se confirmaria, como escreveu Machado na crônica de 1º de julho de 1863, a última das que publicou n’*O Futuro*: “Falleceu em Lisboa, no dia 25 de abril, na idade de 49 annos, deixando ao nosso paiz a gloria de um nome respeitado entre os mais eminentes”. Para o cronista, não se tratava apenas da morte de um escritor, “a perda de tão illustre brasileiro”. O que o deixa indignado é “o mediocre effeito que esse triste acontecimento produzio”. Indaga: “Como se explica esta tal ou qual indifferença do Brasil vendo morrer um dos seus maiores pensadores? Haverão razões da circumstancia e do momento ou vai amortecendo entre nós o amor da gloria intellectual?”. Não só a indifferença dos brasileiros é citada – tampouco Portugal fica ao abrigo da crítica de Machado. Bastante insatisfeito com o silêncio da imprensa lusitana diante do acontecimento, lembra que “escriptores como aquelle não são communs e merecem uma calorosa menção no dia em que passam dos labores da vida para as alegrias imperpressiveis da eternidade”.⁴⁴⁶

Machado deve ter-se inquietado profundamente com a indifferença da imprensa estrangeira para com uma figura brasileira importante, ainda mais, é claro, por ter essa desconsideração partido de um país “amigo e irmão”. Acolhendo em suas páginas n’*O Futuro* reflexões sobre a vida literária daquele momento, Machado destacou iniciativas que visavam a divulgação do Brasil e de sua literatura no exterior. Na crônica de 31 de janeiro de 1863, criticou o desleixo do país “em fazer [...] a sua propaganda na Europa, conveniencia facil de comprehender por todos, mas que o governo nunca comprehendeu ou tratou por alto”. Em razão disso é que elogia uma iniciativa como a fundação do jornal *Le Brésil*, “jornal escrito em francez pelos redactores da *Actualidade*, e publicado á entrada e sahida dos paquetes transatlanticos. Trata-se de se nos apresentar na Europa com imparcialidade e justiça”.⁴⁴⁷ A preocupação com a imagem do Brasil no exterior não foi exclusividade da juventude de Machado. Acompanhou-o na maturidade, por diversas vezes, esse “sentimento nativista, ou como quer que lhe chamem, – patriotismo é mais vasto”.⁴⁴⁸

No que concerne ao conhecimento da literatura brasileira no exterior, Machado situa Ferdinand Wolf, na crônica de 15 de junho de 1863, entre “[o]s homens que se occupam seriamente das cousas do Brasil”. Naquele ano, o historiador austríaco publicava, em Berlim, *Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne, suivie d’un choix de morceaux tirés*

⁴⁴⁶ O FUTURO, n. XX, p. 658.

⁴⁴⁷ O FUTURO, n. X, p. 339.

⁴⁴⁸ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 942. Trata-se da crônica de 20 de agosto de 1893.

des meilleurs auteurs brésiliens. A apreciação de Machado, que diz ter apenas folheado o volume, é positiva, embora certa restrição tenha sido feita ao trabalho do historiador:

Reparei, é certo, na exclusão de alguns verdadeiros poetas e na menção de outros a quem Alceste podia dirigir esta interrogação:

Quel besoin si pressent avez-vous de rimer?

Et qui diantre vous pousse à vous faire imprimer?

Mas tudo é desculpável quando há no livro muito para agradecer.⁴⁴⁹

Como já observou Rodrigo Camargo de Godoi, uma possível justificativa para a ausência de certos autores em *Le Brésil littéraire* é sugerida pelo próprio historiador, no prefácio da obra: a dificuldade de acesso a livros brasileiros na Europa.⁴⁵⁰ Parte de um problema que chamou a atenção de Machado durante sua participação n’*O Futuro* e já foi aqui referido: a precariedade do mercado editorial nacional.

O cronista não quis, contudo, apenas deixar registrado seu testemunho dos acontecimentos literários; desejava também interferir, de alguma maneira, nos rumos da literatura de seu país: criticando obras, apontando qualidades e senões, incentivando os escritores. No artigo “O ideal do crítico”, publicado poucos anos após o fim da colaboração n’*O Futuro* (1865), aprofundaria algumas das discussões já esboçadas nas páginas da revista luso-brasileira. Sobre a importância da crítica na literatura de um país, por exemplo, se, na revista de Novais, chamava a atenção para o fato de que poucos mereceriam ser chamados de críticos, no texto de 1865 reafirma as exigências da atividade crítica, procurando definir que tipo de crítica considera benéfico: a crítica produtiva – “fecunda” é a palavra que utiliza –, “não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade”. A crítica defendida por Machado é a crítica, em suas palavras, “pensadora, sincera, perseverante, elevada”. Apenas assim, explica, seria possível “reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreatantes, corrigir os talentos feitos”; em poucas palavras, a literatura brasileira só se tornaria uma grande literatura se uma crítica séria fosse estabelecida. “Farol seguro” e “tarefa do legislador” são algumas das imagens que associa à crítica e ao crítico no ensaio de 1865.⁴⁵¹

N’*O Futuro*, como já dito, muitos livros são citados por Machado apenas ligeira e circunstancialmente, mais possivelmente no intuito de divulgar uma produção escrita e

⁴⁴⁹ O FUTURO, n. XIX, p. 627. O trecho citado é d’*O misantropo*, de Molière. “Que necessidade tão urgente tendes de rimar? / E que diabos vos fazem que imprimais isso?” – tradução proposta pela edição da ed. da Unicamp (ASSIS. *O Futuro*, p. 152, nota 3).

⁴⁵⁰ ASSIS. *O Futuro*, p. 152, nota 4.

⁴⁵¹ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1080-1081.

incentivar o mercado editorial. A esses livros Machado não dedica um juízo crítico. Talvez tenha deixado a melhor justificativa para isso n'“O ideal do crítico”, quando, falando das exigências da boa execução da atividade crítica, lembra o fato de que, para criticar com consistência, é preciso “mergulhar profundamente” na obra, de modo a “procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção”. Dessarte, esclarece Machado, a crítica serviria não só para a obra pronta, mas, também, para a “obra em embrião”; daí sua fecundidade, sua contribuição para o aperfeiçoamento das letras de um país.⁴⁵²

Em meio aos tantos lançamentos editoriais que chegaram a suas mãos no período em que colaborou na revista luso-brasileira, a alguns Machado dedicou um comentário mais desenvolvido. São críticas ou exercícios críticos que certamente influíram para que, dois anos depois, o escritor se sentisse seguro para escrever um ensaio – “O ideal do crítico” – aprofundado e vigoroso sobre a necessidade do estabelecimento da crítica.

3.1.2 O crítico das literaturas portuguesa e brasileira

Em seu exercício crítico n' *O Futuro*, Machado mostrou-se quantitativamente equilibrado como leitor de obras portuguesas e brasileiras: nosso levantamento identificou apreciadas sete obras publicadas no Brasil e seis obras de origem ultramarina. As obras de autores brasileiros são as seguintes: *As minas de prata*, de José de Alencar; *Contos do serão*, de Leandro de Castilhos (assim grafa Machado; “Castilho”, segundo Sacramento Blake);⁴⁵³ *Lírio branco*, de Guimarães Júnior; *Produções poéticas*, obra póstuma de Pinheiro Guimarães; *O estandarte auriverde*, de Fagundes Varela; *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade de Paranaguá*, de Demétrio da Cruz; *Dalmo ou Os mistérios da noite*, de Luís Ramos Figueira. Quanto às obras de Portugal, são comentadas por Machado: *D. Jaime ou A dominação de Castela*, de Tomás Ribeiro; *Roberto ou A dominação dos agiotas*, de Manuel Roussado; *José Estevão: esboço histórico* (ou *Esboço histórico de José Estevão*, como Machado se refere à obra), de Jacinto Augusto Freitas de Oliveira; *Luz coada por ferros*, de Ana Augusta Plácido; *Revelações*, de Augusto Emílio Zaluar (radicado no Brasil e com cidadania brasileira); *Calabar: história brasileira do século XVII*, de Mendes Leal. Há uma

⁴⁵² ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1081.

⁴⁵³ BLAKE. *Diccionario bibliographico brasileiro*, v. 5, p. 292.

recorrência na série: em cada crônica, costumam aparecer conjuntamente as análises de um livro de autor brasileiro e de um livro de autor português.

É assim já na crônica de abertura da série, publicada a 15 de setembro de 1862. Nela, são apreciadas produções de Tomás Ribeiro e José de Alencar. No que diz respeito a *D. Jaime*, os comentários de Machado ressaltam as qualidades do poeta português: trata o livro de Ribeiro como “o maior acontecimento literário da quinzena”; chama a atenção para as “largas proporções” do poema, além do que se espera de um estreante, e diz não fazer restrições ao louvor e à fama conquistadas pelo livro. Que desfrutou de sucesso e de boa acolhida em terras brasileiras, aliás, afirma-o Agripino Grieco, segundo o qual o poema de Tomás Ribeiro “deliciou o Brasil inteiro, popularizando-se quase tanto quanto o *Eurico* e só vindo a esmorecer diante da *Morte de D. João*”.⁴⁵⁴ O melhor testemunho dessa popularidade, contudo, seria dado por Faustino Xavier de Novais, nos versos facetos de “Não me cheira”:

D. Jayme de manhã cedo,
 D. Jayme logo, ao almoço,
 D. Jayme ao jantar, azedo,
 D. Jayme á ceia, com ôsso,
 D. Jayme, agora, adoçante,
 D. Jayme, depois, picante,
 D. Jayme de frigideira,
 D. Jayme á lua guindado,
 D. Jayme em lama arrastado
 – Não me cheira.⁴⁵⁵

Sem destoar da aceitação popular, Machado elogia ainda a harmonia da peça (sem altos e baixos).⁴⁵⁶ Mesmo assim, para Jean-Michel Massa, foi “[s]erriamente, sem grande fantasia” que Machado fez a crítica de Tomás Ribeiro.⁴⁵⁷ Não deixava de ser uma crítica bastante favorável: Machado chama o *D. Jaime* de “presente literário”. Todavia, é certo, não explora seu conteúdo, contentando-se em ratificar o parecer altamente elogioso de Antônio Feliciano de Castilho, “padrinho” do poema de Tomás Ribeiro, como se percebe pela “Conversação preambular”, o prefácio do crítico português a *Dom Jaime*.

Terá o cronista, que há pouco pedira a sua pena o não envolvimento em polêmicas, procurado evitar um aborrecimento com o crítico português? Talvez sua opinião coincidisse

⁴⁵⁴ CRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 126. Por *Eurico*, Grieco refere-se seguramente ao romance *Eurico, o presbítero* (1844), de Alexandre Herculano. O poema *A morte de D. João* (1874), a outra obra a que se refere Grieco, é da autoria de Guerra Junqueiro.

⁴⁵⁵ NOVAES. “Não me cheira”. In: O FUTURO, n. IV, p. 111.

⁴⁵⁶ O FUTURO, n. I, p. 37.

⁴⁵⁷ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*.

com a do futuro cunhado, Miguel de Novais, que em carta ao irmão, Faustino, datada do Porto, 10 de setembro de 1862, e publicada n’*O Futuro* pouco mais de um mês depois, afirmou ter encontrado em *D. Jaime* “versos que me pareceram lindíssimos, sublimes até, a par de outros que me soaram mal”.⁴⁵⁸ Quando Castilho veio ao Brasil para expor seu método de leitura, em 1855, esteve no escritório de Caetano Filgueiras, e é possível que, nessa ocasião, tenha conhecido o adolescente Machado. Em todo caso, dirigia-se ao brasileiro sempre com deferência. A ele se referiu, em dedicatória autógrafa (assinada com o irmão, José Feliciano) num exemplar da sua tradução da *Arte de amar* (Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1862), como “o poeta d’alma, e esperançoso ornamento das letras do Brasil”.⁴⁵⁹ No *Diário do Rio de Janeiro*, no mesmo ano em que recebeu o livro de Ovídio autografado pelo tradutor (não está claro se antes ou depois), Machado teceu apreciações críticas sobre peças dos irmãos Castilho – Antônio e José Feliciano. No parecer de Ubiratan Machado, foi com crítica ácida que Machado tratou o poema “No trânsito do Senhor Rei d. Pedro V”, de Antônio Feliciano, incluído em *Tributo à memória de Sua Majestade Fidelíssima o Senhor Dom Pedro Quinto, o muito amado* (1862), livro publicado em coautoria com o irmão e lançado pela mesma casa que editou a *Arte de amar*.⁴⁶⁰ Realmente, Machado aponta no referido poema certos clichês, pensamento em boa parte “pobre” e às vezes “pouco admissível” e a ausência de “alento poético”, de “espontaneidade”, de “poesia enfim”. Tais problemas, entretanto, não o impediram de considerar o poeta e tradutor português, na mesma crônica, “um grande artista da palavra, conhecedor profundo da língua que fala e que honra, um edificador que sabe mover os vocábulos e colocá-los e arrendá-los com arte, com o que tem enriquecido a galeria literária da língua portuguesa”.⁴⁶¹ Tão comedido em suas dedicatórias autógrafas, ofereceria a Castilho, em exemplar de *Falenas* (1870), uma das mais entusiasmadas: “Homenagem de admiração ao rei da lira portuguesa, A. F. de Castilho. Machado de Assis”.⁴⁶²

A reação contrária ao prefácio de Antônio Feliciano de Castilho escrito em louvor de *D. Jaime* viria, mas por parte de escritores compatriotas, incomodados com o tratamento dispensado pelo crítico a Camões. Castilho, questionando a leitura do épico nas escolas, afirmava que a convivência de fábulas pagãs com elementos do cristianismo no mesmo poema poderia “perverter á nascença de salutareos instinctos logicos do bom senso e do bom gosto”.⁴⁶³

⁴⁵⁸ NOVAES. Correspondencia. In: O FUTURO, n. III, p. 102.

⁴⁵⁹ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 69.

⁴⁶⁰ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 69.

⁴⁶¹ ASSIS. *Comentários da semana*, p. 174-175. Trata-se da crônica de 22 de fevereiro de 1862.

⁴⁶² Citado a partir da transcrição em: MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 69-70.

⁴⁶³ In: RIBEIRO. *D. Jayme*: poema, p. CIX.

Curiosamente, Machado seria comparado com o poeta de *Dom Jaime* pelo menos uma vez. No prefácio às *Crisálidas*, Caetano Filgueiras, naquele que é o primeiro texto crítico direcionado a um volume de poesias machadianas, assim se referiu ao poeta brasileiro: “Machado de Assis é o nosso Tomás Ribeiro, mais inspirado, e talvez mais ardente”.⁴⁶⁴ Possivelmente, portanto, foi esse autor o primeiro a quem se comparou Machado de Assis. Em sua maturidade, é possível que o escritor brasileiro tenha continuado a ser leitor de Ribeiro: um verso de *D. Jaime* é citado na crônica d’“A semana” de 12 de maio de 1895: “Eu nunca vi Lisboa e tenho pena”;⁴⁶⁵ um exemplar de *Tomás Ribeiro e a sua obra* (1895) pertenceu a Machado (com dedicatória autógrafa do editor, Mariano Pina).⁴⁶⁶ É temerário pensar, contudo, que o jovem Machado não tenha tido senão algum a apontar na obra do português. Por estar escrevendo para uma revista luso-brasileira, parece não ter desejado ferir susceptibilidades entre os intelectuais de além-Atlântico. Essa é uma hipótese, e uma boa hipótese, se lembramos que a única censura feita a autor português n’*O Futuro* é a Augusto Emílio Zaluar, escritor que se incorporou à literatura brasileira, que aqui viveu.⁴⁶⁷ Se em 1862 e 1863 Machado já vinha esboçando as ideias do artigo “O ideal do crítico”, é possível lançar outra hipótese: teria considerado infrutífero apontar problemas numa produção de outro país? Sua palavra de crítico, ou de legislador literário, teria peso? seria ouvida? ou ficaria apenas no papel, sem repercussão? Nesse momento, Machado está preocupado em interferir nas produções brasileiras. A elas dedica críticas que pontuam as qualidades e os defeitos. A convivência com portugueses n’*O Futuro* pode ter sido útil a Machado para que, na década de 1870, sentisse mais “confiança” em sua voz. É nessa década, mais precisamente em 1878, que apontará inconsistências na ficção de Eça de Queirós (*O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*), numa polêmica que reclamou a resposta do escritor lusitano e comentários na imprensa da época.⁴⁶⁸ Algo semelhante n’*O Futuro* seria impensável.

Quando trata de uma obra brasileira, o crítico parece se sentir mais à vontade na revista de Faustino Xavier. *As minas de prata*, de José de Alencar, parecem ter despertado nele um interesse maior. O primeiro volume desse romance histórico, com nove capítulos, havia sido publicado há pouco, em versão preliminar, na coleção Biblioteca Brasileira, dirigida por Quintino Bocaiuva entre abril de 1862 e março de 1863. Tratava-se do primeiro volume de um romance inédito de José de Alencar. Depois de notar o “apuro do estylo” do autor d’*O Guarani*,

⁴⁶⁴ Transcrito em MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor), p. 54.

⁴⁶⁵ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1094.

⁴⁶⁶ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado vive: dedicatórias*, p. 176-177.

⁴⁶⁷ O senão apontado em Zaluar será apresentado nas próximas páginas.

⁴⁶⁸ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1206 et seq.

Machado revela interesse por sua “investigação histórica”, a que serve de base “a descoberta de Roberio Dias, no anno da graça de 1557, de umas minas de prata em Jacobina [na província da Bahia]”. O cronista dá alguns detalhes do romance, embora se recuse a contá-lo “capitulo por capitulo”, dado o receio de “reduzir à prosaica e seca narrativa a exposição interessante das *Minas de prata*”. Demonstrando uma leitura diligente do romance de Alencar, em sua forma parcial, o jovem cronista/crítico não teme apontar-lhe certo “pormenor” relacionado à construção de um personagem, o jesuíta Gusmão de Molina:

Este padre Molina entra em scena com a cara fechada de um conspirador; deixa-se adivinhar (*sic*) que elle vem em virtude das questões levantadas pela ingerencia da companhia de Jesus nos negocios da administração. Um simples secular que trouxesse uma missão secreta seria reservado; com um jesuita, não se dá a plausibilidade de suspeitar o contrario; seria prudentissimo e reservadissimo. Ora, não me parece proprio de um jesuita o conselho dado no lance do xadrez na biblioteca do convento, conselho que, alludindo às suas intenções relativamente ao governador, faz olhar de esguelha o licenciado Vaz Caminha. Talvez esta observação não tenha a importancia que eu lhe acho; mas qualquer que seja a insignificancia do pormenor a que alludo, lembrarei que é do conjunto das linhas que se formam as physionomias, e que não sei de physionomia de jesuita descuidada e indiscreta.⁴⁶⁹

Alencar parece ter levado em alta consideração a crítica de Machado. A primeira edição completa d’*As minas de prata* só viria à luz alguns anos depois dessa crônica, pela casa Garnier, que a editou em seis volumes entre 1865 e 1866. Nessa versão, como nota Marcos Flamínio Peres, Alencar dedicaria nada menos do que seis novos capítulos à gênese do personagem Gusmão de Molina, “atribuindo-lhe uma consistência no ‘conjunto das linhas’ que talvez não se veja em nenhuma outra personagem ao longo da vasta obra de Alencar”. É ainda Peres que evidencia, na composição final do romance, uma reação ao reparo feito pelo cronista d’*O Futuro*:

As origens, ao mesmo tempo picarescas e folhetinescas, de Molina que ali se delineiam parecem responder, de algum modo, à observação feita por Machado de Assis [...]. Talvez Alencar, naquele ano de 1862, já tivesse claro para si o encaminhamento posterior que daria à composição da “fisionomia” do jesuíta, mas é bastante provável que o reparo feito pelo bruxo do Cosme Velho o tenha atingido de modo inesperado, levando-o a refletir e explicitar a composição dessa personagem multifacetada que é o padre Molina.⁴⁷⁰

Conseguia Machado, assim, uma crítica frutífera, de proveito para as letras de seu país.

⁴⁶⁹ O FUTURO, n. I, p. 38.

⁴⁷⁰ PERES. *As minas e a agulheta: romance e história em As minas de prata*, de José de Alencar, p. 63-64.

É significativo que as duas primeiras obras comentadas por Machado sejam semelhantes em pelo menos um aspecto: a reconstituição do passado. Em *D. Jaime*, Tomás Ribeiro remonta à rivalidade entre Portugal e Espanha; n' *As minas de prata*, a ação ocorre dois séculos e meio antes do momento de sua escrita. Em outras crônicas d' *O Futuro*, Machado continuaria a demonstrar interesse pela narrativa histórica e há possibilidade, que talvez um dia se confirme, com novos acréscimos à bibliografia do autor, que tenha elaborado um romance histórico.⁴⁷¹

No mesmo ano de publicação de *D. Jaime*, Manuel Roussado lançou sua versão parodística da obra de Tomás Ribeiro, a que intitulou *Roberto ou A dominação dos agiotas*. Em relação a esse livro, Machado, em crônica de 31 de janeiro de 1863, demonstrou uma liberdade crítica maior – não concordando com a denominação de poema “herói-cômico” constante no subtítulo da obra, comentou:

E' um verdadeiro poema comico? Não; não se póde dizer isso na literatura que possui o *Hyssope*, e as satyras de Tolentino, que são outros tantos poemas; mas, como amostra de um poeta de futuro, acho que deve de ser lido o *Roberto*. [...] a designação de poema heroi-comico só poderia caber ao livro, quando todas as condições necessarias ao genero estivessem preenchidas; no poeta comico devem concorrer qualidades tão superiores como no poeta epico, porque ambos os generos se tocam, e daqui vem chamar Victor Hugo ao *D. Quichote* a *Illiada* comica. Estas qualidades superiores não se nos descobrem no *Roberto*.⁴⁷²

A citação é relevante, entre outros motivos, porque mostra o interesse de Machado pelo referido gênero literário e por certos autores, entre eles dois portugueses, Antônio Diniz da Cruz e Silva e Nicolau Tolentino de Almeida, nomes fundamentais da tradição da sátira em Portugal. No final da década seguinte (1879), o escritor brasileiro daria início, na *Revista Brasileira*, à publicação fragmentada de um poema herói-cômico, “O Almada”, peça que, nas palavras de Hélio de Seixas Guimarães, “[p]or mais de duas décadas [...] ocupou a imaginação de Machado”.⁴⁷³

Salvo a crítica à denominação do gênero, a obra de Roussado foi bem vista por Machado, que não lhe negou a graça e a naturalidade na construção dos versos. Outro ponto elogiado por Machado foi a destreza do poeta português na paródia: “acrescentarei que alguns

⁴⁷¹ Mário de Alencar contou ter visto entre os papéis de Machado na Academia, após a morte do escritor, o manuscrito de um romance histórico inacabado, provavelmente de composição antiga (MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 301). Como nos lembrou John Gledson, em e-mail, a menção a romances históricos – como *The Last Days of Pompeii* (1834), de Edward Bulwer-Lytton, *Salammô* (1862), de Gustave Flaubert, e *Eine ägyptische Königstochter (Uma princesa egípcia)*, 1864), de Georg Ebers –, populares no século XIX, ocorre mais de uma vez na obra machadiana.

⁴⁷² O FUTURO, n. X, p. 339.

⁴⁷³ GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 120.

pedaços do poema de *D. Jayme* foram parodiados com acerto e certa originalidade”, afirma.⁴⁷⁴ O jovem escritor de fato devia valorizar isso; paródias foram frequentes ao longo de sua obra. Vale citar um trecho da nota “Ao leitor” de *Roberto*, em que Roussado justifica: reproduz naquele volume cartas trocadas entre ele o autor do poema parodiado, Tomás Ribeiro, para que “nem levemente passe pela cabeça de alguém, que a parodia é um desacato ao poema que elevou Thomas Ribeiro a um distinctíssimo lugar entre os primeiros escriptores deste país”.⁴⁷⁵ Tampouco veria Machado na paródia um desacato; antes, talvez, uma homenagem. Parodiou grandes nomes do cânone ocidental, apropriando-se de textos alheios de forma inventiva, criativa. Certamente para essa relação mais “leve” que construiu com a tradição literária contribuíram nomes como o de Roussado e o de Faustino Xavier, que se utilizou de vários números d’*O Futuro* para publicar “Dinheiro!”, uma paródia de canto d’*Os Lusíadas*.⁴⁷⁶ John Gledson já observou que Machado tinha a habilidade de parodiar qualquer tipo de linguagem, da bíblica à jornalística.⁴⁷⁷

O procedimento crítico de Machado desenvolve-se nessa linha na análise dos demais livros de autores portugueses. Sempre procura realçar os traços positivos: do *Esboço histórico de José Estevão*, de Jacinto Augusto Freitas de Oliveira, destaca um fundo de verdade e um tom algo áspero, cabível naquele contexto; em *Luz Coada por ferros*, de Ana Augusta Plácido, elogia a sensibilidade, “primeiro dom das mulheres escritoras”; em *Calabar*, de Mendes Leal, ressalta o colorido e o vigor da escrita. Deixará uma censura apenas ao poeta Zaluar: possivelmente, porque residindo este no Brasil, poderia mais facilmente acatar a indicação do crítico. Depois de elogiar a harmonia entre linguagem e tema nos versos de Zaluar e a melancolia de sua poesia, escreve:

De resto, tenho uma censura a fazer ao poeta, ou antes, são os seus admiradores que lh’a fazem; e vem a ser, a de ter dado entrada no livro a muita poesia alheia. Se esse facto nos traz ao conhecimento pedaços de boa poesia, não é menos verdade que toma o lugar que poderia ser occupado com igual vantagem pelo autor.⁴⁷⁸

Trata-se de uma censura altamente elogiosa, é verdade.

⁴⁷⁴ O FUTURO, n. X, p. 339.

⁴⁷⁵ ROUSSADO. *Roberto ou A dominação dos agiotas*, p. 7-8.

⁴⁷⁶ Cf. O FUTURO, n. VIII, p. 258.

⁴⁷⁷ GLEDSON. Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis, p. 11.

⁴⁷⁸ O FUTURO, n. XIV, p. 467. Note-se o uso da expressão “de resto”, frequente em Machado. Jucá (filho), que a identificou em *Memórias póstumas...*, *Dom Casmurro* e *Esau e Jacob*, lembra que “[e] também da linguagem camiliana” [JUCÁ (FILHO). *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*, p. 16].

Quando comenta obras de autores brasileiros, uma questão sempre presente na crítica de Machado é o talento. Ele procura incentivar os jovens escritores, pede que se apliquem à prática, ao estudo da tradição, pois é o que lhes falta – não o talento. Este, sozinho, esclarece várias vezes e de diversas formas, não é suficiente, nada pode sem o estudo “continuado e severo”, como diria em uma carta-prefácio datada de 1872.⁴⁷⁹ Leandro de Castilhos, nesse sentido, é chamado de “talento modesto”. Sugere ao autor de *Contos do serão*, um livrinho de três narrativas, aventurar-se em “um romance de largo fôlego”, citando os dois cultores do romance entre nós, naquele momento: Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.⁴⁸⁰ Essa recomendação crítica foi seguida pelo próprio Machado, que na década seguinte começaria a publicação de seus romances. Considerando o levantamento bibliográfico de Sacramento Blake, Castilhos não atendeu à solicitação do crítico, nada publicando depois do livro de contos.⁴⁸¹ Quando teceu considerações sobre *O estandarte auriverde: cantos sobre a questão anglo-brasileira* (1863), de Fagundes Varela, Machado vaticinou um futuro honroso para o talentoso poeta, condicionado à aplicação e ao estudo dos mestres.⁴⁸²

3.1.3 O “capítulo da música”

O Futuro, além de periódico literário, foi seguramente musical; se nessa revista publicaram escritores, também musicistas compuseram seu quadro de colaboradores. Além das gravuras, partituras tiveram espaço nas páginas d’*O Futuro*: “Elvira”, valsa para piano de Artur Napoleão, saiu no dia 15 de outubro de 1862; outra peça para piano, a polca “Esperança”, de Francisco Moniz Barreto Júnior, saiu no número de 1º de junho de 1863.⁴⁸³ Aos pianistas Artur Napoleão, português, e Ricardo Ferreira de Carvalho, brasileiro, foram dedicados, respectivamente, os versos de “A Artur Napoleão (no seu álbum)”, assinados por F. X. de Novais, e os versos de “Ao jovem e distinto pianista brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho”, subscritos por Alexandre da Conceição.⁴⁸⁴

⁴⁷⁹ ASSIS. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, p. 405.

⁴⁸⁰ O FUTURO, n. VII, p. 235.

⁴⁸¹ BLAKE. *Diccionario bibliographico brasileiro*, v. 5, p. 292.

⁴⁸² O FUTURO, n. XI, p. 372.

⁴⁸³ O FUTURO, n. III p. 1-4, antes da p. 73 da numeração regular; n. VIII, p. 1-4, antes da p. 237 da numeração regular.

⁴⁸⁴ O FUTURO, n. VIII, p. 264; n. XX, p. 656-657.

O melômano Machado de Assis não ficou indiferente a essa abertura dada pela revista. Claro: toda a obra de Machado, seja da juventude, seja da maturidade, é atravessada por referências constantes à cena musical brasileira, a artistas nacionais e estrangeiros, a ritmos eruditos e populares, à própria teoria musical. Personagens ligados à música, como instrumentistas e compositores, têm papel relevante em sua ficção. O que *O Futuro*, de forma especial, parece ter proporcionado a Machado foi a oportunidade de deixar alguma contribuição no campo da crítica musical.⁴⁸⁵ Ao reservar em suas crônicas escritas para a revista de Faustino Xavier um “capítulo da música” – a expressão é do próprio autor, na crônica de 1º de junho de 1863 –,⁴⁸⁶ Machado nos legava tanto matéria para uma reconstituição da cena musical fluminense na década de 1860 quanto o registro de sugestões e temas que voltariam depois em sua obra.

Em seu artigo “Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira”, a pesquisadora e pianista Liliana Harb Bollos lembra que foi Mário de Andrade o primeiro crítico de música brasileiro de expressão. Nas resenhas que escreveu para o *Diário de São Paulo* entre os anos de 1933 e 1935, selecionadas e recolhidas em 1993 no volume *Música e jornalismo*, Mário comentava intérpretes, concertos, a vida musical nos palcos paulistanos, preocupando-se, assim como outros escritores citados por Bollos – Murilo Mendes e Otto Maria Carpeaux – em “analisar os aspectos musicais da obra com a intenção de informar e enriquecer a cultura musical do leitor”.⁴⁸⁷ É nesse sentido que se toma aqui o termo “crítico de música”, concordando com Liliana Harb Bollos quanto ao objetivo da crítica publicada na imprensa: “ser capaz de identificar o projeto do artista analisando a obra, possibilitando que esta seja divulgada e assimilada por outras pessoas”.⁴⁸⁸

Machado de Assis não fez da crítica de música um compromisso. Aplicou-se, ao longo de sua trajetória, à crítica literária e teatral, a ela total ou parcialmente dedicando artigos, resenhas, prefácios, cartas e crônicas. Raymond Sayers, em artigo sobre a música na obra machadiana, após lembrar que, já no final da década de 1850, o escritor brasileiro tratava de óperas italianas em seus escritos, fez a seguinte ponderação:

Os maiores admiradores de Machado não podem senão concordar que essas críticas, as primícias da sua pena, são muito imaturas. Conforme a tendência da época, êle presta mais atenção aos cantores, sobretudo às sopranos, do que

⁴⁸⁵ Cf. as crônicas machadianas publicadas n’*O Futuro* datadas de 15 de setembro e 15 de dezembro de 1862, de 1º de janeiro, 1º de março, 15 de maio, 1º e 15 de junho e 1º de julho de 1863.

⁴⁸⁶ O FUTURO, n. XVIII, p. 596.

⁴⁸⁷ BOLLOS. Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira, p. 270-271.

⁴⁸⁸ BOLLOS. Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira, p. 272.

à música, e na sua discussão das partituras se limita a breves generalidades. Fala em «rasgos de harmonia», usa expressões como «os mais belos livros da literatura musical», e ao criticar a interpretação de uma soprano do papel de Norma, diz que «...seus belos dotes de canto e de arte foram empregados de um modo, não a satisfazer, mas a entusiasmar a platéia».

Nesses escritos Machado não revela quaisquer conhecimentos da arte da música.⁴⁸⁹

Sem dúvida, no entanto, as páginas que nos deixou sobre apresentações musicais merecem um olhar mais atento. Esse é o parecer de Carlos Wehrs, pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para quem a contribuição de Machado “não deve ser menosprezada”; indo de encontro a Sayers, Wehrs qualifica a crítica machadiana de “superior e bem fundada”.⁴⁹⁰ O pesquisador americano, no artigo já referido, aliás, reconhece “a grande contribuição” de Machado de Assis “para o desenvolvimento do gosto musical”, bem como a utilidade da leitura de suas obras “para o estudo da história da música no Brasil”.⁴⁹¹ A crítica musical esboçada por esse escritor, vale acrescentar, teve n’*O Futuro* um dos momentos mais notáveis, se não o mais sensível, ainda quando se resumisse ao simples registro de acontecimentos artísticos de seu tempo. A frequência e, principalmente, a qualidade dos diálogos com a arte dos sons na produção literária posterior já justificariam suficientemente o estudo do que escreveu Machado a respeito de instrumentos e instrumentistas em seu período de formação.⁴⁹²

Que houve da parte de Machado interesse no assunto, atestam-no suas leituras da *Revue de deux Mondes*, Ora, entre os colaboradores assíduos dessa revista, em meados do século XIX, esteve o musicógrafo e crítico musical francês, nascido na Itália, Paul Scudo (1806-1864). Vale a pena citar o título de algumas das colaborações de Scudo na *Revue* que podem ter sido lidas por Machado ou que podem ter chegado até ele de alguma forma, por intermédio de amigos músicos e intelectuais: “Angelica Catalani” e “Le Prophète de M. Meyerbeer”, datadas de 1849, e “Une sonate de Beethoven”, de 1850.⁴⁹³ Catalani foi, afinal, nas palavras de Scudo, “une des

⁴⁸⁹ SAYERS. A caminho de Bayreuth: a música na obra de Machado de Assis, p. 778. Os dois primeiros fragmentos citados por Sayers pertencem à “Revista de Teatros” de 9 de outubro de 1859, publicada n’*O Espelho*; o terceiro fragmento foi retirado da crônica de 21 de novembro de 1861, publicada pelo *Diário do Rio de Janeiro* na série “Comentários da semana” (ASSIS. *O Espelho*, p. 98; ASSIS. *Comentários da semana*, p. 101). Em favor de Machado é preciso considerar que as expressões colhidas na “Revista de Teatros” não constam do texto do cronista propriamente dito, mas da transcrição de “um bilhete de um amigo”, que assina “B.” (cf. ASSIS. *O Espelho*, p. 98-99).

⁴⁹⁰ WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 19.

⁴⁹¹ SAYERS. A caminho de Bayreuth: a música na obra de Machado de Assis, p. 777.

⁴⁹² Carlos Wehrs encontrou, apenas nos romances de Machado de Assis, 112 menções ao universo musical (WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 99).

⁴⁹³ Uma lista de colaborações de Scudo na *Revue* encontra-se em: <https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Paul_Scudo>. Acesso em: 14 set. 2016.

cantatrices les plus célèbres du XIX^e siècle”,⁴⁹⁴ e não foi outro, senão Machado, que escreveu, numa crônica de 1894: “A verdade é que nós amamos a música sobre todas as coisas e as primadonas como a nós mesmos”;⁴⁹⁵ Giacomo Meyerbeer, por sua vez, era o compositor predileto de um dos personagens de Machado – o Jorge de *Iaiá Garcia*.⁴⁹⁶ Medalhões com imagens de Catalani e Meyerbeer, bem como de outros nomes ilustres da música erudita, como Verdi e Rossini, compunham a decoração do Teatro Provisório, ou Teatro Lírico Fluminense, nome pelo qual passou a ser chamado em 1854.⁴⁹⁷

Machado citou Paul Scudo, *ipsis litteris*, na primeira de suas crônicas d’*O Futuro*, datada de 15 de setembro de 1862. Não mencionou o nome do musicógrafo, tampouco indicou o título ou a fonte do texto citado, mas, graças à digitalização da *Revue de deux Mondes*, sua localização hoje é fácil: trata-se de “Wolfgang Mozart et l’opéra de Don Juan”, publicado no primeiro tomo de 1849 do periódico francês. Citando Scudo, Machado valia-se de um comentário sobre o genial compositor austríaco para falar, em sua crônica, de outro músico que foi, também, criança prodígio: o pianista português Artur Napoleão. Eis o trecho da crônica:

Fallemos agora de Arthur Napoleão que acaba de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1857, aquele prodigioso menino inspirou verdadeiro entusiasmo nesta côrte onde acabava de chegar cercado pela aureola de uma reputação. Criança ainda, o prestígio dos tenros annos dava ao seu talento realce maior. Com elle acontecera o mesmo que com Mozart, de quem diz um escriptor, alludindo á primeira manifestação do talento na idade pueril – «*C’est ainsi que Mozart apprit la musique comme en se jouant, ou plutôt la musique se réveillait dans son ame avec le sentiment de la vie.*» [“Foi assim que Mozart aprendeu a música, como que brincando, ou antes, a música despertava em sua alma com o sentimento da vida”] Desde os primeiros annos, Arthur revellou-se, e desde logo começou para elle essa serie não interrompida de triumphos de que se tem composto a sua existência.⁴⁹⁸

Artur Napoleão dos Santos nasceu no Porto, em 1843. Pianista precoce, aos nove anos de idade iniciou uma turnê internacional, apresentando-se na Europa e nas Américas, incluindo o Caribe.⁴⁹⁹ Cinco anos depois, em 1857, apresentava-se pela primeira vez no Brasil, fato, como se viu, recordado por Machado, que se refere ao jovem Artur, então com catorze anos, como

⁴⁹⁴ SCUDO. Angelica Catalani, p. 149.

⁴⁹⁵ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 1028.

⁴⁹⁶ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 559.

⁴⁹⁷ CENNI. *Italianos no Brasil*: “Andiamo in ’Merica...”, p. 425; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 331.

⁴⁹⁸ O FUTURO, n. I, p. 38-39. A fim de evitar muitos “sics” na transcrição do trecho em francês, seguiu-se a lição da *Revue* (SCUDO, 1949, p. 876). A tradução entre colchetes é proposta por Rodrigo Camargo de Godoi em sua edição anotada das crônicas machadianas d’*O Futuro* (GODOI. In: ASSIS, 2014, p. 45, n. 16).

⁴⁹⁹ CABRAL. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, p. 437.

“prodigioso menino”. Baseando-se nessa crônica, Ubiratan Machado aponta a possibilidade de Napoleão ter conhecido Machado já em sua primeira visita ao Brasil.⁵⁰⁰ Apenas uma hipótese, evidentemente. Quanto à segunda temporada do pianista na América do Sul, ela praticamente coincide com o período de publicação da revista *O Futuro* – em junho de 1863 saía o último número da revista de Faustino Xavier; em novembro do mesmo ano, Artur Napoleão retornava à Europa.⁵⁰¹ Essa coincidência foi feliz, pois permitiu que algumas das crônicas d’*O Futuro* – quatro, para ficar em um número exato – “documentassem” em certa medida uma afinidade intelectual que, paulatinamente, se transformaria em grande amizade, em amizade “sólida e confiante”, como escreveu Ubiratan Machado.⁵⁰² Cabe lembrar que foi em companhia de Napoleão que, em 1868, chegou, ao Novo Mundo, Carolina Xavier de Novais, e que o pianista português “não tardaria a fixar-se definitivamente no Brasil”, vindo a morrer no Rio de Janeiro, em 1925.⁵⁰³

Artur Napoleão é considerado, hoje, um dos fundadores da virtuosidade pianística brasileira, tendo exercido importante papel num contexto histórico, o Brasil do Segundo Império, em que o piano desfrutava de grande prestígio e popularidade.⁵⁰⁴ N’*O Futuro*, Machado não poupa elogios ao músico e faz questão de ressaltar o quanto seu trabalho é respeitado não somente pelos amigos e compatriotas, mas também por nomes consagrados da música europeia, como o compositor e pianista suíço Sigismond Thalberg e o compositor e violinista belga Henri Vieuxtemps:

Os amigos e os patrícios poderiam desconfiar do seu entusiasmo, e indagar entre si se elle não era effeito de um amor sem exame nem reserva, ou pela interessante creança, ou pelo patricio artista. Essa duvida, se alguma vez se apresentou no espirito dos patricios e dos amigos dissipou-se sem duvida quando Arthur Napoleão entrando nos grandes centros da arte e dos artistas recebeu delles a confirmação solemne do baptismo da pátria. Applausos, ovações, abraços fraternaes o receberão, e cada nome que passava, [Gioachino] Rossini, Meyerbeer, Verdi, Talberg (*sic*), Vieux-Temps (*sic*), [Camillo] Sivori, deixaram uma nota sua, uma linha, uma palavra no álbum do menino artista.⁵⁰⁵

⁵⁰⁰ MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 236.

⁵⁰¹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 296.

⁵⁰² MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 236.

⁵⁰³ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 2, p. 72.

⁵⁰⁴ AMATO. O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica, p. 2; MACHADO. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 263.

⁵⁰⁵ O FUTURO, n. I, p. 39. Para um breve resumo biográfico dos artistas citados, cf. GODOI. In: ASSIS, 2014, p. 45-46, n. 17-22.

Outro ponto destacado pelo cronista d’*O Futuro* é que, dotado de incontestável talento, Artur Napoleão não descuidou do estudo, da técnica. Nas palavras de Machado: “Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na gloria e no talento: de cidade em cidade, a sua viagem foi um triumpho não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delicias de Capua; estudou viajando e buscou pelo estudo a perfeição”.⁵⁰⁶ Em virtude disso, por não ceder à facilidade de uma aptidão inata, foi Artur Napoleão um artista, não um simples habilidoso. Essa distinção, aliás, se mostraria tema trabalhado obsessivamente na ficção machadiana, conforme observou, entre outros, João Cezar de Castro Rocha.⁵⁰⁷ Também aparece, com frequência, nas crônicas d’*O Futuro*, especialmente nas recomendações feitas a escritores com obras recém-publicadas.

Artur Napoleão é o artista com maior presença nas crônicas machadianas d’*O Futuro*. O cronista, atento aos projetos musicais do pianista e a suas apresentações, comenta-os e divulga-os com interesse em seus textos, contribuindo para a formação ou o aprimoramento do gosto musical dos leitores. Ainda na crônica de 15 de setembro de 1862, lembra que a atuação de Artur Napoleão não se resumia à interpretação de obras alheias – abrangia também a composição: “deve-se ao seu estro musical algumas composições esparças de muito merecimento”. A seguir, dá publicidade a um dos projetos do artista:

Sei mesmo que Arthur Napoleão busca voar mais alto e escrever o seu nome em uma obra duradoura: dous poetas inglezes deitaram mãos á obra, a pedido do compositor, e cada um foi depor-lhe nas mãos um poema dramatico, tirado um da comedia de Shakspeare, *Como queira*, e o outro de uma novella de Finimore Cooper.⁵⁰⁸

No fim de 1862, Napoleão seguia em *tour* pela região do rio da Prata. Machado não se esqueceu de comentá-lo – e o faria poeticamente, na crônica de 15 de dezembro:

E para terminar direi que, ao passo que esta revista escripta dentro de uma casa solidamente construida, é lida pelo leitor no seu gabinete fechado e na sua casa não menos solidamente construída, anda por alto mar o pianista Arthur Napoleão, que daqui se foi a mostrar-se aos nossos vizinhos do Prata.

Para não fazer esquecer a fraseologia mythologica e o cunho de certas figuras poeticas, ponho ponto final dizendo que Eolo ha de por certo respeitar

⁵⁰⁶ O FUTURO, n. I, p. 39.

⁵⁰⁷ “A habilidade que se satisfaz na contemplação narcísea de suas próprias capacidades, em lugar de investir na lapidação diária do talento, é sempre criticada e até ridicularizada na obra machadiana.” (ROCHA. Introdução. A lição machadiana, p. 8).

⁵⁰⁸ O FUTURO, n. I, p. 39.

aquelle que com harmonias mais brandas, fal-o-hia encerrar-se captivado nas grutas sombrias de sua morada incognita.⁵⁰⁹

A crônica de 1º de junho de 1863 noticiava o retorno de Artur Napoleão, e um *post-scriptum* daria a Machado a oportunidade de divulgar mais um dos projetos do celebrado artista. Dessa vez, um projeto que mostrava o interesse do músico português pelas questões brasileiras. Tratava-se de um concerto no Teatro Lírico, cuja renda seria revertida à comissão da subscrição nacional, responsável por arrecadar fundos em prol do armamento do exército. Encontrava-se o Império brasileiro, desde o fim do ano anterior, em conflito diplomático com a Inglaterra, na conhecida Questão Christie, ou anglo-brasileira.⁵¹⁰ Machado, que durante muito tempo foi acusado por certos críticos de indiferentismo para com seu país, elogiava um artista justamente pela contribuição dele à soberania nacional:

Já estava composta a chronica quando recebi uma noticia que me confirma nas esperanças de uma boa estação musical. Arthur Napoleão officiou á commissão da subscrição nacional offerecendo os seus serviços em favor dos fins para que ella se organisou. Naturalmente a offerta será aceita. E' inutil repetir o que em todos desperta este acto cavalleiresco do distincto pianista.⁵¹¹

De fato, a oferta de Napoleão foi aceita. Na crônica de 1º de julho, Machado noticiava:

Brevemente tem lugar um concerto dado por ele [Artur Napoleão], destinando-se o producto á subscrição nacional.

Esta offerta do distincto pianista deve ser recebida pelos brasileiros com a maior gratidão.

Não quiz Arthur Napoleão deixar de contribuir com o seu talento para a collecta patriotica a que se procede. E' um acto que o honra e de que não nos esqueceremos, alliando sempre ao nome artistico que elle adquiriu, o de um amigo de (*sic*) nação.⁵¹²

Artur Napoleão foi um artista laureado. Machado deu notícia da homenagem prestada a ele por D. Pedro II nessa mesma crônica de 1º de julho. Outro artista laureado também mereceria, afora o “magnifico alfinete de brilhantes” oferecido pelo Imperador, como “lembrança [...] do apreço em que tem o seu merecimento”, a atenção de Machado de Assis: o clarinetista português Rafael José Croner (1828-1884).⁵¹³ Croner foi solista notável. Conforme o pesquisador Gil Miranda, “[c]edo se revelou excelente instrumentista, dotado de qualidades

⁵⁰⁹ O FUTURO, n. VII, p. 236.

⁵¹⁰ Cf. GODOI. Introdução, p. 81, n. 1 *et seq.*; p. 148, n. 18.

⁵¹¹ O FUTURO, n. XVIII, p. 596.

⁵¹² O FUTURO, n. XX, p. 660.

⁵¹³ O FUTURO, n. XX, p. 659, grifo do original.

de inteligência e sensibilidade, que fizeram dele um dos melhores clarinetistas do seu tempo”.⁵¹⁴ Antes dos vinte anos, era já músico profissional. 1861 é o ano provável de sua primeira turnê internacional, em companhia do irmão, o flautista Antônio José Croner. Nessa ocasião, passaram por Portugal, Espanha e Inglaterra. A primeira visita ao Brasil foi em 1863; aqui Rafael Croner permaneceu de junho a outubro, e seus concertos desfrutaram de ótimo acolhimento.⁵¹⁵

Na crônica de 1º de junho de 1863, Machado fez referência ao êxito de crítica de Croner em sua passagem por Londres, onde obteve “o sucesso mais lisongeiro que póde ter um artista, o da consagração entusiastica de critica reflectida e competente”.⁵¹⁶ Na crônica seguinte, datada de 15 de junho, perguntou: “Foi o leitor ouvir o Sr. Croner? Perdeu se não foi. Este artista que, como é sabido, foi buscar a Londres a consagração do seu talento, justificou os juizos anteriores.” Também escreveu, convidando: “Em um instrumento tão ingrato, como é o clarinete, sabe o Sr. Croner despertar as mais delicadas harmonias. Pelo que respeita aos segredos da arte, ouvi a seu respeito honrosas palavras. [...] Se o leitor é curioso, e ainda não ouviu o Sr. Croner, vá, no dia 19 ao [Teatro] Gymnasio [Dramático]”.⁵¹⁷ O domínio técnico do instrumento deve de fato ter impressionado o escritor que, em crônica de 1878, definiria a clarineta como “áspera, impertinente e fanhosa”.⁵¹⁸

A terceira e última crônica de Machado n’*O Futuro* a fazer referência a Croner já foi citada: é a de 1º de julho de 1863, em que o escritor menciona a homenagem prestada pelo Imperador aos célebres músicos portugueses então em turnê em terras brasileiras (Croner e Napoleão). No que concerne a essa crônica, destacamos que há nela um dado curioso, de valor para um historiador da vida musical brasileira e também útil para um melhor conhecimento da entrada de uma palavra em nossa língua: “saxofone”. Após comentar os merecidos aplausos do público fluminense para Croner e elogiar o músico talentoso e conhecedor de sua arte, Machado lembra que, “[e]m seu segundo concerto [...] anunciou o Sr. Croner umas variações de saxofone. O effeito provou mais que muito a expectativa; neste instrumento mostrou o Sr. Croner todos os dotes que o distinguiam no primeiro. Os applausos do publico coroaram o seu precioso trabalho”.⁵¹⁹ O saxofone era naquele momento um instrumento de invenção recente –

⁵¹⁴ MIRANDA. Os irmãos António José e Raphael José Croner – músicos românticos, p. 180-181.

⁵¹⁵ MIRANDA. Os irmãos António José e Raphael José Croner – músicos românticos, p. 181.

⁵¹⁶ O FUTURO, n. XVIII, p. 596.

⁵¹⁷ O FUTURO, n. XIX, p. 628

⁵¹⁸ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 384.

⁵¹⁹ O FUTURO, n. XX, p. 660

Adolphe Sax o patenteara em 1846. O nome do instrumento, na língua portuguesa, só seria dicionarizado em 1881.⁵²⁰

Outros tópicos sobre música aparecem nas crônicas machadianas d'*O Futuro*: são dadas notícias sobre cantores líricos portugueses (Antônio Maria Celestino, barítono, e Carolina Briol, soprano), palcos (como o Teatro Lírico Fluminense e o Alcazar Lyrique) e instrumentistas (como o clarinetista brasileiro Antônio Luís de Moura), atestando que, também na área musical, a preocupação de Machado foi valorizar os laços entre Portugal e o Brasil. Tais laços são destacados na crônica de 15 de maio de 1863, em apreciação do barítono Celestino, quando de sua contratação pelo Teatro Lírico: “A circunstancia da sua nacionalidade que, por costumes e lingua tão irman é da nossa, serviu-lhe de senha para a sympathia publica. Sobre isso valeu-lhe o seu merito intrinseco; e o applauso publico coroou-lhe os louvaveis esforços”.⁵²¹ Esse comentário seguramente poderia ser dirigido, também, à soprano Briol, que, segundo o cronista, agradou o público fluminense e foi ovacionada, com Celestino e outros cantores, após apresentação da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi (melodrama baseado em peça de Victor Hugo), no Teatro Lírico.⁵²² A nota melancólica das apreciações musicais de Machado é reservada ao músico brasileiro, Antônio Luís de Moura, sobre quem Machado de Assis escreve que é “um distincto professor de clarineta, devendo ao seu merecimento a sua infelicidade, consorcio quasi infallivel no nosso paiz”.⁵²³ É difícil não associar tal avaliação ao aproveitamento que fará Machado, em sua ficção, do tema do músico insatisfeito com os rumos da carreira, dividido entre a aspiração, a ambição do erudito e as exigências do mercado popular, notadamente nos contos “O machete” e “Um homem célebre”, merecedores do estudo admirável de José Miguel Wisnik.⁵²⁴

3.2 A prosa de ficção

O Machado d'*O Futuro* ainda não é o contista metódico que o escritor se tornaria. Antes da colaboração na revista de Novais, havia publicado, nesse gênero, salvo novas descobertas,

⁵²⁰ Cf. CUNHA. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 585.

⁵²¹ O FUTURO, n. XVII, p. 564.

⁵²² O FUTURO, n. XVIII, p. 596. Sobre o *Rigoletto*, q.v. RIDING; DUNTON-DOWNER. *Guia ilustrado Zahar: ópera*, p. 170-171.

⁵²³ O FUTURO, n. VIII, p. 267.

⁵²⁴ Cf. WISNIK. *Machado Maxixe: o caso Pestana*.

apenas “Três tesouros perdidos”, n’*A Marmota*, em 1858. Concluída a participação n’*O Futuro*, voltaria ao conto somente no ano seguinte, com “Frei Simão”, trabalho publicado originalmente no *Jornal das Famílias*. O conto não foi, portanto, nesses anos iniciais, uma prioridade. A revista de Novais estava aberta, claro, à prosa de ficção. Segundo levantamento feito por Damares Rodrigues de Oliveira, foram ao todo doze os contos publicados na revista, além de um romance de Camilo Castelo Branco.⁵²⁵ As energias de Machado estavam, porém, concentradas na poesia e no teatro.

O que Machado de Assis dedicou a *O Futuro* em prosa de ficção foi pouco: basicamente, apenas um conto, “O país das quimeras”, a que deu o subtítulo “conto fantástico”, publicado no fascículo de n. V (p. 126-138). Retomaria a esse texto depois, reelaborando-o significativamente para publicação em dois números do *Jornal das Famílias* de 1866: com essa alteração, o conto ganhou novo título, “Uma excursão milagrosa”. Curiosamente, o subtítulo “conto fantástico” é suprimido. Teria o escritor entrado em contato com outras obras e autores e repensado aquela classificação? É bastante possível. Em sua crítica n’*O Futuro*, já havia chamado a atenção de um escritor para o uso indevido da designação “poema herói-cômico”, recomendando-lhe, ainda que indiretamente, a leitura das verdadeiras obras desse gênero.⁵²⁶ Uma das hipóteses desta tese era a de que Augusto Emílio Zaluar, também colaborador d’*O Futuro*, poderia ter sido o intermediador entre Machado de Assis e a tradição fantástica na literatura. Sem negar a possibilidade de que essa afinidade tenha, de fato, existido na amizade entre os dois, seria forçar demasiadamente a nota, sem mais estudos, afirmar que o brasileiro se baseou em Zaluar ou se inspirou nesse escritor para a elaboração das narrativas hoje frequentemente estudadas na categoria do fantástico.⁵²⁷ Zaluar seria, de fato, um nome importante dos primórdios do fantástico brasileiro, mas seu romance *Doutor Benignus* é de 1875 – só viria à luz, portanto, mais de uma década após a colaboração n’*O Futuro*. Nem por isso, claro, a presença portuguesa estaria ausente do conto, como demonstram a escrita arcaizante, característica já discutida no capítulo 2, e o gosto por imagens marítimas, inclinação que merecerá um detalhamento no capítulo 4, sobre a poesia.

Há a possibilidade de que Machado tenha publicado outro conto n’*O Futuro*, um trabalho incompleto intitulado “Um parêntesis na vida: fragmentos de um manuscrito”. Na revista, o texto aparece assinado por “S.” no fascículo de n. XVII (p. 549-551). Embora esse

⁵²⁵ OLIVEIRA. *Periódico literário luso-brasileiro O Futuro*, p. 20 e 83.

⁵²⁶ Cf. O FUTURO, n. X, p. 339.

⁵²⁷ Para uma relação dessas narrativas, cf., por exemplo, OLIVEIRA. *A medalha e seu reverso: fantástico e desfantasticização em contos de Machado de Assis*; MAGALHÃES JÚNIOR. [Apresentação].

trabalho já tenha sido publicado numa obra de Machado de Assis editada pela Academia Brasileira de Letras (*Textos inéditos em livro*, org. de Mauro Rosso, 2014), parece mais prudente mantê-lo, ainda, entre os textos de autoria duvidosa. Não há consenso quanto à autoria nem mesmo entre os autores que publicaram pela ABL – a *Correspondência...*, coordenada por Sergio Paulo Rouanet, considera “S.” a inicial de Salvador de Mendonça, escritor que seria, além de autor da carta transcrita por Machado de Assis na crônica de 1º de maio de 1863 – a crônica que faz a apresentação do conto aos leitores d’*O Futuro* - autor do conto referido.⁵²⁸ Os argumentos em favor da autoria machadiana não são consistentes: Magalhães Júnior atribui o conto “Felicidade pelo casamento” (*Jornal das Famílias*, 1866, assinado por “F.” numa parte e por “S.” noutra) a Machado de Assis em razão da publicação de um “embrião” do texto n’*O Futuro*, sob o título “Um parêntesis na vida”; os defensores de que Machado é o autor de “Um parêntesis na vida” referem-se ao fato que o conto seria depois publicado no *Jornal das Famílias* com modificações...⁵²⁹ Talvez um dia se chegue a uma resposta conclusiva, mas, enquanto isso, é preciso cautela.

⁵²⁸ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I: 1860-1869, p. XI.

⁵²⁹ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR. Prefácio, p. 16; ROSSO. Laboratório de criação ficcional, p. 42.

4 DA COLABORAÇÃO EM VERSO

Talvez hoje, no estado em que se encontram os estudos sobre a poesia de Machado de Assis, pareça dispensável reivindicar, com Cláudio Murilo Leal, que o cantor de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais* (1901) – para só ficar nas coletâneas em livro – “não deve ser rotulado como poeta bissexto, nem visto como um jovem que tenha abandonado a poesia após os primeiros arroubos juvenis”.⁵³⁰ Se desnecessário hoje, tal comentário, quando da publicação do estudo de Leal (2008), tinha sua pertinência: havia então raros títulos dedicados ao assunto, raros e de difícil acesso, como o ensaio *Do sublime e do simples: a poesia de Machado de Assis*, de Miriã Xavier Benício, lançado um ano antes por uma casa do interior de Minas Gerais, e o pouco influente na universidade brasileira *The Poetry of Machado de Assis*, de Lorie Chieko Ishimatsu (ainda sem edição em português), apresentado em 1982 como tese de doutorado na Indiana University e, dois anos depois, publicado, em inglês, em Valência (Espanha). Em 2008, a pesquisadora Rutzkaya Queiroz dos Reis indagava, com referência a Machado: “Quem sabe se, depois de tanto analisar o prosador, não se encontra o poeta?”⁵³¹

Se a poesia de Machado de Assis precisou esperar tanto tempo para se tornar objeto de estudos mais alentados, nem por isso passou despercebida pelas várias gerações que a leram. O ensaio a ela dedicado por Manuel Bandeira, originalmente publicado na *Revista do Brasil* em junho de 1939, ainda não envelheceu, conquanto algumas de suas afirmações possam ser, naturalmente, questionadas; esse texto encontra-se acessível hoje em quaisquer das edições da *Obra completa* machadiana organizada por Afrânio Coutinho e, em grafia atualizada, numa recente coletânea de crônicas preparada por Júlio Castañon Guimarães.⁵³² Bandeira inicia seu ensaio pelo confronto inevitável, a comparação entre o poeta e o prosador, observando como é arriscado para aquele

assinalar-se fortemente nos domínios da prosa. Entra ele nesse caso numa competência muito mais ingrata que a dos seus confrades: a competência consigo próprio. Tobias Barreto é um exemplo no passado. [...] Mas na

⁵³⁰ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 20.

⁵³¹ REIS. Machado de Assis poeta, p. 60.

⁵³² BANDEIRA. O poeta; _____. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*, p. 210-215, sob o título “Machado de Assis, poeta”. Um bom exemplo da necessária revisão de algumas das afirmações de Bandeira é o artigo de José Américo Miranda publicado no v. 6 da revista *Navegações*, de Porto Alegre. Nesse estudo, Miranda problematiza a questão, levantada pelo futuro autor de *Apresentação da poesia brasileira*, dos antecedentes de um poema machadiano (Cf. MIRANDA. O poema “Sinhá”, de Machado de Assis, p. 11).

atualidade temos o exemplo melhor de Mário de Andrade, que esse é da mais primeira força [como poeta] e no entanto a sua reputação de poeta está se ressentindo da importância sempre crescente da sua obra de ficção e sobretudo de crítico.

Foi também o caso do autor de *Brás Cubas*. Machado de Assis poeta tornou-se uma vítima de Machado de Assis prosador.⁵³³

Nesse confronto, teria vencido o Machado prosador – “Certamente a obra do romancista e do contista distancia enormemente a do poeta”, escreveu Manuel Bandeira –, mas sem total desmerecimento do competidor, que possuiria suas doze peças detentoras da “mesma excelente qualidade” dos melhores trabalhos do outro.⁵³⁴ A vitória do prosador estaria certa, também, para John Gledson, segundo o qual “[s]eria difícil, mesmo para o admirador mais fanático de Machado de Assis, argumentar que ele foi um grande poeta”.⁵³⁵ Talvez seja interessante sair do campo do conflito e pensar, como Cláudio Murilo Leal, não em dois Machados, mas num escritor que foi “anfíbio”, “híbrido”, “ambidestro” – companheiro, nesse sentido, de nomes como Victor Hugo, Thomas Hardy, Jorge Luis Borges, Jorge de Lima, Mário de Andrade e vários outros, em cujas obras coexistem exercícios de prosa e de verso.⁵³⁶

Como não se teria dedicado Machado de Assis à poesia, essa que é, no dizer de Antonio Candido, “a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas”, e por meio da qual é possível ter “acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva”? Justamente ele, Machado de Assis, que tantas reflexões sobre o uso das palavras nos legou em sua obra, e que tanto recomendava aos jovens escritores o estudo da tradição, não teria ele se dado conta de que “até os tempos modernos [...] todos os gêneros nobres eram cultivados em verso”?⁵³⁷ Lembra-se muito que sua primeira peça literária foi o soneto oferecido à hoje desconhecida sra. d. Petronilha J. A., mas raramente se recorda que, até melhor aviso, sua derradeira criação artística foi o soneto escrito no álbum de d. Maria Amélia de Orleães, a última rainha *de facto* de Portugal, peça conhecida pelo primeiro verso, “Senhora, se algum dia aqui vierdes”.⁵³⁸ É curioso que tais produções, a primeira e a última de uma trajetória literária de pouco mais de meio século, tenham sido compostas em verso, mas, ao mesmo tempo, nada mais natural na obra de um escritor que não tinha na poesia apenas uma distração.

⁵³³ BANDEIRA. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*, p. 210.

⁵³⁴ BANDEIRA. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*, p. 210. Bandeira cita onze poemas de *Ocidentais* (in *Poesias completas*, 1901) – “O desfecho”, “Círculo vicioso”, “Uma criatura”, “A Artur de Oliveira, enfermo”, “Mundo interior”, “O corvo” (trad. de “The Raven”, de Edgar Allan Poe), “Suave mari magno”, “A mosca azul”, “Spinoza”, “Soneto de Natal” e “No alto” – e o soneto “A Carolina”, de *Relíquias de casa velha* (1906).

⁵³⁵ GLEDSON. De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis, p. 7.

⁵³⁶ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 17, 30.

⁵³⁷ CANDIDO. *O estudo analítico do poema*, p. 19.

⁵³⁸ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 695.

Antes de entrar no grupo de colaboradores d’*O Futuro*, já era Machado poeta de uma considerável produção esparsa, publicada em periódicos como o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Espelho*, o *Correio Mercantil*, a *Marmota Fluminense*, que tão importante foi para o poeta novel, entre outros. Ainda não estreara, como poeta, em livro, mas já ambicionava esse primeiro volume de versos: conforme divulgou o pesquisador Wilton Marques recentemente, Machado planejava, entre os anos de 1858 e 1860, publicar uma “coleção de versos” a que daria o título *Livro dos vinte anos*.⁵³⁹ Essa coletânea, ao que tudo indica, não veio à lume, e o poeta precisaria esperar ainda (ou preferiu esperar? difícil saber) alguns anos até ver seu primeiro livro de poesias sendo efetivamente impresso e comercializado – as *Crisálidas*, em 1864.

Nesse ínterim, veio o convite de Faustino Xavier de Novais para colaborar n’*O Futuro*. É bastante possível que esse convite tenha agradado o jovem poeta Machado de Assis, que teria nessa publicação uma boa oportunidade para a divulgação de seu trabalho. *O Futuro* foi espaço acolhedor de poetas brasileiros e portugueses, e Faustino tinha sensível experiência na edição de versos, afinal, havia uma década que iniciara a publicação, em Portugal, d’*O Bardo*, uma folha de poesia que circulou até 1855.⁵⁴⁰ A revista editada no Brasil estamparia, em suas páginas, um total de 33 peças em verso (QUADRO 1).

Quadro 1 – Poemas publicados n’*O Futuro* (1862-1863)⁵⁴¹

Título ⁵⁴²	Localização	Autor
[“Faz-me favor do seu fogo,]”	n. II, p. 59-62	Faustino Xavier de Novais
“Aspiração”	n. II, p. 65-66	Machado de Assis
“Embriração”	n. II, p. 67-68	Faustino Xavier de Novais
“O verso alexandrino”	n. III, p. 104-106	Luís Delfino

⁵³⁹ MARQUES. As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro, p. 26-27. Estava no plano de publicações da Biblioteca Brasileira, idealizada por Quintino Bocaiuva em 1862, uma coletânea poética de Machado de Assis (SOUSA. *Machado de Assis e outros estudos*, p. 235-236).

⁵⁴⁰ Cf. COELHO. Novais, Faustino Xavier de, p. 741.

⁵⁴¹ Foram considerados apenas os poemas publicados de forma independente; não estão indicados aqui, portanto, os numerosos versos transcritos em crônicas, resenhas, trabalhos biográficos e outros. Para uma relação minuciosa dos colaboradores d’*O Futuro*, seus trabalhos publicados nessa revista e dados biográficos, cf. a dissertação de mestrado recentemente defendida por Damares Rodrigues de Oliveira na FFLCH/USP (OLIVEIRA. *Periódico literário luso-brasileiro O Futuro*).

⁵⁴² Num caso, o título coincide com o primeiro verso do poema – daí o uso de colchetes. A grafia dos títulos foi atualizada, bem como a dos nomes dos autores (incluindo um pseudônimo em espanhol).

“Não me cheira”	n. IV, p. 109-112	Faustino Xavier de Novais
“Carta a um regedor”	n. V, p. 161-162	Antônio Simões de Cabedo
“A estrela do poeta”	n. VI, p. 190	Machado de Assis
“Resposta do regedor”	n. VI, p. 200-201	Antônio Simões de Cabedo
“A um tradutor de versos”	n. VII, p. 233	Faustino Xavier de Novais
“Desejos”	n. VII, p. 233	Antônio de Melo Muniz Maia ⁵⁴³
“No sertão”	n. VII, p. 234	Antônio Rangel de Torres Bandeira
“Dinheiro!”	n. VIII, p. 258-262; n. X, p. 325-329; n. XI, p. 365-368; n. XII, p. 399-403; n. XIII, p. 428-431; n. XIV, p. 462- 465; n. XV, p. 496-498; n. XVI, p. 527-530	Faustino Xavier de Novais
“Fascinação”	n. VIII, p. 263	Machado de Assis
“A Artur Napoleão (no seu álbum)”	n. VIII, p. 264	Faustino Xavier de Novais
“É paio”	n. IX, p. 303	Francisco Muniz Barreto
“Adeus!”	n. X, p. 330-331	Ernesto Cibrão

⁵⁴³ Um dos sobrenomes desse autor ora aparece grafado “Moniz”, ora “Muniz”, na revista de Faustino Xavier. Trata-se, com efeito, do mesmo escritor (OLIVEIRA. *Periódico literário luso-brasileiro* O Futuro, p. 87). Ambas as formas são validadas pelas recomendações onomásticas mais recentes (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*, p. 166 e 168). Apenas para fins de normalização, adotou-se nesta tese, em referência ao poeta de “Desejos” e “Pensamento íntimo”, a grafia “Muniz”.

“Ao Brasil”	n. X, p. 331-33	M. Reis Fojo Seabra (pseud. de Faustino Xavier de Novais)
“Três pessoas distintas”	n. XI, 341-345	Faustino Xavier de Novais
“Um anjo”	n. XI, p. 368-369	M. Reis Fojo Seabra (pseud. de Faustino Xavier de Novais)
“A la ciudad de Porto”	n. XII, p. 392-396	León de la Vega (pseud. de escritora nascida em Portugal, mas “[e]ducada na patria de Cervantes e Espronceda”. ⁵⁴⁴ Não conseguimos identificá-la)
“O acordar da Polónia”	n. XIII, p. 425-428	Machado de Assis
“Pensamento íntimo”	n. XIII, p. 431	Antônio de Melo Muniz Maia
“Amor sem fim”	n. XIII, p. 432-433	M. Reis Fojo Seabra (pseud. de Faustino Xavier de Novais)
“Espera!”	n. XIV, p. 458-460	M. Reis Fojo Seabra (pseud. de Faustino Xavier de Novais)
“As ventoinhas”	n. XIV, p. 460-461	Machado de Assis
“A abelha”	n. XV, p. 493-495	M. Reis Fojo Seabra (pseud. de Faustino Xavier de Novais)
“Sinhá”	n. XV, p. 495	Machado de Assis
“Perdão!”	n. XVII, p. 561-562	J. de B. Pinto (pseud. de Faustino Xavier de Novais)

⁵⁴⁴ O FUTURO, n. XII, p. 388. Da carta enviada por Miguel de Novais ao “caro irmão” Faustino, datada de 26 de janeiro de 1863 e publicada n’*O Futuro* de 1º de março daquele ano. Antecede a reprodução dos versos de “A la ciudad de Porto”.

“Creio em ti”	n. XVIII, p. 580-581	Ernesto Cibrão
“A messalina”	n. XVIII, p. 621-622	Ferreira Neves
“A Camilo Castelo Branco”	n. XIX, p. 623-626	Faustino Xavier de Novais
“Ao jovem e distinto pianista brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho”	n. XX, p. 656-657	Alexandre da Conceição
Luz do abismo	n. XX, p. 657	A. C. (certamente as iniciais de Alexandre da Conceição)

Quantitativamente, a grande presença nesse quadro é a do editor, Faustino Xavier de Novais, responsável por 14 peças, isto é, mais de 40% da produção poética publicada n’*O Futuro*. Assinando ora com o nome próprio, ora com pseudônimo, Novais é autor do poema mais longo, “Dinheiro!” (já referido), que ocupou espaço em oito fascículos da revista, e de composições tão diversas quanto uma terna homenagem a Artur Napoleão, escrita originalmente no álbum do pianista –

Vi-te no berço, de cabellos louros
Pela fronte espaçosa a esvoaçar;
Do genio revelando os mil thesouros
No gesto, no sorrir, no breve olhar!

Vi-te, cercado de amorosos laços,
Como brinco a passar de mão em mão;
Suspendiam-te, agora, uns meios braços,
Ligavam-te outros, logo, ao coração.⁵⁴⁵

– e a transcrição, num diálogo, da fala de um taulo, um jogador –

« Trabalhar!... Não cáia nessa.
« Eu, cá, só vivo do jogo,
« E é do jogo que me valho,
« Nem outra vida quizera;
« Além disso, alguma peça
« Que aos amigos vou pregando,

⁵⁴⁵ NOVAES. A Arthur Napoleão. (No seu album.) In: O FUTURO, n. VIII, p. 264.

« Tudo rende, e eu vou andando. »⁵⁴⁶

Outros quatro poetas portugueses tiveram trabalhos publicados n’*O Futuro*. Esse número poderia ter chegado a cinco, com a participação de Antônio Feliciano de Castilho; em carta datada de Lisboa, 11 de agosto de 1862, porém, esse poeta e tradutor, dirigindo-se ao “*caro Redactor*” do periódico, justificou-se da impossibilidade de colaborar naquele momento:

Com bem mágua minha me tenho visto, e me vejo ainda, privado de tomar quinhão no banquete litterario com que projectastes regalar a nossa gente d’aquem e d’alem mar, os leitores portuguezes e brasileiros. Superfluo é dizer-vos que não tem sido por falta de vontade; nenhum dos vossos convidados a teria maior de ir tomar assento em companhia tão luzida, convocada por vós, e sob a vossa presidencia; porém compromissos anteriores, occupações tambem litterarias e incessantes, não me deixam hora vaga, e não só vaga, mas folgada e boa, como a eu precisava e queria, para me não apresentar menos decente no vosso congresso tão brilhante.⁵⁴⁷

O lisbonense Antônio Simões de Cabedo contou com a apresentação de Antônio Feliciano de Castilho, nessa mesma carta, obtendo a qualificação de “excelente no genero do [Nicolau] Tolentino”.⁵⁴⁸ Também publicaram n’*O Futuro* Ernesto Cibrão, o ilhavense Alexandre da Conceição e uma poetisa portuguesa, ainda não identificada, que tinha no espanhol sua língua de expressão poética (usava o pseudônimo León de la Vega). O manuscrito dos versos assinados por la Vega se encontra hoje no acervo de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, o que talvez indique a possibilidade de Machado ter auxiliado Faustino na edição do periódico literário, lendo os poemas recebidos de Portugal, manuscritos ou recortados da imprensa lusa, antes mesmo da publicação no Brasil.

Daquém-Atlântico, publicaram n’*O Futuro* os poetas Luís Delfino, natural de Santa Catarina, o paraibano Antônio de Melo Muniz Maia, o pernambucano Antônio Rangel de Torres Bandeira, o baiano Francisco Muniz Barreto e os fluminenses João Ferreira Neves e Machado de Assis.⁵⁴⁹ Se Faustino foi, entre todos os poetas d’*O Futuro*, o mais presente na publicação, Machado foi, entre os brasileiros, aquele que mais se destacou. Ao todo, ofereceu à revista luso-brasileira seis poemas – um conjunto bastante significativo, publicado em primeira mão naquele periódico – e pode-se afirmar, com segurança, que nenhum deles constitui aproveitamento de fundos de gaveta.

⁵⁴⁶ NOVAES. « Faz-me favor do seu fogo. In: O FUTURO, n. II, p. 59.

⁵⁴⁷ CASTILHO. [*Meu caro Redactor*,]. In: O FUTURO, n. V, p. 160.

⁵⁴⁸ CASTILHO. [*Meu caro Redactor*,]. In: O FUTURO, n. V, p. 160.

⁵⁴⁹ Sobre esses colaboradores d’*O Futuro*, q.v. OLIVEIRA. *Periódico literário luso-brasileiro O Futuro, passim*.

O que talvez não se tenha observado ainda, com a devida atenção, acerca dos seis poemas que Machado dedicou a *O Futuro*, é que tal conjunto, além de ter passado quase integralmente a *Crisálidas*, volume publicado cerca de um ano depois do encerramento das atividades da revista, constitui uma espécie de “resumo” – ou melhor, “antecipação” – do que seria o primeiro livro de poesias de Machado de Assis. Essa percepção ganha ainda mais força quando se tem em conta que o poema “Embrição”, de Faustino Xavier de Novais, publicado n’*O Futuro* como resposta a um poema de Machado, “Aspiração”, também foi incluído em *Crisálidas*. É possível falar, portanto, dum conjunto de sete poemas – para ficar com uma metáfora biológica, “embrião” da primeira coletânea poética de Machado. Para ficar ainda com metáfora mais especializada, colhida da entomologia, pode-se dizer que *O Futuro* foi, em certo sentido, a “crisálida” de *Crisálidas*.

José Américo Miranda já observou que metade dos poemas que compõem a primeira coletânea poética de Machado fora divulgada na imprensa antes da publicação do livro.⁵⁵⁰ Como também notou esse pesquisador, este foi até um dos senões apontados a *Crisálidas* na crítica feita no calor da hora: a inadequação entre o título do volume – que, em sentido figurado, significa “coisa ou propósito em recolhimento e imobilidade, em estado de preparação, em expectativa de ação ou revelação” – e o seu conteúdo, que não dispunha do “mérito da novidade”.⁵⁵¹ Com efeito, quinze dos 29 poemas que integram a edição original de *Crisálidas* já haviam aparecido em meios impressos (ou dezesseis, se considerarmos a publicação em fragmentos dos “Versos a Corina”). Os seguintes periódicos divulgaram, cada um deles, um poema que entraria depois em *Crisálidas*: *A Saudade*, a *Semana Ilustrada*, *O Espelho*, a revista *Biblioteca Brasileira*, o *Jornal do Commercio* e o *Jornal das Famílias*; três publicações divulgaram partes de “Versos a Corina” em primeira mão: o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil* e o português *Jornal do Porto*; apenas dois periódicos detêm a publicação original de mais de um poema: o *Diário do Rio de Janeiro*, em que três peças integrais foram dadas a lume, e *O Futuro*, que propiciou a divulgação de seis trabalhos (cinco de Machado de Assis e o poema “Embrição”, de Faustino Xavier).⁵⁵²

⁵⁵⁰ MIRANDA. Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis, p. 332.

⁵⁵¹ Cf. MIRANDA. Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis, p. 332. O sentido metafórico de “crisálida” foi colhido no *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbete “crisálida”); a expressão “mérito da novidade” foi extraída da crítica de Feliciano Teixeira Leitão a *Crisálidas*, publicada originalmente em fascículo da *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários* de 1866 e aqui citada a partir da transcrição de Ubiratan Machado [MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor), p.55].

⁵⁵² SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis, passim*; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 79.

O Futuro se destaca, portanto, como a grande “fonte” da edição príncipe de *Crisálidas*: não só numericamente, mas, sobretudo, espiritualmente (entenda-se: no que concerne ao traço dominante). Já está n’*O Futuro* a diversidade de expressões poéticas, entre o lírico e o satírico, que constituiria um dos defeitos apontados pela crítica na coletânea poética: fazendo rápida menção à série de crônicas que Machado então publicava no *Diário do Rio de Janeiro*, “Ao acaso”, o jornalista Amaral Tavares questionou e emitiu um juízo:

Mas por que razão há de o poeta deixar entrever a figura do folhetinista leviano que doudeja *ao acaso* por entre as anedotas e os acontecimentos, as notícias e as facécias, os sorrisos e as lágrimas, tocando apenas em cada um, sem se demorar em nenhum, esquecendo na linha seguinte o que escrevera na anterior?

É esse talvez o defeito de Machado de Assis.⁵⁵³

Talvez fosse mais “perdoável” “doudejar” num periódico, que tem algo de provisório e irrefletido, do que num livro, de que se espera ter vida longa, de que se espera ser fruto dum trabalho zeloso e meditativo. Em estudo ainda não publicado, José Américo Miranda propõe que foi atendendo a essa crítica à variedade de *Crisálidas* e a apreciações que identificavam no lirismo amoroso o ponto forte do livro que Machado, na revisão da coletânea para publicação nas *Poesias completas*, em 1901, decidiu excluir dela determinadas peças (notadamente as de teor satírico): a intenção seria, exatamente, dar uma unidade à coleção de versos.⁵⁵⁴

Quando da publicação da primeira edição de *Crisálidas*, a convivência de formas díspares de expressão poética num mesmo volume não incomodou Machado. Talvez, naquele momento, fosse mais importante enfeixar no livro tudo o que então considerava bem realizado artisticamente, sem preocupação com uma uniformidade, com a unidade do conjunto. Talvez não seja exagero pensar que seu intuito naquela ocasião foi, também, o de registrar, num meio duradouro como o livro, parte do que foi sua vida literária nos anos da juventude – e da presença portuguesa nela, em especial. Magalhães Júnior, num texto de 1965, pouco citado, ressaltou que há em *Crisálidas* “uma série de pistas, que sugerem investigações em vários sentidos. Investigações que ajudem a recompor o quadro da mocidade de Machado, exatamente um dos períodos mais obscuros de sua vida”.⁵⁵⁵ Jean-Michel Massa, nessa direção, define a primeira coletânea poética machadiana como “a síntese, sob forma poética, das experiências pessoais do escritor em todos os setores a que a cultura e, mais ainda, os acontecimentos ou a paixão, o

⁵⁵³ Publicação original no *Diário do Rio de Janeiro* de 16 de novembro de 1864. Citado a partir de transcrição [MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*, p. 65, grifo do original].

⁵⁵⁴ MIRANDA. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária, inédito.

⁵⁵⁵ MAGALHÃES JÚNIOR. Novos apontamentos machadianos, p. 78.

conduziram”.⁵⁵⁶ Além de reunir nesse volume quase todos os poemas que dedicara à revista de Novais – apenas “Fascinação” ficou de fora –, Machado enfeixou ali também poemas ligados à sua convivência com a colônia lusa no Brasil: “O Dilúvio”, que havia sido recitado pela atriz Gabriela da Cunha no Ateneu Dramático, em 1863; “A caridade”, declamado em sarau do Retiro Literário Português, em 1862; “Epitáfio do México”, divulgado em primeira mão, de forma recitativa, em reunião de despedida a Artur Napoleão, em 1863; além dos “Versos a Corina”, que teve uma de suas partes publicada originalmente em Portugal, graças ao interesse de Júlio de Castilho, filho de Antônio Feliciano de Castilho.⁵⁵⁷

A crítica atual tende a ver em *Crisálidas* uma “coletânea mediana”.⁵⁵⁸ Machado, por sua vez, conquanto tenha feito alterações substanciais no livro em sua segunda edição (em *Poesias completas*, 1901), eliminando quase 60% das peças originais, segundo o cálculo de José Américo Miranda,⁵⁵⁹ certamente guardou, ao longo de toda a vida, muito carinho por aquele volume impresso na tipografia de Quirino e irmão, dedicado à memória dos seus pais, que marcava a sua estreia como autor da casa B. L. Garnier. Foi “com saudades” que o releu na preparação de *Poesias completas*.⁵⁶⁰ Cinco anos antes desse lançamento, ou seja, em 1886, o 22º aniversário de publicação de *Crisálidas* rendeu a seu autor uma celebração que, salvo engano, nenhum outro livro lhe proporcionou, antes ou depois: “um fino e distinto banquete” no hotel do Globo (rua Primeiro de Março, 7), onde estiveram reunidos nomes expressivos da literatura e do jornalismo de então.⁵⁶¹ Várias homenagens ao poeta e a seu livro de estreia foram, na ocasião, estampadas na imprensa fluminense, como a prestada pel’*A Semana* – “Tôdas as honras [...] merece o escritor ilustre, que tal se fêz à fôrça de talento e de trabalho [...]. Releia-se o seu primeiro livro, cujo 22.º aniversário se festejou no dia 6 [de outubro de 1886]: – encontrar-se-á nêle a originalidade, o senso literário, o gôsto artístico, o amor da Forma, a fidalguia da linguagem, as nobreza do sentimento [...]” – e, claro, o tributo prestado pela

⁵⁵⁶ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, p. 356. Em evidente caso de plágio, essa avaliação de Massa foi reproduzida, *ipsis litteris* e sem o devido crédito, num ensaio publicado em fins do século XX (cf. AZEVEDO. *A poesia de Machado de Assis*, p. 137).

⁵⁵⁷ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 383, 349 e 375-376. Há, no acervo de Machado de Assis (Arquivo Múcio Leão, ABL), um recorte do *Jornal do Porto*, com a parte VI de “Versos a Corina”. Infelizmente, não foi possível verificar a data exata em que o fragmento foi publicado em terras portuguesas – provavelmente algo entre julho e agosto de 1864. Júlio de Castilho foi o responsável pela publicação original do referido trecho também no Brasil – pelo *Diário Oficial* do Rio de Janeiro (SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 383).

⁵⁵⁸ LYRA. *A poesia de Machado*, p. 504.

⁵⁵⁹ MIRANDA. *Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis*, p. 335.

⁵⁶⁰ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 381.

⁵⁶¹ Reportagem d’*A Semana* (n. 93) transcrita no primeiro *Boletim da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, publicado em setembro de 1958 (AS COMEMORAÇÕES..., p. 9).

Gazeta de Notícias, organizadora do banquete, que destacou o quanto *Crisálidas* revela “um escritor apaixonado pelos clássicos portugueses, entusiasmado pelos estudos antigos”.⁵⁶²

Os “poemas d’*O Futuro*”, “crisálida” de *Crisálidas*, tiveram destinos bastante desiguais. “Fascinação”, restrito ao periódico, permaneceria inédito em livro até meados do século XX, quando Galante de Sousa, diligentemente, o recolheu em *Poesia e prosa* (hoje, esse texto integra seções como “Poemas dispersos”, n’*A poesia completa* de Machado de Assis organizada por Rutzkaya Queiroz dos Reis, e “Outras poesias”, na *Obra completa em quatro volumes* da Nova Aguilar).⁵⁶³ O par “Aspiração” e “Embirração” (este de Faustino Xavier de Novais) e “As ventoinhas” tiveram melhor sorte: conhecendo a publicação em livro em 1864, integram hoje o que parece ser uma “seção suplementar” ou “acessória” de *Poesias completas*, conhecida como “Primeiras edições” na coletânea preparada por Rutzkaya Queiroz dos Reis e como “Poesias coligidas” na mais recente edição da *Obra completa*.⁵⁶⁴ Nada, porém, que se compare ao fado, à estrela, de três peças que, incluídas na edição príncipe de *Poesias completas*, integram hoje “o conjunto canônico” ou “essencial” da obra poética de Machado de Assis, para ficar com o ensinamento de José Américo Miranda. Essa reunião de poemas, constituída pelas peças publicados em 1901, nas *Poesias completas*, com acréscimo do soneto “A Carolina”, de 1906, forma, no dizer de Miranda, “o conjunto a que o autor deu acabamento definitivo, que se pode considerar a manifestação última de sua vontade”, e mais: o que deve orientar a apreciação crítica dos demais poemas, tanto os excluídos de *Poesias completas* quanto os dispersos, não recolhidos nas coletâneas poéticas.⁵⁶⁵ Estão nesse grupo privilegiado “Stella”, publicado com o título “A estrela do poeta” n’*O Futuro*, “Polônia”, originalmente “O acordar da Polônia”, e “Sinhá”.

Sem desrespeitar a hierarquia exposta, os poemas publicados por Machado n’*O Futuro* ganham quando estudados juntos, pois possibilitam interessantes leituras do texto literário em suas relações com a vida cultural.

⁵⁶² Citações dos periódicos feitas a partir das transcrições em: AS COMEMORAÇÕES..., p. 11 e 15. *A semana* não foi exata: *Crisálidas* foi o primeiro livro efetivamente publicado do poeta, mas não do escritor Machado de Assis, que já tinha peças teatrais em livro, além de uma tradução de ensaio satírico (cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 43). Sobre o banquete oferecido a Machado pelo aniversário de 22 anos de *Crisálidas*, q.v. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, 98.

⁵⁶³ ASSIS. *Poesia e prosa*, p. 43-44; _____. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 488-490; _____. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 750-751.

⁵⁶⁴ ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada, recepção crítica, p. 302-307 e 320-321; _____. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 607-611 e 624-625.

⁵⁶⁵ MIRANDA. Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis, p. 332-333.

4.1 O lugar d'*O Futuro* na trajetória poética de Machado de Assis

Etapa proveitosa no percurso formativo do cronista e do crítico, a participação n'*O Futuro* também foi auspiciosa para o poeta Machado de Assis. Os frutos dessa colaboração seriam colhidos não apenas na preparação de *Crisálidas*, em 1864, mas em toda a trajetória poética do autor, em que interesses como a poesia lírica e a de veia satírica, o verso popular, a tradução de poesia e o uso do alexandrino em português estiveram presentes. O estudo desses temas em Machado de Assis deve passar – ou, pelo menos, ganha muito se passar – pela consideração de que tiveram n'*O Futuro* um espaço de experimentação digno de apreço e propício a trocas intelectuais.

Certamente, não há como desconsiderar o convívio que Machado teve, como colaborador do periódico literário, com o redator principal daquela publicação. Faustino já era bem conhecido da intelectualidade brasileira quando o vapor Tamar aqui aportou, em 1858; Viale Moutinho lembra que foi sobretudo o mercado brasileiro que consumiu a segunda edição das *Poesias* do portuense.⁵⁶⁶ Em fins de 1856, a fluminense *A Semana* (revista católica, literária e de instrução pública) estampara um poema de autoria de Faustino, “Ao sr. A. F. de Castilho”, precedendo a transcrição dos versos por uma elogiosa nota de apresentação, intitulada “Glória ao gênio”:

Acaba de manifestar-se na litteratura portugueza um distincto poeta satyrico, que obteve uma instantanea, e geral popularidade, pela graça e atticismo do epigramma, pela vivacidade do stylo, pelo desenho rapido dos caracteres, e pela delicadeza no profligar os vicios: – o successor de Nicoláo Tolentino é o sr. Faustino Xavier de Novaes [...].

Folgâmos de ter occasião de fazer uma surpresa a nossos leitores, apresentando o genio do sr. Novaes, não preludiando nas cordas de Beaumarchais, mas arrebatando no teclado de Listz (*sic*) ou Thalberg.

A poesia que se segue [...] revela que o sr. Novaes é um distincto poeta, ou seja considerado no genero satyrico ou no lyrico.⁵⁶⁷

Compensa transcrever pelo menos uma parte do poema de Novais dedicado ao poeta compatriótico, a fim de que se perceba sua versatilidade, a facilidade com que transitou da sátira para o lirismo. O trecho selecionado faz referência à cegueira do primeiro visconde de Castilho e ao método de aprendizagem da leitura por ele divulgado:

⁵⁶⁶ MOUTINHO. Prefácio. Notícias de um poeta satírico, p. 11.

⁵⁶⁷ A SEMANA, v. 1, n. 40, p. 367.

Nasceste envolto no manto
 Da sombria escuridão;
 A teos paes o acerbo pranto
 Arrancaste da paixão;
 Foi-te avara a Natureza;
 Quis occultar-te a beleza
 Que ostenta na luz do sol,
 No lampejar das estrelas,
 No luar das noites bellas,
 E d'aurora no arrebol!

Mas concedeu-te a magia,
 O poder d'adivinhar;
 Fadou-te rei da poesia,
 Deu-te a lyra p'ra cantar;
 E cantaste a – Primavéra, –
 Com essa voz que eu quizera
 Da rude lira extrahir!
 Cantaste o vasto horisonte,
 A campina, o prado, o monte,
 A flor que não vês florir!

E quem póde, extasiado,
 Escutar os cantos teos,
 Que te não creia inspirado,
 Mas inspirado por Deus?
 Que torrentes d'harmonia!
 Que – amôr e melancolia –
 Que esparges n'essas canções!
 E's na doçura um Bocage;
 E's um Camões na language:
 Serás na sorte um Camões!?!...

Oh! p'ra longe o infausto agouro,
 Que eu quero vêr-te feliz;
 Não deixes a lyra d'ouro,
 Nem curves nunca a cerviz!
 Não temas que o teu talento
 Se entranhe no esquecimento,
 Que p'ra erguel-o tens poder:
 A – leitura repentina –
 Fará contra a sorte indina
 Teu canto o mundo correr.⁵⁶⁸

⁵⁶⁸ A SEMANA, v. 1, n. 40, p. 367. Antônio Moutinho de Sousa, ao que parece deliberadamente, suprimiu, em sua edição das *Poesias póstumas* de Faustino Xavier de Novais, a primeira e a última estrofes desse fragmento (cf. NOVAES. *Poesias posthumas*, p. 125-126). O verso “Mas concedeu-te a magia,” que abre a segunda estrofe aqui transcrita, foi alterado para “Deus concedeu-te a magia,” de forma a possibilitar a supressão da estrofe anterior sem prejuízo da sintaxe. Terá Moutinho recorrido a outra fonte para a transcrição do poema que não *A Semana*? Ou pareceu-lhe ser sinal de deferência para com Antônio Feliciano de Castilho, ainda vivo em 1870, quando da primeira edição de *Poesias póstumas* (cf. JANUZZI. *A vespa do Parnaso, de Faustino Xavier de Novais*: edição e estudo, p. 35-36), suprimir versos que evocam um evento traumático na infância do poeta português – a perda quase total da visão em decorrência do sarampo – e que falam em “infausto agouro”?

Antônio Feliciano de Castilho não ficaria insensível à homenagem. Agradeceu a Faustino a “excellente poesia” com que fora brindado enviando-lhe, de Lisboa, uma carta com a data de 8 de maio de 1857. Nessa carta, Castilho ratificou a avaliação feita pela *Semana* na nota de apresentação dos versos – a de que o satírico português também poderia encantar no teclado de Liszt ou de Thalberg, bela metáfora musical para a poesia lírica. Assim se expressou Castilho:

V..S.^a não ha de brilhar só na espinhosa especialidade, em que elle [Nicolau Tolentino] se afamou [...]; V.S.^a não ha de ser só um moralista risonho [...]; ha de ao mesmo tempo [...] correr honroso estadio com os poetas graves e heroicos, com os cantores sisudos, com os arautos do sublime ideal, que paira, com os Hugos e Lamartines, por cima d’este universal e continuo referver do trabalho humano.

Prosiga (*sic*) V.S.^a as suas duas estrellas, que ambas devem conduzir ao bem, acesas e irmanadas, como foram, pela Providencia.⁵⁶⁹

Esta carta se encontra hoje no acervo Machado de Assis (Arquivo Múcio Leão, ABL). É possível, portanto, que Machado a tenha lido, bem como é muito possível que tenha lido o poema de Faustino na *Semana*. Até a data de publicação desse poema (28 dez. 1856), os versos do poeta novel publicados de forma esparsa na imprensa em nada traíam o lirismo cultivado no diálogo com o amigo Francisco Gonçalves Braga. Claro, mesmo depois, Machado continuará a desenvolver sua veia lírica, e a crítica de primeira hora a *Crisálidas* reconhecerá isso – “A escola de Machado de Assis é o sentimento” –;⁵⁷⁰ talvez o exemplo de Faustino Xavier de Novais, porém, lhe tenha mostrado a possibilidade de levar adiante as “duas estrelas”, de ser autenticamente lírico e autenticamente satírico. Evidentemente Faustino não foi original por isso; muito antes dele viveu Horácio, para citar somente a literatura latina. Mas, naquele momento, talvez a presença do poeta português tenha falado mais forte ao brasileiro, seu contemporâneo que foi, autor de uma poesia divulgada pelos mesmos meios impressos e expressa na mesma língua. Deve ter notado o quanto o Faustino lírico, ignorado por tantos leitores, surpreendeu os intelectuais portugueses e brasileiros que, em 1862, o viram recitar, entre outras, uma composição enternecedora em sarau promovido pelo Retiro Literário Português. O depoimento a seguir aparece assinado por “O Roceiro na Corte” na *Saudade* de 13 de julho de 1862:

⁵⁶⁹ Transcrição do fac-símile disponibilizado pelo Arquivo Múcio Leão.

⁵⁷⁰ Caetano Filgueiras no prefácio a *Crisálidas* [MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor), p. 51].

Um poeta que todos nós amamos, poeta do povo pela origem, e pela nobreza do coração, que une à riqueza da fantasia a elevação do caráter, deu ao elevo afetuoso daquela festa o contraste da jovialidade, provinda da graça natural e da felicitação da invenção. [...]

Ignoravam muitos dos circunstantes que o Sr. Novaes fosse também distinto poeta lírico. [...] A poesia “À Beira Mar”, recitada pelo poeta portuense, causou a maior surpresa ao auditório, comovendo todos os corações que sabem amar, e que sentiram quanto havia de verdadeiro e profundamente sentido naquelas frases arrebatadas de uma paixão digna da criação feminil mais poética.⁵⁷¹

A obra poética de Machado de Assis posterior aos anos de participação n’*O Futuro* confirmaria seu interesse contínuo por estas duas formas de expressão poética, a lírica e a satírica. E, se leu mesmo o poema de Novais aqui transcrito parcialmente, “Ao sr. A. F. de Castilho”, como se supõe, terá encontrado nele, no plano linguístico, várias características que exploraria depois em sua própria língua literária, como o uso da interpolação – a colocação de uma palavra, geralmente um “não”, entre o pronome proclítico e o verbo (“Que *te não creia* inspirado,”) – e o recurso ao arcaísmo (“indina”, em vez de “indigna”).⁵⁷²

É difícil pensar em Machado de Assis poeta satírico quando se adota a definição restritiva da sátira, a que vê nela uma forma literária pronta a pôr em ridículo o comportamento humano, animada nessa ação pelo desejo de *corrigir* os vícios e as imbecilidades.⁵⁷³ É bem conhecido que, várias vezes, Machado tratou com desconfiança e de modo irônico as chamadas doutrinas “otimistas”, como o positivismo e o espiritismo.⁵⁷⁴ Conforme esclarece o pesquisador português Carlos Nogueira, o movimento inerente à sátira não é necessariamente “acompanhado de um idealismo implícito” – por vezes, o que a caracteriza é “a redenção de um sujeito sob uma isotopia [plano de sentido] que poderá ser mais de parcialidade e malignidade do que de resposta a opressões e iniquidades”.⁵⁷⁵ Tal definição de sátira se aplica bem à literatura machadiana, que, em certos momentos, como na série de crônicas em verso “Gazeta de Holanda” (1886-1888), revela um lado do autor ainda desconhecido de muitos leitores, o Machado “mais brincalhão, ‘mischievous’ [travesso, malicioso]”.⁵⁷⁶

⁵⁷¹ Citado a partir da transcrição em: ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 632.

⁵⁷² Sobre a frequência da interpolação na obra de Machado e de outros escritores brasileiros oitocentistas, cf. SCHEI. *A colocação pronominal do século XIX*: a língua literária brasileira, p. 97-106.

⁵⁷³ Trata-se da delimitação proposta por Linda Hutcheon e problematizada por Carlos Nogueira em estudo seminal sobre a poesia satírica portuguesa (NOGUEIRA. *A sátira na poesia portuguesa* e a poesia satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O’Neill, p. 78).

⁵⁷⁴ Cf. ASSIS. *Bons dias!*, p. 298, nota 6; GLEDSON. *Machado de Assis: ficção e história*, p. 89.

⁵⁷⁵ NOGUEIRA. *A sátira na poesia portuguesa* e a poesia satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O’Neill, p. 78.

⁵⁷⁶ John Gledson, por e-mail. As sugestões de tradução do termo inglês, entre colchetes, são nossas.

Apenas para dar um exemplo: se Faustino não poupou nem a si mesmo –

Não sou alto – vejo a lua,
Mas preciso a fronte erguer;
Nem baixo – que pela rua
Ando afoito, sem romper
O nariz na pedra sua.

Não sou gordo – ando à vontade
Por toda a rua ou viela;
Nem magro – que pela grade
De qualquer porta ou janela
Nunca entrei – valha a verdade!

Branco não sou... nem preto
Corado não sou – nem pálido
Não sou bonito... nem feio
(Uso bota de polimento... e também uso sapato)
Eis, senhores, o meu retrato!⁵⁷⁷

–, tampouco Machado de Assis, em suas sátiras, poupou certas imagens de escritor com as quais foi e é frequentemente identificado. Eugênio Gomes, que dedicou um artigo ao chamado “humorismo de gosto duvidoso” em Machado, é quem chama a atenção para as quadras em que Malvólio, o cronista/poeta da “Gazeta de Holanda”, ridiculariza o autor que gagueja –

Há passado, hão carcomido;
Hão, hão, hão, hão pôsto em tudo,
Hão, hão, hão, hão recolhido...
Estilo de tartamudo.

– e o escritor “inclinado sempre a repisar os seus ditos ou temas”, segundo Gomes “nova carapuça” para o próprio Machado –

Mas usar de uma maneira
Até reduzi-la ao fio,
Não é estilo, é canseira;
Não dá sabor, dá fastio.⁵⁷⁸

⁵⁷⁷ Autorretrato de Novais citado por Magalhães Basto (BASTO. *Figuras literárias do Porto*, p. 19).

⁵⁷⁸ Os comentários de Eugênio Gomes e as quadras de Machado de Assis foram transcritos de: GOMES. *Machado de Assis*, p. 27. Os versos de Machado estão em itálico nessa publicação. Ainda sobre a sátira e o humorismo na obra desse escritor – humorismo não “no sentido britânico”, mas no que toca às “manifestações literárias de uma atitude gratuitamente sorridente perante a vida” (LEMONS. *Humorismo. Na literatura portuguesa*, p. 442) –, q.v. MAGALHÃES JÚNIOR (Org.). *Antologia de humorismo e sátira*: de Gregório de Matos a Vão Gôgo, p. 98-103; ALVES. *A linguagem popular em Gazeta de Holanda*; COSTA (Org.). *O melhor do humor brasileiro*: antologia, *passim*.

Mesmo no caso de se atentar para a obra poética machadiana como um todo, sem consideração exclusiva das peças satíricas, pode ser interessante reconhecer, com John Gledson, que “o poeta verdadeiro que havia em Machado não foi atraído pelos grandes temas, pelas considerações filosóficas sobre vida e morte, ao estilo de Hamlet, mas por alguma coisa mais humilde e mais próxima à sátira”.⁵⁷⁹ Talvez isso explique muitas das escolhas do poeta Machado de Assis, bem como por que a obra em verso desse autor não teve o mesmo reconhecimento obtido por sua produção em prosa.

A queda para a paródia foi outra afinidade entre os poetas Machado de Assis e Faustino Xavier. Ambos seguramente tinham no texto parodístico menos um “canto marginal” (partícipe duma oposição) do que um canto “ao lado de” (testemunha de cumplicidade).⁵⁸⁰ É arriscado delimitar o quanto o brasileiro deveu ao português, neste como noutros casos – como a sátira –, mas é certo que, antes da participação de Machado n’*O Futuro*, essa relação intertextual tinha presença tímida em seus versos, em que prevalecia a epígrafe como forma de citação. Publicara, é certo, o poema “Paródia”, na *Marmota Fluminense* de 14 de agosto de 1855, mas recorrendo a um motivo, “Se eu fora...”, já desenvolvido por numerosos poetas românticos, o que decerto dificulta a identificação do texto exato parodiado (se o há) e ameniza, por conseguinte, o efeito pretendido pela alusão a um texto alheio.⁵⁸¹ Como terá reagido a “Dinheiro!”, do confrade português, com seus versos “em que se sublima ironicamente, como herói contemporâneo, o negócio e a cobiça”,⁵⁸² retomando inconfundivelmente não uma obra pouco conhecida, mas o canto primeiro d’*Os Lusíadas*?

Valem pouco os *Barões assinalados*
 Que, despidos na *praia lusitana*,
Per mares nunca d’antes navegados,
 A nado foram ver a *Taprobana*:
 Outros heroes eu canto que, *esforçados*,
 Foram pescar mais longe carne *humana*,
 E palacios, depois, *edificaram*,
 E seus nomes, chrismadados, *sublimaram*.⁵⁸³

⁵⁷⁹ GLEDSON. De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis, p. 11.

⁵⁸⁰ Cf. NOGUEIRA. *A sátira na poesia portuguesa* e a poesia satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O’Neill, p. 79-80.

⁵⁸¹ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 678-679; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 258.

⁵⁸² NOGUEIRA. *A sátira na poesia portuguesa* e a poesia satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O’Neill, p. 202.

⁵⁸³ NOVAES. “Dinheiro!” In: *O FUTURO*, n. VIII, p. 258.

Mesmo Novais deve ter achado ousada demais sua proposta – ou, então, apenas se divertiu com a reação dos primeiros ouvintes, que logo notaram a paródia d’*Os Lusíadas*: “Que blasfêmia, meu Deus! Eu, que sou eu, parodiar Camões! / Não creio em almas do outro mundo, mas julgaria mais fácil vir Camões parodiar-me, se entendesse que valia a pena”. De qualquer forma, deixava registrada, no texto que antecedeu a publicação da primeira parte de “Dinheiro!”, sua recomendação aos confrades: dediquem-se a ensaios do tipo, “na certeza de que a superioridade dos seus trabalhos só lhes atrairá o meu respeito, e jámais a inveja”.⁵⁸⁴ Se assim foi, “do outro mundo” Faustino deve ter sentido orgulho do cunhado; lamentavelmente, não viveu o suficiente para ver o que o amigo brasileiro faria, por exemplo, em “Inferno. Canto suplementar ao poema de Dante pelo Dr. Semana” (*Semana Ilustrada*, 12 jul. 1874), com sua amálgama de citações em italiano, atmosfera dantesca e termos pouco ou nada dantescos...⁵⁸⁵ Ou no conto “Capítulo dos chapéus”, com sua abertura “homérica” (inspirada na *Ilíada*) e ao mesmo tempo nada homérica (ou seja, nada desmesurada ou extraordinária) – “Musa, canta o despeito de Mariana, esposa do bacharel Conrado Seabra, naquela manhã de abril de 1879.”⁵⁸⁶ – ou, ainda, na crônica de “Balas de estalo” de 5 de setembro de 1884, em que o cronista Lélío oferece a transcrição de uma nova “Canção do exílio”, dessa vez escrita não por um exilado no Velho Mundo, como em Gonçalves Dias, mas por um ex-deputado prestes a se refugiar na província, já saudoso das benesses da vida política, do poder inerente a ela:

Minha terra tem cadeiras,
Onde a gente a gosto está,
Os homens que aqui palestram,
Não palestram como lá.

Em descansar estes ossos
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem cadeiras,
Onde a gente a gosto está.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em descansar estes ossos,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem cadeiras,
Onde a gente a gosto está.

⁵⁸⁴ NOVAES. Será prólogo? In: O FUTURO, n. VIII, p. 257-258.

⁵⁸⁵ A atribuição de autoria desse poema, feita por Magalhães Júnior, já foi aceita por estudiosos como Eugênio Vinci de Moraes, Ubiratan Machado e Rutzkaya Queiroz dos Reis. Fac-símile do “canto suplementar” está disponível em: ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 257; transcrição do texto encontra-se nos anexos do dicionário organizado por Ubiratan Machado (Dicionário de Machado de Assis, p. 370-372).

⁵⁸⁶ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 366.

[...]

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que inda veja os primores
Que não encontro por cá,
E me sente nas cadeiras
Onde a gente a gosto está.⁵⁸⁷

Sátira e paródia não eram obviamente novidades para Machado de Assis no início da década de 1860, quando esteve rodeado de portugueses e colaborou numa revista luso-brasileira. Não há como negar o leitor (o bom leitor) precoce que Machado foi, curioso, atento, nem o adolescente afável e comunicativo, incansável no aprimoramento de seus conhecimentos de língua e literatura. Feitas essas observações, é necessário pensar também em como certas experiências pessoais são relevantes para a criação literária. Por mais que Machado já tivesse entrado em contato com os grandes nomes da sátira na literatura ocidental, por mais que já tivesse lido várias paródias, em prosa e em verso, que terá sentido ao ver um poema de sua própria lavra, “Aspiração”, sendo parodiado com tanto cuidado (com a preservação de certos versos, das rimas, do mesmo número de versos em “Embirração”, de Faustino Xavier)? E mais: que terá sentido ao ver algo que lhe era tão caro, o uso do verso alexandrino, sendo ridicularizado, ou melhor, satirizado pelo amigo português?

Sobre a inclusão dos versos de Faustino em *Crisálidas*, afirmou Raimundo Magalhães Júnior que “[o]u Machado de Assis tinha então o senso crítico um pouco embotado, ou sua amizade a Faustino era tão grande que não lhe deixou ver a mediocridade de ‘A Embirração’”.⁵⁸⁸ O pesquisador parece ter-se esquecido de outra possibilidade: a de que Machado tenha, de fato, apreciado o poema do amigo português. Incluindo-o em sua primeira coletânea poética, de certa forma Machado se “expunha”, mostrando que também ele, também suas preferências literárias, estavam sujeitas à paródia e à sátira, como qualquer escritor, como qualquer forma de composição.

Talvez já seja tempo de pensar, com Hélio de Seixas Guimarães, que foi por meio da intelectualidade portuguesa que então conviveu com Machado de Assis, de forma muito especial o editor d’*O Futuro*, Faustino Xavier, que o escritor brasileiro “teve a experiência mais direta da sátira”, que ele

⁵⁸⁷ ASSIS. *Balas de estalo de Machado de Assis*, p. 130-131. Nessa edição, os versos estão centralizados, não alinhados à esquerda, como aqui; há nela, também, asteriscos estilizados separando as estrofes. Para o contexto político subjacente à paródia, v. a nota de Heloisa Helena Paiva De Luca à p. 130.

⁵⁸⁸ MAGALHÃES JÚNIOR. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*, p. 103.

experimentou pela primeira vez na própria pele a força da sátira e da paródia no poema-resposta “Embirração”. São posteriores a este aqueles primeiros versos satíricos de Machado, incluídos em *Crisálidas*: o irreverente “As ventoinhas” é de 1863, e o “Os arlequins”, de 1864 [...]. Seriam respostas de Machado a Faustino, prova ao poeta portuense quase vinte anos mais velho de que o jovem poeta carioca também era capaz de graça e leveza? Difícil saber. O fato é que foi no início dos anos 1860, no contexto dessas relações com o círculo português e em especial com Faustino, que surgiram os primeiros registros do interesse de Machado pela paródia e pela sátira [...].⁵⁸⁹

Faustino, com sua veia satírica e seu pensamento expresso tão livremente nos versos, pode ter contribuído, também, para o Machado tradutor de poesia – ou, para ficar num termo talvez mais adequado, “recriador” de versos alheios em língua portuguesa, fazendo, dos versos do outro, seus próprios versos. Se não houve um “legado” – é difícil precisá-lo –, é possível falar, no mínimo, em afinidade, em diálogo. O poema seguinte, intitulado “A um tradutor de versos” (transcrito aqui apenas parcialmente) com certeza chamou a atenção de Machado, que já se dedicava a traduções e “imitações”, uma atividade que se faria presente em todas as suas coletâneas poéticas, de *Crisálidas* a *Ocidentais*:

Traductor. Deixa o mau sestro
De ser, como o papagaio,
Nas reproduções tão destro,
Pois mostras em cada ensaio
Que se não traduz um estro.

Mas o papagaio é grave,
E prudente, fica mudo
Se encontra prisão na trave;
– Tu, que intentas dizer tudo,
Menos do que elle és suave.

[...]

Sujeito á musa emprestada
Que, se diz « cœur » Lamartine,
« Coração » apenas brada,
Se elle um breve « pied » define,
Dás na traducção patada.

Engoles versos amenos
Que vomitas, como louco,
Uns grandes, outros pequenos;
– Que de francez sabes pouco,
De portuguez pouco menos.⁵⁹⁰

⁵⁸⁹ GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 119.

⁵⁹⁰ NOVAES. “A um traductor de versos”. In: O FUTURO, n. VII, p. 233.

Estão nesses versos de Faustino duas percepções que acompanhariam Machado no ofício tradutório ao longo de toda a vida: primeiramente, a constatação de que uma tradução literária não se resume à transposição do sentido literal, “palavra por palavra”, dado que um texto literário não se resume ao sentido, abrange certos recursos e “efeitos”, como rimas, medida do verso, aliteraões, “cor local”, entre tantos outros, que devem ser objeto de reflexão por parte do tradutor, a quem deve ser garantida a liberdade para fazer as modificações que julgar necessárias ou interessantes.⁵⁹¹ Depois, a consciência da necessidade de um bom conhecimento das línguas utilizadas na tradução (a língua de origem – no caso de Machado e da grande maioria dos escritores brasileiros do século XIX, quase sempre o francês – e a língua de chegada – o português), com um conhecimento superior da língua de chegada. Isso não faltou a Machado, cujas peças poéticas, incluindo as traduções, frequentemente foram elogiadas pela expressão vernácula. Certamente ele se inspirou, quanto a esse cuidado com a forma, também na obra de Filinto Elísio; as traduções realizadas por esse poeta estão entre os textos clássicos da língua portuguesa.⁵⁹²

N’*O Futuro*, Machado não assinou traduções poéticas; como colaborador da revista de Novais, preferiu mostrar seu interesse por esse tipo de produção no espaço da crônica. No texto de 1º de junho de 1863, “[f]allando dos moços”, depois de comentar brevemente uma comédia de Bruno Seabra e um romance de Luís Ramos Figueira – e de incentivar esses jovens a continuarem produzindo, sem se contentarem com o já publicado –, anuncia a divulgação duns versos “traduzidos de um poeta da Roumania (*sic*)”, trabalho realizado por poeta que consentiu na divulgação da peça, desde que desacompanhada de seu nome. Sobre tais versos, diz Machado que “[n]ão são perfeitos, mas são agradáveis de ler”, que a poesia deles é “graciosa”. Diz, ainda, que o tradutor é uma “verdadeira criança, não tanto pelos annos, como pela ingenuidade do coração e do espirito. E’ nada menos que um poeta. Se lhe falta a belleza da fórma, sobra-lhe o sentimento da poesia, que é o essencial e o que não se adquire”.⁵⁹³ O poema, sem título, uma

⁵⁹¹ V., por exemplo, o que fizera Machado na peça *Hoje avental, amanhã luva* (*A Marmota*, 1860), tradução de *Chasse au lion* [Caça ao leão], de Gustave Vattier e Émile de Najac. Conforme a pesquisadora Helena Tornquist, o título da peça na versão de Machado “é bem mais expressivo” que o título original, pois “tem a sustentá-lo uma réplica acrescentada pelo tradutor, prova de que Machado não hesitava fazer supressões ou acréscimos, quando necessários. A tradução não se limitou à transposição das falas para nossa língua nem à busca de palavras e expressões correspondentes” (TORNQUIST. Tradução e intermediação: textos dramáticos franceses traduzidos por Machado de Assis, p. 65). Curiosamente, nessa peça, além de incluir referenciais brasileiros, como o Corcovado, “enraizado” no Rio, a rua do Ouvidor e a Sociedade Petalógica, não se esquece o tradutor de valorizar a presença portuguesa no Novo Mundo: faz o personagem Durval comparar o amor ao vinho do Porto e a personagem Rosinha, ainda que rapidamente, mencionar seu passado e o de Sofia em Lisboa, de onde vieram (cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 854-855; VATTIER; NAJAC. *Chasse au lion*: comédie en 1 acte, p. 3-6).

⁵⁹² Cf. QUADRO 2, APÊNDICE A.

⁵⁹³ O FUTURO, n. XVIII, p. 595.

das tantas demonstrações do interesse de Machado pela tradução poética – e uma das poucas mostras, se não a única, da presença romena em sua obra –, merece ser transcrito. (A citação se justifica, também, por uma possibilidade apresentada a seguir.)

Sincero amor tu me juraste um dia
Até que a morte te deitasse o véo;
Tudo passou, tudo esqueceste, tudo,
Cousas do mundo, o erro não é teu.

—
« O’ meu amado, me disseste, eu quero,
« Eu quero dar-te o meu quinhão do céu! »
Dessas promessas olvidaste todas
Cousas do tempo, o erro não é teu!

—
Sabes que pranto derramei no dia
Em que juraste o teu amor ao meu;
Morri por ti, tu me esqueceste, embora,
Cousas do seculo, o erro não é teu.

—
Mudo abracei-te; teu ardente labio
Celeste orvalho sobre mim verteu;
Veio depois a gota de veneno...
Cousas do sexo, o erro não é teu.

—
Tudo, a virtude, o amor, a fé, a honra,
Tudo o que promettias, te esqueceu;
Ah! nem remorsos nem amor conheces...
Cousas do sexo, o erro não é teu!

—
A lei do ouro e da banal vaidade
Dessa tua alma fé e amor varreu;
Curaste a chaga, amorteceste a sede,
Cousas do sexo, o erro não é teu.

—
Pezar de tudo, o coração amante
Há de bater de amor no peito meu
Ao presentir-te. Ficas sempre um anjo...
Cousas do amor, o erro não é teu!⁵⁹⁴

Após oferecer esses versos aos leitores d’*O Futuro*, Machado dedica mais algumas linhas da crônica ao poeta anônimo e o trabalho então transcrito: “O meu poeta procurou conservar a mais stricta fidelidade. Não vi o original e não pude comparar; mas ha expressões,

⁵⁹⁴ O FUTURO, n. XVIII, p. 595-596. Infelizmente, não foi possível identificar o tradutor dessa peça. Buscas na Internet não nos levaram a outra fonte que não a revista de Faustino Xavier. A única edição anotada da série de crônicas de Machado publicada n’*O Futuro* (a organizada pela editora da Unicamp) nenhuma satisfação dá a respeito (cf. ASSIS. *O Futuro*, p. 144-146). Pelo menos, já se identificou a fonte da tradução: trata-se do poema “A cui e vina?” [De quem é a culpa?], do escritor, jornalista e político romeno Constantin Alexandru Rosetti (POSTIGO ALDEAMIL. Erudición, noticias y libros en las crónicas de *O Futuro* de Machado de Assis, p. 6), provavelmente lido em versão francesa.

que elle proprio indica, e que são verdadeiras bellas do original”.⁵⁹⁵ Quando fala em fidelidade estrita, parece referir-se tão somente à semântica, ao significado das palavras. Poderia, de fato, julgar o poema pela fidelidade ao original, uma vez que não há registros de que dominasse a língua romena?⁵⁹⁶ Talvez não tenha, ainda, levado a sério a imagem do tradutor papagaio presente no poema de Faustino, que “se diz ‘cœur’ Lamartine, / ‘Coração’ apenas brada, / Se elle um breve ‘pied’ define, / Dás na traducção patada”.⁵⁹⁷ A seu modo atrevido e chistoso, Faustino, naqueles versos, já defendia o que seria afirmado de modo mais claro e fundamentado pelo tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto no século XXI: “uma tradução de um poema que não leve em conta as opções de forma tomadas pelo poeta [ou seja, que se restrinja ao significado das palavras] pode nem sequer ser um poema”.⁵⁹⁸ Não parece ser exagero, portanto, ver em Faustino um nome a ser lembrado no estudo da trajetória de Machado como tradutor; a convivência com o amigo português pode tê-lo ajudado a considerar melhor as especificidades da tradução de poesia.

Ainda sobre o poeta anônimo, Machado de Assis relata que, “encerrado na sua *torre de marfim*, adormece e procura esquecer-se, poetando para si”. Sobre essa atitude, afirma: “Não louvo nem condemno a reclusão voluntaria; admiro e lastimo”.⁵⁹⁹ Postigo Aldeamil sugere os nomes de Luís Guimarães e do próprio Machado como os dos possíveis tradutores, mas sem convicção.⁶⁰⁰ Se Machado foi franco na crônica, os versos iniciados por “Sincero amor tu me juraste um dia” devem ser de um jovem poeta que não chegou a reunir a produção em livro, porventura algum estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, já que ele alude, na mesma crônica, à “mocidade academica” daquela cidade.⁶⁰¹ Mas o cronista também pode, claro, ter usado de dissimulação, de fingimento. Evidentemente a imagem de um poeta na torre de marfim, “poetando para si”, diverge bastante do Machado de Assis dos anos 1860, época em que participou ativamente de saraus... Seria a versão em português do poema de Constantin Alexandru Rosetti composição sua? Os estudiosos de Machado parecem nunca ter considerado tal hipótese mais seriamente. O poema de Rosetti, salvo engano, não figura em quaisquer das edições da obra machadiana (de forma independente, é óbvio, fora da crônica d’*O Futuro*), ao contrário do que acontece com um outro texto também publicado na revista de Novais, “Um parêntesis na vida: fragmentos de um manuscrito”, igualmente divulgado pelo cronista

⁵⁹⁵ O FUTURO, n. XVIII, p. 596.

⁵⁹⁶ Cf. BAGBY JÚNIOR. Machado de Assis and Foreign Languages, p. 230-231.

⁵⁹⁷ NOVAES. “A um tradutor de versos”. In: O FUTURO, n. VII, p. 233.

⁵⁹⁸ BRITTO. *A tradução literária*, p. 120.

⁵⁹⁹ O FUTURO, n. XVIII, p. 596, grifo do original.

⁶⁰⁰ POSTIGO ALDEAMIL. Erudición, noticias y libros en las crónicas de *O Futuro* de Machado de Assis, p. 6.

⁶⁰¹ O FUTURO, n. XVIII, p. 595.

Machado e igualmente atribuído por ele a outrem.⁶⁰² Talvez os versos publicados na crônica de 1º de junho de 1863, até melhor aviso, devessem figurar numa seção de “poesia de autoria duvidosa” na obra poética de Machado de Assis.

A presença lusitana na poesia de Machado de Assis se faria sentir, também, no sistema de versificação adotado pelo “bardo de Corina” (assim Caetano Filgueiras se referiu a Machado, aludindo ao poema “Versos a Corina”, de *Crisálidas*)⁶⁰³ e no seu gosto pelos versos alexandrinos, ainda pouco frequentes na literatura em língua portuguesa. Nessas questões, contudo, o nome que se destaca não é o de Faustino, mas o de Antônio Feliciano de Castilho. Foi no *Tratado de metrificação...* desse autor que Machado encontrou o modo de contagem das sílabas poéticas utilizado em seu trabalho de poeta e de crítico de poesia:

nós contamos por syllabas de um metro, as que ’nelle se proferem até á ultima aguda ou pausa, e enhum caso fazemos da uma ou das duas breves, que ainda se possam seguir; pois chegado ao accento predominante, já se acha preenchida a obrigação; ’nisto nos desviamos da pratica geral, que é designar o metro, contando-lhe mais uma syllaba para além da pausa [...].⁶⁰⁴

Como hoje o sistema de contagem de Castilho está bem estabelecido no Brasil, é o que se pode agora chamar de “prática geral” – é adotado, por exemplo, na educação básica –, fica difícil estimar a importância da adesão de Machado a esse critério. Como destaca Rilane Teles de Souza, autora de um artigo sobre o assunto publicado na revista *Machado de Assis em linha*, o escritor fluminense foi, tanto em seus textos críticos quanto nas peças de poesia,

apesar de ter feito ocasionalmente uso da nomenclatura antiga, [...] um adepto do sistema preconizado por Castilho. Pode-se até arriscar e dizer que ele foi o principal responsável pela generalização, no Brasil, das ideias de Castilho sobre versificação. A vitória dessa doutrina sobre o antigo sistema se confirmou depois pela adesão dos poetas parnasianos ao novo sistema.⁶⁰⁵

Outra adesão de Machado a Antônio Feliciano de Castilho difícil de ser avaliada pelo leitor contemporâneo de poesia é o uso do verso alexandrino (verso de doze sílabas) na criação poética em português, uma vez que tal verso já se encontra bem “ambientado” entre nós. A origem estrangeira do verso, contudo, denunciada já no nome, que “provém de se ter chamado Alexandre o poeta francês que passa por seu inventor – Alexandre de Bernay (séc. XII) –, ou

⁶⁰² Cf. ASSIS. *Textos inéditos em livro*, p. 31-38.

⁶⁰³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 596.

⁶⁰⁴ CASTILHO. *Tratado de metrificação portuguesa*, p. 18.

⁶⁰⁵ SOUZA. Machado de Assis entre dois sistemas de versificação, p. 46.

mais provavelmente de este o ter empregado num poema, cujo herói é Alexandre Magno”,⁶⁰⁶ fez com que esse metro fosse objeto de hostilidades no século XIX, como mostra, por exemplo, a sátira de Faustino em “Embriração”. Ao que parece, o uso do verso de origem francesa era visto, por muitos, como um modismo, uma imitação irrefletida e servil. Para Antônio Feliciano de Castilho, que muito trabalhou em prol do alexandrino, como poeta e como teórico desse verso, elogiando suas qualidades e suas possibilidades, tal postura não passava de chauvinismo.⁶⁰⁷ Machado tinha em alta conta o alexandrino, e talvez a melhor prova dessa estima foi tê-lo adotado na composição escrita, a 23 de outubro de 1868, no álbum da querida Carolina (já então sua namorada?), apenas quatro meses depois do aportamento do *Estrémadure*, o navio que trazia a futura companheira do escritor, em terras brasileiras.⁶⁰⁸

Se, por um lado, o verso alexandrino era pouco frequente ou pouco valorizado na poesia de língua portuguesa, por outro, já contava com bons representantes. Ignorado nos séculos XVI e XVII, não foi desconhecido dos trovadores galego-portugueses, nem, no século XVIII, por dois dos predecessores de Faustino na sátira, o abade de Jazente e Bocage.⁶⁰⁹ Machado tinha conhecimento da história desse verso nas letras portuguesas e do quanto Castilho atuou por sua aclimação no meio luso-brasileiro.⁶¹⁰ O visconde de Castilho, por sua vez, tinha grande respeito por Machado e por sua participação no estabelecimento de uma tradição do alexandrino em português.⁶¹¹ Seguramente, o autor brasileiro já tinha, desde cedo, a compreensão de que valeria a pena usar esse metro em suas composições. E essa compreensão, talvez, tenha bem menos a ver com uma adesão ao paradigma francês, conquanto ele versejasse também na língua de Racine, do que com a percepção das necessidades de expressão do próprio português, língua, como a francesa, notadamente analítica.

Em 1862, tecendo algumas apreciações a respeito da poesia de Castilho incluída em *Tributo à memória de Sua Majestade Fidelíssima...*, publicada naquele ano, Machado de Assis notou que, em boa parte dela, “[o] pensamento em geral é pobre”; outra avaliação, porém, fez

⁶⁰⁶ MARTINS. Alexandrino, p. 36.

⁶⁰⁷ Cf. MARTINS. Alexandrino, p. 37.

⁶⁰⁸ Consultamos o fac-símile do álbum de Carolina no arquivo de Machado de Assis, na ABL. Os versos escritos nesse suporte receberiam depois o título “Prelúdio” e uma epígrafe de Longfellow e passariam a integrar o volume *Falenas*, de 1870.

⁶⁰⁹ MARTINS. Alexandrino, p. 36.

⁶¹⁰ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 1234-1235.

⁶¹¹ “Ao Príncipe dos alexandrinos, / ao auctor dos Deuses de casaca, / a J. M. Machado d’Assis, / A[ntônio] Castilho”, diz a dedicatória autógrafa presente num exemplar d’*As geórgicas*, de Vírgílio, traduzidas por Antônio Feliciano de Castilho (1867). A mensagem da dedicatória foi certamente ditada por Castilho a alguém, mas, mesmo com o problema de visão, o tradutor e poeta fez questão de assinar o exemplar oferecido a Machado. Ver fac-símile em EXPOSIÇÃO..., décima página depois da de n. 42, ou em ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado vive*: exposição comemorativa de 100 anos de morte de Machado de Assis, p. 35.

quando se atentou aos versos alexandrinos de Castilho Antônio. Nesses, pôde observar: “a forma cresceu de formosura e de arte, e por ventura o pensamento apareceu e mais original. / O verso prestava-se e o poeta é nele eminente e único”.⁶¹² O jovem Machado deve ter percebido nesse momento, se já não o percebera antes, como o alexandrino se prestava à expressão de pensamento mais “elevado”, por permitir a utilização de mais palavras num só verso, por deixar as rimas mais distanciadas. Ao longo da carreira, recorreria frequentemente a esse verso; segundo cálculos de José Américo Miranda e do autor desta tese, em artigo ainda não publicado, foram quase cinquenta peças as que elaborou valendo-se integral ou parcialmente do alexandrino.⁶¹³ Isso, sem contar os tantos versos alexandrinos presentes em sua prosa e em sua poesia, como epígrafes. Talvez não seja coincidência que, daquela dúzia de poemas machadianos tida por Manuel Bandeira como detentora da mesma qualidade do melhor produzido pelo prosador, sete peças – “O desfecho”, “Círculo vicioso”, “Uma criatura”, “Mundo interior”, “O corvo”, “A mosca azul” e “No alto” – tenham sido compostas com o recurso aos alexandrinos, às vezes alternados com outros metros. Se o pensamento da poesia de Castilho tornou-se perceptível, deixou de ser chavão, quando ele passou a usar os versos longos, como notou Machado na crítica de 1862, algo semelhante pode ter acontecido com sua própria poesia, em geral menos preocupada com temas de interesse filosófico do que com “alguma coisa mais humilde e mais próxima à sátira”, para retomar as palavras de Gledson.⁶¹⁴ Os versos alexandrinos constituiriam, portanto, uma exceção na obra poética de Machado; neles, o poeta parece ter-se aproximado mais do prosador.

O sucesso de Antônio Feliciano de Castilho e de Machado de Assis na divulgação do alexandrino é apreciável. Embora, claro, não tenha chegado a “usurpar o lugar do [decassílabo] heróico português”, como vaticinou Castilho Antônio,⁶¹⁵ o recurso ao verso de doze sílabas continuou a ser feito na literatura brasileira, notadamente pelos parnasianos e por um modernista como Vinicius de Moraes, ainda que nem sempre seguindo rigorosamente o modelo do alexandrino clássico francês (quanto à acentuação e à cesura).⁶¹⁶ Em especial, o alexandrino tornou-se frequente nas traduções poéticas; Lawrence Flores Pereira, por exemplo, que numa versão elogiada do *Hamlet* (2015) fez o alexandrino português corresponder ao pentâmetro

⁶¹² ASSIS. *Comentários da semana*, p. 176. Na edição mais recente da *Obra completa...* editada pela Nova Aguilar, persiste no trecho citado um erro grave de transcrição: “e porventura o pensamento apareceu menos original” (ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 59). Cf. o fac-símile do *Diário do Rio de Janeiro* (ASSIS [M. A.]. *Commentarios da semana*, p. 1).

⁶¹³ MIRANDA; CAMPOS. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos no livro, inédito.

⁶¹⁴ GLEDSON. De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis, p. 11.

⁶¹⁵ MARTINS. Alexandrino, p. 37.

⁶¹⁶ Cf. ALI. *Versificação portuguesa*, p. 107; DRUMMOND; MIRANDA. O alexandrino português, p. 18.

iâmbico inglês, assim justificou seu procedimento: “o próprio português acaba mostrando as trilhas desconhecidas e inexploradas, quando se acomoda no leito mais largo do alexandrino. [...] As duas sílabas que ganhamos com o alexandrino trazem imensos benefícios. Permitem um uso mais generoso do nosso riquíssimo vernáculo”.⁶¹⁷

Numa ironia bem machadiana, o poeta por tanto tempo relegado a segundo plano pela crítica, visto como “muito inferior ao romancista”,⁶¹⁸ acabaria por ter relevante participação em duas mudanças decisivas na poesia brasileira (e, por que não dizer, na poesia de língua portuguesa): a substituição do modo antigo de medida do verso, já então generalizado, pelo padrão agudo tomado ao francês, hoje de uso comum, e a aceitação do alexandrino como verso benfazejo à expressão poética em português. Não esteve só nessas mudanças, claro, mas reiteradamente em diálogo com os confrades de além-mar.

4.2 Os poemas

Apenas um dos poemas que Machado de Assis publicou n’*O Futuro* – “Fascinação” – teve nessa revista sua forma definitiva, aquela que, documentando a última vontade do autor, tornar-se-ia fonte das edições posteriores. Os demais poemas de Machado estampados em primeira mão na revista de Faustino Xavier de Novais não são hoje conhecidos pela forma que a publicação periódica lhes deu – são editados, atendendo ao critério já referido de respeito à última vontade autoral, com base na forma que vieram a ter em *Crisálidas* (é o caso de “Aspiração” e de “As ventoinhas”) e em *Poesias completas* (caso de “A estrela do poeta”, hoje “Stella”, “O acordar da Polônia”, hoje apenas “Polônia”, e “Sinhá”).

Sem ignorar a primazia das edições que documentam a forma acabada de uma peça literária – ou, pelo menos, a última redação que o autor pôde dar a seu trabalho – convém lembrar, com Machado, que “tudo pode entrar na história de um espírito”.⁶¹⁹ Por que não dar o devido valor, na história e na obra do escritor fluminense, às poesias que publicou n’*O Futuro*, considerando a feição que quis para elas nessa revista? Na advertência à segunda edição d’A

⁶¹⁷ PEREIRA. Nota sobre a tradução, p. 47.

⁶¹⁸ Da crítica de Sílvio Romero em *Outros estudos de literatura comparada* (1906), transcrita em: ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 740.

⁶¹⁹ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900, p. 322. Nessa carta de 9 de setembro de 1898, dirigida a Magalhães de Azeredo, Machado se refere a uma possível reunião, em livro, de sua produção poética esparsa.

mão e a luva, publicada em 1907 (passadas mais de três décadas, portanto, da edição original, que veio a lume em 1874), Machado, reconhecendo que o autor daquele romance a ele daria um tratamento diferente, se então o reescrevesse, reconhece igualmente que aquela forma fora dada ao romance em tempos passados, “e, ao cabo, tudo pode servir a definir a mesma pessoa”.⁶²⁰ Pensando nisso, decidiu-se incluir, nesta tese, reproduções fac-similares dos poemas machadianos que ganharam “vida impressa”, pela primeira vez, nas páginas da revista de Novais (ANEXO B).

Juntamente com uma revisão da recepção crítica dos poemas e com uma leitura deles interessada, sobretudo, na presença portuguesa, pensou-se em propor edições atualizadas das peças, baseadas naquela que foi a vontade do autor em um determinado momento de sua carreira nas letras: a colaboração, também como poeta, numa revista internacional. Tais edições, apresentadas na ordem de aparecimento dos poemas n’*O Futuro*, não visam estabelecer um texto crítico – para tanto, seria necessário um conhecimento filológico de que não dispomos –, mas aspiram à fidedignidade, ambicionam preservar tudo quanto nos pareceu que pudesse ser de interesse do comentador ou do apreciador de uma peça de poesia. A fim de que as edições atualizadas se prestassem, adicionalmente, a um exame de correções e de outras alterações por que passaram os textos (considerando somente as edições publicadas em vida do autor), optou-se pelo registro de variantes em notas de rodapé.

Na edição dos poemas, adotaram-se os seguintes critérios: adequação da grafia às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO1990), em vigor no Brasil desde 2009, salvo em caso de acomodação vir a modificar a métrica do verso e nos casos de criação vocabular estilística; manutenção de grafias conservadoras ainda consignadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (ABL); adequação da grafia de nomes próprios à recomendada pelo *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*, da ABL, ou ao uso consagrado atualmente, nos casos em que não houver registro do nome naquele vocabulário; manutenção da pontuação original, com exceção das aspas angulares – preservadas nas citações em francês, substituídas por aspas curvas no texto em português –, dos pontos finais de títulos, subtítulos, datas e outros elementos textuais normalmente não pontuados em edições hodiernas e das reticências com mais de três pontos – substituídas por reticências convencionais; utilização, no estabelecimento de texto das epígrafes, de edições confiáveis daquelas obras – na medida do possível, as edições utilizadas por Machado de Assis; correção de erros tipográficos evidentes, sem menção a isso em rodapé;

⁶²⁰ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 310.

eliminação de traços que separam estrofes; manutenção, tanto quanto possível, dos elementos de formatação originais mais facilmente reconstituíveis no processador de texto *Word*, em que a tese foi digitada (negrito, itálico, versalete, etc.). A forma como Machado assinou cada poema n’*O Futuro* foi preservada; evidentemente, essas assinaturas não aparecem nas edições em livro.

4.2.1 “Aspiração” e “Embirração”

Anotaram-se, neste poema e no seguinte, de autoria de Faustino Xavier de Novais, as variantes presentes na edição autônoma de *Crisálidas* (1864; doravante, CRIS). Salvo engano, não houve outras transcrições de “Aspiração” em vida do autor.⁶²¹

ASPIRAÇÃO

(A F. X. de Novais)⁶²²

Qu’aperçois-tu, mon âme? Au fond, n’est-ce pas Dieu ?
Tu vas à lui.

V. DE LAPRADE⁶²³

Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo,
E desta meia morte o frio olhar do mundo
Não vê o que há de triste e de real em mim;⁶²⁴
Muita vez, ó poeta, a dor é casta assim.⁶²⁵
5 Refolha-se, não diz no rosto o que ela é;⁶²⁶
E nem que o revelasse, o vulgo não põe fé
Nas tristes emoções da verde mocidade,
E responde sorrindo à cruel realidade.

Não assim tu, ó alma, ó coração amigo,⁶²⁷

⁶²¹ Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 361.

⁶²² A dedicatória é mantida em CRIS. Nessa edição, sucede à dedicatória a indicação do ano de composição, “(1862)”. Na última edição de *Crisálidas* em vida do autor (a que integra as *Poesias completas*, 1901), não constam o poema ora editado e anotado nem o que lhe segue, de Faustino Xavier de Novais.

⁶²³ Edição usada no estabelecimento de texto da epígrafe: LAPRADE. *Odes et Poèmes*, p. 173. “O que percebes tu, minha alma? No fundo, não é Deus? / Tu vais a Ele...” – tradução proposta por Rutzkaya Queiroz dos Reis (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 302). A epígrafe foi mantida em CRIS com o acréscimo de um pontilhado após “lui” – decerto, para indicar que o segundo verso citado não foi transcrito na íntegra.

⁶²⁴ mim:] mim; – em CRIS.

⁶²⁵ assim.] assim; – em CRIS.

⁶²⁶ é:] é, – em CRIS.

⁶²⁷ amigo,] amigo; – em CRIS.

- 10 Nu, como a consciência, abro-me aqui contigo;
 Tu, que corres como eu⁶²⁸ na vereda fatal
 Em busca do mesmo alvo e do mesmo ideal.
 Deixemos que ela ria, a turba ignara e vã;
 Nossas almas a sós, como irmã junta⁶²⁹ a irmã,
- 15 Em santa comunhão, sem cárcere, sem véus,
 Conversarão no espaço e mais perto de Deus.
- Deus quando abre ao poeta as portas desta vida
 Não lhe depara o gozo e a glória apetecida;
 Tarja de luto a folha em que lhe deixa escritas
- 20 A suprema saudade e as dores infinitas.
 Alma errante e perdida em um fatal desterro,
 Neste primeiro e fundo e triste limbo do erro,
 Chora a pátria celeste, o foco, o centro, a luz,
 Onde o anjo da morte, ou da vida, a conduz,⁶³⁰
- 25 No dia festival do grande livramento;
 Antes disso⁶³¹ a tristeza, o sombrio tormento,
 O torvo azar, e mais, a torva solidão,
 Embaciam-lhe n'alma,⁶³² o espelho da ilusão.
 O poeta chora,⁶³³ e vê perderem-se esfolhadas
- 30 Da verde primavera as flores tão cuidadas;
 Rasga, como Jesus, no caminho das dores⁶³⁴
 Os lassos pés; o sangue umedece-lhe as flores
 Mortas ali, e a fé, a fé-mãe, a fé-santa,⁶³⁵
 Ao vento impuro e mau,⁶³⁶ que as ilusões quebranta,
- 35 Na alma que ali se vai,⁶³⁷ muitas vezes vacila...⁶³⁸
- Oh! feliz o que pode, alma alegre e tranquila,
 A esperança vivaz,⁶³⁹ e as ilusões floridas,
 Atravessar cantando as longas avenidas
 Que levam do presente ao secreto porvir!
- 40 Feliz esse! Esse pode amar, gozar, sentir,
 Viver,⁶⁴⁰ enfim! A vida é o amor, é a paz,

⁶²⁸ Tu, que corres como eu] Tu que corres, como eu, – em CRIS.

⁶²⁹ junta] junto – em CRIS.

⁶³⁰ a conduz,] o conduz – em CRIS.

⁶³¹ Antes disso] Antes disso, – em CRIS.

⁶³² n'alma,] n'alma – em CRIS.

⁶³³ chora,] chora – em CRIS.

⁶³⁴ dores] dores, – em CRIS.

⁶³⁵ e a fé, a fé-mãe, a fé-santa,] – e a fé, a fé mãe, a fé santa, – em CRIS.

⁶³⁶ mau,] mau – em CRIS.

⁶³⁷ vai,] vai – em CRIS.

⁶³⁸ No periódico, esse verso ocupa a última linha de uma página – não é possível saber, só pela revista, portanto, se a estrofe termina aqui ou se continua na página seguinte. Em CRIS está evidente que há mudança de estrofe, então seguiu-se essa lição. Se ainda restasse dúvida, o fim da estrofe se justificaria pela comparação com o poema de Faustino Xavier, o próximo a ter edição apresentada nesta tese; parodiando o texto de Machado, os versos de Novais conservam-lhe a estrutura.

⁶³⁹ vivaz,] vivaz – em CRIS.

⁶⁴⁰ Viver,] Viver – em CRIS.

Quente a ilusão no peito,⁶⁴¹ a esperança vivaz;
 Não esta do poeta, esta que Deus nos pôs,⁶⁴²
 Nem como inútil fardo, antes como um algoz.

45 O poeta busca sempre o almejado ideal...
 Triste e funesto afã! Tentativa⁶⁴³ fatal!
 Nesta sede de luz, nesta fome de amor,
 O poeta corre à estrela, à brisa, ao mar, à flor;
 Quer ver-lhe a luz na luz da estrela peregrina,
 50 Quer-lhe o aroma sentir⁶⁴⁴ na rosa da campina,
 Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;⁶⁴⁵
 Ó inútil esforço! Ó ímprobo lutar!
 Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
 Acha-se o nada, o torvo, o impassível algoz!

55 Onde te escondes, pois, ideal da ventura?
 Em que canto da terra, em que funda espessura
 Foste esconder, ó fada, o teu esquivo lar?
 Dos homens esquecida, em ermo recatado⁶⁴⁶
 Que voz do coração, que lágrima, qual brado,⁶⁴⁷
 60 Do sono, em que ora estás,⁶⁴⁸ te virá despertar?

A esta sede de amar só Deus conhece a fonte?
 Jorra ela⁶⁴⁹ ainda além deste fundo horizonte,⁶⁵⁰
 Que a mente não calcula⁶⁵¹ e onde se perde o olhar?
 Que asas nos deste, ó Deus, para transpor o espaço?
 65 Ao ermo do desterro inda nos prende um laço; –⁶⁵²
 Onde encontrar a mão que o venha desatar?

Creio que só em ti há essa luz secreta,
 Essa estrela polar dos sonhos do poeta,
 Esse alvo, esse termo, esse mago ideal;
 70 Fonte de todo o ser e fonte da verdade,
 Nós vamos para ti, e em tua imensidade
 É que devemos ter o repouso final!⁶⁵³

É triste quando a vida, erma como esta, passa,⁶⁵⁴
 E quando nos impele o sopro da desgraça

⁶⁴¹ Quente a ilusão no peito,] É a doce ilusão e – em CRIS.

⁶⁴² pôs,] pôs – em CRIS.

⁶⁴³ Tentativa] tentativa – em CRIS.

⁶⁴⁴ Quer-lhe o aroma sentir] Quer-lhe o cheiro aspirar – em CRIS.

⁶⁴⁵ mar;] mar, – em CRIS.

⁶⁴⁶ recatado] recatado, – em CRIS.

⁶⁴⁷ qual brado,] que brado – em CRIS.

⁶⁴⁸ Do sono, em que ora estás,] Do sono em que ora estás – em CRIS.

⁶⁴⁹ ela – ele em CRIS.

⁶⁵⁰ horizonte,] horizonte – em CRIS.

⁶⁵¹ calcula] calcula, – em CRIS.

⁶⁵² laço; –] laço: – em CRIS.

⁶⁵³ devemos ter o repouso final!] havemos de ter o repouso final. – em CRIS.

⁶⁵⁴ erma como esta, passa,] erma, como esta, passa; – em CRIS.

75 Longe de ti, ó Deus, e distante do amor!
 Mas guardemos, poeta, a melhor esperança:
 Sucederá a glória à salutar provança:
 O que a terra não deu, dar-nos-á o Senhor!

MACHADO DE ASSIS

[*O Futuro*, n. II, p. 65-66, 1º out. 1862]

N’*O Futuro*, a esse poema de Machado sucedem imediatamente os versos de “Embirração”, de Faustino Xavier de Novais, num arranjo que seria preservado na edição original de *Crisálidas*, de 1864. Quando o livro é reeditado em 1901, nas *Poesias completas*, Machado suprime sua “Aspiração” – e, com esse texto, também a “Embirração” de Faustino. Seria de se esperar que, editorialmente, tais textos permanecessem unidos, em razão do diálogo que estabelecem e porque assim desejaram seus autores, como se nota pelas edições publicadas em vida deles (em periódico e em livro). É discutível, nesse sentido, o procedimento adotado por duas importantes edições da poesia machadiana – a edição crítica de *Poesias completas*, elaborada pela Comissão Machado de Assis (2. ed., 1977), e o volume *Toda poesia de Machado de Assis*, organizado por Cláudio Murilo Leal (2. ed., 2012) –, que deixaram os versos de “Aspiração” desacompanhados do *feedback* brincalhão e mordaz de Faustino Xavier.

Com certeza Machado de Assis desaprovava semelhante decisão editorial, que, interferindo significativamente em obra sua – a primeira edição de *Crisálidas* –, acaba por interferir, também, na inscrição dessa obra no tempo, apagando dela um momento marcante da presença portuguesa na vida literária brasileira. É claro que Machado, em várias ocasiões, publicou versos de confrades junto com os seus, mas, quando isso acontecia em coletâneas poéticas, o espaço reservado aos versos alheios era via de regra o das notas de fim – como ocorreu com a tradução de “Un vieux pays” por Joaquim Serra, em *Falenas* (1870) – ou o da citação, que abrange desde o recurso à epígrafe, comum em poesia, até o caso especialíssimo do texto dramático “Uma ode de Anacreonte”, em que o poema aludido no título, em tradução de Antônio Feliciano de Castilho, é inserido na ação e declamado pela personagem Mirto.⁶⁵⁵ A inclusão do poema de Faustino em *Crisálidas* não se limitou às notas ou à citação: ele integra esse livro, em sua edição original, tanto quanto os poemas compostos por Machado de Assis. Comentando as edições que excluíram os versos de Faustino de *Crisálidas*, Hélio de Seixas Guimarães observa, acertadamente, que elas talvez se tenham pautado “por um critério mais

⁶⁵⁵ Cf. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 447-448 e 587-588.

restrito de autoria, desconsiderando a possibilidade de que esse outro, Faustino, também fosse um pouco ele, Machado”.⁶⁵⁶

Sobre “Embriração”, escreveu Machado de Assis em nota de fim de *Crisálidas*: “Esta poesia, como se terá visto, é a resposta que me deu o meu amigo F. X. de Novaes, a quem foram dirigidos os versos anteriores. Tão bom amigo e tão bello nome tinham direito de figurar neste livro. O leitor apreciará, sem duvida, a difficuldade vencida pelo poeta que me respondeu em estylo faceto, no mesmo tom e pelos mesmos consoantes.”⁶⁵⁷ Não se encontraram outras transcrições do poema em vida do autor; “Embriração” tampouco aparece nas *Poesias póstumas*, volume organizado por Antônio Moutinho de Sousa, que recolheu parte considerável da colaboração de Novais n’*O Futuro*.⁶⁵⁸

EMBIRRAÇÃO

(A J. M. Machado de Assis)⁶⁵⁹

A balda alexandrina é poço imenso e fundo,⁶⁶⁰
 Onde poetas mil, flagelo deste mundo,
 Patinham sem parar, chamando lá por mim.
 Não morrerão, se um verso, estiradinho assim,
 5 Da beira for do poço, extenso como ele é,
 Levar-lhes grosso anzol; então eu tenho fé
 Que volte um afogado, à luz da mocidade,
 A ver no mundo seco a seca realidade.

Por eles, e por mim, receio, caro amigo;
 10 Permite o desabafo aqui, a sós contigo,
 Que à moda fazer guerra, eu sei quanto é fatal;
 Nem vence o positivo o frívolo ideal;
 Despótica em seu mando, é sempre fátua e vã,
 E até da vã loucura, a moda,⁶⁶¹ é prima-irmã:
 15 Mas quando venha o senso erguer-lhe os densos véus,
 Do verso alexandrino há de livrar-nos Deus.

*Deus quando abre ao poeta as portas desta vida,
 Não lhe depara o gozo,⁶⁶² e a glória apetecida;*

⁶⁵⁶ GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 114.

⁶⁵⁷ ASSIS. *Chrysalidas*: poesias, p. 168.

⁶⁵⁸ Cf. NOVAES. *Poesias posthumas*.

⁶⁵⁹ (A J. M. Machado de Assis) [A MACHADO DE ASSIS] – em CRIS.

⁶⁶⁰ Em CRIS, os primeiros versos de cada estrofe (versos 1, 9, 17, 36, 45, 55, 61, 67 e 73) não apresentam a pequena entrada, parecida com um parágrafo, presente na publicação original.

⁶⁶¹ loucura, a moda,] loucura a moda – em CRIS.

⁶⁶² gozo,] gozo – em CRIS.

E o triste, se morreu, deixando mal escritas
 20 Em verso alexandrino histórias infinitas,
 Vai ter lá noutra vida,⁶⁶³ insípido desterro,
 Se Deus, por compaixão, não dá perdão ao erro;
 Fechado em quarto escuro, à noite não tem luz,
 E se é cá do meu gosto o guarda que o conduz,
 25 Debalde, imerso em pranto, implora o livramento;
 Não torna a ser, aqui, das Musas o tormento;
 Castigo alexandrino, eterna solidão,
 Terá lá no desterro, em prêmio da ilusão;
 Verá queimar, à noite, as rosas esfolhadas,
 30 Que a moda lhe ofertara, e trouxe tão cuidadas,
 E ao pé do fogo intenso, ardendo em cruas dores,
 Verá que versos tais são galhos, não dão flores;
 Que, lendo-os a pedido, a criatura santa,
 A paciência lhe foge, a fé se lhe quebranta,
 35 Se vai dum verso ao fim; depois... treme... vacila...⁶⁶⁴

Dormindo, cai no chão; mais tarde, já tranquila,
 Sonha com *verso-verso*, e as ilusões floridas,
 Risonhas, vem mostrar-lhe as largas avenidas
 Que o longo *verso-prosa* oculta, do porvir!
 40 Sonhando, ao menos, pode amar, gozar, sentir,
 Que um sono alexandrino a deixa ali,⁶⁶⁵ em paz,
 Dormir... dormir... dormir... erguer-se, enfim, vivaz,
 Bradando: “Clorofórmio! O gênio que te pôs,
 A palma cede ao metro,⁶⁶⁶ esguio, teu algoz!”

45 E aspiras, vate, assim, da glória ao ideal?
Triste e funesto afã! ... tentativa fatal!
Nesta sede de luz, nesta fome d'amor,
O poeta corre à estrela, à brisa, ao mar, à flor;
Quer ver-lhe a luz,⁶⁶⁷ na luz da estrela peregrina,
 50 *Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,*
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;
Ó inútil esforço! Ó ímprobo lutar!
Em vez da luz, do aroma, ou do alento, ou da voz,
O verso alexandrino, o impassível algoz!...

⁶⁶³ vida,] vida – em CRIS.

⁶⁶⁴ Esse verso, n' *O Futuro*, ocupa a última linha da p. 67 – ele é seguramente o último de sua estrofe, já que o verso seguinte, o primeiro da página 68, começa com pequena entrada, parecida com um parágrafo, tal qual os primeiros versos das demais estrofes. Se ainda persistisse dúvida, bastaria notar que Faustino mantém o padrão de número de versos por estrofe do poema de Machado: duas oitavas, uma estrofe de 19 versos, uma nona, uma décima e quatro sextilhas. Há, em *Crisálidas*, possivelmente por descuido do tipógrafo, uma confusão na separação das estrofes: na p. 72 dessa edição, o último verso é o de n. 34, seguido de um razoável espaço em branco; na página seguinte, o primeiro verso, aparentemente o primeiro de nova estrofe, é o de n. 35. Esse erro passou a pelo menos uma edição recente do poema (cf. ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 305).

⁶⁶⁵ ali,] ali – em CRIS.

⁶⁶⁶ metro,] metro – em CRIS.

⁶⁶⁷ luz,] luz – em CRIS.

55 Não cantas a tristeza, e menos a ventura;
 Que em vez do sabiá,⁶⁶⁸ gemendo na espessura,
 Imitarás, no canto, o grilo atrás do lar;
 Mas desse estreito asilo, escuro e recatado,
 Alegre há de fugir, que,⁶⁶⁹ erguendo altivo brado,
 60 A lírica harmonia há de ir-te despertar!

Verás de novo aberta a copiosa fonte!
 Da poesia verás tão lúcido o horizonte,
Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar,
 Que nas asas do gênio, a voar pelo espaço,
 65 Da perna sacudindo o alexandrino laço,
 Há de a mão bendizer que o soube desatar.

Do precipício foge, e segue a luz secreta,
Essa estrela polar dos sonhos do poeta;
 Mas⁶⁷⁰ noutro verso, amigo, onde ao mago ideal
 70 A música se ligue, o senso e a verdade;
 – Num destes vai-se, a ler, da vida a imensidade,
 Da sílaba primeira à sílaba final!

Meu Deus! Esta existência é transitória,⁶⁷¹ e passa;
 Se fraco fui aqui, pecando por desgraça;
 75 Se já não tenho jus ao vosso puro amor;
 Se nem da salvação nutrir posso a esperança,
 Quero em chamas arder, sofrer toda a provança:
 – Ler verso alexandrino... oh!⁶⁷² isso não, Senhor!

F. X. DE NOVAIS

[*O Futuro*, n. II, p. 67-68, 1º out. 1862]

Os versos de “Aspiração”, salvo engano, nunca conheceram a consagração da antologia. Pelo menos, não comparecem nas seletas organizadas por Manuel Bandeira (1946), Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964) e Alexei Bueno (2000).⁶⁷³ Talvez nunca conheçam semelhante consagração, o que é compreensível, uma vez que foram excluídos, pelo próprio autor, de seu cânone poético. Em 2001, contudo, seriam incluídos num estudo que muito se aproxima de uma antologia temática comentada: *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*, de Maria Eli de Queiroz. A autora, observando que palavras ligadas à religião e à

⁶⁶⁸ sabiá,] sabiá – em CRIS.

⁶⁶⁹ que,] que – em CRIS.

⁶⁷⁰ Mas] Mas, – em CRIS.

⁶⁷¹ transitória,] transitória – em CRIS.

⁶⁷² oh!] Oh! – em CRIS.

⁶⁷³ Cf. BANDEIRA. *Apresentação da poesia brasileira*: seguida de uma antologia, p. 298-303; ASSIS. *Machado de Assis: poesia*, p. 16-29; _____. *Melhores poemas*, p. 19-24.

religiosidade são frequentes na poesia de Machado, como “alma”, “céu”, “fé”, “anjo”, “Senhor”, “Deus”, entre várias outras (Queiroz considera tanto a poesia publicada em livro em vida do autor quanto a poesia editada postumamente), conclui, após cálculos, que a “campeã das citações” é “alma”, “que alcança um total de oitenta vezes”. Em seguida, Queiroz, com a justificativa de ilustrar os números apresentados, transcreve, total ou parcialmente, o que considera “alguns dos melhores poemas [de Machado de Assis], aqueles que reforçam a crença de que um espírito religioso conduzia a mão que escrevia”.⁶⁷⁴ “Aspiração” é, então, o primeiro poema lembrado.

A dimensão religiosa, com efeito, se faz presente no poema. Vitor Ceí, autor de um dos poucos estudos dedicados à questão do niilismo na obra machadiana (*A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis*, Annablume, 2016), vê no poeta de *Crisálidas* um autor cristão, não o Machado cético e galhofeiro da chamada “segunda fase”; no poema oferecido a Faustino Xavier de Novais, esse autor, conforme Ceí, “não apresenta (ou ironiza) a perspectiva de negação absoluta de todos os valores e princípios estabelecidos pela tradição, tampouco expressa a experimentação do poder do negativo – que seriam as características do niilismo”. Ainda segundo o pesquisador da Universidade Federal de Rondônia, o poeta de “Aspiração” “parece adotar a perspectiva cristã que pressupõe que a vida é culpada, faltosa, injusta e que, portanto, deveria ser justificada através da redenção: ‘O que a terra não deu, dar-nos-á o Senhor!’, encerra o poema”.⁶⁷⁵ Em sua leitura de “Aspiração”, o pesquisador José Américo Miranda também toca no aspecto religioso: “No plano das ideias, há que se reparar na confiança em Deus e numa outra vida, além desta terrena, crença que o poeta perdera no correr do tempo”.⁶⁷⁶

Sem desconsiderar a expressão da espiritualidade em “Aspiração”, talvez seja interessante relativizá-la um pouco. Conforme escreveu, na década de 1980, um pesquisador de língua inglesa, Murray Graeme MacNicoll, já em *Crisálidas* faziam-se presentes os temas favoritos do Machado pós-1880, como a morte, a natureza efêmera dos sentimentos humanos, a passagem do tempo e a destruição que essa passagem causa.⁶⁷⁷ Em “Aspiração” tais questões se fazem presentes; a morte – “Deus [...] / Tarja de luto”, “suprema saudade”, “fatal desterro”, “flores / Mortas”, “Tentativa fatal!”, “Acha-se o nada” (versos 17-21, 32-33, 46 e 54) –; a efemeridade dos sentimentos humanos – “o vulgo não põe fé / Nas tristes emoções”, “Deixemos

⁶⁷⁴ QUEIROZ. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*, p. 48-50.

⁶⁷⁵ Vitor Ceí, por e-mail.

⁶⁷⁶ MIRANDA. Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis, p. 68.

⁶⁷⁷ MACNICOLL. Machado de Assis in 1878, p. 31.

que ela ria, a turba ignara e vã” (versos 6-7, 13) –; o efeito destruidor do tempo – “É triste quando a vida, erma como esta, passa” (verso 73). Sobre a relação do poeta com o tempo, aliás, notou Hélio de Seixas Guimarães que nesse aspecto reside um distanciamento entre o poeta de *Crisálidas* e o autor de “Contre le repos” [Contra o repouso], de quem colheu a epígrafe para seu poema. Enquanto os versos de Victor de Laprade apontam

para a necessidade de o homem mover-se em direção a Deus, com a esperança de nele, quem sabe, encontrar o repouso final, o poeta de “Aspiração”, talvez já com uma ponta de “machadiano” ceticismo, parece antes tratar de buscar e assegurar na terra, desesperadamente, o ideal, a ventura, a alegria e a tranquilidade, que sabe inatingíveis para um ser como ele – e aí está a desilusão –, só afirmando ao final a necessidade da esperança em Deus, último e certo recurso.⁶⁷⁸

Nessa busca arrebatada pela felicidade na vida temporal, convém destacar como o poeta faz uso de certas imagens, relativas à vida marítima, à arte e à ciência da náutica, como o mar, a estrela peregrina e a estrela polar (versos 48, 49 e 68), tão caras às letras portuguesas e à cultura lusa de uma forma geral. Especialmente quando se refere à “estrela polar dos sonhos do poeta”, lembrando a estrela “que é a ultima da cauda da ursa menor”,⁶⁷⁹ astro visível somente no hemisfério norte, parece aludir de alguma forma aos projetos do amigo português, a quem o poema é oferecido. Os símiles e as metáforas marítimas da literatura lusitana exerceram fascínio sobre Machado de Assis; pelo menos, é o que parecem indicar as fichas de leitura do autor brasileiro, em que excertos como os seguintes, de padre Manuel Bernardes, se fazem presentes:

– A nau para fazer viagem há-de ter lastro e há-de ter velas. Tudo lastro, ir-se-á ao fundo; tudo velas, correrá tormenta. Também a alma faz sua viagem neste mundo, porque também o mundo é mar... Id[em]. 114.
[...]
– Êste mundo não é pátria nossa, é destêrro; não é morada, é estalagem; não é pôrto, é mar, por onde navegamos. Vivemos de empréstimo. – Id[em]. 93.
[...]
– ...deve a caridade estar sempre ao leme; [...] – Serm. 2.º, 107.⁶⁸⁰

⁶⁷⁸ GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 109.

⁶⁷⁹ ANGRA (Dir.). *Diccionario marítimo brasileiro*, p. 159.

⁶⁸⁰ ASSIS. Lexicografia. Notas de leitura de Machado de Assis, p. 267-268. O primeiro trecho transcrito foi colhido d’*Os últimos fins do homem...* (1728); o segundo, de *Pão partido em pequeninos* (1696); o terceiro, do segundo volume de *Sermões e práticas* (1733).

Machado de Assis lidaria diretamente com os termos náuticos na década de 1870, quando participou, ainda que brevemente, da comissão instituída pelo governo imperial com a finalidade de preparar o *Dicionário marítimo brasileiro*, obra que viria à luz em 1877. Foi designado em abril de 1872 para atuar como substituto de Henrique César Muzzio, que, afastado da função por questões de saúde, viria a falecer sem ver a impressão do dicionário; Machado, por sua vez, seria substituído, em 1873, por Daniel Artur Horta O’Leary. Era naquela época ministro da Marinha o conselheiro Afonso Celso de Assis Figueiredo, e a responsabilidade pela direção da comissão fora confiada ao primeiro e único barão de Angra, Elisiário Antônio dos Santos, militar brasileiro nascido em Lisboa e filho de pais portugueses.⁶⁸¹ Infelizmente, é muito difícil, se não impossível, precisar quais foram os verbetes do dicionário escritos por Machado. Provavelmente, muitos deles passaram por mais de uma mão, e é possível que vários não sejam mais do que traduções, adaptadas ao contexto brasileiro, de acepções provenientes de enciclopédias e glossários ingleses e franceses. Esse dicionário não deixa de ser, no entanto, uma das provas do quanto Machado se interessou pelo mar, suas belezas e seus mistérios – não bastasse, claro, o que já produzira no campo da literatura e o que ainda elaboraria em sua ficção, de maneira muito especial em *Dom Casmurro*. Tal interesse Machado já demonstrara, aliás, poucos anos depois da participação n’*O Futuro*, quando traduziu, para o *Diário do Rio de Janeiro*, o romance *Les Travailleurs de la Mer*, de Victor Hugo. Em 1866, no mesmo ano em que o original era lançado na França, os exemplares d’*Os trabalhadores do mar* eram impressos na tipografia fluminense Perseverança. Jean-Michel Massa, que estudou as traduções realizadas por Machado de Assis, conquanto trate a versão de Victor Hugo no grupo das chamadas traduções “alimentares”, elaboradas em razão de uma encomenda, reconhece que o romance francês deve ter fascinado o escritor brasileiro.⁶⁸² Seguramente a vida no mar cativou o escritor que nunca atravessou o Atlântico, mas que, literariamente, soube valorizar essa herança, sob certos aspectos devida a Portugal, pioneiros que foram os lusitanos na era das Grandes Navegações e no tratamento poético e ficcional dispensado a tantas histórias de aventuras heroicas e audazes.

No plano linguístico de “Aspiração” também se nota a presença portuguesa. Machado não se valeu do suarabácti no verso 13, por exemplo, em que a palavra “ignara”, para manter o metro, deve ser pronunciada com três sílabas, não com quatro, [igi’narə], forma natural numa pronúncia brasileira. É verdade que noutra dos poemas d’*O Futuro*, “O acordar da Polônia”

⁶⁸¹ Cf. ANGRA (Dir.). *Dicionário marítimo brasileiro*, p. I e III; MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 112.

⁶⁸² MASSA. *Machado de Assis tradutor*, p. 63 e 65.

(verso 81), e noutros poemas de *Crisálidas* Machado se valeu desse fato fonético, mas a ele renunciaria, como observou Manuel Bandeira, a partir de *Americanas* (1875).⁶⁸³ No último verso de “Aspiração”, o poeta usa a mesóclise (“dar-nos-á”), colocação pronominal já naquele momento histórico mais comum em Portugal do que no Brasil,⁶⁸⁴ num contexto em que a opção pela próclise, mais natural na fala brasileira, não alteraria a métrica nem a acentuação do verso.

No que diz respeito às modificações feitas por Machado no poema quando o publicou em livro, em 1864, as mais importantes são talvez três. No verso 11, fez uma leve alteração no uso da vírgula, responsável por dar um realce diferente às pessoas do discurso: como está n’*O Futuro*, o verso destaca o interlocutor: “Tu, que corres como eu”; em *Crisálidas*, o poema, que já tem algo de tão íntimo, tem nesse verso a primeira pessoa destacada: “Tu que corres, como eu”. O “eu” aparece aqui, realçado, como o modelo do sujeito que corre em busca “do mesmo alvo e do mesmo ideal”. No verso 42, a “ilusão” é “quente” n’*O Futuro*, mas “doce” em *Crisálidas*. No verso 50, Machado substituiu “Quer-lhe o aroma sentir” por “Quer-lhe o cheiro aspirar”. A troca de “sentir” por “aspirar” talvez se explique pelo intento de fazer um jogo entre o título do poema, “Aspiração”, em seu sentido metafórico (“desejo profundo de atingir uma meta material ou espiritual”, na definição do *Houaiss*), e a ação de aspirar em sua acepção denotativa, “inalar”. Quanto à troca de “aroma” por “cheiro”, é bastante possível que o poeta a tenha feito para evitar uma repetição próxima de “aroma” no verso 53, mas talvez não seja erro ver aí, também, um cuidado em recorrer a palavras de registro mais antigo – “cheiro” tem cerca de quatro séculos de primazia sobre “aroma” na documentação da língua.⁶⁸⁵

Se “Aspiração” não contou com a consagração das antologias, que se dirá de “Embirração”, o poema-resposta de Faustino? Cláudio Murilo Leal disse de tais versos que “sinalizam, sem êxito, na direção da comicidade, mas de má qualidade”.⁶⁸⁶ Talvez seja interessante ver no poema de Faustino não uma brincadeira sem maiores consequências, mas, entre outras coisas, uma contribuição dele, juntamente com Machado (lembre-se que os poemas foram publicados juntos) para a tradição luso-brasileira dos poemas-resposta, dos versos em que a uma glosa segue-se a paródia, como presente nas obras de Bernardo Vieira Ravasco e na atribuída a Gregório de Matos.⁶⁸⁷ Embora não se saiba se a publicação conjunta dos poemas de Machado e Faustino foi previamente combinada, o fato é que, ao republicar “Embirração” num

⁶⁸³ BANDEIRA. O poeta, p. 13.

⁶⁸⁴ Cf. SCHEI. *A colocação pronominal do século XIX: a língua literária brasileira*, p. 63.

⁶⁸⁵ HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbetes “aroma”, “aspiração”, “aspirar” e “cheiro”.

⁶⁸⁶ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 49.

⁶⁸⁷ Cf. GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 111.

livro seu, *Crisálidas*, Machado acabou fazendo do poema do amigo português também, de certa forma, um poema seu. No decorrer de sua carreira literária, não hesitaria em usar do mesmo expediente de Faustino: “rebaixar” um discurso que prima pela emoção, pelo lirismo, mantendo-lhe até certas passagens – como no original – e, ao mesmo tempo, fazendo-o aludir a um outro contexto ou a uma outra preocupação, tidas geralmente como “vulgares” ou “menos universais”. Assim, se em “Aspiração” a busca por um ideal é substituída, na paródia, por uma antipatia pelo uso do verso alexandrino (algo “menor”, portanto), o *memento mori* e o sentimento da destruição causada pelo tempo, numa das peças mais famosas de William Shakespeare, são chistosamente substituídos pelo cronista d’“A semana”, em texto publicado em 1899 com o título “A cena do cemitério”, por considerações sobre a economia dum país, para usar a consagrada expressão de Roberto Schwarz, localizado na periferia do capitalismo. Vale a pena comparar um trecho dos dois textos, pois a aproximação entre eles retoma, *mutatis mutandis*, o que fizeram Machado e Faustino n’*O Futuro*. Em *Hamlet*, o príncipe da Dinamarca, tomando o crânio do bobo Yorick nas mãos, exclama:

Alas, poor Yorick! – I knew him, Horatio; a fellow of infinite jest, of most excellent fancy: he hath borne me on his back a thousand times; and now how abhorred in my imagination it is! my gorge rises at it. Here hung those lips that I have kissed I know not how oft. Where be your gibes now? your gambols? your songs? your flashes of merriment, that were wont to set the table on a roar? Not one now, to mock your own jeering? quite chap-fallen? [...] – Pr’ythee, Horatio, tell me one thing.
Hor[at]io. What’s that, my lord?⁶⁸⁸

Na crônica machadiana, o diálogo ocorre entre o cronista e o personagem Horácio, da peça de Shakespeare – isso no sonho do cronista, claro, pois na “realidade” a conversa é com José Rodrigues, seu criado. Diferentemente da cena de *Hamlet*, não toma nas mãos uma caveira, mas um título de crédito ao portador, uma debênture:

– *Alas, poor Yorick!* Eu o conheci, Horácio. Era um título magnífico. Estes buracos de olhos foram algarismos de brilhantes, safiras e opalas. Aqui, onde foi nariz, havia um promontório de marfim velho lavrado; eram de nácar estas faces, os dentes de ouro, as orelhas de granada e safira. Desta boca saíam as

⁶⁸⁸ SHAKESPEARE. *The Handy-Volume Shakspeare*, v. XI, p. 122. Tradução de Lawrence Flores Pereira: “Ai, céus, pobre Yorick. Eu o conheci, Horácio, um tipo cheio de chistes e de incomparável verve. Me carregou na garupa mais de mil vezes, e agora – me repulsa só de imaginar. Me dá náuseas. Aqui pendiam os lábios que eu beijei sei lá quantas vezes. E agora, onde estão tuas chacotas, tuas cambalhotas, onde as cantigas, teus lampejos de alegria que faziam os convivas cair na gargalhada? Não há mais ninguém pra zombar das tuas caretas? Ficou com o queixo solto! [...] Horácio, por favor, me diz uma coisa. / HORÁCIO O quê, senhor?” (SHAKESPEARE. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, p. 177). É difícil resistir a este comentário: “um tipo cheio de chistes e de incomparável verve” provavelmente serviria bem para definir o poeta satírico Faustino Xavier de Novais...

mais sublimes promessas em estilo alevantado e nobre. Onde estão agora as belas palavras de outro tempo? Prosa eloquente e fecunda, onde param os longos períodos, as frases galantes, a arte com que fazias ver a gente cavalos soberbos com ferraduras de prata e arreios de ouro? Onde os carros de cristal, as almofadas de cetim? Dize-me cá, Horácio.

– Meu senhor...⁶⁸⁹

Galhofa à parte, Faustino tinha sua razão para implicar com o alexandrino. “[V]erso-prosa” chamou-o, para diferenciar do “verso-verso” (versos 37 e 39), criando dois vocábulos de um modo muito similar ao de Machado, que na primeira versão de “Aspiração” escrevera as formas “fé-mãe” e “fé-santa” (verso 33). Teria Faustino implicado também com essas “liberdades” linguísticas? De toda forma, na versão definitiva de “Aspiração” (em *Crisálidas*), o hífen é suprimido. Caracteriza o alexandrino também como um verso “estiradinho”, extenso, necessitado de palavras grandes para completar o metro, e talvez tenha querido exatamente chamar a atenção para isso ao utilizar, no verso 43, um termo nada “poético”, um termo do campo da química, “clorofórmio”.

O que parece ter perturbado Faustino no alexandrino, destarte, além da sua exigência por mais “conteúdo”, o que vai de encontro a uma poesia que se quer satírica e faceciosa, seria, em poucas palavras, a incapacidade do verso para a música, seu caráter nada melodioso (cf. a estrofe 55-60 de “Embriração”). E é nesse ponto que parece ter-se equivocado o poeta portuense. Deve não se ter atentado, suficientemente, para o fato de que o alexandrino defendido e trabalhado por Machado e por seu compatriota Castilho era o alexandrino clássico, com cesura na sexta sílaba: “Não será fácil atinar com a rasão porque um verso mais espaçoso, que todos os outros, por consequencia, mais capaz de pensamento, e com uma *partição symetrica*, o que para o espirito de quem os faz, e para o agrado de quem os lê, é ainda uma vantagem, tem sido até hoje tão escassamente cultivada em nossa lingua”.⁶⁹⁰ Isso não impediria, portanto, que os versos alexandrinos se caracterizassem também pela musicalidade, ainda que não tão aparente como os versos curtos. Pelo menos uma composição de Machado em alexandrinos seria musicada: o poema “Coração triste falando ao sol” (da série “Lira chinesa”, de *Falenas*). Com música do compositor e pianista Alberto Nepomuceno, e sob o título abreviado “Coração triste”, a peça integra o álbum *Canções: canto e piano* (Rio de Janeiro; Porto: Vieira Machado; Moreira de Sá, fim do século XIX ou início do XX).⁶⁹¹

⁶⁸⁹ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 2, p. 612.

⁶⁹⁰ CASTILHO. *Tractado de metrificação portugueza*, p. 42, grifo nosso.

⁶⁹¹ Cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 59; WEHRS. *Machado de Assis e a magia da música*, p. 92. Wehrs reproduz, na íntegra, a partitura de “Coração triste” (p. 137-140). Por meio da partitura ou de interpretações da canção, como a da cantora Sandy (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASbxXOY4jSc>>. Acesso em: 14 jan. 2017), é possível perceber que as

Apesar de sua malquerença com o alexandrino (ou talvez por isso mesmo), Faustino viria a estimular certa “discussão poética” a respeito do uso desse verso. Luís Delfino, poeta brasileiro que, como Machado, beneficiou-se da convivência com a colônia lusa no Rio, publicou, no fascículo de n. III d’*O Futuro* – número subsequente ao que trouxe o par “Aspiração”/“Embirração” –, um longo poema intitulado “O verso alexandrino” (composto por 132 versos, todos de doze sílabas), com dedicatória ao editor da revista, seguido da nota: “Estes versos foram originados da satyra *a embirração*, do meu amigo o Snr. F. X. de Novaes. A primeira estancia refere-se á poesia – *Aspiração* –, do Snr. Machado de Assis, publicada no 2.º numero do FUTURO.”⁶⁹² Não obstante faça certa objeção à necessidade do metro de doze sílabas na literatura de expressão portuguesa –

Para um povo de anões, talvez, és tu gigante!
 Para que vens radioso, ó novo e bello Athlante,
 Se os largos hombros teus não têm que carregar?!
 O Luiz de Camões não te ensaiou ao menos!
 Dante pôde metter em versos mais pequenos
 O inferno, o purgatório, o céu, a terra, e o mar!⁶⁹³

–, Luís Delfino conclui sua composição saudando o metro longo, o “bello alexandrino”, depois de perceber, com o exemplo da “Embirração” de Faustino, que tal metro pode abrigar até “[a] satyra soberba e irriquieta a rugir!” Dirigindo-se à “satyra lethal”, deseja-lhe que, “atada ao verso alexandrino....”, possa “[b]ramar.... rugir.... morder.... que seja o teu destino; / Que, em paga aos teus desdêns, te faça elle immortal!”⁶⁹⁴ Não estava completamente errado o poeta de Desterro, se considerarmos que o nome de Faustino Xavier de Novais se mantém vivo, nos estudos literários brasileiros, em boa parte graças à convivência que teve com Machado de Assis.

linhas melódicas em que se divide a parte da voz seguem a “partição simétrica” dos versos do poema, não o metro inteiro do alexandrino.

⁶⁹² DELFINO. O verso alexandrino. In: O FUTURO, n. III, p. 106.

⁶⁹³ DELFINO. O verso alexandrino. In: O FUTURO, n. III, p. 104.

⁶⁹⁴ DELFINO. O verso alexandrino. In: O FUTURO, n. III, p. 106.

4.2.2 “A estrela do poeta”

Anotaram-se as variantes presentes na primeira edição de *Crisálidas* (1864; doravante CRIS) e na que representa a última vontade de Machado de Assis (ou seja, a que integra as *Poesias completas*, 1901; doravante PC). Galante de Sousa não dá notícia de outras transcrições desse poema em vida do autor.⁶⁹⁵

A estrela do poeta⁶⁹⁶

Ouvre ton aile et pars.
TH. GAUTIER⁶⁹⁷

- Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto⁶⁹⁸
E verte o último pranto
Por todo o vasto espaço.
- 5 Tíbio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Debruça-se alva aurora.⁶⁹⁹
- 10 À muda e torva irmã⁷⁰⁰
Dormida de cansaço⁷⁰¹
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.
- 15 Uma por uma⁷⁰² vão
As pálidas estrelas,⁷⁰³
E vão, e vão com elas
Teus sonhos, coração.

⁶⁹⁵ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 363.

⁶⁹⁶ **A estrela do poeta**] STELLA – em CRIS e PC; naquele, logo abaixo do título, há indicação do ano de composição, “(1862)”.

⁶⁹⁷ Edição utilizada no estabelecimento de texto da epígrafe: GAUTIER. *Poésies complètes*, p. 108. “Abre tuas asas e parte...” – tradução proposta por Rutzkaya Queiroz dos Reis (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 38). A epígrafe é mantida em CRIS – seguida de um pontilhado, para indicar transcrição parcial do verso – e suprimida em PC.

⁶⁹⁸ manto] manto, - em CRIS e PC.

⁶⁹⁹ Debruça-se alva aurora.] Vem debruçar-se a aurora. – em CRIS e PC.

⁷⁰⁰ irmã] irmã, - em CRIS e PC.

⁷⁰¹ cansaço] cansaço, - em CRIS e PC.

⁷⁰² uma] uma, - em CRIS e PC.

⁷⁰³ estrelas,] estrelas. – em PC.

E a ti,⁷⁰⁴ que o devaneio
 Inspiras do poeta⁷⁰⁵
 A vaga azul e inquieta
 20 Abre-te o úmido seio.⁷⁰⁶

Descoras, astro amigo,
 Águas do mar, tomai-a,
 A estrela que desmaia
 E volta ao sono antigo.

25 Vai, loura enamorada,
 Viver de uma outra vida,
 Na vaga adormecida,
 Da brisa acalentada.⁷⁰⁷

A virgem da manhã
 30 Já todo o céu domina...
 Espero-te, divina,
 Espero-te, amanhã.

MACHADO DE ASSIS

[*O Futuro*, n. VI, p. 190, 1º dez. 1862]

Ao que parece, os versos de “Stella” não foram ainda antologizados, mas não se deve deduzir daí que tenha havido indiferença da crítica para com a peça, incluída pelo próprio autor em seu cânone poético. Em meados do século XX, o pesquisador americano Benjamin Mather Woodbridge, Jr., que há alguns anos defendera, em Harvard, a primeira tese sobre Machado de Assis escrita em inglês, dedicou a “Stella” um estudo exemplar, publicado na revista *Anhembi*, de São Paulo. “Mestre Machado revê uma poesia” talvez seja o primeiro texto dedicado inteiramente ao poema que Machado publicou n’*O Futuro* sob o título “A estrela do poeta”, e sua ausência nos estudos acadêmicos atuais parece indicar a necessidade de uma reedição. Nesse estudo, embora conclua Woodbridge, Jr., que o referido poema não é uma obra-prima – ficaria aquém, por exemplo, do que Antero de Quental conseguiu com os versos de “Hino da

⁷⁰⁴ E a ti,] Mas tu, – em CRIS e PC.

⁷⁰⁵ poeta] poeta, - em CRIS e PC.

⁷⁰⁶ A vaga azul e inquieta / Abre-te o úmido seio.] Não vês que a vaga inquieta / Abre-te o úmido seio? – em CRIS e PC.

⁷⁰⁷ Descoras, astro amigo, / Águas do mar, tomai-a, / A estrela que desmaia / E volta ao sono antigo. // Vai, loura enamorada, / Viver de uma outra vida, / Na vaga adormecida, / Da brisa acalentada.] Vai. Radioso e ardente, / Em breve o astro do dia, / Rompendo a névoa fria, / Virá do roxo oriente. // Dos íntimos sonhos / Que a noite protegera, / De tanto que eu vertera / Em lágrimas a pares, // Do amor silencioso, / Místico, doce, puro, / Dos sonhos de futuro, / Da paz, do etéreo gozo, // De tudo nos desperta / Luz de importuno dia; / Do amor que tanto a enchia / Minha alma está deserta. – em CRIS. Também assim em PC, apenas com alteração na pontuação de um verso – “De tanto que eu vertera”, que ganha uma vírgula ao final.

manhã”, também inspirados na imagem da madrugada – e aponte alguns senões, “expressões cansadas” e “têrmos estafados” como “húmido seio” e “astro do dia”, reconhece que é uma peça de interesse para o estudo da criação artística em Machado.⁷⁰⁸

Agripino Grieco, no final da década de 1960, sem fazer quaisquer restrições ao poema, viria a comparar o ritmo da composição ao das elaboradas, também no Oitocentos, pelo italiano Alessandro Manzoni, afirmando ser surpreendente como tão jovem, e “aqui do Brasil”, acompanhava Machado “tôdas essas coisas”.⁷⁰⁹ A observação de Grieco é interessante, e talvez mereça ser mais bem examinada num estudo da presença italiana em Machado de Assis, mas é preciso lembrar que a sextilha conta com uma tradição em língua portuguesa (já considerando o padrão de acentuação dominante em “Stella”: acento na segunda, quarta e sexta sílabas): está presente em Camões, Sá de Miranda e outros poetas, “admiradores e imitadores da versificação italiana”, em associação com o decassílabo, condição em que é conhecido como decassílabo quebrado – Machado fez uso dessa combinação num dos poemas d’*O Futuro*, “O acordar da Polônia” – e foi trabalhado como verso emancipado por alguns dos poetas românticos de Brasil e Portugal, como Castro Alves e João de Deus.⁷¹⁰

Outra aproximação elogiosa seria feita no século XXI, por Cláudio Murilo Leal. Segundo o pesquisador, “Stella” “pode ser entendido como o depoimento da interação do poeta com o cosmo, inaugurando uma vertente que será aprofundada, com maior complexidade, por Carlos Drummond de Andrade em poemas como ‘A máquina do mundo’”.⁷¹¹ No que concerne ao poeta Machado de Assis, ainda segundo Leal, “Stella” demonstraria fartamente suas “qualidades líricas e emotivas”, qualidades não devidamente apontadas por alguns críticos, como Lúcia Miguel Pereira, para quem o autor de *Crisálidas* em tempo nenhum conheceu o “verdadeiro estado de graça poético”.⁷¹²

Com efeito, o lirismo e a presença de imagens que Cláudio Murilo Leal define como “grandioso espetáculo das esferas celestes”⁷¹³ são características marcantes da composição, mas o que talvez chame mais a atenção na peça, pelo menos num primeiro momento, seja a série de alterações que ela sofreu em quase quarenta anos, desde a composição (1862) até à publicação

⁷⁰⁸ WOODBRIDGE, JR. Mestre Machado revê uma poesia, p. 248.

⁷⁰⁹ GRIECO. *Viagem em torno a Machado de Assis*, p. 16. Curiosamente, um crítico de primeira hora, Manuel Antônio Major, reclamaria justamente do “pauperismo de ritmos” de “Stella”... [MACHADO. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor), p. 62].

⁷¹⁰ ALI. *Versificação portuguesa*, p. 63-64. Adaptou-se a nomenclatura de Said Ali àquela disseminada por Antônio Feliciano de Castilho.

⁷¹¹ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 77.

⁷¹² LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 76; PEREIRA. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 127.

⁷¹³ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 77.

da versão definitiva (1901), a começar pelo título, modificado já em 1864, passando pela epígrafe, suprimida no início do século XX – terá o autor então estranhado a relação entre estrelas que partem e asas abertas para voar? –, passando também pela troca de duas estrofes da versão original por quatro novas estâncias, além, claro, de pequenas, mas significativas, alterações na redação de alguns versos. Sobre as constantes revisões feitas por Machado em sua obra, escreveu Eugênio Gomes:

Tratando-se de um escritor para quem o artesanato literário não era um simples entretenimento de virtuosismo verbal, e sim, o labor penoso, mas atraente, que leva à perfeição, não deixa de ser interessante fixar, em Machado de Assis, o revisor de sua própria obra. Basta um simples confronto entre duas edições de suas obras para que o vejamos por assim dizer nessa atitude, curvado sobre a banca, a emendar e retocar os seus textos, no afã beneditino de aperfeiçoamento artístico.⁷¹⁴

Se as revisões foram feitas numa peça que Machado não rejeitou, isto é, não quis ver excluída de sua obra, então são de fato relevantes, merecem ser examinadas, e aliás muitas delas o foram, no estudo mencionado de Woodbridge, Jr. Como ressalta esse pesquisador, a consideração das variantes é “um caminho de penetração no espírito do artista”.⁷¹⁵ Evidentemente – o pesquisador americano reconhece-o –, nem sempre é fácil ou possível ser objetivo nesse estudo. O que terá levado o poeta a preservar uma imagem e a eliminar outra? O pesquisador de Berkeley aponta, por exemplo, a expressão “alva aurora” (v. 8), presente n’*O Futuro* e eliminada nas edições em livros com a reelaboração do verso: teria Machado sentido que tinha aí um lugar-comum? Ou sua intenção ao modificar o verso foi nele introduzir “uma imagem de movimento”, notável em “Vem debruçar-se a aurora”, mas ausente em “Debruça-se alva aurora”? Se o propósito foi excluir os chavões da peça, por que permaneceu um termo de “fraca sugestão imagista” como “roxo oriente”?⁷¹⁶

Com a necessária compreensão das dificuldades trazidas por um exame de variantes textuais – a tal exame subjaz a questão da intenção em literatura, um debate por vezes agitado e caloroso⁷¹⁷ – e sem desconsiderar o papel do leitor na interpretação, são destacadas aqui duas modificações em “A estrela do poeta”. Essas alterações podem, em maior ou menor medida, estar ligadas à presença portuguesa na vida e na obra de Machado de Assis ou, pelo menos, ao espaço que *O Futuro* deu a esse autor para o exercício da crítica literária.

⁷¹⁴ GOMES. As correções de Machado de Assis, p. 103.

⁷¹⁵ WOODBRIDGE, JR. Mestre Machado revê uma poesia, p. 248.

⁷¹⁶ WOODBRIDGE, JR. Mestre Machado revê uma poesia, p. 247-248.

⁷¹⁷ Cf. COMPAGNON. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, p. 48.

Inicialmente vale pensar na troca do título, que deixou de ser expresso em português para sê-lo em latim. Cláudio Murilo Leal, em sua leitura entusiástica do poema, talvez levado pelo intuito de valorizar “[a]s distâncias que envolvem o poeta na contemplação da amplitude do universo”, numa tentativa de encontrar no poema uma expressão explícita da “desproporção entre o humano e o universo”, acaba por se equivocar, referindo-se ao título original de “Stella” como “A estrela e o poeta”.⁷¹⁸ Não há essa “polarização” no título – para ficar também com uma palavra de Leal –, pelo menos não de forma tão explícita, como quer o estudioso. O “do poeta” do título original é um qualificativo, pode simplesmente querer chamar a atenção para o fato de que ali o essencial não é a astronomia propriamente dita, a física, mas a estrela como entendida pelos poetas, ou seja, como evocatória de algo transcendente, metafísico, talvez os sonhos (as fantasias?), que, como as estrelas, aparecem, “têm vida”, à noite (cintilam nas “horas vivas”, para retomar outra imagem poética de Machado),⁷¹⁹ mas desaparecem, evanescem-se com a chegada de Vênus, da “virgem da manhã” (da realidade? e, com ela, da “vida” e suas injustiças?) Seria, porém, necessário esse qualificativo, “do poeta”, se em poesia lírica tudo é, de certa forma, ou pode ser, metafórico? Talvez seja em virtude dessa percepção que Machado realizou a alteração no título. Mas por que substituir a palavra em português por aquela que é a origem etimológica do termo vernáculo? Teria querido somar ao título uma sugestão feminina, “Estela”, nome que na década seguinte daria a uma personagem de romance?⁷²⁰ Ou a busca por uma reminiscência clássica teria falado mais alto?

Título latino, é certo, não foi exceção na obra de Machado de Assis. Não se fez um levantamento exaustivo, mas tampouco parece arriscado dizer que, depois da portuguesa, foi a latina a língua mais utilizada pelo escritor fluminense para intitular suas composições. Ele não chegou, seguramente, a escrever nessa língua, mas, ao que parece, fez questão de que vários de seus textos fossem conhecidos por palavras, expressões e até frases em latim. Na poesia, sem sair de *Crisálidas* (1864), cabe mencionar, além de “Stella”, “Musa consolatrix” e “Visio”. Ainda na poesia, podem ser lembrados os versos de “Consummatum est!” (1856), “Ite, missa est” (*Falenas*, 1870), “Charitas” (1876) e “Suave mari magno” (*Ocidentais*, em *Poesias completas*, 1901); na prosa de ficção, mencionam-se os contos “Virginius – narrativa de um advogado” (1864) e “Ex cathedra” (*Histórias sem data*, 1884) e os capítulos de romance “Latet anguis” e “Ex abrupto”, d’*A mão e a luva* (cap. IV e XIV), “Compelle intrare” de *Memórias póstumas...* (cap. CXX) e “Teste David cum Sibylla”, de *Esau e Jacob* (cap. XV). Isso, para

⁷¹⁸ LEAL. *O círculo vicioso: a poesia de Machado de Assis*, p. 78.

⁷¹⁹ Está no poema intitulado, justamente, “Horas vivas” (ASSIS. *Chrysalidas: poesias*, p. 101).

⁷²⁰ Cf. PATI. *Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens*, p. 257-258.

não citar os tantos textos, em verso e em prosa, que, sem título latino, dialogam com a literatura e com a cultura da Roma antiga; segundo o pesquisador Brunno Vieira, alguns poemas de Machado têm mesmo uma “roupagem romana”, como, em *Crisálidas*, “Os arlequins”, com sua “série de símiles cesáreos”, e os “Versos a Corina”, que compartilham com as elegias dos *Amores*, de Ovídio, traduzidas por Antônio Feliciano de Castilho e divulgadas no Brasil pelo irmão, José Feliciano, “traços de tema, estilo e forma”.⁷²¹

A menção aos irmãos Castilho é, aliás, obrigatória, quer no estudo do diálogo de Machado com a literatura clássica – uma vez que foi por meio de Antônio e José Feliciano que o brasileiro entrou em contato com obras fundamentais das literaturas grega e romana, ainda que também se tenha valido de traduções francesas –, quer na compreensão do uso frequente que fazia esse escritor de referências e títulos latinos em sua obra. Novamente, quem ajuda na reflexão é Brunno Vieira. O professor da Universidade Estadual Paulista, referindo-se ao tom classicizante presente em poemas de *Crisálidas*, defende que, “[m]ais do que erudição vã”, trata-se de uma característica “condizente com o prestígio que a Literatura Clássica gozava na segunda metade do século XIX”.⁷²² Havia, então, um grande interesse do Estado pelos saberes clássicos. D. Pedro II, adepto de um neoclassicismo tardio e apreciador da convivência intelectual, tinha boas relações com José e Antônio Feliciano, o que veio, entre outras coisas, a facilitar a publicação, no Brasil, de obras de Ovídio preparadas pelos Castilhos (*Amores*, 1858; *Arte de amar*, 1862 – ambas traduzidas por Antônio e dotadas de comentários por José Feliciano).⁷²³ Vigorava então no Brasil, nas palavras de Brunno Vieira, “uma superestrutura extremamente sedutora aos escritores do período. À parte o valor intrínseco da milenar cultura clássica, ela facultava condições de diálogo e aproximação entre gerações com nacionalidade e formação distintas”.⁷²⁴ Foi nesse contexto, em que escritores portugueses se destacaram – de forma especial Castilho José, que, radicado no Brasil desde 1847, aqui atuou como divulgador das produções de Castilho Antônio – que se aprimorou o conhecimento de Machado das línguas e das literaturas clássicas, um saber e uma afinidade que perpassam por toda a sua obra.

Outra alteração em “Stella” pode estar relacionada, se não com a presença portuguesa na cena literária brasileira, com um aspecto observado pelo crítico Machado de Assis em crônica d’*O Futuro*. Em sua primeira colaboração nessa revista luso-brasileira, ele havia apontado um senão em romance de José de Alencar, relacionado à necessidade de uma

⁷²¹ VIEIRA. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis, p. 129.

⁷²² VIEIRA. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis, p. 129.

⁷²³ VIEIRA. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis, p.127. Cf., também, MACHADO. *A vida literária durante o romantismo*, p. 109 et seq.

⁷²⁴ VIEIRA. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis, p. 130.

construção mais elaborada do personagem Molina, cujo comportamento na trama não seria o esperado de um jesuíta qualquer. José de Alencar, de certa forma, responderia ao jovem crítico quando, na publicação da versão definitiva d'*As minas de prata*, insere seis capítulos até então inéditos, destinados a explicitar as origens de Molina.⁷²⁵ Em “A estrela do poeta”/“Stella” parece ter ocorrido algo semelhante. Nesse poema, a substituição de duas estrofes da versão original (v. 21-24 e 25-28) por quatro novas não serviu para alterar a elaboração originalmente dada à imagem da alvorada; antes, como bem observou Benjamin Woodbridge, Jr.,

reforçou a concepção primitiva [...]. Na primeira forma [n'*O Futuro*] só aparece o gôsto pela estrêla da noite; na outra [em *Crisálidas*] sentimos também a força que destrói esse encanto. A saudade da estrela na estrofe final se tona assim mais pungente e mais dramática. Machado conseguiu revigorar sua composição sem lhe trair o sentido íntimo.⁷²⁶

Esse parece ser um dos casos em que, criticando a obra alheia, pôde Machado refletir também sobre suas próprias composições.

4.2.3 “Fascinação”

Esta edição não registra variantes. Em 1870, como informa Galante de Sousa, o poema foi transcrito no *Anuário Ilustrado Brasileiro*; infelizmente, não tivemos acesso a tal publicação. É bastante provável que a transcrição no anuário não apresente alterações – pelo menos, não alterações relevantes –, já que nenhuma informação a respeito é dada por Galante. Também é possível que tenha sido feita sem o conhecimento do autor.⁷²⁷

FASCINAÇÃO

*Tes lèvres, sans parler, me disaient : « Que je t'aime ! »
Et ma bouche muette ajoutait : « Je te crois ! »*

⁷²⁵ Cf. O FUTURO, n. I, p. 38; PERES. *As minas e a agulheta: romance e história em As minas de prata*, de José de Alencar, p. 33-64.

⁷²⁶ WOODBRIDGE, JR. Mestre Machado revê uma poesia, p. 247-248

⁷²⁷ Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 13 e 365.

MME. DESBORDES-VALMORE⁷²⁸

A vez primeira que te ouvi dos lábios
 Uma singela e doce confissão,
 E que travadas nossas mãos, eu pude
 Ouvir bater teu casto coração,

5 Menos senti do que senti na hora
 Em que, humilde – curvado ao teu poder,
 Minha ventura e minha desventura
 Pude, senhora, nos teus olhos ler.

Então, como por vínculo secreto,
 10 Tanto no teu amor me confundi,
 Que um sono puro me tomou da vida
 E ao teu olhar, senhora, adormeci.

É que os olhos, melhor que os lábios, falam:
 Verbo sem som, à alma que é de luz
 15 – Ante a fraqueza da palavra humana –
 O que há de mais divino o olhar traduz.

Por ti, nessa união íntima e santa,
 Como a um toque de graça do Senhor,
 Ergui minh'alma que dormiu nas trevas,
 20 E me sagrei na luz do teu amor.

Quando a tua voz puríssima – dos lábios,
 De teus lábios já trêmulos correu,
 Foi alcançar-me o espírito encantado
 Que abrindo as asas demandara o céu.

25 De tanta embriaguez, de tanto sonho
 Que nos resta? Que vida nos ficou?
 Uma triste e vivíssima saudade...
 Essa ao menos o tempo a não levou.

Mas, se é certo que a baça mão da morte
 30 A outra vida melhor nos levará,
 Em Deus, minh'alma adormeceu contigo,
 Em Deus, contigo um dia acordará.

MACHADO DE ASSIS

[*O Futuro*, n. VIII, p. 263, 1º jan. 1863]

⁷²⁸ Edição usada para estabelecimento do texto da epígrafe: DESBORDES-VALMORE. Le billet, p. 226. “Teus lábios, sem falar, me diziam: – Eu te amo! / E minha boca muda acrescentava: eu creio em ti!” – tradução proposta por Rutzkaya Queiroz dos Reis (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 488).

Seguramente, dos poemas d’*O Futuro* é esse o que menos atenção recebeu da crítica, muito provavelmente em razão de nunca ter sido incluído pelo autor em seus livros de poesia. É difícil estabelecer o motivo de o poeta não ter enfeixado em *Crisálidas* essa peça de lirismo amoroso, que lembra ainda que vagamente Camões em alguns momentos, como no uso do decassílabo e no tratamento da mulher como “senhora”. No plano formal, essa peça se aproxima de outras estampadas n’*O Futuro*, que também adotam o padrão de quadras de decassílabos com rima XAXA, como “Desejos”, de Muniz Maia, e “Perdão!”, de J. de B. Pinto (pseudônimo de Faustino).

4.2.4 “O acordar da Polônia”

Galante de Sousa registra duas transcrições do poema em vida do autor: uma na primeira edição de *Crisálidas* (1864; doravante CRIS) e outra na edição reformulada em 1901 (em *Poesias completas*; doravante PC).⁷²⁹ São essas as edições aqui consideradas no registro de variantes.

O acordar da Polônia⁷³⁰

E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo⁷³¹ e
a nação ressuscitará.

MICKIEWICZ – *Livro da nação polaca*⁷³²

Rompe o sudário, Lázaro dos povos!⁷³³

Como aurora de um dia desejado⁷³⁴

Clarão suave o horizonte inunda.

É, talvez, amanhã; a⁷³⁵ noite amarga

5 Como que chega ao termo; e o sol dos livres⁷³⁶

⁷²⁹ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 369.

⁷³⁰ **O acordar da Polônia**] **POLÔNIA** – em CRIS e PC; naquele, logo abaixo do título, há indicação do ano “(1862)”.

⁷³¹ corpo] corpo, - em CRIS e PC.

⁷³² MICKIEWICZ – *Livro da nação polaca*] MICKIEWICZ – em PC.

⁷³³ Verso eliminado em CRIS e em PC.

⁷³⁴ desejado] desejado, – em CRIS e PC.

⁷³⁵ É, talvez, amanhã; a] É talvez amanhã. A – em CRIS e PC. A edição crítica das poesias de Machado de Assis interpreta “amanhã” como “a manhã” (ASSIS. *Poesias completas*, p. 142 – v. 7 das “Edições críticas de obras de Machado de Assis”).

⁷³⁶ livres] livres, – em CRIS e PC.

Cansado de te ouvir o inútil pranto⁷³⁷
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

- 10 Eras livre, tão⁷³⁸ livre como as águas
Do teu formoso, celebrado rio;*⁷³⁹
A coroa dos tempos
Cingia-te a cabeça veneranda,⁷⁴⁰
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
15 À porta de⁷⁴¹ teus lares vigiava.
- Eras feliz demais, demais formosa;
A cobiça dos reis no olhar cioso⁷⁴²
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
20 Em face dos canhões espavorida
Aos reis abandonou teu chão sagrado;
Sobre ti moribunda⁷⁴³
Viste cair os feros opressores...⁷⁴⁴
Tal a gazela que percorre os campos,
25 Se o ígneo raio⁷⁴⁵ a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.
- 30 Presa uma vez da ira dos tiranos,⁷⁴⁶
Os membros retalhou-te
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus – escravos –
35 Viram descer um véu de luto à pátria
E apagar-se na história a glória tua.
- A glória, não! – É glória o cativo⁷⁴⁷
Quando a cativa, como tu, não perde
A aliança de Deus, a fé que alenta,
40 É⁷⁴⁸ essa união universal e muda

⁷³⁷ pranto] pranto, – em CRIS e PC.

⁷³⁸ tão] – tão – em CRIS e PC.

⁷³⁹ rio;] rio, - em PC. Nas edições em livro, não há nesse verso chamada para nota de rodapé.

⁷⁴⁰ veneranda,] veneranda; – em CRIS e PC.

⁷⁴¹ de] dos – em CRIS e PC.

⁷⁴² A cobiça dos reis no olhar cioso] A sanhuda cobiça dos tiranos – em CRIS e PC.

⁷⁴³ ti moribunda] ti, moribunda, – em CRIS e PC.

⁷⁴⁴ feros opressores...] duros opressores: – em CRIS e PC.

⁷⁴⁵ ígneo raio] caçador – em CRIS e PC.

⁷⁴⁶ Em PC, esse verso não inicia nova estrofe, dá continuidade à iniciada pelo verso 16.

⁷⁴⁷ cativo] cativo, – em PC.

⁷⁴⁸ É] E – em CRIS e PC.

Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.

Um dia, quando o cálix da amargura,
 Mártir, até às fezes esgotaste,
 Longo tremor correu as fibras tuas;
 45 Em teu ventre de mãe, a liberdade,⁷⁴⁹
 Pareceu-te⁷⁵⁰ soltar esse vagido
 Que faz rever o céu no olhar materno;
 Teu coração estremeceu; teus lábios
 Trêmulos de ansiedade e de esperança,
 50 Buscaram aspirar a longos tragos
 A vida nova nas celestes auras.
 Então surgiu Kosciusko⁷⁵¹
 Pela mão do Senhor vinha tocado,⁷⁵²
 A fé no coração, a espada em punho,
 55 E na ponta da espada a torva morte,
 Chamou aos campos a nação polaca.⁷⁵³
 De novo entre o direito e a força bruta
 Empenhou-se o duelo atroz e infausto
 Que a triste humanidade
 60 Inda verá por séculos futuros.
 Foi longa a luta; os homens⁷⁵⁴ dessa terra
 Ah! não pouparam nem valor nem sangue!
 A mãe via partir sem pranto os filhos,
 A irmã o irmão, a esposa o esposo,
 65 E todas abençoavam
 A heroica legião que ia à conquista
 Do grande livramento.

Coube às hostes da força
 Da pugna o alto prêmio;
 70 A opressão jubilosa
 Cantou essa vitória de ignomínia;
 E de novo, ó cativa, o véu de luto
 Correu sobre o teu rosto! Deus continha⁷⁵⁵
 Em suas mãos o sol da liberdade,
 75 E inda não quis que nesse dia infausto
 Teu macerado corpo alumiasse.

⁷⁴⁹ liberdade,] liberdade – em CRIS.

⁷⁵⁰ Pareceu-te] Parecia – em CRIS e PC.

⁷⁵¹ Kosciusko] Kosciusko; – em CRIS e PC. “Kościszko” é a grafia polonesa, mas a forma “Kosciusko”, usada n’*O Futuro*, em CRIS e em PC e preservada nesta edição, é usual em português.

⁷⁵² tocado,] tocado; – em CRIS e PC.

⁷⁵³ polaca.] caída. – em CRIS e PC.

⁷⁵⁴ homens] filhos – em CRIS e PC.

⁷⁵⁵ Esse verso aparece em CRIS e em PC disposto em duas linhas:

Correu sobre o teu rosto!

Deus continha

Edições recentes do poema (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 43; ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 392; ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 58), equivocadamente, dão à parte deslocada desse verso – “Deus continha” – o mesmo tratamento gráfico (disposição na linha) dispensado aos hexassílabos.

Atada ao poste ignóbil
 Da servidão, do escárnio moscovita,
 Mais duma vez tentaste,
 80 Polônia, espedaçar tuas cadeias!⁷⁵⁶

Resignada à dor e ao infortúnio,
 A mesma fé, o mesmo amor ardente
 Davam-te a antiga força.
 Triste viúva, o templo abriu-te as portas⁷⁵⁷
 85 Foi a hora dos hinos e das preces; **⁷⁵⁸
 Cantaste a Deus; tua alma consolada
 Nas asas da oração aos céus subia⁷⁵⁹
 Como a refugir-se⁷⁶⁰ e a refazer-se
 No seio do infinito.
 90 E quando a força do feroz cossaco
 À⁷⁶¹ casa do Senhor ia buscar-te,
 Era ainda rezando
 Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! – é longo o teu martírio;
 95 A tua dor pede vingança e termo;
 Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
 É propícia esta hora. O sol dos livres
 Como que surge no dourado Oriente.

Não ama a liberdade⁷⁶²
 100 Quem não sente contigo as dores tuas,⁷⁶³
 E como tu, não vota um ódio eterno
 Ao nefando poder das águias russas;⁷⁶⁴
 E não pede, e não ama, e não deseja
 Tua ressurreição, finada heroica;⁷⁶⁵
 105 Nem ver ainda entre as nações do globo
 O nome e a glória da nação polaca.⁷⁶⁶

Março 1863⁷⁶⁷

MACHADO DE ASSIS

⁷⁵⁶ Essa estrofe (77-80) foi eliminada em CRIS e PC.

⁷⁵⁷ portas] portas; - em CRIS e PC.

⁷⁵⁸ Sem chamada de nota de rodapé nas edições em livro.

⁷⁵⁹ subia] subia, – em CRIS e PC.

⁷⁶⁰ refugir-se] refugiar-se – em CRIS e PC.

⁷⁶¹ À] A – em PC.

⁷⁶² Em PC, esse verso não inicia nova estrofe, dá continuidade à iniciada pelo verso 94.

⁷⁶³ sente contigo as dores tuas,] chora contigo as dores tuas; - em CRIS e PC.

⁷⁶⁴ Os versos 101 e 102 foram eliminados em CRIS e em PC.

⁷⁶⁵ heroica;] heroica! – em CRIS e PC.

⁷⁶⁶ Os versos 105 e 106 foram eliminados em CRIS e PC.

⁷⁶⁷ Essa datação aparece apenas na publicação original (*O Futuro*), não nas edições em livro.

[Notas de Machado de Assis]⁷⁶⁸

* O Niémen.⁷⁶⁹ Entre outras peças poéticas que falam do Niémen, há um soneto do poeta de que tomei a epígrafe, a respeito do qual diz Cristiano Ostrowski:⁷⁷⁰ “Há nesta página uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido eslavo; foi posto⁷⁷¹ em música pelo célebre Kurpiński. Assim consagrado, o soneto do Niémen correu toda a Polônia, e só deixará de viver quando as águas do rio de que fala cessarem de correr.”⁷⁷²

** Alude às cenas de Varsóvia, em 1861,⁷⁷³ em que esse⁷⁷⁴ admirável povo ia aos templos cantar ladainhas sobre a música dos hinos nacionais, a despeito da invasão de tropa⁷⁷⁵ armada nas igrejas. É sabido que por esse motivo se fecharam os templos.

[*O Futuro*, n. XIII, p. 425-428, 15 mar. 1863]

A peça “O acordar da Polônia”, estampada em fascículo d’*O Futuro* de 1863, teria, já no ano seguinte, editada em livro, seu título simplificado, com a conservação apenas do topônimo – uma alteração pequena, mas interessante: desde então, toda a carga poética do título passou a se concentrar no nome do país. Machado deve ter concluído que “Polônia” já seria nome suficientemente expressivo para o poema, com sua capacidade de trazer à memória uma terra “infeliz”, “país das subjugações sangrentas e história desventurada”, como à Polônia se referiria, no século seguinte, um escritor austríaco.⁷⁷⁶ Em seu artigo sobre a presença polonesa na poesia de Machado de Assis, Edgar Knowlton, Jr., menciona o parecer de Samuel Putnam, segundo o qual Machado de Assis pertence ao mundo, não só ao Brasil.⁷⁷⁷ Sem negar a afirmação do importante tradutor americano, vale lembrar que, no tocante a uma simpatia pela nação polonesa, então “espezinhada pelo imperialismo russo”, Machado esteve longe de ser exceção no Brasil.⁷⁷⁸ Também dedicaram versos à desfavorável situação histórica do país o jovem Joaquim Nabuco (“O gigante da Polônia”) e Pedro Luís Pereira de Sousa (“Os voluntários da morte”); Raimundo Magalhães Júnior chega a afirmar que, naquele momento,

⁷⁶⁸ N’*O Futuro*, as notas a seguir apresentadas apareceram em rodapé – com as chamadas “(1)” e “(*)”, respectivamente; em CRIS, tornaram-se notas de fim. Em PC, tais notas foram eliminadas.

⁷⁶⁹ O Niémen.] O rio a que aludem os versos é o Niémen. É um dos rios mais cantados pelos poetas polacos. – em CRIS.

⁷⁷⁰ Entre outras peças poéticas que falam do Niémen, há um soneto do poeta de que tomei a epígrafe, a respeito do qual diz Cristiano Ostrowski:] Há um soneto de Mickiewicz ao Niémen, que me agradou muito, apesar da prosa francesa em que o li, e do qual escreve um crítico polaco: – em CRIS.

⁷⁷¹ posto] posta – em CRIS.

⁷⁷² as águas do rio de que fala cessarem de correr.”] deixarem de correr as águas daquele rio.” – em CRIS.

⁷⁷³ de Varsóvia, em 1861,] da Varsóvia, - em CRIS.

⁷⁷⁴ esse] este – em CRIS.

⁷⁷⁵ de tropa] da tropa – em CRIS.

⁷⁷⁶ PAHLEN. *História universal da música*, p. 177.

⁷⁷⁷ KNOWLTON, JR. Mickiewicz and Brazil’s Machado de Assis, p. 46.

⁷⁷⁸ O trecho entre aspas é de Magalhães Júnior (*Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 372).

compor versos ou escrever artigos sobre a Polônia “[e]ra moda [...] entre os intelectuais liberais”.⁷⁷⁹

Embora a contextualização apresentada por Magalhães Júnior ajude a compreender o quanto a poesia brasileira do período estava aberta às questões internacionais, convém tomar o cuidado de não confundir “moda” com “modismo”. Seria talvez injusto pensar que não houve, por parte de nossos poetas, uma comoção verdadeira ante a nação que, sob o domínio da Rússia, enfrentava problemas sérios, como instabilidade política e grande número de emigrantes.⁷⁸⁰ Sobre Machado de Assis, pode-se afirmar, com Knowlton, Jr., que, conquanto seu conhecimento da Polônia e da literatura polonesa tenha sido provavelmente intermediado pelas letras francesas, sua simpatia por aquela nação, chorosa da liberdade perdida, foi sincera.⁷⁸¹ Demonstrar-lo-ia em sua obra poética não somente com os versos de “O acordar da Polônia”, mas também com a tradução “Alpujarra”, publicada no mesmo ano no *Jornal das Famílias* e incluída em *Crisálidas* (1864). Em “Alpujarra”, Machado dava expressão em língua portuguesa a Adam Mickiewicz, o autor da balada “Alpuhara” (*Konrad Wallenrod*, 1828); a escolha desse autor, o poeta nacional da Polônia, falecido em meados da década de 1850, não poderia ser mais pertinente: Mickiewicz é compreendido entre os poetas cuja sensibilidade, sempre “aberta a todos os cenários e culturas”, não os faz perder “o lirismo da terra e o calor de sua gente” – qual Camões, no caso português.⁷⁸² A melhor demonstração da solicitude machadiana para com a causa polonesa, entretanto, está num texto pouco conhecido, transcrito por Magalhães Júnior numa de suas coletâneas de estudos e, ao que parece, ainda deixado de fora das edições de “obras completas” de Machado de Assis: o texto “Os polacos exilados”, publicado em número do *Diário do Rio de Janeiro* de 1866 e assinado pelo autor com seu próprio nome.⁷⁸³ Em razão da dificuldade de acesso a esse texto, vale a pena transcrever alguns trechos dele aqui. Nele, Machado se refere à visita do religioso polonês Mikoszewski ao Brasil, feita com o objetivo de arrecadar donativos para os poloneses desterrados.

⁷⁷⁹ MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, p. 372.

⁷⁸⁰ E ver na reação dos poetas um simples uso de fórmula certamente não foi a intenção de Magalhães Júnior, apesar do equívoco a que suas palavras em *Vida e obra...* podem levar. Em *Machado de Assis desconhecido* esse pesquisador foi mais feliz: “Quando o czarismo empreendeu a russificação da Polônia, querendo convertê-la numa simples província do seu vasto império, dissolvendo-lhe o corpo legislativo, tornando ilegal a própria língua do país e mandando ensinar apenas o russo nas escolas, punindo com rigor os que protestavam, sufocando com brutalidade todos os ímpetus patrióticos da alma polonesa, no Brasil surgiram na imprensa e nos meios literários as mais expressivas demonstrações de simpatia para com o povo espezinado” (MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 32).

⁷⁸¹ KNOWLTON, JR. Mickiewicz and Brazil’s Machado de Assis, p. 51.

⁷⁸² KELLY. *Machado de Assis e outros pretextos...*, p. 12.

⁷⁸³ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 416; MAGALHÃES JÚNIOR. *Machado de Assis desconhecido*, p. 33-34. Cf. também MAGALHÃES JÚNIOR. *Vida e obra de Machado de Assis*, p. 10 e 35.

Acha-se entre nós o Rev[erendo]. Carlos Mikoszewski, conego honorario, vigario de Zelazna, e presidente da commissão ecclesiastica de socorros fraternaes aos polacos desterrados. Vem este sacerdote recolher donativos para minorar o soffrimento dos seus irmãos, lançados fóra da patria pela derrota da ultima revolução. A commissão, de que é presidente o Sr Carlos Mikoszewski, foi organisada em Paris no anno de 1864, tomando por dever, não só alimentar os exilados pobres, como ainda arranjar-lhes trabalho, e completar a educação dos jovens, interrompida pelo movimento de 1863.
[...]

Batendo á porta dos brasileiros, o Sr Mikoszewski não fará baldado appello. Estas terras tambem são terras da Cruz e da liberdade; aprende-se aqui a caridade evangelica e a fraternidade humana. Um povo que não abdica a sua independencia apóz um seculo de despotismo tem naturalmente as sympathias do povo brasileiro. Temos, além disso, o exemplo da França e de Portugal, onde o illustre presidente da commissão de socorros encontrou franco e decidido apoio. Socorrer os polacos expatriados é praticar um acto de caridade christã, e prestar, ao mesmo tempo, o culto que se deve á perseverança dos seus esforços, e á immortalidade do seu patriotismo.⁷⁸⁴

Pouco citado nos estudos contemporâneos, esse texto, um de tantos exemplos de que Machado esteve longe de ser indiferente a questões políticas e sociais, mostra também o valor que o escritor dava à liberdade e ao sentimento patriótico. No poema d'*O Futuro* dedicado à Polônia, já havia escrito: “Não ama a liberdade / *Quem não sente* contigo as dores tuas” (v. 99-100, grifo nosso), numa expressão de compadecimento, de humanidade. Surpreendentemente, o escritor tão famoso pela expressão moderada, mesmo em poesia, e que veio de fato a excluir vários versos de “O acordar da Polônia”, talvez por achá-los repetitivos ou desmedidos (1, 76-80, 101-102 e 105-106), fará uma alteração significativa no centésimo verso, já na edição de 1864, de forma a lhe dar ainda mais vigor: “Não ama a liberdade / *Quem não chora* contigo as dores tuas” (grifo nosso).

Uma leitura possível de “O acordar da Polônia” é que tal composição seja um elogio, sobretudo, à compaixão, à participação espiritual na dor do outro – isso, muito embora o poema esteja vinculado a assunto político, “estrangeiro” (de maneira relativa, é certo, pois a perda da liberdade não havia de ser assunto estranho num país escravocrata...), refira-se a um povo, a uma coletividade – “os homens [filhos] dessa terra”, “heroica legião” (v. 61 e 66) – e valorize a figura de um herói chamado por Deus – “Estão surgiu Kosciusko / Pela mão do Senhor vinha tocado”. Favorece essa interpretação o fato de Machado não ter excluído o poema na reedição

⁷⁸⁴ ASSIS. Os polacos exilados, p. 240.

de *Crisálidas* (1901), quando procurou dar à coletânea uma unidade caracterizada pelo fundamento lírico.⁷⁸⁵ Ao que parece, Machado não abriu mão de ter “Polônia” na parte essencial de sua obra poética porque percebeu o quanto a composição, ainda que elaborada em torno de um fato histórico distante, possivelmente desconhecido de muitos dos leitores, poderia sobreviver ao envelhecimento, isto é, manter sua essência poética conservada mesmo quando o fato em rigor associado a ela já não vivesse na memória das pessoas. Sentindo que o poema tinha “autonomia”, procedeu, enfim, à eliminação das notas (v. 9 e 85).

“O acordar da Polônia” seguramente é um dos pontos altos da presença polonesa na obra de Machado de Assis, e com razão seus versos aparecem transcritos em duas obras dedicadas às relações entre Brasil e Polônia: *A Polônia na literatura brasileira: uma antologia* (1927), organizada por Fredencis, e *Páginas brasileiras sobre a Polônia: coletânea* (1942), de Tadeu Skowronski.⁷⁸⁶ Talvez menos evidentes, o texto carrega ainda várias marcas da presença portuguesa na obra de Machado, que merecem ser explicitadas. E possibilita pensar o quanto o colaborador d’*O Futuro* procurou ter, em face da tradição francesa, uma atitude respeitosa, mas, também, de questionamento da “naturalidade” com que então se entendia a filiação a ela – à França e sua cultura.⁷⁸⁷ De acordo com Hélio de Seixas Guimarães,

[n]o Brasil, como no restante do Ocidente letrado, era idéia corrente que a França, e principalmente Paris, constituíam o marco zero da cultura e da literatura, lugares neutros e não-nacionais da irradiação de paradigmas universais. De modo que a incorporação dos modelos “feitos em França” não era algo facilmente percebido como importação ou imitação, mas, sim, como referência incontornável e obrigatória para a realização das diferenças nacionais.⁷⁸⁸

Essa ideia, por tanto tempo vigente, se aplicaria, também, às versões de obras literárias. A esse respeito, deixou Paulo Henriques Britto um depoimento interessante. O experiente tradutor comenta, em seu livro *A tradução literária*, as diferenças entre duas estratégias antagônicas de tradução, a “domesticadora” e a “estrangeirizante” – no primeiro caso, estratégias utilizadas quando a preocupação maior do tradutor é com a fruição do leitor que se tem em vista; no segundo, estratégias a que se recorre quando não se quer fazer concessões à facilidade de leitura, salvo a substituição dum idioma por outro).⁷⁸⁹ Conforme Britto, a

⁷⁸⁵ Sobre essa questão, é essencial o trabalho de José Américo Miranda, ainda inédito (MIRANDA. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária).

⁷⁸⁶ Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 369.

⁷⁸⁷ Cf. GUIMARÃES. Machado de Assis e o paradigma inglês, p. 36.

⁷⁸⁸ GUIMARÃES. Machado de Assis e o paradigma inglês, p. 35.

⁷⁸⁹ BRITTO. *A tradução literária*, p. 60-61.

estratégia domesticadora dominava na Europa dos séculos XVIII e XIX, “imposta sobretudo pelos franceses, que tinham imensa influência” sobre o continente; as versões francesas de obras literárias eram tão domesticadoras que, “pelos padrões atuais, muitas vezes seriam consideradas adaptações e não traduções”.⁷⁹⁰ Depois de contextualizar as principais tendências da tradução literária no Velho Mundo, Britto relata:

Já observei que os tradutores franceses são de longa data conhecidos por preferir estratégias domesticadoras [...]. Por ter a França ocupado tanto tempo uma posição central na Europa, os escritores e intelectuais franceses encaram os outros povos com certo grau de condescendência; para eles, transplantar para o incomparável idioma francês uma obra escrita em língua estrangeira era uma das maiores homenagens que se podia prestar a tal obra e a seu autor. Mas para serem admitidas nos augustos salões parisienses, essas obras “bárbaras” e “incultas” precisavam passar por uma faxina em regra.⁷⁹¹

As versões francesas de autores das mais diversas nacionalidades seguramente foram fundamentais para o leitor e para o escritor Machado de Assis – para o leitor, porque lhe possibilitaram acesso a obras que dificilmente seriam então traduzidas ou sequer editadas no Brasil; para o escritor, entre outras coisas, porque lhe deram a oportunidade de dialogar com autores das mais diversas tradições, mesmo com a apreciável mediação da língua francesa e das estratégias domesticadoras, preferidas pelos tradutores daquele idioma. E tal ressalva não o impediu de, valendo-se de versões francesas, elaborar elogiadas traduções literárias, como a série de poemas “Lira chinesa” (*Falenas*, 1870), objeto deste comentário de Antônio Feliciano de Castilho: “o meu admirável poeta Machado d’Assis, ornamento brilhantíssimo das letras brasileiras, deu-nos lindos fragmentos de poesias originais tomadas não dos textos primitivos, senão de uma interpretação inglesa”.⁷⁹²

Castilho se equivocou ao final, claro, pois, para a composição de “Lira chinesa”, Machado de Assis valeu-se da edição de poesia chinesa traduzida em prosa francesa por Judith Walter (*Le Livre de Jade*, 1867).⁷⁹³ Recorreu ao francês, provavelmente, pela facilidade maior que havia no Rio oitocentista para encontrar edições nessa língua, ou, então, por dominar melhor o francês que qualquer outra língua estrangeira, mas não por achar a versão nesse idioma

⁷⁹⁰ BRITTO. *A tradução literária*, p. 61.

⁷⁹¹ BRITTO. *A tradução literária*, p. 65.

⁷⁹² Citado por Rutzkaya Queiroz dos Reis (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 274, nota 1).

⁷⁹³ Cf. MACHADO. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 189.

superior ao original, como então era comum pensar.⁷⁹⁴ Machado parece chamar atenção para isso quando reelabora a primeira nota de “O acordar da Polônia” (v. 9, nota de rodapé n’*O Futuro*, de fim em *Crisálidas*); referindo-se a um soneto de Mickiewicz sobre o Niémen, acrescenta à nota, na edição em livro, um comentário bastante pessoal – o “[soneto] me agradou muito” –, mas complementa: “apesar da prosa francesa em que o li”.

Todos os poemas machadianos d’*O Futuro* contam com epígrafes: em quatro peças (“Aspiração”, “A estrela do poeta”, “Fascinação” e “O acordar da Polônia”), a epígrafe é retirada de obra originalmente lida em francês; nas outras duas, a epígrafe é colhida de obra lida em língua portuguesa (“As ventoinhas” e “Sinhá”). O caso de “O acordar da Polônia” é único nesse sentido porque Machado se vê, então, diante de um texto escrito numa língua que não é a do autor. Não faria sentido, pois, fazer a citação em francês. Seria marcar demais a intermediação francesa em sua aproximação com a história e a literatura polonesas. Nesse poema, o colaborador d’*O Futuro* transcreve fragmentos da obra de Mickiewicz duas vezes: na epígrafe, nunca excluída da peça, e em nota, enfim excluída em *Poesias completas*. Na nota, na verdade (v. 9), não citava o poeta, mas um comentário de seu crítico e tradutor – o polonês de nascimento Krystyn Piotr Celestyn Józef Ostrowski –, presente no volume consultado, seguramente alguma edição das *Œuvres poétiques complètes* do bardo polonês. Krystyn Ostrowski, desde a juventude, encontrava-se radicado na Europa ocidental, onde adotou o nome afrancesado de Christien; viveu principalmente na França, na Bélgica e na Suíça, onde morreria em 1882. Machado, talvez numa tentativa de reduzir ainda mais os rastros da intermediação francesa, aportuguesa o nome do tradutor, citando-o como Cristiano Ostrowski.

Fugir totalmente da interpretação francesa seria impossível. Os *Księgi narodu polskiego i pielgrzymstwa polskiego* [Livros da nação polonesa e dos peregrinos poloneses], de 1832, foram a obra de Mickiewicz selecionada para a epígrafe. Em francês, os *Księgi...* receberam o título *Actes de la Nation polonaise e des Pélerins polonais*. Machado colhe dessa obra o seguinte trecho: “Et le troisième jour l’âme doit retourner à son corps, et la nation ressuscitera”.⁷⁹⁵ A tradução segue bem de perto a fonte a francesa: “E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo e a nação ressuscitará”. O tradutor brasileiro perdia, assim, uma peremptoriedade maior presente no original, mas ausente na versão francesa. No texto polonês,

⁷⁹⁴ V., por exemplo, o caso de Dostoiévski, autor cujo texto original era considerado demasiadamente “pesado” pelos tradutores de língua francesa, preocupados em oferecer versões “legíveis” de seus romances (BRITTO. *A tradução literária*, p. 65).

⁷⁹⁵ MIKIEWICZ. *Œuvres poétiques complètes*, t. II, p. 73

“[a] trzeciego dnia dusza wróci do ciała i naród zmartwychwstanie” – a alma não “deve” voltar ao corpo, ela “wróci”, “voltará”.⁷⁹⁶

O caso da epígrafe, contudo, não deve ser tomado como padrão da atividade tradutória de Machado. Edgar Knowlton, Jr., estudando o poema “Alpujarra”, apresenta a “hipótese atrativa” de que Machado tenha se valido não apenas da versão francesa de Christien Ostrowski, mas, também, da inglesa, elaborada por Leon Jabłoński – ambas as traduções estavam disponíveis numa edição de 1851, *Adama Mickiewicza Konrad Wallenrod i Grazyna z przekladem francuskim Kryst. Ostrowskiego, angielskim Leona Jablonskiego*.⁷⁹⁷ Após uma comparação de palavras e expressões presentes nos textos polonês, francês, inglês e português, Knowlton conclui que, em geral,

há pelo menos tanto acordo entre a versão inglesa e a portuguesa [quanto entre a francesa e a portuguesa], e há momentos em que a versão de Machado de Assis parece mais próxima do arranjo das palavras no texto polonês (em outras palavras, mais próxima da dicção do texto de Mickiewicz) que das traduções em inglês ou francês. Pode ser que Machado de Assis tenha considerado o texto polonês, usando como um guia as traduções, as quais não seguiu servilmente.⁷⁹⁸

Na nota em que cita Ostrowski, Machado não se furta a fugir do modelo sintático francês para dar a seu texto uma redação que lhe pareceu melhor, mostrando que, de fato, não tinha uma relação servil com essa versão e com o prestígio de que ela dispunha. O trecho citado, em francês, é este:

Il y a dans cette page une cantilène à laquelle une oreille slave ne saurait résister ; le célèbre Kurpinski, en la traduisant en musique, n’a fait que fixer par des signes son rythme et sa mélodie. Ainsi consacré, le sonnet du Niémen a fait le tour de la Pologne, et ne cessera de vivre que lorsque les eaux du fleuve auquel il s’adresse auront cessé de couler”.⁷⁹⁹

N’*O Futuro*, a tradução apresentada por Machado já resume o segundo período de Ostrowski – “foi posto em música pelo célebre Kurpiński” – mas segue a dicção francesa no restante da citação: “Assim consagrado, o soneto do Niémen correu toda a Polônia, e só deixará de viver

⁷⁹⁶ Devemos essa observação ao pesquisador Gabriel Borowski, da Uniwersytetu Jagiellońskiego.

⁷⁹⁷ KNOWLTON, JR. Mickiewicz and Brazil’s Machado de Assis, p.52 e 54. No original, “hypothesis attractive”.

⁷⁹⁸ Tradução livre. No original: “In general, this comparison shows that there is at least as much agreement between the English version and the Portuguese, and that there are in stances where the version by Machado de Assis seems closer to the Polish wording than to the English or French translations. It might be that Machado de Assis considered the Polish text, using the translations as a guide, which he did not follow slavishly” (KNOWLTON, JR. Mickiewicz and Brazil’s Machado de Assis, p. 55).

⁷⁹⁹ MIKIEWICZ. *Œuvres poétiques complètes*, t. I, p. 441, nota 63.

quando as águas do rio de que fala cessarem de correr” (grifo nosso). Em *Crisálidas*, Machado não se furta a sair dessa estrutura, de modo a dar ao texto português uma redação que lhe pareceu melhor: “quando deixarem de correr as águas daquele rio”.

Resta comentar a presença portuguesa em “O acordar da Polônia”. No plano linguístico, ela parece já estar presente na tradução do título do livro de Mickiewicz, “*Livro da nação polaca*”, uma óbvia referência aos *Księgi...*, especificamente ao primeiro dos “Livros da nação polonesa e dos peregrinos poloneses”. É interessante que Machado tenha optado, na versão do título, pela forma “polaca”, corrente em Portugal, em vez de “polonesa”, forma que, desde o final do século XIX, é a mais usada no Brasil. As duas formas estavam então à disposição do escritor brasileiro, que escolheu a de entrada mais antiga no idioma.⁸⁰⁰ No verso 7, o poeta recorre a um arcaísmo, “alfim” – palavra que guarda em sua formação o artigo arcaico “lo” –, quando o uso do equivalente, “ao fim”, não prejudicaria a métrica nem a acentuação do verso.⁸⁰¹ Na leitura do verso 41, para manutenção do metro, pode estar subentendida a pronúncia portuguesa em “esperança”, ainda que não marcada graficamente (“esp’rança”). No corpo do poema (v. 56), o poeta mantém a forma preferida em Portugal para o gentílico de Polônia, “polaca”. Uma afinidade partilhada entre Machado e um amigo português, Artur Napoleão, também se faria presente em “O acordar da Polônia”: em nota (v. 9), o poeta menciona um soneto de Mickiewicz dedicado ao Niémen (“Do Niemna”, em polonês; “Au Niémen”, na tradução em prosa francesa), musicado por Karol Kurpiński.⁸⁰² Essa referência, além de mostrar que o interesse de Machado pela música clássica polonesa não se restringia a Chopin, nome que aparece em sua obra ficcional, mostra o quanto valorizava o diálogo entre a arte das palavras e a arte dos sons, diálogo esse ao qual também se dedicou o pianista português.

4.2.5 “As ventoinhas”

“Logo no começo do livro, Dom Casmurro, voltando à tona de seu ‘cochilo’ [...], vira-se para o jovem poeta sentado a seu lado e diz simplesmente: ‘Continue.’ É um toque para todos nós, não é? Para ele mesmo talvez, que ali começava a continuar sua obra. E por aí então continuei eu, gostando de pensar que Machado permaneceu, independentemente da alta qualidade de sua literatura, porque soube

⁸⁰⁰ Cf. HOUISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbetes “polaco” e “polonês”.

⁸⁰¹ Cf. HOUISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbe “alfim”.

⁸⁰² Cf. MIÇKIEWICZ. *Œuvres poétiques complètes*, t. I, p. 143-144. Não se encontrou registro sonoro da cantilena na Internet.

continuar, insistir nos seus temas obsessivos, correndo todos os riscos por isso.”

LUIZ FERNANDO CARVALHO*

Esta edição registra as variantes, bem poucas, presentes na publicação do poema em livro (*Crisálidas*, 1864; doravante CRIS). O poema aqui editado não aparece na segunda edição de *Crisálidas* em vida do autor (em *Poesias completas*, 1901). Galante de Sousa dá notícia de duas transcrições do poema na imprensa: a primeira em 1872, no jornal *A República* (órgão diário do Partido Republicano), e a segunda em 1886, no periódico capixaba *A Província do Espírito Santo* (diário consagrado aos interesses provinciais; órgão do Partido Liberal). Tais transcrições não trazem alterações relevantes – a publicação n’*A Província* elimina, indevidamente, o segundo verso da terceira sextilha – e seguramente foram feitas à revelia do autor, daí não terem sido aproveitadas na presente edição.⁸⁰³

AS VENTOINHAS

Com seus olhos vaganaus,
Bons de dar, bons de tolher.

SÁ DE MIRANDA⁸⁰⁴

A mulher é um cata-vento;⁸⁰⁵
 Vai ao vento,
 Vai ao vento que soprar;
 Como vai também ao vento
 5 Turbulento,
 Turbulento e incerto o mar.

Sopra o sul: a ventoinha
 Volta asinha,
 Volta asinha para o sul;
 10 Vem taful: a cabecinha
 Volta asinha,
 Volta asinha ao meu taful.

* CARVALHO. Diálogo com o diretor, p. 76. Depoimento sobre a concepção e a elaboração da minissérie *Capitu* (produção da Rede Globo exibida originalmente em 2008), inspirada no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

⁸⁰³ Cf. SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 13 e 381; ASSIS. *As ventoinhas*, p. 1.

⁸⁰⁴ Edição usada no estabelecimento de texto da epígrafe: AILLAUD (Ed.). *Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*, t. II, p. 286.

⁸⁰⁵ cata-vento;] cata-vento, – em CRIS.

Quem lhe puser confiança,
 De esperança,
 15 De esperança mal está;
 Nem desta sorte a esperança
 Confiança,
 Confiança nos dará.

Valera o mesmo na areia
 20 Rija ameia,
 Rija ameia construir:⁸⁰⁶
 Chega o mar e vai a ameia
 Com⁸⁰⁷ a areia,
 Com⁸⁰⁸ a areia confundir.

Ouçõ dizer de umas fadas
 Que abraçadas,
 Que abraçadas como irmãs,
 Caçam almas descuidadas...
 Ah que fadas!
 30 Ah que fadas tão vilãs!

Pois, como essas das baladas,
 Umas fadas,
 Umas fadas,⁸⁰⁹ dentre nós,
 Caçam, como nas baladas;
 35 E são fadas,
 E são fadas de alma e voz.

É que – como o cata-vento,
 Vão ao vento,
 Vão ao vento que lhes der;
 40 Cedem três cousas ao vento:
 Cata-vento,
 Cata-vento, água e mulher.

1862 – MACHADO DE ASSIS

[*O Futuro*, n. XIV, p. 460-461, 1º abr. 1863]

A irreverência d’“As ventoinhas”, em que “o jocoso tinge-se de uma nota popular”,⁸¹⁰ parece ter sido incompreendida, ao menos pelos primeiros leitores. A crítica da época, a julgar pelos textos a que se teve acesso, viu apenas defeitos no poema: “imitação”, “certas

⁸⁰⁶ construir:] construir; – em CRIS.

⁸⁰⁷ Com] Como – em CRIS.

⁸⁰⁸ Com] Como – em CRIS.

⁸⁰⁹ fadas,] fadas – em CRIS.

⁸¹⁰ GUIMARÃES. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*, p. 115.

cacofonias”, “alguma trivialidade na concepção”, linguagem e harmonia descuidadas.⁸¹¹ As cacofonias mereceriam até realce na seção “Minha priminha”, d’*A Pacotilha*, escrita por Azuos-Agarb (anagrama de “Sousa Braga”):

Volta azinha
Volta azinha para o sul.

Lendo-se[,] priminha, não será assim?

Volt’azinha
Volt’azinha para o sul.

Temos mais:

Dizem que há agonias.
Dizem qu’ha gonias.

—

Dizem que ha magoas.
Dizem qu’ha magoas.

—

Umás fadas, umás fadas
Que abraçadas.
Umás fadas, umás fadas
Qu’abraçadas.

—

Vai arêa, como arêa
Vai arêa, *com’arêa.*⁸¹²

A peça conheceu a publicação em livro em 1864, mas dele foi excluída na última edição preparada pelo autor. Teria o poeta reconhecido a propriedade das críticas? Ou estaria correta a interpretação de Magalhães Júnior, segundo o qual “[a] supressão dessa poesia era um gesto galante, um ato de contrição, uma delicada homenagem à admirável Carolina, espôsa e enfermeira devotadíssima”⁸¹³ Não seria, aliás, a única vez que uma exclusão em *Crisálidas* seria relacionada pela crítica ao respeito de Machado por sua esposa: a supressão de parte arrebatada de “Versos a Corina” também já foi pensada nesse sentido.⁸¹⁴ Considerando, porém, com o pesquisador José Américo Miranda, que Machado também excluiu de *Crisálidas* a peça “Os arlequins” – como “As ventoinhas”, de caráter satírico – “tudo indica haver pesado mais

⁸¹¹ Senões apontados por M. A. Major em 1864 e em texto assinado por Azuos-Agarb em 1866 (ASSIS. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica, p. 644 e 658).

⁸¹² AZUOS-AGARB. *Minha priminha*, p. 3.

⁸¹³ MAGALHÃES JÚNIOR. *Novos apontamentos machadianos*, p. 83.

⁸¹⁴ Cf. AMPARO. “*Sob o véu dos versos*”: o lugar da poesia na obra de Machado de Assis, p. 84.

no juízo do poeta a intenção de conferir unidade ao livro, o que foi alcançado pela adesão do poeta à elogiada via do lirismo”.⁸¹⁵

Como lembra também Miranda, muito acertadamente, se há o que a crítica da primeira hora chamou “imitação” e “trivialidade” n’“As ventoinhas”, o fato é que “o tempo e a história sancionam o poeta Machado de Assis”, uma vez que o motivo da volubilidade feminina é antigo nas letras e já rendeu textos famosos, como a frase latina “*Varium et mutabile semper femina*”, tão citada, e a ária do *Rigoletto*, “*La donna è mobile / Qual piuma al vento, / Muta d’accento / E di pensier*”.⁸¹⁶ No ano de 1863, aliás, Machado muito provavelmente assistiu à apresentação dessa ópera, que teve, entre seus intérpretes, cantores portugueses.⁸¹⁷ Finalmente, deve-se considerar, com Silviano Santiago, em “Retórica da verossimilhança”, que

[j]á é tempo de se começar a compreender a obra de Machado como um todo coerentemente organizado, percebendo que certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e rearticulam sob formas de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente.⁸¹⁸

Assim, “As ventoinhas” ganham se lidas juntas com outras peças de Machado, como, por exemplo, o conto “Uma por outra” (*A Estação*, 1897), recolhido originalmente por Lúcia Miguel Pereira em sua edição de *Casa Velha*.⁸¹⁹ Segundo a estudiosa, tal texto “traz, tanto no espírito quanto na linguagem enxuta e limpa, o contraste que lhe garantiria a autenticidade, caso faltasse a assinatura do autor”.⁸²⁰ Em “Uma por outra”, é a própria mulher que se define, em verso, ao narrador-personagem: “Eu sou a fôlha, tu serás o vento”,⁸²¹ retomando uma imagem já usada pelo poeta *d’O Futuro*.

Uma leitura do poema atenta à presença portuguesa deve ressaltar, além da utilização de uma metáfora náutica, o cata-vento, definido no *Dicionário marítimo...* como “[p]edaço de filele, metal cortado em forma de triangulo, que se prende a uma pequena armação, que gyra em torno de um eixo vertical, mostrando assim a direção do vento”,⁸²² a epígrafe de Sá de Miranda. A devoção de Machado pelos clássicos lusitanos seria conhecida dos confrades. José Veríssimo, escrevendo-lhe desde Nova Friburgo, já no século XX, contará ter conhecido uma

⁸¹⁵ MIRANDA. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária, inédito.

⁸¹⁶ MIRANDA. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária, inédito.

⁸¹⁷ Cf. O FUTURO, n. XVIII, p. 596; ASSIS. *O Futuro*, p. 148, n. 17.

⁸¹⁸ SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural, p. 27.

⁸¹⁹ ASSIS. *Casa velha*, p. 129-162.

⁸²⁰ PEREIRA. Prefácio, p. 22.

⁸²¹ ASSIS. *Casa velha*, p. 157.

⁸²² ANGRA (Dir.). *Dicionário marítimo brasileiro*, p. 50.

biblioteca particular “que me parece completa dos clássicos portugueses”, coleção que faria “vir água à boca” do amigo.⁸²³ Na década de 1860, Machado deve ter feito boa parte de suas leituras de Sá de Miranda: cita-o, entre outros textos, na peça *O caminho da porta*, representada originalmente em 1862.

4.2.6 “Sinhá”

No registro de variantes, consideraram-se a versão manuscrita do poema, preservada no álbum de Júlia Carlota de Azevedo (MANUSCRITOS, p. 120; doravante referida apenas como álbum) e as duas transcrições do poema em livro, em vida do autor: *Crisálidas* (1864; doravante CRIS) e *Poesias completas* (1901; doravante PC). Outras duas transcrições consignadas por Galante não foram consideradas nesta edição, por nada acrescentarem ao texto e, seguramente, por terem sido feitas à revelia do autor: trata-se das transcrições publicadas pela *Revista Ilustrada* de dezembro de 1894 e pelo *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* de 1904.⁸²⁴

SINHÁ⁸²⁵

O teu nome é como o óleo derramado.
SALOMÃO – *Cânt. dos Cânt.*⁸²⁶

Nem o perfume que espira⁸²⁷
A flor,⁸²⁸ pela tarde amena,⁸²⁹
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena

⁸²³ ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo IV, 1901-1904, p. 10. Carta datada de 28 de janeiro de 1901.

⁸²⁴ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 364-365

⁸²⁵ **SINHÁ**] A Sinhá – em álbum. CRIS e PC seguem, quanto ao título, a lição da revista – **SINHÁ**. Em CRIS, abaixo do título, há a indicação “(NUM ÁLBUM – 1862)”.

⁸²⁶ Edição utilizada no estabelecimento de texto da epígrafe: A BIBLIA SAGRADA..., p. 669 (Cântico dos Cânticos de Salomão, I, 2b). A epígrafe aparece no álbum, em CRIS e em PC, com leve diferença na forma de identificar a autoria: “Salomão: Cântico dos Cânticos” (álbum); “SALOMÃO – *Cântico dos Cânticos*” (CRIS); “*Cântico dos Cânticos*” (PC).

⁸²⁷ espira] expira – em PC. Ambas as formas, “espirar” e “expirar”, existem hoje na língua, e, conforme o Houaiss, a acepção de “exalar” é comum a ambas (HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbetes “espirar” e “exalar”).

⁸²⁸ flor,] flor – no álbum.

⁸²⁹ amena:] amena, – em CRIS e PC.

- 5 Nas brandas cordas da lira;
 Nem o murmúrio da veia
 Que abriu sulco pelo chão,⁸³⁰
 Entre margens de alva areia,
 E onde⁸³¹ se mira e⁸³² recreia
- 10 Rosa fechada em botão;
- Nem o arrulho enternecido
 Das pombas, nem do arvoredado
 Esse amoroso arruído,⁸³³
 Quando escuta algum segredo
- 15 Pela brisa repetido;
 Nem esta saudade pura
 Do canto do sabiá⁸³⁴
 Escondido na espessura,
 Nada respira doçura
- 20 Como o teu nome, Sinhá!⁸³⁵

1862 – MACHADO DE ASSIS

[*O Futuro*, n. XV, p. 495, 15 abr. 1863]

A primeira aparição de “Sinhá” foi num álbum – “detalhe importante”, diz o texto de *Cadernos de literatura brasileira* que apresenta o fac-símile do manuscrito, pois revela “um pouco das práticas sociais de época e do prestígio do poeta Machado de Assis nos salões do Rio de Janeiro”.⁸³⁶ Mas, diferentemente da maioria dos versos que esse escritor deixou originalmente em álbuns e polianteias, “Sinhá” desfrutaria do reconhecimento da crítica e dos estudiosos, ainda que tardio. Cláudio Murilo Leal escreveu que “Sinhá” é o “mais brejeiro” dos poemas de *Crisálidas*, o que “transmite aquele sentimento de brasilidade que o autor detecta e propugna para seus pares no percuciente ensaio ‘Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade’”.⁸³⁷ José Américo Miranda vai além: no possivelmente melhor estudo já dedicado a “Sinhá”, descreve o poema como “pequena e delicada peça de joalheria poética”.⁸³⁸

Num primeiro momento, a composição “Sinhá” apresenta uma dificuldade para quem se propõe a lê-la à luz da presença portuguesa em Machado de Assis. Afinal, o que poderia

⁸³⁰ chão,] chão – no álbum, em CRIS e em PC.

⁸³¹ E onde] Onde – em CRIS e PC.

⁸³² E onde se mira e] E onde a miras se – no álbum, salvo equívoco nosso na leitura do manuscrito.

⁸³³ arruído,] arruído – no álbum, em CRIS e em PC.

⁸³⁴ No álbum, parece haver, após “sabiá”, uma vírgula “anulada” com dois pequenos traços.

⁸³⁵ Sinhá!] Sinhá. – no álbum.

⁸³⁶ MANUSCRITOS, p. 113.

⁸³⁷ LEAL. *O círculo vicioso*: a poesia de Machado de Assis, p. 95.

⁸³⁸ MIRANDA. O poema “Sinhá”, de Machado de Assis, p. 11.

haver de mais “brasileiro” que o vocábulo “sinhá”, que dá título à composição, palavra que, no momento da elaboração do poema, nem mesmo dicionarizada estava, e ainda hoje é classificada como regionalismo de uso informal?⁸³⁹ Talvez, uma das maiores qualidades de “Sinhá” resida justamente na sua demonstração de que as referências brasileiras e as referências clássicas podem harmonizar-se na criação literária. Entre as imagens presentes no poema, por sinal, há desde sugestões bíblicas, como as pombas (v. 12), até sugestões caras à poesia brasileira, como o sabiá (v. 17). No último verso, a atmosfera de mistério e sensualidade sugerida pela epígrafe, colhida do Cântico dos Cânticos, um “poema erótico no melhor sentido da palavra”,⁸⁴⁰ e desenvolvida no decorrer do poema, com sua sinestesia inebriante, intensifica-se na suave fala do poeta: “Como o teu nome, Sinhá”. Fica-se sem saber que nome é esse, o que só valoriza o mistério. Machado certamente sentiu a força dessa combinação entre o símile hebraico (o nome como “óleo derramado”) e o encanto da forma de tratamento “sinhá”, pois preservou a citação bíblica na versão definitiva do poema, ao contrário de outras peças, que tiveram as epígrafes suprimidas.

Jean-Michel Massa observou que está em “Sinhá” a primeira citação direta da Bíblia na obra de Machado, como a lembrar que esse escritor “não meditou apenas no Eclesiaste”.⁸⁴¹ Vários estudiosos já se dedicaram ao diálogo da literatura machadiana com a Bíblia, mas essa coleção de livros ainda parece ser vista, muitas das vezes, ou como obra exclusivamente religiosa, ou como obra exclusivamente filosófica, nos estudos sobre o autor. Machado, pode-se dizê-lo com segurança, lia a Bíblia sobretudo como literatura. Afirmou-o d. Hugo Bressane de Araújo, em estudo dedicado ao “aspecto religioso” da obra do escritor fluminense: “Machado de Assis buscou nas Escrituras, como em Dante ou Shakespeare, belezas literárias e usava com frequência de reminiscências, episódios ou versículos do livro santo como roupagem elegante dos humorismos e de lirismo que aos milhares lhe marchetam os livros”.⁸⁴² Machado defenderia a leitura da Bíblia como literatura numa crônica de 1865:

Os leitores nos dispensam de dizer por que a *Bíblia* é o *livro por excelência*. Melhor que ninguém já o disse Lamartine: o grande poeta pergunta o que não haverá nessa obra universal, desde a história, a poesia épica, a tragédia e a filosofia, até o idílio, a poesia lírica, e a elegia – desde o Deuteronômio, Isaías e o Eclesiástico, até Rute, Jeremias e o Cântico dos Cânticos. Reuni todas estas

⁸³⁹ Cf. HOUAISS; VILLAR. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, verbete “sinhá”.

⁸⁴⁰ CAVALCANTI. *O Cântico dos Cânticos*: um ensaio de interpretação através de suas traduções, p. 218.

⁸⁴¹ MASSA. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual, p. 307.

⁸⁴² ARAÚJO. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*, p. 21.

formas do espírito humano em uma encadernação de luxo, e dizei se há livro mais precioso e mais digno de figurar no gabinete, entre Milton e Homero.⁸⁴³

É possível ver também na leitura da Bíblia e em seu uso literário um dos capítulos da presença portuguesa na obra de Machado de Assis. Parece não se ter levado suficientemente em consideração que o texto bíblico tão citado por Machado, *ipsis litteris* e de outras formas, como por meio da paródia ou do pastiche, é um texto português, e um texto considerado clássico: a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, realizada no século XVIII com base na Vulgata de São Jerônimo.⁸⁴⁴ Um exemplar de 1866 da Bíblia de Figueiredo, impressa na oficina de Harrison e filhos, em Londres, integrou o acervo particular de Machado.⁸⁴⁵

⁸⁴³ ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 4, p. 259. Trata-se da crônica de “Ao acaso” de 28 de março de 1865.

⁸⁴⁴ Cf. ARAÚJO. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*, p. 21 ; KONINGS. *As traduções da Bíblia no Brasil*, p. 253.

⁸⁴⁵ Cf. MASSA. *A biblioteca de Machado de Assis*, p. 41; PROENÇA. *Sob o signo de Caim: Machado de Assis e a Bíblia*, p. 14-15.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro”, escreveu Antonio Candido em *Literatura e sociedade*.⁸⁴⁶ Na elaboração desta tese, procurou-se evitar uma atitude de entusiasmo exagerado em face do diálogo de Machado com os portugueses e com a literatura portuguesa, no afã de afirmar essa presença, mostrar sua importância “a qualquer custo” na construção da obra do autor brasileiro. De qualquer forma, é importante destacar nestas considerações finais que a compreensão do relevante papel que tiveram os portugueses na vida e na obra de Machado de Assis não deve excluir a necessidade de investigações sobre outras referências intelectuais, outras literaturas com as quais o autor fluminense teve contato e que contribuíram para a elaboração das obras que nos deixou. Aliás, ao final de tantas leituras sobre as relações luso-brasileiras, parece-nos que um dos principais benefícios que a “família portuguesa” de Machado legou ao escritor foi justamente esse desejo de navegar por mares “nunca de antes navegados”, esse desejo de conhecer autores e obras não tão “evidentes”, não tão populares no seu tempo, de nacionalidades tão várias. O escritor que nunca atravessou o Atlântico, mas apreciava as metáforas relacionadas à vida marinha, tinha a audácia de um navegador português nas suas incursões literárias.

Um estudo comparado como este corre, muitas vezes, o risco de fazer atribuições errôneas de “influência”, de “débito”. Valorizando a amizade dos homens de letras, a partilha de afinidades musicais, artísticas, o convívio intelectual, a participação em associações e obras coletivas, entre outros, procurou-se mostrar, principalmente, como vida literária e literatura estão indissociáveis. Muitas vezes, é difícil, se não impossível, traçar limites, dizer onde começa e onde termina o papel de um confrade na elaboração de uma obra. De todo modo, o medo de forçar a nota tampouco deve impedir que hipóteses sejam lançadas.

Esta tese, embora reafirme a importância da presença portuguesa na obra de Machado de Assis e mostre isso em algumas das peças do escritor e no que se conhece a respeito de sua vida, reconhece que muito ainda há a ser feito. Ainda restam referências desconhecidas, textos de autoria duvidosa, boas hipóteses – mas que carecem de maturação – e, claro, suspeitas não tão bem fundamentadas, que, um dia, podem se mostrar interessantes. Para o futuro – o “futuro”

⁸⁴⁶ CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 12.

com “f” pequeno, como disse Faustino em sua revista, diferenciando-o d’*O Futuro* com “F” grande –, ⁸⁴⁷ pretende-se continuar com o estudo do diálogo com Portugal na obra de Machado de Assis, nos vários gêneros que esse escritor praticou. Felizmente, se durante muito tempo aos autores portugueses não foi dado o lugar a que fazem jus nos estudos machadianos, esse quadro vem passando por uma sensível transformação, com excelentes pesquisas sendo dedicadas ao tema. Este trabalho, sem quaisquer pretensões a dar a palavra final, ciente de suas limitações, pretende ser antes uma peça na construção desse conhecimento.

⁸⁴⁷ O FUTURO, n. I, p. 35.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA SAGRADA, contendo o Velho e o Novo Testamento; traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Officina de Harrison e filhos, 1866. 1224 p. Disponível em: <<https://ia802506.us.archive.org/1/items/bibliasagradacon00figu/bibliasagradacon00figu.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

AS COMEMORAÇÕES do 22.º aniversário da publicação de “Chrysalidas”. *Boletim da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9-15, set. 1958.

A SEMANA. Revista catholica, litteraria e de instrucção publica, v. 1, n. 40, 28 dez. 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/739421/361>>. Acesso em: 8 jan. 2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Anuário 2007-2011*. Rio de Janeiro, 2011. 766 p. Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/anuario2007_2011.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2016.

_____. *Machado vive: dedicatórias*. Rio de Janeiro, 2008. 352 p.

_____. *Machado vive: exposição comemorativa de 100 anos de morte de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, 2009. 180 p.

_____. *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1999. 268 p.

AGUIAR, Luiz Antonio. *Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 314 p.

_____. “A Dama do Livro” e outros mistérios. *Revista Época*, São Paulo, 26 set. 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI13536-15220,00-A+DAMA+DO+LIVRO+E+OUTROS+MISTERIOS.html>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

AILLAUD, João Pedro (Ed.). *Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. Precedido de uma historia abreviada da lingua e poesia portugueza. Paris: J. P. Aillaud, 1826-1834. 6 t. Disponível em: <http://purl.pt/25/4/1-3201-p_PDF/1-3201-p_PDF_24-C-R0150/1-3201-p_0000_1-438_t24-C-R0150.pdf> [tomo I, Epicos], <<https://books.google.com.br/books?id=utPryutKJfGc&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> [tomo II, Descriptivos, didacticos, philosophicos], <<https://books.google.com.br/books?id=XfxKAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> [tomo III, Epigrammaticos], <https://books.google.com.br/books?id=G_VWAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. [tomo IV, Lyricos], <<https://books.google.com.br/books?id=MwFLAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> [tomo V, Epistolares] e <<https://ia902708.us.archive.org/2/items/parnasolusitano02selegoog/parnasolusitano02selegoog.pdf>> [tomo VI, Satyricos]. Acesso em: 16 dez. 2016.

ALENCAR, Mário de. Advertencia. In: ASSIS, Machado de. *A semana*. Edição collegida por Mario de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, [1914?]. (Collecção dos autores celebres da

litteratura brasileira). p. V-X. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/518654>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. *Alguns escritos*. [2. ed.] Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995. 112 p.

ALI, Manoel Said. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Ed. da USP, 2006. 152 p.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Obra dispersa*. Introd., seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. 276 p. (Série Revisões, v. 1).

ALVES, Shantynett Souza F. M. A linguagem popular em *Gazeta de Holanda*. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Ensaio crítico de formação*. Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2014. p. 247-263.

AMPARO, Flávia Vieira da Silva do. “*Sob o véu dos versos*”: o lugar da poesia na obra de Machado de Assis. Orientador: Antonio Carlos Secchin. 2008. 346 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AmparoFVS.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Quando ela fala”: poesia musicada. *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 10-11, 21 jun. 1959.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 928 p.

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. *Veja São Paulo*, São Paulo, 25 abr. 2007. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2005/sobre-cronica>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

ANGRA, Barão de [Elisiário Antônio dos Santos] (Dir.). *Diccionario marítimo brasileiro*. Organizado por uma Comissão nomeada pelo Governo Imperial. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1877. 288 p.

ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas á correspondencia entre estes dous escriptores*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923. 268 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00103600>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

ARAÚJO, Hugo Bressane de. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. [2. ed.] São Paulo: Paulinas, 1978. 72 p.

ASSIS, Machado de. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Org., introd. e comentários de Gustavo H. B. Franco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 272 p.

_____. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica. Org. e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin; Edusp, 2009. 752 p.

_____. *A semana*. Edição collegida por Mario de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, [1914?]. X, 456 p. (Collecção dos autores celebres da litteratura brasileira). Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/518654>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. A semana. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, n. 300, p. 1, 28 out. 1894. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&PagFis=10723>. Acesso em: 5 jun. 2016.

_____. As ventoinhas. *A Provincia do Espirito-Santo*: diário consagrado aos interesses provinciaes; órgão do Partido Liberal, Victoria, n. 1250, p. 1, 12 dez. 1886. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/301582/4993>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

_____. *Balas de estalo de Machado de Assis*. Org. de Heloisa Helena Paiva de Luca. São Paulo: Annablume, 1998. 344 p.

_____. *Bons dias!*. Introd. e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008. 320 p.

_____. *Casa velha*. Introd. de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Martins, 1944. (Biblioteca de literatura brasileira, v. VII). 164 p.

_____. *Chronicas*: 1º volume (1859-1863). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. 410 p. (Obras completas de Machado de Assis, v. 22).

_____. *Chrysalidas*: poesias. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. 178 p. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or60425/or60425.pdf>, <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00201500>> e <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242829>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

_____. *Comentários da semana*. Org., introd. e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008. 216 p.

_____. [M.A.]. Commentarios da semana. *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 53, p. 1, 22 fev. 1862. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/15400>. Acesso em: 11 jan. 2017.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo I, 1860-1869. Apresentação, coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; org. de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008. 360 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 84). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/correspondencia_machado_de_assis_-_tomo_i-1860-1869_-_para_internet.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889. Coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, org. e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. 560 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 92). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/correspondencia_machado_de_assis_-_tomo_ii-1870-1889_-_para_internet.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III, 1890-1900. Coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, org. e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011. 658 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 98). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/cap-098-corresp_de_ma_-_tomo_iii_-_1890-1900_-_para_internet.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo IV, 1901-1904. Coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, org. e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012. 536 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 99).

_____. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908. Coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, org. e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015. 552 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 105).

_____. *Crônicas escolhidas*. Org., introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. 336 p.

_____. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1965. 574 p.

_____. *Do teatro*: textos críticos e escritos diversos. Org., estabelecimento de texto, introd. e notas de João Roberto Faria. São Paulo: Perspectiva, 2008. 680 p. (Coleção Textos, v. 23).

_____. *Epitaph of a Small Winner: A Novel*. Translated from the Portuguese by William L. Grossman. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008. 210 p.

_____. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904. VI, 362 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00204600>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

_____. Lexicografia. Notas de leitura de Machado de Assis. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R[aimundo]. *Ao redor de Machado de Assis*: pesquisas e interpretações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 267-278.

_____. *Machado de Assis*: crítica literária e textos diversos. Org. de Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Ed. Unesp, 2013. 728 p.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis*: poesia. Org. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Agir, 1977. 104 p. (Nossos clássicos, v. 82).

_____. *Machado de Assis afro-descendente*: escritos de caramujo [antologia]. Org., ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas; Crisálida, 2009. 296 p.

_____. *Melhores crônicas*. Seleção de Salette de Almeida Cara. 2. ed. São Paulo: Global, 2005. 416 p. (Coleção Melhores crônicas).

_____. *Melhores poemas*. Seleção de Alexei Bueno. São Paulo: Global, 2010. 160 p. (Coleção Melhores poemas, v. 39).

_____. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. 390 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00207800>>. Acesso em: 1 jan. 2016.

_____. *Notas semanais*. Org., introd. e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008. 280 p.

_____. *O Espelho*. Org., introd. e notas de João Roberto Faria. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2009. 200 p.

_____. *O Futuro*. Org., introd. e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2014. 168 p.

_____. *Obra completa em quatro volumes*. Org. de Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn. 3. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. 4 v. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

_____. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. 3 v. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17).

_____. Os polacos exilados. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 2, 22 fev. 1866. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20263>. Acesso em: 17 jan. 2017.

_____. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 272 p.

_____. *Phalenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. 218 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00210100>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

_____. *Poesia e prosa*. Org. e notas de J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. 196 p.

_____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. 376 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00210400>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

_____. *Poesias completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 520 p. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 7).

_____. *Textos inéditos em livro*. Org. de Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. 160 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 102).

_____. *Toda poesia de Machado de Assis*. 2. ed. Org. e prefácio de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2012. 752 p.

_____. *et al. Maio de 1888: poesias distribuídas ao povo, no Rio de Janeiro, em comemoração à Lei de 13 de maio de 1888*. Edição, apresentação e notas por José Américo Miranda. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999. 224 p. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 45).

ATAÍDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. Machado de Assis, o crítico. ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17). v. 3, p. 779-783.

AZEVEDO, Demócrito Jônathas de. A poesia de Machado de Assis. In: COUTINHO, Afrânio *et al. Estudos universitários de língua e literatura: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 137-141.

AZUOS-AGARB [Sousa Braga?]. Minha priminha. *A Pacotilha*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 3-6, 7 set. 1866. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/403962/43>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

BAGBY JÚNIOR, Alberto I. Eighteen Years of Machado de Assis: A Critical Annotated Bibliography for 1956-74. *Hispania*, v. 58, p. 648-683, Oct. 1975. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/339099>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. Machado de Assis and Foreign Languages. *Luso-Brazilian Review*, Wisconsin, v. 12, n. 2, p. 225-233, Winter 1975. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3512944>>. Acesso em: 12 out. 2016.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 504 p.

_____. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*. Org., posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 480 p.

_____. O poeta. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17). v. 3, p. 11-14.

_____. Prefácio. In: _____ (Org.). *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL, 1951. p. 7-23. (Biblioteca popular brasileira, v. XXVIII).

BARBIERI, Ivo. [Texto da orelha]. In: MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. Orelha do livro.

BARRETTO FILHO, José. *Introdução a Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980. 178 p.

BASTO, A[rtur]. de Magalhães. *Figuras literárias do Porto*. Porto: Simões Lopes, 1947. 290 p.

BECHARA, Evanildo. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa. *Confluência: revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 41/42, p. 11-20, 2011/2012. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/368.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

BELLO, José Maria. *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952. 320 p.

BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis: relíquias culinárias*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. 156 p.

BENÍCIO, Miriã Xavier. *Do sublime e do simples: a poesia de Machado de Assis*. Varginha: Alba, 2007. 192 p.

BILAC, Olavo. Língua portuguesa. Disponível em: <http://www.releituras.com/olavobilac_lingua.asp>. Acesso em: 19 jun. 2016.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 832 p. Título original: *Genius: a mosaic of one hundred exemplary creative minds*.

BORGES, Jorge Luis. *Curso de literatura inglesa*. Org., pesquisa e notas de Martín Arias e Martín Hadis. Trad. de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. 442 p.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. 242 p. (Humanitas).

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 160 p. (Coleção Contemporânea).

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005. 408 p.

_____. Na década modernista: Machado de Assis “au dessus de la mêlée”. *Revista do livro*: ed. comemorativa do cinquentenário da morte de Machado de Assis. Rio de Janeiro, n. 11, p. 37-44, set. 1958.

_____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; [Brasília]: INL, 1979. 356 p. (Obras reunidas de Brito Broca, v. 1).

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1988. 674 p.

CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: the Brazilian master and his novels*. Berkeley: University of California Press, 1970. 270 p.

_____. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. Cotia, SP: Ateliê, 2002. 224 p. Título original: *The Brazilian Othello of Machado de Assis. A study of “Dom Casmurro”*.

CALLIPO, Daniela Mantarro. *Rimas de ouro e sândalo: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. 264 p.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 288 p. Título original: *Perché leggere i classici*.

CAMARGO, K. A. F. de. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista. *Revista Porto*, v. 1, n. 2, p. 70-92, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/vXUR36>>. Acesso em: 14 set. 2016.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. Resenha de *O Futuro*, de Machado de Assis (organização, introdução e notas de Rodrigo Camargo de Godoi). *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 150-154, jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-6821201581510>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CAMPOS, Anselmo Luiz Pereira. Machado de Assis: entre o ter e o haver. In: CAMBRAIA, César Nardelli; MIRANDA, José Américo (Org.). *Crítica textual: reflexões & práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual; Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 149-157. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Critica%20Textual-%20Reflexões%20e%20Práticas.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.

_____. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed., corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 15-33.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012. 800 p.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 200 p.

_____. *O estudo analítico do poema*. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. 164 p.

_____. Prólogo. In: MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 11-13.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1957. 298 p.

CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 328 p.

CARVALHO, Luiz Fernando. Diálogo com o diretor. In: RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins *et al.* *Capitu: minissérie de Luiz Fernando Carvalho, a partir da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 75-83.

CASTELLO BRANCO, Leniza. Machado de Assis e a música. In: COELHO, Márcia Moura; OLIVEIRA, Marcos Fleury de (Org.). *O bruxo do Cosme Velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda, 2004. p. 119-128.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Crônicas*. Porto: Lello & Irmão, 1990. 1342 p. (Obras completas de Camilo Castelo Branco, v. XII).

CASTILHO, A[ntônio]. F[eliciano]. de. *Tractado de metrificação portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. 160 p. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=f2EVAAYAAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

CATANELI, Aline Cristina de Oliveira. A crítica teatral de Machado de Assis nas páginas d’*O Futuro*. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 7, n. 2, p. 139-159, ago.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/283.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

_____. *Machado de Assis: cronista d'O Futuro* (1862-1863). Orientadora: Sílvia Maria Azevedo. 2012. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/94023>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo: EdUSP, 2015. 552 p.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: “Andiamo in ’Merica...”*. 3. ed. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

CHRISTO, Maraliz. Memórias de um leque. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 44, maio 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/memorias-de-um-leque>>. Acesso em: 3 junho 2016.

COELHO, Jacinto do Prado. Novais, Faustino Xavier de. In: _____ (Dir.). *Dicionário de literatura: literatura brasileira; literatura portuguesa; literatura galega; estilística literária*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. v. 3, p. 741.

COELHO, Joaquim-Francisco. Cartas de Machado e Bilac à Academia de Ciências de Lisboa. MINAS GERAIS. Suplemento Literário, Belo Horizonte, v. 9, n. 433, p. 5, dez. 1974. Disponível em: <<http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=09043312197405>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

COELHO, José Maria Latino *et al.* *O marquez de Pombal: obra comemorativa do centenario da sua morte mandada publicar pelo Club de Regatas Guanabarenses do Rio de Janeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. 234 p. Disponível em: <<https://ia600208.us.archive.org/6/items/omarquezdepombal00clubuoft/omarquezdepombal00clubuoft.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. 296 p. (Humanitas). Título original: *Le Démon de la Théorie: Littérature et Sens Commun*.

CORÇÃO, Gustavo. Machado de Assis cronista. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, 17). v. 3, p. 325-331.

CORDEIRO, Francisca de Basto. *Machado de Assis que eu vi*. Rio de Janeiro: São José, 1961. 70 p.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *O melhor do humor brasileiro: antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 462 p.

COUTINHO, Afrânio. Machado e a liberdade criadora. MINAS GERAIS. Suplemento Literário, Belo Horizonte, v. 14, n. 783, p. 9, out. 1981. Disponível em: <<http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=14078310198109>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

_____. Um Machado diferente. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, v. 17). v. 3, p. 1027-1027.

_____; SOUSA, J. Galante de (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. rev., ampl. e il. sob a coord. de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed., rev. pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 744 p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. 764 p.

DESBORDES-VALMORE, M^{me}. Le billet. In: GUÉRIN, Hippolyte *et al.* *Le chansonnier des grâces*. Avec les airs nouveaux gravés. Paris: F. Louis, 1831. p. 226. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=G785AAAACAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 13 dez. 2016.

DIAS, Sousa. Entre jornalismo e literatura: as crônicas de Manuel António Pina. In: PINA, Manuel António. *Crónica, saudade da literatura, 1984-2012 – antologia*. Selecção de crônicas de Sousa Dias. Porto: Assírio & Alvim, 2013. p. 7-12.

DOYLE, Plínio. Machado de Assis jogador de xadrez. *Boletim da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 22-23, set. 1958.

DR. SEMANA. Pontos e virgulas. *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, n. 339, p. 2706-2710, 9 jun. 1867. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=702951&pagfis=2717&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

DRUMMOND, Adriano Lima; MIRANDA, José Américo. O alexandrino português. *O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 14, p. 15-28, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.14.0.15-28>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

DUARTE, Eduardo de Assis. Nota introdutória. In: ASSIS, Machado de. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* [antologia]. Org., ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas; Crisálida, 2009. p. 7-12.

DUMAS, Alexandre. *Causeries*. Première série. Paris: Michel Lévy frères, 1860. 288 p. (Œuvres complètes d'Alexandre Dumas).

_____. *Oeuvres complètes d'Alexandre Dumas: troisième série*. Paris: Au bureau du Siècle, 1848. Paginação imprecisa.

EGA, João da. A respeito de “Salões”. *Revista da sociedade dos amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 22-24, 21 jun. 1959.

EXPOSIÇÃO Machado de Assis. Centenário do nascimento de Machado de Assis: 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saude, 1939. 246 p. (Exposições, v. 2). Catálogo de exposição.

FACÓ, Rui. Em memória de Machado de Assis. In: PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Org. de Martin Cezar Feijó. 3. ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008. p. 215-217.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*. Prefácio de Evanildo Cavalcante Bechara. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007. 344 p. (Coleção Antônio de Morais Silva. Estudos de Língua Portuguesa, v. 5). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/linguagem_e_estilo_de_machado-eca-simoes_-_internet-final.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

FLORES, Diego do Nascimento Rodrigues. Machado de Assis, tradutor de Longfellow. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 178-192, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1519/1983-68212017102011>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FONSECA, Gondim da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941. 416 p.

_____. *Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise*. São Paulo: Fulgor, 1960. 240 p.

FÓSCOLO, Avelino. *Morro Velho: romance*. Ed., apresentação e notas por Letícia Malard e José Américo Miranda. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Pós-Lit/FALE/UFMG, 1999. 206 p. (Coleção Inéditos & Esparsos, v. 4).

FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. São Paulo: Ateliê, 2007. 296 p.

FULGÊNCIO, Lúcia. A tradução de “Um apólogo” para o italiano. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). *“Um apólogo” de Machado de Assis em seis vozes*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2015. p. 62-67.

GALVÃO, José. Faustino Xavier de Novais e inéditos biográficos dos familiares. In: DUMAS, Marie; UTÉZA, Francis (Comp.). *Mélanges offerts à Claude Maffre*. Montpellier: Université Paul-Valéry – Montpellier III, 2003. p. 429-445.

_____. Faustino Xavier de Novais e Machado de Assis. *Estudos portugueses e africanos*. Campinas, n. 15, p. 43-54, jan.-jun. 1990.

GANDRA, Jane Adriane. Pinheiro Chagas, a versatilidade do cronista na *Revista da Semana*. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Brasil e Portugal nos oitocentos: crítica, imprensa e ficção*. Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2015. p. 103-124.

GAUTIER, Théophile. *Poésies complètes*. Paris: Charpentier, 1845. 370 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=34VTAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

GLEDSON, John. A história das edições das crônicas machadianas. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Org., introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 313-319.

_____. De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis. In: _____ (Org.). *Machado de Assis & confrades de versos*. São Paulo: Minden, 1998. p. 7-11.

_____. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. Introd. e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008. p. 13-61.

_____. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Org., introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 9-37.

_____. Machado de Assis e a República – a “crise” de 1890-91 e os prelúdios de *A Semana*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, fase VIII, n. 82, p. 103-112, jan-mar. 2015.

_____ (Org.). *Machado de Assis & confrades de versos*. São Paulo: Minden, 1998. 112 p.

_____. *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. de Sônia Coutinho. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 340 p.

_____. Senna, Marta de, and Hélio de Seixas Guimarães, orgs. *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis*. *Luso-Brazilian Review*, v. 51, n.1, p. 221-223, 2014.

_____. Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *50 contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 7-16.

GODOI, Rodrigo Camargo de. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *O Futuro*. Org., introd. e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2014. p. 9-35.

GOMES, Eugênio. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: crônicas*. Org. de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Nossos clássicos, 69). p. 5-15.

_____. As correções de Machado de Assis. In: _____. *Espelho contra espelho: estudos e ensaios*. São Paulo: Instituto Progresso, 1949. p. 103-117.

_____. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958. 218 p.

_____. *Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1976. 128 p.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis cronista: primeiros anos. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Vieira & Lent, 2004. p. 595-608.

_____. Machado, Moutinho, um poema e algumas considerações: homenagem aos cem anos da morte de Machado de Assis. In: GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia; RICIERI, Francine Weiss (Org.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Ed. Unesp, 2008. p. 225-238.

GRIECO, Agrippino. *Machado de Assis*. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Conquista, 1960. 368 p.

_____. *Viagem em torno a Machado de Assis*. São Paulo: Martins, 1969. 222 p.

GUEDES, Paulo; HAZIN, Elizabeth. *Machado de Assis e a administração pública federal*. Brasília: Senado Federal, 2006. XXVI, 192 p. (Edições do Senado Federal, v. 68).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. A composição de uma figura. *Anotações sobre as fotografias de Machado de Assis*. In: _____; SACCHETTA, Vladimir (Org.). *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008. p. 7-13.

_____. Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais – o caso das *Crisálidas*. In: SENNA, Marta de; GUIMARÃES, Hélio de Seixas (Org.). *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012. p. 109-122.

_____. Machado de Assis e o paradigma inglês. In: SECCHIN, Antonio Carlos; BASTOS, Dau; JOBIM, José Luís (Org.). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2008. p. 35-45.

_____. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2004. 510 p.

_____. (Apresentação). Uma carta rara de Aluísio Azevedo sobre Machado de Assis. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 99-107, abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-682120169178>>. Acesso em: 16 maio 2016.

_____. Uma vocação em busca de línguas: notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. In: FANTINI, Marli (Org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia, SP: Ateliê, 2010. p. 163-171.

_____; SACCHETTA, Vladimir (Org.). *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008. 198 p.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012. 1016 p. Título original: *Books in Brazil: A History of the Publishing Trade*.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--]. p. 11-21.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão monusuário 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

JACKSON, K. David. *Machado de Assis: a literary life*. New Haven: Yale University Press, 2015. 336 p. (Major figures in Spanish and Latin American literature and the arts).

JANUZZI, Eliana Petrillo. *A contribuição de Faustino Xavier de Novais na Revista Popular: um projeto de edição*. Orientador: José Américo de Miranda Barros. 2005. 138 f. Monografia (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2005. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/libra/dados/arquivos/faustinoxavierenovaisnarevistapopular.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

_____. *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais, e seu intertexto imediato: as *Folhas caídas, apanhadas na lama*, de Camilo Castelo Branco. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 28, n. 40, p. 113-123, jul.-dez. 2008.

_____. *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais: edição e estudo. Orientador: José Américo de Miranda Barros. 2009. 244 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7T9GT4/disserta_aofinalposdefesacd.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. *A vespa do Parnaso*, de Faustino Xavier de Novais: uma carta de intenção. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. [1]-[8], 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3495>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

JUCÁ (FILHO), Cândido. *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*: ensaio de estilística. Rio [de Janeiro]: Pedidos à Civilização Brasileira, 1939. 160 p.

KELLY, Celso. *Machado de Assis e outros pretextos...* Rio de Janeiro: São José, 1972. 164 p.

KNOWLTON, JR., Edgar C. Mickiewicz and Brazil's Machado de Assis. *The Polish Review*, v. 26, n. 1, p. 46-57, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25777804>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

KONINGS, Johan. As traduções da Bíblia no Brasil. In: GABEL, Johan B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*: uma introdução. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003. Título original: *The Bible as Literature*. p. 253-255.

LA FONTAINE, João de. *Fabulas de La Fontaine*. Ilustradas por Gustavo Doré. [Vários tradutores.] Lisboa; Rio de Janeiro: David Corazzi; José de Mello, 1886. 2 v.

LAPRADE, Victor de. *Odes et Poëmes*. Paris: Jules Labitte, 1843. XX, 316 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=gDkJAAAAQAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 13 dez. 2016.

LEAL, Cláudio Murilo. *O círculo virtuoso*: a poesia de Machado de Assis. Brasília: Ludens, 2008. 208 p.

LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. [2. ed.] Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2013. 216 p.

LEMOIS. Humorismo. Na literatura portuguesa. In: COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura*: literatura brasileira; literatura portuguesa; literatura galega; estilística literária. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. v. 2, p. 442-446.

LEMOS, Valéria Pinto (Org. e indexação). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro*: inventário analítico. Inventário por Alexandra Almada de Oliveira, Gabriela de Chevalier e Quézia Junia de Moraes Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. 400 p. (Coleção Rodolfo Garcia, v. 35). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1415592/mss1415592.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *Songs and sonnets from Longfellow*. Illustrated by Henry Sandham. London: Ernest Nister; New York: E.P. Dutton & Co, 1581 (*sic*). 84 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=7MMTAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 14 nov. 2016.⁸⁴⁸

LUCCHESI, Marco; RÊGO, Raquel Martins (Org.). *Machadiana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. 192 p. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1231343/drg1231343.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2016.

LYRA, Pedro. A poesia de Machado. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Capitu mandou flores*: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte. São Paulo: Geração, 2008. p. 503-508.

MACHADO DE ASSIS. Exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento do escritor. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. 112 p. (Memória literária, v. XII). Catálogo de exposição.

MACHADO, Ubiratan. A viagem de Machado de Assis a Minas e o *Quincas Borba*. In: GUIDIN, Márcia Lúgia; GRANJA, Lúcia; RICIERI, Francine Weiss (Org.). *Machado de Assis*: ensaios da crítica contemporânea. São Paulo: Ed. Unesp, 2008. p. 299-307.

_____. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010. 392 p.

_____. *Bibliografia machadiana 1959-2003*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005. 274 p.

_____. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, 2008. 392 p.

_____. *Machado de Assis*: roteiro da consagração (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. 302 p.

_____. Viajando nas livrarias. Entrevista concedida à Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com_content&view=article&id=97:ubiratan-machado&catid=11:figuras-do-livro&Itemid=20>. Acesso em: 26 dez. 2016.

⁸⁴⁸ O ano informado na folha de rosto do volume está obviamente errado. O catálogo das bibliotecas da Stanford University dá 1906 como ano de publicação de *Songs and sonnets from Longfellow* (cf. <<https://searchworks.stanford.edu/view/5986653>>. Acesso em: 14 nov. 2016).

MACNICOLL, Murray Graeme. Machado de Assis in 1878. *Luso-Brazilian Review*, Wisconsin, v. 19, n. 1, p. 31-38, [Jan.-June] 1982.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo (Org.). *Antologia de humorismo e sátira: de Gregório de Matos a Vão Gôgo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. 428 p. (Coleção Vera Cruz, Literatura Brasileira, v. 5).

_____. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Ed. ilustrada, comemorativa do cinquentenário da morte de Joaquim Maria Machado de Assis – 1839-1908. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. 288 p.

_____. [Apresentação]. In: ASSIS, Machado de. *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Seleção e apresentação de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. p. 7-9.

_____. *Machado de Assis desconhecido*. [4. ed.] Texto definitivo, revisto pelo Autor. São Paulo: LISA, 1971. 360 p.

_____. Novos apontamentos machadianos. *Cadernos brasileiros*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 77-85, set.-out. 1965.

_____. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Contos esparsos*. 4. ed. Org. e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. São Paulo: Ediouro, 1996. (Coleção Prestígio). p. 13-20.

_____. *Vida e obra de Machado de Assis*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4 v.

MALHERBE, François. Consolation à M. Du Périer sur la mort de sa fille. Disponível em: <http://poesie.webnet.fr/lesgrandsclassiques/poemes/francois_de_malherbe/consolation_a_m_du_perier_sur_la_mort_de_sa_fille.html>. Acesso em: 26 jun. 2016.

MANUSCRITOS. *Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, n. 23-24, p. 110-125, jul. 2008. Disponível em: <https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_machado_de_assis_-_geral/3?e=2120050/5468730>. Acesso em: 8 ago. 2016.

MARCONDES, Ayrton. *Machado de Assis: exercício de admiração*. São Paulo: A Girafa, 2008. 344 p.

MARQUES, Wilton José. As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 11-33, dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-682120169192>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

MARTINS, António Coimbra. Alexandrino. In: COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura: literatura brasileira; literatura portuguesa; literatura galega; estilística literária*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. v. 1, p. 36-37.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008. 328 p. (Acadêmica, v. 71).

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: volume 3: 1855-1877*. 3. ed. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2010. 616 p.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p. 21-90.

_____. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. 584 p. Título original: *La jeunesse de Machado de Assis (1839-1870): essai de biographie intellectuelle*.

_____. *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis*, tome IV, 1957-1958. Rio de Janeiro: São José, 1965. 228 p.

_____. Introdução. In: PINEL, Philippe-François [Dumanoir] *et al. Três peças francesas traduzidas por Machado de Assis: Os burgueses de Paris, Tributos da Mocidade e Força por força*. Trad. de Machado de Assis. Org., introd. e notas de Jean-Michel Massa. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. p. 7-16.

_____. Introduction. In: ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1965. p. VII-XLIII.

_____. *Machado de Assis tradutor*. Trad. de Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2008. 128 p. Título original: *Machado de Assis traducteur*.

_____. Reabilitação de Machado de Assis. In: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 33-54. [Sob o título “A década do teatro: 1859-1869”, foi publicado em: *Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, n. 23-24, p. 219-239, jul. 2008. Disponível em: <https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_machado_de_assis_-_geral/3?e=2120050/5468730>. Acesso em: 8 ago. 2016.]

_____. Um amigo português de Machado de Assis: Antônio Moutinho de Souza. Trad. de Lúcia Granja. *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 10-25, dez. 2012. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero10/num10artigo02.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

MATA, Vanessa da. Carta (ano de 1890). Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=1>>. Acesso em: 25 out. 2015.

MATOS, Mário. *Machado de Assis: o homem e a obra: os personagens explicam o autor*. Edição ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 456 p. (Brasiliana, Biblioteca pedagógica brasileira, série 5ª, v. 153).

MELLO, Manuel de. *Catalogo suplementar dos livros do Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868. X, 430 p. Disponível em: <<https://books.google.es/books?id=I-sIAQAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

MELO E SOUZA, Ronaldes de. Bibliografia machadiana comentada. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaldes de (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 227-240.

MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*. Porto: Fronteira do Caos; CEPESSE, 2010. 372 p. (Coleção Os portugueses no mundo, v. 4). Disponível em: <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/lacos-de-sangue.-privilegios-e-intolerancia-a-imigracao-portuguesa-no-brasil>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

MEYER, Augusto. Introdução. In: EXPOSIÇÃO Machado de Assis. Centenário do nascimento de Machado de Assis: 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939. (Exposições, v. 2). p. 13-16.

_____. *Machado de Assis, 1935-1958*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2008. 194 p.

MIÇKIEWICZ, Adam. *Œuvres poétiques complètes*. Traduction du polonais par Christien Ostrowski. 4ème éd. Paris: Firmin Didot, 1859. 2 t. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=N77DAhSn4-AC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> e <<https://ia800300.us.archive.org/0/items/oeuvrespotiques00mickgoog/oeuvrespotiques00mickgoog.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

MIRANDA, G. Os irmãos António José e Raphael José Croner – músicos românticos. *Revista portuguesa de musicologia*, v. 3, p. 179-196, 1993. Disponível em: <<https://goo.gl/u9s4fq>>. Acesso em: 28 maio 2016.

MIRANDA, José Américo. Joaquim Nabuco, artista. *O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 33-56, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2019,%20n.2/02-Jose%20Americo.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2015.

_____. Linguagem e método crítico de Machado de Assis. *Interfacis*, Belo Horizonte, v. 2, p. 1-20, 2016. Disponível em: <<http://facisabhead.no-ip.org/ojs/index.php/interfacis/article/view/36>>. Acesso em: 11 out. 2016.

_____. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária. Inédito.

_____. O poema “Sinhá”, de Machado de Assis. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 8-15, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/14657/9760>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

_____. Poesia, história e circunstância. In: ASSIS, Machado de *et al. Maio de 1888: poesias distribuídas ao povo, no Rio de Janeiro, em comemoração à Lei de 13 de maio de 1888*. Edição, apresentação e notas por José Américo Miranda. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 45). p. 7-31.

_____. Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 331-349, jul.-dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12231/10743>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

_____. Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. LXXVI, p. 59-74, 2016.

_____; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos no livro. Inédito.

MIRANDA, Kátia Rodrigues. *O Futuro* (1862-1863), *Jornal das Famílias* (1863-1878) e *A Estação* (1879-1904): três periódicos em que colaborou Machado de Assis. *Patrimônio e memória*, Assis, v. 3, n. 2, p. 195-220, 2007.

MOISÉS, Massaud (Org.). *Pequeno dicionário de literatura portuguesa: crítico, biográfico e bibliográfico*. São Paulo: Cultrix, 1981. 424 p.

MONTELLO, Josué. *Josué Montello*. 1. ed. digital. Seleção e Prefácio de Flávia Amparo. São Paulo: Global, 2012. 306 p. (Coleção Melhores crônicas).

MORAES FILHO, Mello (Org.). *Serenatas e saráus: coleção de autos populares, lundús, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. v. III, Hymnos; modinhas diversas. 300 p. (Coleção dos autores celebres da litteratura brasileira). Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01195330>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

MOUTINHO, Viale. Prefácio. Notícias de um poeta satírico. In: NOVAIS, Faustino Xavier de. *Sátiras*. Org. e Prefácio [de] Viale Moutinho. Lisboa: Ulmeiro, 1998. (Coleção Clássicos da Língua Portuguesa, 13). p. 7-15.

MUNNO, Amina Di. Influências italianas em alguns contos de Machado de Assis: umas traduções. In: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 181-196.

NASCIMENTO, Luiz do. *Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos*. Recife: Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 1983. 232 p.

NEMOTO, Sho. Japão e Brasil. Sho Nemoto em S. Paulo. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, n. 300, p. 2, 28 out. 1894. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&PagFis=10724>. Acesso em: 5 jun. 2016.

NOGUEIRA, Carlos. *A sátira na poesia portuguesa e a poesia satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O'Neill*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. 828 p. (Coleção Textos universitários de ciências sociais e humanas).

NOVAES, Faustino Xavier de. *Poesias posthumas*. Publicadas por Antonio Moutinho de Sousa. Porto: Ernesto Chardron, 1877. 320 p. Disponível em:

<<https://ia601406.us.archive.org/4/items/poesiasposthuma00novagoog/poesiasposthuma00novagoog.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

O FUTURO. Periodico Litterario. Rio de Janeiro: Typographia de Brito & Braga; Typographia do Correio Mercantil, 1862-1863. Quinzenal. 20 n. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/633>> e <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=779628&pasta=ano%20186&pesq=>>>. Acesso em: 17 maio 2016.

O FUTURO. Periodico litterario. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria de A. A. da Cruz Coutinho, 1867. 660 p. Disponível em: <http://aleph20.letras.up.pt/F/E3PF39AVJLCSN84B1CXRK77TTM3RHXDT1Y8CNAP3XFRU491119-40452?func=find-acc&acc_sequence=000064329>. Acesso em: 17 maio 2016.

O MUSEU Mariano Procópio. São Paulo: Banco Safra, 2006. 360 p.

OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*: última série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. 276 p. (Coleção Retratos do Brasil, v. 119-B).

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. *A medalha e seu reverso*: fantástico e desfantasticização em contos de Machado de Assis. Orientador: Luis Alberto Ferreira Brandão Santos. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-8Y3H2W>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

OLIVEIRA, Damares Rodrigues de. *Periódico literário luso-brasileiro O Futuro*. Orientador: Paulo Fernando da Motta de Oliveira. 2016. 140 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Machado, Faustino e Camilo: a literatura lusófona no Oitocentos, um mapa em construção. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Machado de Assis e as suas múltiplas vozes*. Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2008. p. 185-201.

PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 514 p.

PAHLEN, Kurt. *História universal da música*. Trad. de A. Della Nina. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. Título original: *Musikgeschichte der Welt*.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado*: presença francesa em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Annablume, 1996. 158 p. (Coleção Parcours).

_____. *As sugestões do Conselheiro*: a França em Machado de Assis: *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1996. 174 p.

_____. *Capitu e a mulher fatal*: análise da presença francesa em *Dom Casmurro*. São Paulo: Nankin, 2003. 104 p.

_____. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba*, de Machado de Assis. São Paulo: Annablume, 2000. 92 p.

PATI, Francisco. *Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens*. Nova redação. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972. 346 p.

PEREGRINO JÚNIOR, [João]. *Doença e constituição de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1976. 136 p. (Coleção Documentos brasileiros, v. 171).

PEREIRA, Lawrence Flores. Nota sobre a tradução. In: SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015. Título original: *The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*. p. 43-48.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 5. ed., rev. pela autora. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. 310 p. (Coleção Documentos brasileiros, v. 82).

_____. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Casa velha*. Introd. de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Martins, 1944. (Biblioteca de literatura brasileira, v. VII). p. 5-22.

PERES, Marcos Flamínio. *As minas e a agulheta: romance e história em As minas de prata*, de José de Alencar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015. 124 p. (Origem).

PIMENTEL, A. Fonseca. *A presença alemã na obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1974. 44 p.

PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción. “*Cosas de España*” em Machado de Assis: e outros temas hispano-brasileiros. São Paulo: Giordano, 2000. 160 p. (Coleção Memória universal, v. 25).

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3. ed. rev. e corrigida pelo autor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. 416 p.

PLATONOW, Vladimir. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 15 out. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-10/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-academia-brasileira-de-letras>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

PONTES, Eloy. *A vida contradictoria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. 330 p. (Coleção Documentos brasileiros, v. 21).

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007. 264 p. (Coleção Várias histórias, v. 26).

POSTIGO ALDEAMIL, María Josefa. Erudición, noticias y libros en las crónicas de *O Futuro* de Machado de Assis. Artigo apresentado no Congresso Internacional “Machado de Assis, sempre atual” (Universitat de Barcelona, 2008). Disponível em: <eprints.ucm.es/27820/>. Acesso em: 14 fev. 2015.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. *Sob o signo de Caim: Machado de Assis e a Bíblia*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015. 346 p.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 336 p.

QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008. 192 p.

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis poeta. *Ângulo*, n. 113, p. 55-61, abr.-jun. 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/view/59/58>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1980. v. 1, p. 42-73. [acrescentar também os textos de Alencar, constantes dessa antologia, que serão usados]

RIBEIRO, Thomaz. *D. Jayme*: poema. Com uma conversação preliminar pelo senhor A. F. de Castilho. 3. ed. correct. Porto: Em casa de viúva Moré, 1868. 304 p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=PZwDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 5 mar. 2015.

RIDING, Alan; DUNTON-DOWNER, Leslie. *Guia ilustrado Zahar: ópera*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 432 p. Título original: *Eyewitness companions: opera*.

RISSATO, Felipe Pereira. Iconografia fotográfica de Machado de Assis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 81-122, out.-dez. 2016. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revistabrasileira89.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução. A lição machadiana. In: ASSIS, Machado de. *Contos de Machado de Assis*: v. 1, Música e literatura. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 7-14.

RODRIGUES, Ernesto. *Cultura literária oitocentista*. Porto: Lello, 1999. 296 p. (Coleção «O Mocho de Papel»).

_____. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Notícias, 1998. 496 p. (Coleção Artes e Ideias).

ROSSO, Mauro. A crônica em Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Textos inéditos em livro*. Org. de Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 102). p. 27-29.

_____. Machado de Assis e os portugueses. *Pontes de vista: revista de filosofia e literatura*, Porto, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revistapontesdevista.com/2015/04/06/machado-de-assis-e-os-portugueses/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V, 1905-1908. Coord. e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, org. e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 105). p. VII-XXIV.

ROUSSADO, Manoel. *Roberto ou A dominação dos agiotas*: poema heroi-comico. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1862. 180 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=6J0DAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 12 out. 2015.

ROZETT, Martha Tuck. *Constructing a World*: Shakespeare's England and the New Historical Fiction. Albany: State University of New York Press, 2003. 216 p.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008. 96 p. (Série Princípios, v. 5).

SALOMÃO, Sonia Netto. La lingua. In: _____. *Machado de Assis dal "Morro do Livramento" alla città delle lettere*: con la traduzione di due racconti. 4ª edizione rivista e aggiornata. Viterbo: Sette Città, 2014. p. 70-107.

_____. *Machado de Assis e o cânone ocidental*: itinerários de leitura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. 432 p. (Coleção Brasil – Itália).

SANDMANN, Marcelo. *Aquém-além-mar*: presenças portuguesas em Machado de Assis. 2004. xviii, 490 p. Orientador: Paulo Franchetti. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000321444>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 220 p.

SANTOS, Gilda. Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura. *Convergência lusíada*, n. 25, p. 133-140, jan.-jun. 2011. Disponível em: <www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/159.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2016.

_____. Páginas esquecidas. In: CRUZ, Eduardo da (Org.). *No giro do mundo*: os periódicos do Real Gabinete Português de Leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2014. (O Real em Revista, v. 1). P. 5-6.

SANTOS, Hemetério dos. Carta de Hemetério dos Santos. In: FONSECA, Gondim da. *Machado de Assis e o hipopótamo*: biografia e análise. São Paulo: Fulgor, 1960. p. 227-235.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed., corrigida e actualizada. Porto: Porto, 2010. 1216 p.

SAWAYA, Luiza. Poemas musicados de Machado de Assis. In: CHAVES, Vania Pinheiro; MOREIRA, Lauro; CARDOSO, Solange Aparecida (Org.). *Lembrar Machado de Assis*: 1908-2008. Lisboa: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa; Missão do Brasil junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 2009. p. 17-20.

SAYERS, Raymond. A caminho de Bayreuth: a música na obra de Machado de Assis. *Revista Hispânica Moderna*, n. 3/4, v. 2, p. 776-790, jul.-oct. 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30207095>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. *Onze estudos de literatura brasileira*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; [Brasília]: INL, 1983. 232 p. (Coleção Vera Cruz, literatura brasileira, v. 347).

SCHEI, Ane. *A colocação pronominal do século XIX: a língua literária brasileira*. São Carlos: Pedro & João, 2010. 128 p.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do Bruxo: ensaios machadianos*. 2. ed., rev. e modificada. Rio de Janeiro: Língua geral, 2008. 168 p. (Coleção Língua de fogo).

SERGIO PAULO ROUANET fala sobre a coletânea “Correspondência de Machado de Assis”. Entrevista exibida no programa *Globo News Literatura* de 17 jul. 2015. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/4330299/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015. 320 p. Título original: *The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*.

_____. *The Handy-Volume Shakspeare*. New York: Wynkoop & Sherwood, 1868. v. XI (Hamlet, Prince of Denmark; Romeo and Juliet; Pericles, Prince of Tyre). 350 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=6OuWsYR6t58C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Ed. e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. 360 p. (Memória literária, v. 5).

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 t. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299210>> e <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299220>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

SOARES, Carlos Eugénio Líbano. Dos fadistas e galegos: os portugueses na capoeira. *Análise social*, v. XXXII, n. 142, p. 685-714, (3º) 1997. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122184194008hRJ0ah8Vq04UO7.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

SOARES, Cláudio de Souza. Enigmas no tabuleiro. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 20-23, set. 2008.

SOARES, Ivanete Bernardino. A transitoriedade estilística da crônica jornalística de Machado de Assis. In: SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 6., 2011, Natal. *Anais*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ivanete%20Bernardino%20Soares%20-%20UFMG.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SOARES, Maria Nazaré Lins. *Machado de Assis e a análise da expressão*. [Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro, 1968. xvi, 108 p. (Coleção de Cultura Brasileira, série “Estudos”, v. 1).

SOUSA, J[osé]. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. 812 p. (Coleção B I – Bibliografia, v. 10).

_____. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. 328 p. (Coleção Cultura brasileira, série Bibliografia, v. 1).

_____. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979. 248 p.

SOUZA, Rilane Teles de. Machado de Assis entre dois sistemas de versificação. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 34-48, dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-682120169193>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 168 p. (Coleção Babel, v. 3).

TORNQUIST, Helena. Tradução e intermediação: textos dramáticos franceses traduzidos por Machado de Assis. In: GUERINI, Andréia; FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Walter Carlos (Org.). *Machado de Assis: tradutor e traduzido*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012. p. 57-74.

VATTIER, Gustave; NAJAC, Émile de. *Chasse au lion: comédie en 1 acte*. Paris: Michel Lévy Frères, libraires-éditeurs, 1852. 28 p. (Bibliothèque dramatique, Théâtre moderne). Disponível em: <<https://download.digitale-sammlungen.de/pdf/1438512482bsb10102630.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: São José, 1960. 108 p.

VENÂNCIO, Renato Pinto (Org.). *Panfletos abolicionistas: o 13 de maio em versos: 1888-2008*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2007. 88 p. (Tesouros do Arquivo).

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p. 99-274.

VIEIRA, Brunno V. G. José Feliciano de Castilho e a clâmide romana de Machado de Assis. *Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 125-140, dez. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero04/num04artigo07.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2012.

WEHRS, Carlos. *Machado de Assis e a magia da música*. Rio de Janeiro: edição do autor, 1997. 160 p.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. 280 p.

WISNIK, José Miguel. *Machado Maxixe: o caso Pestana*. São Paulo: Publifolha, 2008. 96 p.

WOODBIDGE, JR., Benjamin Mather. Mestre Machado revê uma poesia. *Anhembi*, São Paulo, v. XXV, n. 74, p. 245-248, jan. 1957.

APÊNDICE A – Algumas notas sobre as “notas de leitura”

Sobre o valor dos chamados “livros clássicos”, deixou-nos um precioso testemunho Autran Dourado, ficcionista mineiro notabilizado pela atenção que também devotou à crítica. Em seu *Breve manual de estilo e romance*, Dourado relata o convívio intenso que teve, por meio da leitura, com os clássicos, apontando-lhes este préstimo: “estão sempre à nossa espera, são nossos eternos contemporâneos. Não somente os gregos e os latinos, os lusitanos também; afinal de contas foram eles que forjaram o instrumento que temos de utilizar, os brasileiros e os lusitanos, a língua portuguesa”. Se por vezes parecem mortos, esclarece o romancista, “não estão, apenas hibernam, para renascer mais pujantes depois, sem nada perder do seu vigor, quando surge um talento capaz de utilizá-los de uma maneira moderna, atual”.⁸⁴⁹

Machado de Assis foi um desses talentos de que fala Autran Dourado. Cedo se iniciou no culto dos clássicos, mormente os da língua de Camões. Posto que a crítica literária tenha ao longo dos anos destacado as leituras francesas e inglesas do escritor, é preciso reconhecer que os clássicos da língua portuguesa tiveram um papel essencial, indisputável, em sua formação literária. Afinal, como escreveu Autran Dourado, foram eles, os clássicos lusitanos, que “forjaram o instrumento” da criação literária lusófona. Machado revelou ciência disso em toda a sua obra, amiúde preocupado com o uso vernáculo de uma palavra ou de uma construção sintática. Para além das vezes em que o diálogo intertextual com autores portugueses é explícito na ficção, na poesia, no teatro e na crônica machadiana, convém atentar, também, para um nível de assimilação e recorrência mais difícil de ser explicitado, de ser mesmo analisado: trata-se do que fica nas dobras da memória, do que permanece de um livro após a atuação do esquecimento.⁸⁵⁰

No que concerne à língua literária, Autran Dourado, defendendo certa identidade entre literatura e linguagem, conclui que “linguagem escrita só se aprende mergulhando na língua em que nascemos, em que escrevemos. Quando um jovem escritor está escrevendo, ele não está sozinho [...]. Atrás dele [...] estão todos os grandes escritores que escreveram antes dele e fizeram a sua língua literária”. A seguir, o consagrado autor de *Ópera dos mortos* se dirige aos jovens iniciantes no ofício das letras: “Portanto, todo respeito, todo cuidado é pouco. Seja metódico nas suas leituras, depois é que se permita leitura vadia, o puro prazer.”⁸⁵¹ Novamente

⁸⁴⁹ DOURADO. *Breve manual de estilo e romance*, p. 59-60.

⁸⁵⁰ Cf. CALVINO. *Por que ler os clássicos*, p. 10.

⁸⁵¹ DOURADO. *Breve manual de estilo e romance*, p. 73

Machado poderia ser tomado como exemplo da fala de Dourado. O escritor fluminense dedicou-se com afinco às leituras formativas, e em diversos momentos, em sua crítica literária, a mesma coisa recomendou aos escritores estreados – o estudo diligente da tradição. Talvez, agindo assim, estivesse trazendo à memória os seus primeiros passos na literatura. Talvez o velho Machado, dirigindo-se ao adolescente Manuel Bandeira, estivesse, de alguma forma, procurando atar as duas pontas de sua vida de escritor.

Foi logo após o lançamento de *Dom Casmurro*, numa tarde que poderia ser considerada célebre, tal qual a de novembro, em que se deu a denúncia de José Dias. Sentados lado a lado no bonde estavam o maior escritor brasileiro do século que findava, escritor que foi objeto de uma reverência sem igual na literatura de seu país, e aquele que viria a ser um dos maiores poetas brasileiros do século que não tardava a despontar – na ocasião, apenas um “rapazola de quinze anos”, como dirá de si Manuel Bandeira em crônica de 20 de maio de 1939, na qual evoca a conversação que teve com Machado de Assis. Naquela tarde, conta Bandeira, o autor de *Dom Casmurro* recordava um passeio que fizera com alguns escritores e o momento em que um deles, na baía, recitou

aquela estrofe dos *Lusíadas*... Como é mesmo? Do episódio em que Vênus vai pedir a Júpiter pelos portugueses...

Eu, muito vaidoso de mostrar a minha familiaridade com o Camões, recitei:

– “Cum delgado cendal as partes cobre...”

Machado de Assis interrompeu-me:

– A estrofe anterior!

A memória traiu-me. Não houve meio de me lembrar da estrofe anterior! Fiquei desolado.⁸⁵²

Não bastasse o testemunho de pessoas que conversaram com Machado de Assis e puderam conhecer, de perto, suas afinidades literárias, a dedicação fervorosa que esse escritor devotou aos clássicos lusitanos poderia ser atestada pelo que restou de suas “notas de leitura”. Registradas no verbete de número 1283 da *Bibliografia...*,⁸⁵³ na seção reservada aos trabalhos sem data de composição estabelecida, as fichas de leitura de Machado de Assis ainda não figuram nas edições de obras completas do escritor – ou porque não constituem um texto acabado, antes um instrumento de trabalho; ou porque não se enquadram nos gêneros literários mais valorizados nesse tipo de edição, como o romance ou o conto, são algumas hipóteses para explicar essa ausência. De todo modo, é lamentável a dificuldade de acesso às notas. Com o

⁸⁵² BANDEIRA. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*, p. 208.

⁸⁵³ SOUSA. *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 698-699.

intuito de contribuir para a divulgação dessa parte ainda não devidamente valorizada da obra de Machado de Assis, incluiu-se na presente tese este apêndice: um quadro com os autores e as obras constantes das fichas remanescentes de Machado.

Como as indicações bibliográficas fornecidas pelo escritor são por vezes bastante abreviadas, ou mesmo ausentes, foi bastante proveitosa a utilização de ferramentas de busca na Internet. Foi possível resolver alguns problemas de atribuição de autoria, como, por exemplo, o levantado por Marcelo Sandmann. Em sua tese de doutorado – um estudo sobre a presença portuguesa em Machado de Assis –, Sandmann identifica, provisoriamente, o nome “Lisboa”, constante nas notas de leitura, como referência a “Antônio Lisboa, autor ligado à escola vicentina”.⁸⁵⁴ Graças aos fac-símiles em formato digital oferecidos pelo Google Books, foi possível verificar que o autor do fragmento transcrito por Machado de Assis é, na realidade, o brasileiro João Francisco Lisboa. Utilizaram-se principalmente duas referências na elaboração do quadro: a *História da literatura portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes e o *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*, organizado por Massaud Moisés. Os autores constantes das fichas de Machado foram dispostos em ordem cronológica, tomando como referência a data de nascimento (há de se considerar que algumas datações são incertas ou aproximadas). Após o nome da obra fichada, segue o ano de sua primeira edição – que não corresponde, necessariamente, à edição lida por Machado. No caso dos sermões de padre Antônio Vieira, registra-se o ano da pregação. Consultaram-se também diversos *sites* brasileiros e estrangeiros para localizar trechos de obras, o nome completo de livros e dirimir dúvidas.

Uma das obras que se sobressaem no fichamento é o *Parnaso lusitano ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos*, publicado em seis tomos, de 1826 a 1834, *chez* João Pedro Aillaud. Ao que tudo indica, foi por intermédio dessa antologia, cuja organização é objeto de controvérsia (mas de que seguramente participaram Almeida Garrett e José da Fonseca) que Machado entrou em contato com alguns dos clássicos de Portugal.⁸⁵⁵ Conforme Regina Zilberman, o *Parnaso lusitano* deve ter sido “a primeira seleta em língua portuguesa” e modelo das que se organizaram depois.⁸⁵⁶ O primeiro volume, dedicado à poesia épica, pode ter apresentado ao rapazinho Machado de Assis ninguém menos do que Camões, ou pelo menos tê-lo propiciado um contato mais próximo ou orientado com os *Lusíadas*. Coincidência ou não, o primeiro excerto do grande poema épico português presente no *Parnaso...* traz justamente o

⁸⁵⁴ SANDMANN. *Aquém-além-mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*, p. 281.

⁸⁵⁵ Sobre a polêmica em torno da organização do *Parnaso lusitano* e da contribuição de Almeida Garrett em sua feitura, cf. ZILBERMAN. Almeida Garrett e o cânone romântico.

⁸⁵⁶ ZILBERMAN. Almeida Garrett e o cânone romântico, p. 56.

episódio em que “Venus / intercede a Jupiter polos portugueses”...⁸⁵⁷ Em memória daquela célebre tarde, transcreve-se a seguir a estrofe que deixou desconsolado o futuro poeta de *Estrela da manhã*, tão desejoso de recitá-la a Machado de Assis:

Os crespos fios d’ouro se esparziam
 Pelo collo que a neve escurecia;
 Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
 Com quem amor brincava, e não se via:
 Da alva petrina flammias lhe saham,
 Onde o menino as almas accendia;
 Pelas lisas columnas lhe trepavam
 Desejos que como hera se enrolavam.⁸⁵⁸

Quadro 2 – Autores e obras presentes nas “notas de leitura” de Machado de Assis

Autor	Obra(s)
Gil Vicente (c. 1465, Guimarães? Lisboa? – c. 1536?)	• <i>O Juiz da Beira</i> (1525 ou 26). ⁸⁵⁹
Bernardim Ribeiro (1482?, Alto Alentejo? – 1552?)	• <i>História da Menina e Moça</i> (1554).
Francisco de Sá de Miranda (1485?, Coimbra – 1558)	• <i>Parnaso lusitano ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos</i> (6 t., 1826-1834; v., por exemplo, t. II, p. 278); • <i>Comédia dos Vilhalpandos</i> (1560).
João de Barros (1497, Viseu? – 1562)	• <i>Décadas</i> ; ⁸⁶⁰

⁸⁵⁷ In: AILLAUD (Ed.). *Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*, t. I, p. 1, em versais no original.

⁸⁵⁸ In: AILLAUD (Ed.). *Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*, t. I, p. 2.

⁸⁵⁹ Em casa, Machado possuía três volumes de *Obras* de Gil Vicente (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 49).

⁸⁶⁰ João de Barros, o mais importante historiador do Quinhentos português, projetou escrever uma monumental enciclopédia de caráter geográfico, histórico e econômico. Contudo, “[d]este conjunto apenas ficou a *Ásia*, dividida em conjuntos de dez livros ou ‘décadas’, nome por que a obra é mais conhecida. (1º volume 1552, 2º 1553, 3º póstumo 1563, 4º reformado e acrescentado por João Baptista Lavanha, 1615)” (SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 278). Diogo do Couto (1542, Lisboa – 1616) deu continuidade às *Décadas*.

- Damião de Góis (1502, Alenquer – 1574)

 - *Panegíricos* (do rei D. João III – 1533 – e da infanta D. Maria – 1555).⁸⁶¹
- Fernão Mendes Pinto (c.1509/14, Montemor-o-Velho – 1583)

 - *Peregrinação...* (1614).⁸⁶²
- Luís de Camões (1524/25, Lisboa? – 1579/80)

 - *Auto de Filodemo*;⁸⁶³
 - *Auto dos Anfitriões*;⁸⁶⁴
 - *Rimas* (1595).⁸⁶⁵
- Frei Amador Arrais (1528, Beja – 1600)

 - *Diálogos* (1589).⁸⁶⁶
- Frei Heitor Pinto (1528?, Covilhã -1584?)

 - *Imagem da vida cristã* (1563).
- Diogo Bernardes (1530, Minho – 1595?)

 - *Éclogas*.⁸⁶⁷
- Duarte Nunes de Leão (1530?, Évora – 1608)

 - *Ortografia da língua portuguesa* (1576).⁸⁶⁸

⁸⁶¹ Acrescente-se que Machado possuía uma edição portuguesa, de 1874, do *Espelho de casados* (1540) em seu acervo particular (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 48).

⁸⁶² Título completo: *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto em que dá conta de muitas e muito estranhas cousas que viu & ouviu no reino da China, no da Tartária, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhão, no de Pegu, no de Martavão, & em outros muitos reinos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Ocidente há muito pouca ou nenhuma notícia. E também dá conta de muitos casos particulares que aconteceram assim a ele como a outras muitas pessoas... / escrita pelo mesmo Fernão Mendes Pinto.*

⁸⁶³ Peça editada originalmente em 1587, sob o título *Primeira parte dos Autos e Comédias Portuguesas feitas por António Prestes e por Luís de Camões*.

⁸⁶⁴ Comédia publicada juntamente com o auto de *Filodemo* em 1587.

⁸⁶⁵ Machado transcreve versos da canção IX, que se inicia por “Junto de um seco, fero e estéril monte”. Em sua biblioteca particular, Machado dispunha de uma edição bilíngue (português-francês) d’*Os Lusíadas* (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 48).

⁸⁶⁶ “[F]oram começados, segundo declara Frei Amador, por seu irmão, o doutor Jerónimo Arrais” SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 416. Machado também possuía uma edição dos *Diálogos* em seu acervo particular (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 48).

⁸⁶⁷ Machado transcreve versos das de número XV e XVI. N’*O Lima* (1596) encontra-se a principal recolha desses poemas.

⁸⁶⁸ Machado transcreve uma recomendação de Leão a respeito da acentuação gráfica (acento diferencial). Para isso, recorre não à *Ortografia...* propriamente dita, mas a uma citação dela no *Parnaso lusitano* (t. III, p. 287).

- Frei Luís de Sousa [no século, Manuel de Sousa Coutinho] (c. 1555, Santarém – 1632)
- *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* (1619).⁸⁶⁹
- Francisco Rodrigues Lobo (1574?, Leiria – 1621)
- *Corte na Aldeia* (1619).
- Pe. Manuel da Costa (1601, Mourão – 1667)
- *Ver* Pe. Antônio Vieira.
- D. Francisco Manuel de Melo (1608, Lisboa – 1666)
- *Carta de guia de casados* (1651).⁸⁷⁰
- Pe. Antônio Vieira (1608, Lisboa – 1697)
- “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” (1640);
 - “Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde” (1649);
 - “Sermão da Primeira Dominga do Advento” (1650);
 - *Arte de furtar* (1652).⁸⁷¹
- Pe. Manuel Godinho (1630, Montalvão – 1712)
- *Relação...* (1665).⁸⁷²
- Pe. Manuel Bernardes (1644, Lisboa – 1710)
- *Luz e calor* (1696);
 - *Pão partido em pequeninos* (1696);
 - *Sermões e práticas* (2 v., 1711-33);
 - *Os últimos fins do homem, salvação, e condenação eterna* (1728);

⁸⁶⁹ Em referência a esse livro, Machado usa a abreviatura “*V. do Arc.*”: decerto, redução de “Vida do Arcebispo”. Frei Bartolomeu dos Mártires foi bispo de Viana e arcebispo de Braga. Sua biografia escrita por frei Luís de Sousa é, provavelmente, “[a] mais interessante [...] do século XVII” (SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 429). Em seu acervo particular, Machado dispunha de uma edição, organizada por Alexandre Herculano, dos *Anais de El-Rei Dom João Terceiro* (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 48-49).

⁸⁷⁰ Trata-se de “um manual da arte do matrimônio, no qual o A. comenta seriedades e frivolidades da vida íntima” MOISÉS. *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*: crítico, biográfico e bibliográfico, p. 221.

⁸⁷¹ Autoria e data de publicação discutíveis. “Pelo assunto, pela falsa atribuição de autoria e oficina de impressão, verifica-se que tais edições [as três primeiras edições da *Arte de furtar*] obedeceram a um propósito de especulação livreira e, também, de sondar as reacções oficiais” (SARAIVA; LOPES. *História da literatura portuguesa*, p. 536). Atualmente, a maioria dos estudiosos atribui a autoria da *Arte de furtar* ao jesuíta padre Manuel da Costa.

⁸⁷² Título completo: *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho, da Companhia de Jesu[s]*.

- | | |
|---|--|
| <p>Antônio José da Silva, o Judeu (1705, Rio de Janeiro – 1739)</p> <p>Pedro Antônio Correia Garção [Pseudônimo arcádico: Córidon Erimanteu] (1724, Lisboa – 1772)</p> <p>Filinto Elísio [pseudônimo arcádico de Francisco Manuel do Nascimento] (1734, Lisboa – 1819)</p> <p>João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799, Porto – 1854)</p> <p>João Francisco Lisboa (1812, Pirapemas – 1863)</p> <p>José Martiniano de Alencar (1829, Messejana – 1877)</p> | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal</i> (1730). • <i>Guerras do Alecrim e Manjerona</i> (1737). • Ode X [“Quantos, caro Pinheiro, noite e dia”].⁸⁷³ • <i>Oberon</i> (2 t., 1802);⁸⁷⁴ • <i>Fábulas escolhidas entre as de J. La Fontaine...</i> (2 t., 1815);⁸⁷⁵ • <i>Os Mártires, ou Triunfo da religião cristã: poema</i> (1816);⁸⁷⁶ • <i>Márcio Coriolano</i>.⁸⁷⁷ • <i>Lírica de João Mínimo</i> (1829).⁸⁷⁸ • <i>Obras...</i> (4 v., 1864-1865).⁸⁷⁹ • <i>O gaúcho: romance brasileiro</i> (2 v., 1870).⁸⁸⁰ |
|---|--|
-

⁸⁷³ Possivelmente, lida no *Parnaso lusitano* (t. III, p. 304).

⁸⁷⁴ Tradução do poema épico homônimo de Christoph Martin Wieland.

⁸⁷⁵ Título completo: *Fábulas escolhidas entre as de J. La Fontaine; traduzidas em verso português, e emendadas sobre a edição feita em Londres, e acrescentadas com a vida e elogio de La Fontaine*.

⁸⁷⁶ Tradução de *Les Martyrs, ou Le Triomphe de la Religion Chrétienne* (1809), de François-René de Chateaubriand.

⁸⁷⁷ Tradução da peça *Coriolan*, tragédia de Jean-François de La Harpe representada pela primeira vez em 1784. Consta nas *Obras completas* de Filinto Elísio (11 v., 1817-1819).

⁸⁷⁸ Machado usa o título abreviado, *Lírica*. Os versos presentes na nota – “E estes excomungados protestantes / (Olhem que bruta gente!)” – foram colhidos no poema “O Natal em Londres”. Em sua biblioteca particular, Machado dispunha de dois volumes de *Versos* de Garrett: um dedicado à lírica; outro, às fábulas (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 49).

⁸⁷⁹ Título completo: *Obras de João Francisco Lisboa, natural do Maranhão; precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal*.

⁸⁸⁰ Em seu acervo particular, Machado possuía uma tradução italiana d’*O Guarani*, publicada em Milão (1864), e um exemplar de *Iracema, lenda do Ceará* (MASSA. A biblioteca de Machado de Assis, p. 50).

Referências

AILLAUD, João Pedro (Ed.). *Parnaso lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. Precedido de uma historia abreviada da lingua e poesia portugueza. Paris: J. P. Aillaud, 1826-1834. 6 t.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas inéditas II: 1930-1944*. Org., posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 480 p.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 288 p. Título original: *Perché leggere i classici*.

DOURADO, Autran. *Breve manual de estilo e romance*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. 80 p. (Coleção Babel, v. 2).

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p. 21-90.

MOISÉS, Massaud (Org.). *Pequeno dicionário de literatura portuguesa: crítico, biográfico e bibliográfico*. São Paulo: Cultrix, 1981. 424 p.

SANDMANN, Marcelo. *Aquém-além-mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*. 2004. xviii, 490 p. Orientador: Paulo Franchetti. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed., corrigida e actualizada. Porto: Porto, 2010. 1216 p.

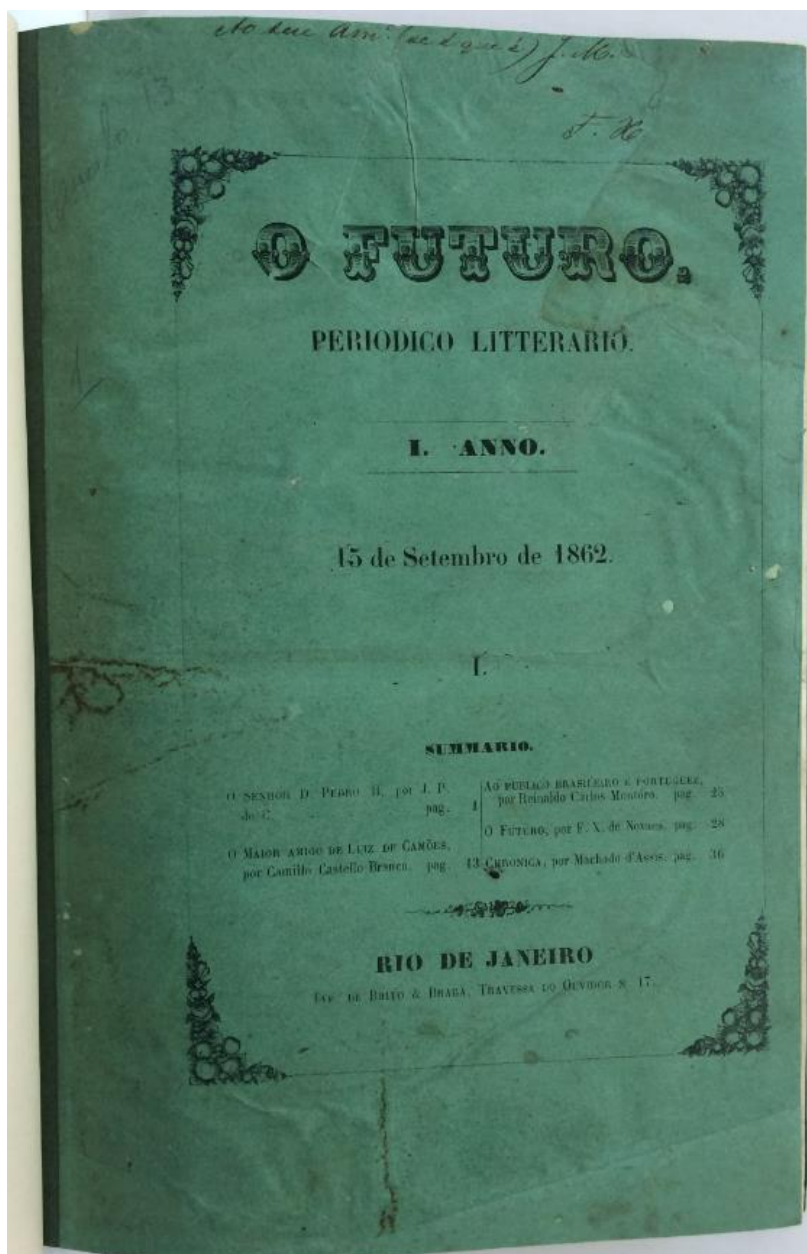
SOUSA, J[osé]. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. 812 p. (Coleção B I – Bibliografia, v. 10).

ZILBERMAN, Regina. Almeida Garrett e o cânone romântico. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 1, p. 54-65, mar. 1997. Disponível em: <www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/48670/52741>. Acesso em: 16 dez. 2016.

ANEXO A – Imagens d’*O Futuro*

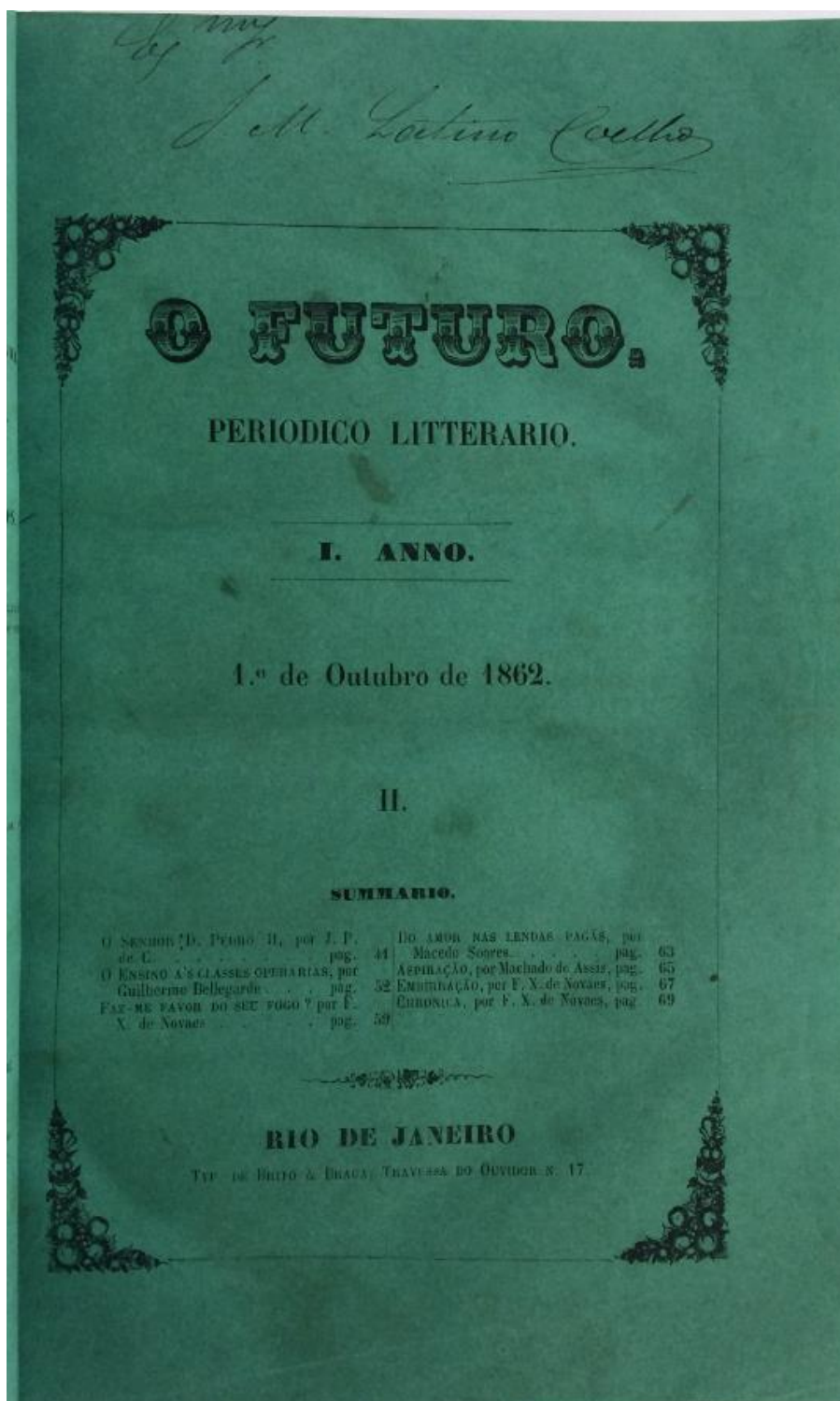
Poucas publicações trazem reproduções em cores de páginas d’*O Futuro*, o que dificulta hoje perceber o esmero com que a revista era editada.⁸⁸¹ A coleção pertencente ao acervo da Brasileira Itaú, que muito gentilmente nos cedeu algumas fotografias para divulgação nesta tese, destaca-se por ter sido oferecida pelo editor, Faustino Xavier de Novais, ao escritor português José Maria Latino Coelho; no primeiro fascículo, é possível ler o autógrafo de Novais: “Ao seu amigo (se é que é) J. M. [ilegível] / F. X.” Nossos agradecimentos a Angélica Pompilio de Oliveira e a Thays Heleno, do Itaú Cultural.

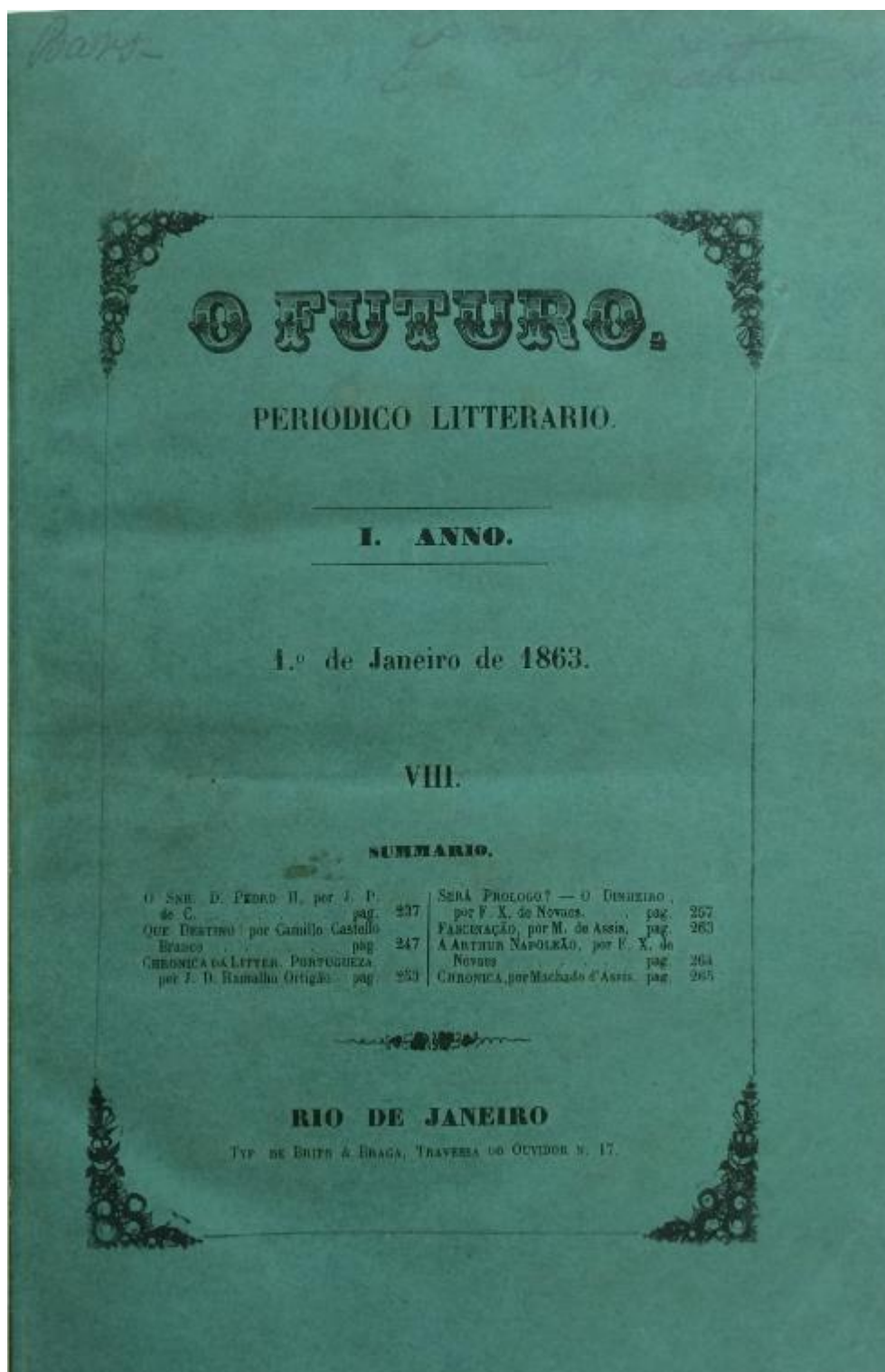
Fotografia 2 – Capa do primeiro fascículo d’*O Futuro* (15 set. 1862)



⁸⁸¹ Cf. BELLUZZO. *Machado de Assis: relíquias culinárias*, p. 46 e 110; LAGO. *Brasileira Itaú: uma grande coleção dedicada ao Brasil* [São Paulo: Capivara, 2009], p. 343.

Fotografia 3 – Capa do n. II d'O Futuro (1º out. 1862)



Fotografia 4 – Capa do n. VIII d' *O Futuro* (1º jan. 1863)

Fotografia 5 – Figurino de modas (*O Futuro*, n. V)

Entre as p. 156 e 157. “Foi para V. Ex.^{as}, exclusivamente, que eu mandei vir de Paris esse figurino, e, se vem um pouco tarde, deve-se esse contratempo à imprudência de quem expôs essas quatro damas, que não são de todo feias, a uma longa viagem, sem um guardião que as preservasse dos perigos. O caso é que, esperando-as eu pelo Pacote passado, tive a desagradável notícia de que haviam ficado lá pelo Havre. Chegaram agora, e vê-se pelas fisionomias que lhes foi propícia a viagem.” (Faustino Xavier de Novais, “Às leitoras do *Futuro*”. *O Futuro*, n. V, p. 157, grafia atualizada)



Fotografia 6 – Figurino de modas (*O Futuro*, n. VII). Entre as p. 222 e 223.



Fotografia 7 – Caricatura “Faz-me favor do seu fogo?” (*O Futuro*, n. II). Entre as p. 58 e 59.

Acompanha poema de Faustino Xavier de Novais.



Fotografia 8 – Caricatura “Não me cheira.” (*O Futuro*, n. IV). Antes da p. 109.

Acompanha poema de Faustino Xavier de Novais.



Fotografia 9 – Caricatura “Um pretendente por música” (O Futuro, n. VI). Entre as p. 190 e 191.
Acompanha o texto “Epigramas vivos”, de Reinaldo Carlos Montoro.



ANEXO B – Fac-símiles dos poemas de Machado de Assis
publicados originalmente n’*O Futuro*⁸⁸²

Fac-símile 1 – “Aspiração” e “Embirração”

ASPIRAÇÃO.

(A F. X. de Novaes.)

Qu’ aperçois-tu, mon âme? Au fond n’est-ce pas Dieu
Tu vas à lui.

V. DE LAPRADE.

Sinto que ha na minh’alma um vacuo immenso e fundo,
E desta meia morte o frio olhar do mundo
Não vê o que ha de triste e de real em mim :
Muita vez, ó poeta, a dor é casta assim.
Refolha-se, não diz no rosto o que ella é ;
E nem que o revellasse, o vulgo não põe fé
Nas tristes emoções da verde mocidade,
E responde sorrindo á cruel realidade.

Não assim tu, ó alma, ó coração amigo,
Nu, como a consciencia, abro-me aqui contigo ;
Tu, que corres como eu na vereda fatal
Em busca do mesmo alvo e do mesmo ideal.
Deixemos que ella ria, a turba ignara e vã ;
Nossas almas a sós, como irmã junta a irmã,
Em santa communhão, sem carcere, sem veus,
Conversarão no espaço e mais perto de Deus.

Deus quando abre ao poeta as portas d’esta vida
Não lhe depara o gozo e a gloria apetevida ;
Tarja de luto a folha em que lhe deixa escriptas
A suprema saudade e as dôres infinitas.
Alma errante e perdida em um fatal desterro,
Neste primeiro e fundo e triste limbo do erro,
Chora a patria celeste, o foco, o centro, a luz,
Onde o anjo da morte, ou da vida, a conduz,
No dia festival do grande livramento ;
Antes disso a tristeza, o sombrio tormento,
O torvo azar, e mais, a torva solidão,
Embaciam-lhe n’alma, o espelho da illusão.
O poeta chora, e vê perderem-se esfolhadas
Da verde primavera as flôres tão cuidadas ;
Rasga, como Jesus, no caminho das dôres
Os lassos pés ; o sangue humedece-lhe as flôres
Mortas ali, e a fé, a fe-mã, a fé-santa,
Ao vento impuro e mau, que as illusões quebranta,
Na alma que alli se vae, muitas vezes vacilla.

⁸⁸² A fonte de todos os fac-símiles deste anexo é a coleção d’*O Futuro* digitalizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP), disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/633>>. Acesso em: 6 set. 2016.

Oh! feliz o que pode, alma alegre e tranquilla,
 A esperança vivaz, e as illusões floridas,
 Atravessar cantando as longas avenidas
 Que levam do presente ao secreto porvir!
 Feliz esse! Esse pode amar, gozar, sentir,
 Viver, emfim! A vida é o amor, é a paz,
 Quente a illusão no peito, a esperança vivaz;
 Não esta do poeta, esta que Deos nos pôz,
 Nem como inutil fardo, antes como um algôz.

O poeta busca sempre o almejado ideal...
 Triste e funesto affan! Tentativa fatal!
 N'esta sede de luz, n'esta fome de amor,
 O poeta corre á estrella, á briza, ao mar, á flôr;
 Quer ver-lhe a luz na luz da estrella peregrina,
 Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,
 Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;
 O' inutil esforço! O' improbo lutar!
 Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
 Acha-se o nada, o torvo, o impassivel algôz!

Onde te escondes, pois, ideal da ventura?
 Em que canto da terra, em que funda espessura
 Foste esconder, ó fada, o teu esquivo lar?
 Dos homens esquecida, em ermo recatado
 Que voz do coração, que lagrima, qual brad,
 Do somno, em que ora estás, te virá despertar?

A esta sêde de amar só Deus conhece a fonte?
 Jorra ella ainda além d'este fundo horisonte,
 Que a mente não calcula e onde se perde o olhar?
 Que azas nos deste, ó Deus, para transpor o espaço?
 Ao ermo do desterro inda nos prende um laço; —
 Onde encontrar a mão que o venha desatar?

Creio que só em ti ha essa luz secreta,
 Essa estrella polar dos sonhos do poeta,
 Esse alvo, esse termo, esse mago ideal;
 Fonte de todo o ser e fonte da verdade,
 Nós vamos para ti, e em tua immensidade
 E' que devemos ter o repouso final!

E' triste quando a vida, erma como esta, passa,
 E quando nos impelle o sopro da desgraça
 Longe de ti, ó Deus, e distante do amor!
 Mas guardemos, poeta, a melhor esperança:
 Succederá a gloria á salutar provança:
 O que a terra não deu, dar-nos-ha o Senhor!

MACHADO DE ASSIS.

EMBIRRAÇÃO.

(A J. M. Machado de Assis.)

A balda alexandrina é poço immenso e fundo,
Onde poetas mil, flagello deste mundo,
Patinham sem parar, chamando lá por mim.
Não morrerão, se um verso, estiradinho assim,
Da beira fôr do poço, extenso como elle é,
Levar-lhes grosso anzol; então eu tenho fé
Que volte um afogado, á luz da mocidade,
A ver no mundo secco a secca realidade.

Por elles, e por mim, receio, caro amigo;
Permitte o desabafo aqui, a sós contigo,
Que á moda fazer guerra, eu sei quanto é fatal;
Nem vence o positivo o frivolo ideal;
Despotica em seu mando, é sempre fatua e vã,
E até da vã loucura, a moda, é prima-irmã:
Mas quando venha o senso erguer-lhe os densos véos,
Do verso alexandrino hade livrar-nos Deos.

*Deos quando abre ao poeta as portas desta vida,
Não lhe depara o gozo, e a gloria appetecida;
E o triste, se morreu, deixando mal escriptas
Em verso alexandrino historias infinitas,
Vai ter lá n'outra vida, insipido desterro,
Se Deos, por compaixão, não dá perdão ao erro;
Fechado em quarto escuro, á noite não tem luz,
E se é cá do meu gosto o guarda que o conduz,
Debalde, immerso em pranto, implora o livramento;
Não torna a ser, aqui, das Musas o tormento;
Castigo alexandrino, eterna solidão,
Terá lá no desterro, em premio da illusão;
Verá queimar, á noite, as rosas esfolhadas,
Que a moda lhe offertára, e trouxe tão cuidadas,
E ao pé do fogo intenso, ardendo em cruas dôres,
Verá que versos taes são galhos, não dão flôres;
Que, lendo-os a pedido, a creatura santa,
A paciencia lhe foge, a fé se lhe quebranta,
Se vai d'um verso ao fim; depois... treme.. vacilla...*

Dormindo, cahe no chão ; mais tarde, já tranquilla,
 Sonha com *verso-verso*, e as illusões floridas,
 Risonhas, vem mostrar-lhe as largas avenidas
 Que o longo *verso-prosa* occulta, do porvir !
 Sonhando, ao menos, pôde amar, gozar, sentir,
 Que um somno alexandrino a deixa ali, em paz,
 Dormir... dormir... dormir... erguer-se, enfim, vivaz,
 Bradando : « Chloroformio ! O genio que te pôz,
 « A palma cede ao metro, esguio, teu algoz ! »

E aspiras, vate, assim, da gloria ao ideal ?
Triste e funesto afan !... tentativa fatal !
Nesta sêde de luz, nesta fome d'amor,
O poeta corre á estrella, á brisa, ao mar, á flôr ;
Quer ver-lhe a luz, na luz da estrella peregrina,
Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar ;
O' inutil esforço ! O' improbo lutar !
Em vez da luz, do aroma, ou do alento, ou da voz,
 O verso alexandrino, o impassivel algoz !...

Não cantas a tristeza, e menos a ventura ;
 Que em vez do sabiá, gemendo na espessura,
 Imitarás, no canto, o grillo atraz do lar ;
 Mas desse estreito asylo, escuro e recatado,
 Alegre has de fugir, que, erguendo altivo brado,
 A lyrica harmonia hade ir-te despertar !

Verás de novo aberta a copiosa fonte !
 Da poesia verás tão lucido o horisonte,
Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar,
 Que nas azas do genio, a voar pelo espaço,
 Da perna sacudindo o alexandrino laço,
 Hasde a mão bemdizer que o soube desatar.

Do precipicio foge, e segue a luz secreta,
Essa estrella polar dos sonhos do poeta ;
 Mas n'outro verso, amigo, onde ao mago ideal
 A musica se ligue, o senso e a verdade ;
 — N'um destes vai-se, a ler, da vida a immensidade,
 Da syllaba primeira á syllaba final !

Meu Deos ! Esta existencia é transitoria, e passa ;
 Se fraco fui aqui, peccando por desgraça ;
 Se já não tenho jus ao vosso puro amor ;
 Se nem da salvação nutrir posso a esperança,
 Quero em chammas arder, soffrer toda a provança :
 — Ler verso alexandrino... oh ! isso não, Senhor !

F. X. DE NOVAES.

Fac-símile 2 – “A estrella do poeta”

A estrella do poeta.

Ouvre ton aile et pars.

TIL. GAUTHIER.

Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto
E verte o último pranto
Por todo o vasto espaço.

Tibio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Debruça-se alva aurora.

A' muda e torva irmã
Dormida de cansaço
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Uma por uma vão
As pallidas estrellas,
E vão, e vão com ellas
Teus sonhos, coração.

E a ti, que o devaneio
Inspiras do poeta
A vaga azul e inquieta
Abre-te o humido seio.

Descoras, astro amigo,
Aguas do mar, tomai-a,
A estrella que desmaia
E volta ao somno antigo.

Vae, loura enamorada,
Viver de uma outra vida,
Na vaga adormecida,
Da brisa acalentada.

A virgem da manhã
Já todo o céu domina....
Espero-te, divina,
Espero-te, amanhã.

MACHADO DE ASSIS

Fac-símile 3 — “Fascinação”

FASCINAÇÃO.

*Tes lèvres, sans parler, me disaient : — Que je t'aime !
Et ma bouche muette ajoutait. — Je te crois !*

MME. DESBORDES-VALMORE.

A vez primeira que te ouvi dos lábios
Uma singella e doce confissão,
E que travadas nossas mãos, eu pude
Ouvir bater teu casto coração,

Menos senti do que senti na hora
Em que, humilde — curvado ao teu péde,
Minha ventura e minha desventura
Pude, senhora, nos teus olhos ler.

Então, como por vinculo secreto,
Tanto no teu amor me confundi,
Que um somno puro me tomou da vida
E ao teu olhar, senhora, adormeci.

E' que os olhos, melhor que os lábios, fallam :
Verbo sem som, á alma que é de luz
— Ante a fraqueza da palavra humana —
O que ha de mais divino o olhar traduz.

Por ti, nessa união íntima e santa,
Como a um toque de graça do Senhor,
Ergui mihi' alma que dormio nas trevas,
E me sagrei na luz do teu amor.

Quando a tua voz puríssima — dos lábios,
De teus lábios já tremulos correu,
Foi alcançar-me o espirito encantado
Que abrindo as azas demandára o ceu,

De tanta embriaguez, de tanto sonho
Que nos resta ? Que vida nos ficou ?
Uma triste e vivíssima saudade....
Essa ao menos o tempo a não levou.

Mas, se é certo que a laça mão da morte
A outra vida melhor nos levará,
Em Deus, mihi' alma adormeceu contigo,
Em Deus, contigo um dia acordará.

MACHADO DE ASSIS.

Fac-símile 4 – “O acordar da Polônia”



❶ acordar da Polónia,

—
E ao terceiro dia a alma deve voltar ao
corpo e a nação ressuscitará.

MICKIEWICZ. — *Livro da nação polaca.*

Rompe o sudario, Lazaro dos povos !
Como aurora de um dia desejado
Clarão suave o horizonte inunda.
E', talvez, amanhã ; a noite amarga
Como que chega ao termo ; e o sol des livres
Cansado de te cubrir o inutil pranto
Alhina resurge no dourado Oriente,

—

Eras livre, tão livre como as aguas
 De teu formoso, celebrado rio; (1)
 A corôa dos tempos
 Cingia-te a cabeça veneranda,
 E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
 A santa liberdade,
 Como junto de um berço precioso,
 A' porta de teus lares vigiava.

—

Eras feliz demais, demais formosa ;
 A cobiça dos reis no olhar cioso
 Veio enlutar teus venturosos dias...
 Infeliz ! a medrosa liberdade
 Em face dos canhões espavorida
 Aos reis abandonou teu chão sagrado ;
 Sobre ti moribunda
 Viste cair os feros oppressores...
 Tal a gazella que percorre os campos,
 Se o igneo raio a fere,
 Cahe convulsa de dor em mortaes ancias,
 E vê no extremo arranco
 Abater-se sobre ella
 Escura nuvem de famintos corvos.

—

Presa uma vez da ira dos tyrannos,
 Os membros retalhou-te
 Dos senhores a esplendida cobiça ;
 Em proveito dos reis a terra livre
 Foi repartida, e os filhos teus—escravos—
 Viram descer um véo de luto á patria
 E apagar-se na historia a gloria tua.

—

A gloria, não ! — E' gloria o captiveiro
 Quando a captiva, como tu, não perde
 A alliança de Deus, a fé que alenta,
 E' essa união universal e muda
 Qué faz communis a dôr, o odio, a esperança.

—

Um dia, quando o cálix da amargura,
 Martyr, até ás fezes exgotaste,
 Longo tremor correu as fibras tuas ;
 Em teu ventre de mãe, a liberdade,
 Pareceu-te soltar esse vagido
 Que faz rever o céu no olhar materno ;

(1) O Niemen. Entre outras peças poeticas que fallam do Niemen, ha um soneto do poeta de que tomei a epigraphe, a respeito do qual diz Christiano Ortrowski : « Ha nesta pagina uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido slavo ; foi posto em musica pelo celebre Kurpinski. Assim consagrado, o soneto do Niemen correu toda a Polonia, e só deixará de viver quando as aguas do rio de que falla cessarem de correr.»

Teu coração estremeceu ; teus labios
Tremulos de anciedade e de esperança
Buscaram aspirar a longos tragos
A vida nova nas celestes auras.

Então surgio Kosciusko
Pela mão do Senhor vinha tocado,
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação polaca.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duello atroz e infausto
Que a triste humanidade
Inda verá por seculos futuros.
Foi longa a luta ; os homens dessa terra
Ah ! não pouparam nem valor nem sangue !
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,
E todas abençoavam
A heroica legião que ia á conquista
Do grande livramento.

Coube ás hostes da força
Da pugna o alto premio ;
A oppressão jubilosa
Cantou essa victoria de ignomnia ;
E de novo, ó captiva, o véo de luto
Correu sobre o teu rosto ! Deus continha
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quiz que nesse dia infausto
Teu macerado corpo allumiasse.

Atada ao poste ignobil
Da servidão, do escarneo moscovita,
Mais d'uma vez tentaste,
Polonia, espedaçar tuas cadeias !

Resignada á dor e ao infortunio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
Davam-te a antiga força.
Triste viuva, o templo abriu-te as portas
Foi a hora dos hymnos e das prec-s ; (*)
Cantaste a Deus ; tua alma consolada
Nas azas da oração aos ceus subia
Como a refugir-se e a refazer-se
No seio do infinito.
E quando a força do feroz cossaco

(*) Allude ás scenas de Varsovia, em 1861, em que esse admiravel povo ia aos templos cantar ladainhas sobre a musica dos hymnos nacionaes, a despeito da invasão de tropa armada nas igrejas. E' sabido que por esse motivo se fecharam os templos.

A' casa do Senhor ia buscar-te,
Era ainda resando
Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! — é longo o teu martyrio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito has vertido em lagrimas e sangue;
E' propicia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.

Não ama a liberdade
Quem não sente contigo as dores tuas,
E como tu, não vota um odio eterno
Ao nefando poder das aguias russas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua resurreição, finada heroica;
Nem ver ainda entre as nações do globo
O nome e a gloria da nação polaca.

Março 1863.

MACHADO DE ASSIS.



Fac-símile 5 – “As ventoinhas”

AS VENTOINHAS.

Com seus olhos vaganaús,
Bons de dar, bons de tolher.

SA' DE MIRANDA.

A mulher é um catavento;
Vae ao vento,
Vae ao vento que soprar ;
Como vae tambem ao vento
Turbulento,
Turbulento e incerto o mar.

Sopra o sul : a ventoinha
Volta azinha,
Volta azinha para o sul ;
Vem taful : a cabecinha
Volta azinha,
Volta azinha ao meu taful.

Quem lhe puzer confiança,
 De esperança,
 De esperança mal está ;
 Nem desta sorte a esperança
 Confiança,
 Confiança nos dará.

—

Valera o mesmo na arêa
 Rija ameia,
 Rija ameia construir :
 Chega o mar e vae a ameia
 Com a arêa,
 Com a arêa confundir.

—

Ouço dizer de umas fadas
 Que abraçadas,
 Que abraçadas como irmãs,
 Caçam almas descuidadas...
 Ah que fadas !
 Ah que fadas tão villãs !

—

Pois, como essas das balladas,
 Umas fadas,
 Umas fadas, d'entre nós,
 Caçam, como nas balladas ;
 E são fadas,
 E são fadas de alma e voz.

—

E' que — como o catavento,
 Vão ao vento,
 Vão ao vento que lhes der ;
 Cedem tres cousas ao vento :
 Catavento,
 Catavento, agua e mulher.

—

Fac-símile 6 — “Sinhá”

SINHÁ.

O teu nome é como o oleo derramado.
SALOMÃO. — *Cant. dos Cant.*

Nem o perfume que espira
A flor, pela tarde amena ;
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lyra ;
Nem o murmurio da veia
Que abriu sulco pelo chão,
Entre margens de alva arêa,
E onde se mira e recreia
Rosa fechada em botão ;

Nem o arrulho enternecido
Das pombas, nem do arvoredó
Esse amoroso arruido,
Quando escuta algum segredo
Pela brisa repetido ;
Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá !

1862 — MACHADO DE ASSIS.